

TERRA DE HISTÓRIAS

O RETORNO DA FEITICEIRA



CHRIS
COLFER

Benvirá



TERRA DE HISTÓRIAS

CHRIS COLFER

TERRA DE HISTÓRIAS

O RETORNO DA FEITICEIRA

Ilustrações
Brandon Dorman



Tradução
Ricardo Gouveia

Benvirá

Copyright © 2013 by Chris Colfer

Copyright de capa e ilustrações © 2013 by Brandon Dorman

Publicado mediante acordo com Little, Brown, and Company, Nova York, Nova York, EUA

Título original: *The Land of Stories – The Enchantress Returns*

Gerente editorial: Rogério Eduardo Alves

Editora: Débora Guterman

Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann, Luiza Del Monaco e Paula Carvalho

Edição de arte: Carlos Renato

Serviços editoriais: Luciana Oliveira

Estagiária: Lara Moreira Félix

Preparação: Augusto Iriarte

Revisão: Tomoe Moroizumi e Laila Guilherme

Diagramação: Eduardo Amaral / Duligraf

Capa adaptada do projeto original: Hachette Book Group

Conversão eBook: [Hondana](#)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C658t

Colfer, Chris, 1990-

Terra de histórias: o retorno da Feiticeira / Chris Colfer; ilustração Brandon Dorman; tradução Ricardo Gouveia. - 1. ed. reimpr. - São Paulo: Benvirá, 2014. recurso digital : il.

Tradução de: *The land of stories: the enchantress returns*

Sequência de: Terra de histórias - O feitiço do desejo

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8240-119-4 (recurso eletrônico)

1. Conto de fadas - Ficção infantojuvenil. 2. Ficção infantojuvenil americana. I. Dorman, Brandon. II. Gouveia, Ricardo. III. Título.

14-09060 CDD: 028.5 CDU: 087.5

1ª edição, 2014

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Saraiva S/A Livres Editores. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Todos os direitos desta edição reservados à

Benvirá, um selo da Editora Saraiva.

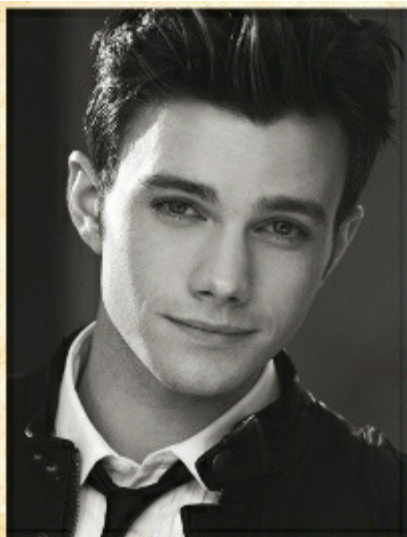
Rua Henrique Schaumann, 270 | 8º andar

05413-010 | Pinheiros | São Paulo | SP

www.benvira.com.br

SAC | 0800-0117875
De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30
www.editorasaraiva.com.br/contato

547.073.001.001



© Chiun-Kai Shih

Premiado com o Globo de Ouro de melhor ator coadjuvante, **Chris Colfer** ficou conhecido por interpretar o personagem Kurt Hummel no seriado *Glee* e foi eleito pela revista *Time* uma das cem personalidades mais influentes do mundo. É autor de *Terra de Histórias: O Feitiço do Desejo* – que ficou em primeiro lugar na lista de *best-sellers* do *New York Times* – e de *O diário de Carson Phillips*, ambos publicados no Brasil pela Benvirá.



Para Hannah, por ser a pessoa mais forte, mais corajosa e mais honesta que eu já conheci, e por mostrar que é impossível ser “amaldiçoado” quando se tem um coração tão corajoso quanto o seu. E também por ter me dado o meu primeiro olho roxo. Ainda dói. Bubba te ama.

“O mundo não será destruído por aqueles que fazem o mal, mas por aqueles que assistem sem fazer nada.”

ALBERT EINSTEIN

Sumário

Prólogo: A ascensão e a volta

Capítulo 1: Um trem de pensamentos

Capítulo 2: Tudo começou com um cão

Capítulo 3: Almoço na biblioteca

Capítulo 4: A sala da diretora

Capítulo 5: O pedido

Capítulo 6: Posicionando os anões

Capítulo 7: Ganso relaxado

Capítulo 8: O chalé

Capítulo 9: O encontro no bosque

Capítulo 10: A dívida de Rumpelstiltskin

Capítulo 11: A rainha e o sapo

Capítulo 12: Uma noite nem-tão-encantada

Capítulo 13: Potes de almas

Capítulo 14: A Varinha Prodigiosa

Capítulo 15: Ora feijões, estive lá, fiz aquilo

Capítulo 16: O voo do *Vovozinha*

Capítulo 17: A Rainha da Neve

Capítulo 18: A madrasta malvada

Capítulo 19: O castelo no céu

Capítulo 20: O reflexo

Capítulo 21: A bruxa do mar

Capítulo 22: Trollbella, rainha dos Duetrolls

Capítulo 23: O oitavo anão

Capítulo 24: A Dama do Leste

Capítulo 25: Pedra, raiz e fúria

[Capítulo 26: O bem mais precioso da Feiticeira](#)

[Capítulo 27: O sonho](#)

[Capítulo 28: A maior magia de todas](#)

[Capítulo 29: Para o bem ou para o mal](#)

[Capítulo 30: O adeus](#)

[Agradecimentos](#)



PRÓLOGO

A ascensão e a volta

O Leste se achava em um período de grande celebração. Todos os dias desfiles cortavam as ruas do povoado e punhados de pétalas de flores eram jogados no ar. Casas e lojas estavam decoradas com estandartes coloridos e grinaldas. Todos os cidadãos sorriam, orgulhosos do que tinham conquistado recentemente.

Levara mais de uma década para o Reino Adormecido se recuperar totalmente da terrível maldição do sono, mas finalmente ele voltara a ser a próspera nação que fora. O povo do Leste avançava para o futuro, reclamando seu lar como o Reino do Leste.

No grande salão do castelo da Rainha Bela Adormecida, a semana de festividades se encerrava. O local estava tão lotado que o reino inteiro parecia estar lá; muitos eram obrigados a ficar em pé ou a acomodar-se no peitoril das janelas. A rainha, seu marido, o Rei Chase, e o conselheiro real estavam sentados a uma mesa alta, com vista para a festividade.

Uma pequena apresentação acontecia no centro do salão. Atores reencenavam o batismo de Bela Adormecida e interpretavam as fadas que a abençoaram e a Feiticeira má que a condenara a morrer após picar o dedo no fuso de uma roca. Felizmente, outra fada revertera a maldição, e, assim, quando a princesa finalmente picou o dedo, ela e todo o reino simplesmente caíram no sono. Eles dormiram por cem anos, e os atores se deleitaram ao recriar o momento em que o Rei Chase beijou a Bela Adormecida e todos acordaram.

– Acho que é chegado o momento de nos livrarmos dos presentinhos que a rainha nos deu! – gritou uma mulher do fundo do salão. Ela subiu em uma mesa e mostrou o pulso em um gesto alegre.

Todos no reino usavam elásticos feitos de seiva de árvore em volta dos pulsos. A Rainha Bela Adormecida os instruía a esticar e soltar o elástico sempre que

sentissem fadiga. A leve vergastada ajudava os cidadãos a permanecer acordados, combatendo os efeitos residuais da maldição.

Felizmente os elásticos não eram mais necessários. Todos no grande salão os arrancaram do pulso e os atiraram alegremente ao ar.

– Majestade, não quer nos contar de novo como aprendeu esse truque? – um homem perguntou à rainha, em referência aos elásticos.

– Vocês me acharão um tanto estranha quando eu contar – disse Bela Adormecida. – Foi com uma criança, um garoto. Ele e a irmã visitaram o castelo um ano atrás; esse menino me disse que usava um elástico para se manter acordado na escola e sugeriu que o reino tentasse o mesmo.

– Notável! – disse o homem, rindo com ela.

– Fascinante, não é? Acredito que as ideias mais extraordinárias vêm das crianças – falou a rainha. – Se pudéssemos ser todos tão astutos, descobriríamos que as soluções mais simples para os maiores problemas estão bem debaixo do nosso nariz.

Bela Adormecida bateu de leve com uma colher em sua taça, levantou-se e dirigiu-se ao povo entusiasmado.

– Meus amigos – disse, erguendo a taça. – A data de hoje é muito especial na nossa história e ainda mais especial para o nosso futuro. A partir desta manhã as transações comerciais, a produção agrícola e a consciência global de nosso reino estão não apenas restauradas, mas *melhoradas* desde que a maldição do sono foi lançada sobre esta terra!

O povo aplaudiu tão ruidosamente que o castelo tremeu de alegria. Bela Adormecida olhou para o lado e compartilhou um sorriso caloroso com o marido.

– Não devemos nos esquecer da horrível maldição do passado, mas, quando olharmos para o tempo sombrio que ficou para trás, lembraremos que triunfamos – continuou Bela Adormecida. Pequenas lágrimas formaram-se nos seus olhos. – Que isso seja um aviso para todos aqueles que tentarem interferir em nossa prosperidade: o Reino do Leste está aqui para ficar e permanecerá unido contra qualquer força do mal que seu caminho atravessar!

De tão forte, o clamor de aprovação derrubou um homem do peitoril no qual se achava sentado.

– Nunca estive mais orgulhosa de estar entre vocês do que nesta noite! Saúde! – disse a rainha, jubilosa, e o salão inteiro juntou-se a ela no brinde.

– Salve a Rainha Bela! – um homem gritou do meio do salão.

– Salve a rainha! – gritaram os demais. – Salve a rainha! Salve a rainha!

Bela Adormecida acenou para eles graciosamente e sentou-se. As festividades continuaram noite adentro, porém pouco antes da meia-noite a rainha foi tomada por uma sensação estranha – uma sensação que não sentia havia muito tempo.

– Ora, mas não é estranho? – ela disse a si mesma enquanto olhava ao longe, com

um sorriso forçado.

– Algo de errado, meu amor? – perguntou o Rei Chase.

Bela Adormecida levantou-se e dirigiu-se à escada que ficava atrás deles.

– Você terá de me desculpar, querido – a rainha falou ao marido. – Eu estou com muito *sono*!

Ela ficou tão surpresa por dizer isso quanto o rei por ouvi-lo, porque Bela Adormecida não dormia havia anos. A rainha fizera ao seu povo a promessa de que não descansaria até que o reino estivesse devidamente restaurado; agora, olhando para todas as faces jubilosas no salão, tanto o rei como a rainha souberam que a promessa fora cumprida.

– Boa noite, meu amor, durma bem – disse o rei e beijou-lhe a mão.

Nos seus aposentos, ela vestiu sua camisola favorita e enfiou-se na cama pela primeira vez em mais de uma década. Sentiu como se se reunisse com velhos amigos. Já tinha se esquecido da sensação dos lençóis frescos contra suas pernas e braços, da maciez do travesseiro e da impressão de estar afundando ao se acomodar no colchão.

Os sons da celebração podiam ser ouvidos nos seus aposentos, mas a rainha não se importou: eles eram, na verdade, tranquilizantes. Bela Adormecida inspirou o ar e caiu num sono profundo – quase tão profundo quanto aquele dos cem anos da maldição, porém agora ela sabia que podia acordar quando desejasse.

Mais tarde, quando se juntou a ela, o Rei Chase não pôde deixar de sorrir ao ver a esposa dormindo em paz. Não a via assim desde o dia em que a encontrara pela primeira vez.

No grande salão, a celebração finalmente acabou. As lâmpadas e lareiras de todo o castelo foram apagadas. Os criados terminaram a limpeza e se dirigiram aos seus aposentos.

Tudo finalmente ficou em silêncio. Entretanto, poucas horas antes do alvorecer, o silêncio foi quebrado.

Bela Adormecida e o Rei Chase foram acordados por batidas estrondosas à porta do quarto. O rei e a rainha se aprumaram instantaneamente.

– Majestade! – um homem bradou do outro lado da porta. – Perdoe-nos, mas precisamos entrar!

A porta se abriu violentamente, e o conselheiro real correu para dentro do quarto, seguido por uma dúzia de guardas uniformizados, que cercaram a cama.

– Que diabos está acontecendo? – gritou o Rei Chase. – Como vocês se atrevem a invadir nosso...

– Mil desculpas, Vossa Majestade, mas precisamos levar imediatamente a rainha para um lugar seguro – falou o conselheiro.

– Lugar seguro? – perguntou Bela Adormecida.

– Explicaremos no caminho, Majestade. Mas neste momento precisamos levá-la para a carruagem o mais depressa possível. *Sozinha*. Transportá-la sozinha chamará muito menos atenção do que levar Vossa Majestade e o rei.

O conselheiro olhou para ela com olhos frenéticos, implorando-lhe que assentisse. A rainha ficou paralisada.

– Chase?! – disse, voltando-se para o marido. Ela não sabia o que fazer.

Perplexo, faltavam palavras ao rei.

– Se eles afirmam que você precisa ir, você deve ir – foi tudo o que conseguiu dizer.

– Eu não posso abandonar o meu povo – falou Bela Adormecida.

– Com o devido respeito, Vossa Majestade não poderá fazer nada por ninguém se estiver morta – disse o conselheiro.

Bela Adormecida sentiu um súbito vazio no estômago. O que ele queria dizer com *morta*?

Antes que ela se desse conta, os guardas a ergueram da cama e a puseram em pé. Escoltaram a rainha e o conselheiro rapidamente até a porta. Bela Adormecida não conseguiu sequer se despedir.

Desceram correndo uma escada em espiral em direção ao subsolo do castelo. Os degraus de pedra eram ásperos aos pés descalços da rainha.

– Alguém, por favor, me conte o que está acontecendo! – disse Bela Adormecida.

– Temos de tirá-la do reino o mais depressa possível – falou o conselheiro.

– Por quê? – perguntou ela, começando a se debater contra os guardas que a escoltavam. Ninguém lhe respondeu, então ela parou no meio da escada. – Não vou dar nem mais um passo até que alguém me diga o que está acontecendo! Eu sou a rainha! Tenho o direito de saber!

O rosto do conselheiro empalideceu.

– Eu não quero alarmá-la ainda mais, Majestade – disse ele, o queixo tremendo. – Mas logo após a meia-noite, depois que todos os convidados foram embora, dois soldados que estavam de plantão na frente do castelo viram um forte clarão, e... *uma roca* apareceu do nada.

Os olhos de Bela Adormecida se arregalaram, e a cor se apagou do seu rosto.

– Eles não acharam que fosse algo sério, apenas uma brincadeira boba para estragar a festa, talvez – continuou o conselheiro. – Os soldados então foram inspecionar a roca, e ela explodiu em chamas. Em seguida, outra coisa aconteceu.

– E o que foi?

– As trepadeiras e os espinheiros que cobriam o castelo durante a maldição do sono... as plantas que foram arrancadas e jogadas na Cova do Espinheiro... elas voltaram a *crescer*. Eu nunca vi nada crescer tão depressa; quase metade do castelo já está coberta. As plantas estão consumindo o reino inteiro.

– Você está me dizendo que a maldição da Cova do Espinheiro se espalhou por todo o reino? – Bela Adormecida perguntou.

– Não, Majestade – explicou o conselheiro, engolindo em seco. – Aquilo foi apenas a maldição de uma bruxa velha. Isto aqui é magia negra... *magia negra muito poderosa!* De um tipo ao qual o nosso reino só foi exposto uma única vez.

– *Não* – Bela Adormecida ofegou e cobriu a boca. – Você não quer dizer...

– Sim, receio que sim. Agora, por favor, coopere conosco. Temos de tirá-la do reino o mais rápido possível.

Os guardas agarraram a rainha novamente e adentraram ainda mais as profundezas do castelo; dessa vez ela não lutou contra eles. Desceram correndo a escadaria até não haver mais para onde descer. Atravessaram impetuosamente um par de portas de madeira, e Bela Adormecida viu-se na estrebaria.

Havia quatro carruagens à sua frente, cada uma rodeada por uma dúzia de soldados a cavalo prontos para partir a qualquer momento. Três das carruagens eram brilhantes e douradas, da coleção pessoal da rainha, porém ela foi escoltada até a quarta, pequena, sem brilho e despretensiosa. Os soldados que cercavam essa carruagem não vestiam armadura como os outros, mas estavam disfarçados de camponeses e aldeões.

Os guardas ergueram a rainha e a colocaram dentro da diligência. Mal havia espaço para ela sentar.

– E o meu marido? – perguntou Bela Adormecida enquanto estendia a mão para fora, a fim de impedir que fechassem a porta.

– Ele ficará bem, senhora – disse o conselheiro. – O rei e eu partiremos assim que despacharmos as carruagens de chamariz. Isso já estava planejado para o caso de o castelo ser atacado. Confie em mim; é o mais seguro.

– Eu nunca autorizei esses planos! – retorquiu Bela Adormecida.

– Não, isso foi ordenado por seus pais – disse o conselheiro. – Foi uma de suas últimas instruções antes de morrerem.

Essa novidade fez o coração da rainha bater ainda mais forte. Seus pais haviam passado a maior parte da vida tentando protegê-la e, mesmo depois de mortos, continuavam tentando.

– Para onde estou indo? – ela perguntou.

– Para o Reino das Fadas, por enquanto. Vossa Majestade estará mais segura junto com o Conselho das Fadas. As carruagens de chamariz serão enviadas para outras direções. Agora é preciso se apressar.

Ele a empurrou gentilmente para dentro da carruagem e fechou a porta com força. Nem mesmo a presença da dúzia de guardas que cercavam a pequena carruagem a confortou. Ela sabia que protegê-la estava além da capacidade deles.

O conselheiro fez um sinal com a cabeça para as carruagens de chamariz, e elas

partiram. Pouco tempo depois, como uma bala de canhão, a carruagem da rainha disparou noite adentro, os cavalos galopando a toda velocidade.

Através das janelas minúsculas da diligência, Bela Adormecida viu os horrores que o conselheiro lhe descrevera.

Espalhados por todo o terreno do castelo, avistou soldados e servos combatendo as trepadeiras e os espinheiros invasores que cresciam ao redor. As plantas saíam diretamente da terra e os atacavam como serpentes que sufocam suas presas. As trepadeiras subiam pelas paredes do castelo, atravessando janelas e puxando pessoas para fora, deixando-as suspensas no ar a dezenas de metros do chão.

Espinheiros e trepadeiras brotavam violentamente do solo na direção da carruagem de Bela Adormecida, porém os soldados eram rápidos em cortá-los com suas espadas.

A rainha nunca se sentira tão indefesa. Ela viu aldeões – alguns ao alcance da sua carruagem – cair vitimados pelos monstros folhentos. Não havia nada que pudesse fazer para ajudá-los. Só podia assistir e torcer para encontrar ajuda quando chegasse ao Reino das Fadas. O sentimento de culpa por deixar seu reino e o marido para trás pesava sobre Bela, porém o conselheiro estava certo: ela não poderia fazer nada por ninguém se estivesse morta.

O castelo foi ficando cada vez menor às suas costas conforme a carruagem seguia para longe da devastação. Logo eles estavam passando por uma floresta, e, por quilômetros, tudo o que a rainha podia ver do lado de fora eram árvores escuras.

Mesmo depois de uma hora de viagem, Bela Adormecida ainda se achava mais apavorada do que nunca. Ficava sussurrando para si mesma: “Estamos quase lá... Estamos quase lá...”, muito embora não tivesse ideia de quão próximos estavam.

De repente, um som forte e sibilante como o de uma violenta rajada de vento surgiu do meio das árvores. Bela Adormecida olhou pela janela bem a tempo de ver um soldado e seu cavalo ser lançados para dentro da mata que ladeava o caminho. Outro som semelhante caiu sobre a comitiva, e mais um soldado e sua montaria foram atirados às árvores, dessa vez do outro lado da trilha. *Eles tinham sido encontrados.*

A cada dois segundos ouviam-se os gritos de terror dos soldados e dos cavalos que eram arremessados à floresta. O que quer que estivesse lá eliminava-os um a um.

Tremendo, Bela Adormecida se encolheu no piso da carruagem. Ela sabia que era apenas uma questão de tempo até que todos os soldados desaparecessem.

Uma rajada final levou consigo os soldados e cavalos remanescentes; seus gritos ecoaram na noite. A carruagem desabou de lado e deslizou até parar. Agora tudo era quietude na floresta. Não se ouviam sons de soldados feridos ou de cavalos. A rainha estava completamente só.

Bela Adormecida se arrastou através da porta da carruagem e cuidadosamente desceu até o solo. Mancava e segurava com força o pulso esquerdo, mas, de tão assustada, mal sentia dor.

O ataque teria terminado? Deveria ela gritar por socorro ou procurar sobreviventes? Certamente, se aquilo quisesse matá-la, àquela altura ela já estaria morta.

Bela estava prestes a gritar por ajuda quando um clarão cegante de luz violeta encheu a floresta. A rainha gritou e caiu no chão, cobrindo o rosto. O clarão, porém, durou apenas um segundo. Ela sentiu cheiro de fumaça e se levantou, olhando em volta. A floresta inteira estava em chamas, e todas as árvores tinham sido transformadas em *rocas*.

Agora não havia como negar: o maior medo do reino se tornara realidade.

– *A Feiticeira* – Bela Adormecida sussurrou para si mesma. – *Ela voltou.*



CAPÍTULO 1

Um trem de pensamentos

O sacolejar sutil do trem fez Alex Bailey despertar. Ela olhou para os assentos vazios à sua volta enquanto se lembrava de onde estava. Um longo suspiro escapou da menina de treze anos, e ela arrumou habilidosamente um cacho loiro avermelhado que escapara da faixa que prendia seu cabelo.

– De novo, não – sussurrou para si.

Alex detestava cochilar em locais públicos. Era uma jovem muito inteligente e muito séria e não gostava de passar a impressão errada. Para sua sorte, havia poucas pessoas no trem das dezessete horas de volta à cidade, e, assim, seu segredo estava a salvo.

Era uma aluna excepcionalmente brilhante – sempre o fora. Estava tão adiantada que participava de um programa para alunos destacados, o qual lhe permitia assistir a uma aula extra por semana na faculdade comunitária da cidade vizinha.

Como era muito jovem para dirigir e a mãe trabalhava em um hospital infantil durante a maior parte do dia, toda quinta-feira após a escola Alex ia de bicicleta até a estação ferroviária e de lá viajava de trem a curta distância até a próxima cidade.

Era uma viagem considerável para uma juvenzinha fazer desacompanhada, e sua mãe tivera reservas de início, mas ela sabia que Alex podia lidar com isso. A pequena jornada não era nada em comparação às coisas que Alex enfrentara no passado.

A garota adorava fazer parte do programa. Pela primeira vez aprendia sobre arte, história e outros idiomas em um ambiente no qual todo mundo estava porque *queria* estar. Quando os professores faziam perguntas, ela era uma entre muitas pessoas que erguiam a mão para dar a resposta.

Uma vantagem da viagem de trem era o tempo livre que Alex tinha para si. Ela olhava pela janela e deixava os pensamentos divagar. Era a parte mais relaxante do seu dia. Muitas vezes Alex se via sonhando acordada e somente em raras ocasiões,

como hoje, caía completamente no sono.

Normalmente acordava sentindo-se constrangida, mas, dessa vez, seu constrangimento fora acompanhado de contrariedade. Ela estava tendo um sonho terrível: um sonho que tivera muitas vezes no último ano.

Sonhou que corria descalça em uma linda floresta, com seu irmão gêmeo, Conner.

– Aposto que chego primeiro no chalé! – disse ele, com um largo sorriso. Conner se parecia com a irmã, mas, graças a um recente surto de crescimento, era vários centímetros mais alto do que ela.

– Apostado! – Alex falou aos risos, e a corrida começou.

Eles dispararam um atrás do outro por entre as árvores e por sobre campos relvados, sem nenhuma preocupação. Não havia trolls nem lobos nem rainhas más com que se preocupar, porque, independentemente de qual fosse aquele lugar, os irmãos sabiam que estavam seguros.

Por fim avistaram um pequeno chalé. Dispararam na direção dele, depositando toda a sua energia em uma arrancada final.

– Ganhei! – declarou Alex quando suas mãos abertas tocaram a porta da frente do chalé um milésimo de segundo antes das do irmão.

– Não é justo! – disse Conner. – Meus pés são mais chatos que os seus!

Alex riu e tentou abrir a porta, mas estava trancada. Ela bateu, porém ninguém respondeu.

– Que estranho – Alex falou. – A vovó sabia que vínhamos visitá-la. Por que será que trancou a porta?

Ela e o irmão espiaram pela janela. Viram a avó lá dentro, sentada em uma cadeira de balanço perto da lareira. Ela parecia triste e balançava lentamente para a frente e para trás.

– Vovó, estamos aqui! – disse Alex, batendo alegremente na janela. – Abra a porta!

A avó não se mexeu.

– Vovó? – chamou a garota, batendo mais forte na janela. – Vovó, somos nós! Queremos ver você!

A avó ergueu ligeiramente a cabeça e olhou para eles, mas permaneceu sentada.

– Deixe-nos entrar! – disse Alex, batendo no vidro mais forte ainda.

Conner sacudiu a cabeça.

– Não adianta, Alex. Não podemos entrar. – Ele se virou e começou a tomar o caminho de volta.

– Conner, não vá embora!

– Por quê? – ele indagou, virando-se para Alex. – Ela claramente não nos quer lá dentro.

Alex começou a bater na janela o mais forte que conseguia.

– Vovó, por favor, deixe-nos entrar! Nós queremos entrar! *Por favor!*

A avó a olhou com um olhar vazio.

– Vovó, não sei o que fiz de errado, mas, o que quer que tenha sido, me desculpe! Por favor, deixe-me entrar! – disse Alex, com lágrimas começando a escorrer pelo rosto. – Eu quero entrar! Eu quero entrar!

A inexpressão da avó transformou-se em uma carranca, e ela sacudiu a cabeça. Alex se deu conta de que não poderia entrar e, sempre que chegava a essa conclusão no sonho, ela acordava.

Podia não ter sido um sonho agradável, mas a sensação de estar de volta a uma floresta e de ver o rosto da avó outra vez fora tão boa... Era óbvio para Alex o que o sonho representava – e fora óbvio desde a primeira vez que o tivera.

Entretanto ela sentiu algo de diferente quando acordou dessa vez. Não pôde deixar de perceber que alguém a observava enquanto dormia.

Logo que acordara, embora não tivesse prestado muita atenção, poderia jurar ter visto a avó sentada à sua frente.

Teria sido uma visão real ou apenas a sua imaginação? Alex não podia negar a possibilidade de que tivesse sido real. Sua avó era capaz de muitas coisas...



Mais de um ano se passara desde que Alex e Conner Bailey haviam descoberto o maior dos segredos de sua família. Quando ganharam um velho livro de histórias da avó, não podiam imaginar que ele os transportaria magicamente para o mundo dos contos de fadas e nunca, nem mesmo em seus sonhos mais desvairados, esperariam que sua avó e o falecido pai tivessem *vindo* desse mundo.

Viajar de reino em reino e fazer amizade com os personagens que eles tinham crescido lendo a respeito havia sido a aventura da vida deles. Porém a maior surpresa de todas foi saber que a própria avó era a Fada Madrinha da Cinderela.

A avó acabou por encontrá-los e levou-os de volta para casa, para sua ansiosa mãe.

– Falei na escola que vocês dois tiveram catapora – disse Charlotte, a mãe dos gêmeos. – Eu precisava inventar uma boa desculpa para explicar por que vocês faltaram durante duas semanas, e imaginei que “eles estavam viajando por outra dimensão” provavelmente faria algumas sobrelhas se erguer.

– Catapora? – Conner perguntou. – Mamãe, você não podia ter inventado alguma coisa mais *maneira*? Tipo uma mordida de aranha ou intoxicação alimentar?

– Você sabia onde estávamos o tempo todo? – perguntou Alex.

– Não foi difícil de imaginar – disse Charlotte. – Quando cheguei em casa, entrei no meu quarto e encontrei o *Terra de Histórias* no chão... Ele ainda estava brilhando.

Ela olhou para o grande livro de histórias cor de esmeralda, firmemente seguro nas

mãos da avó.

– Você ficou preocupada? – perguntou Conner.

– É claro – disse Charlotte. – Não necessariamente com a segurança de vocês, mas com a sua sanidade. Fiquei com medo de que a experiência os deixasse abalados e assustados, então chamei sua avó imediatamente. Por sorte ela ainda estava neste mundo, viajando com os amigos dela. Mas, depois da segunda semana sem saber onde vocês estavam... Bem, digamos apenas que eu não quero ter essa experiência de novo. Nunca mais.

– Então você sabia de *tudo*? – perguntou Alex.

– Sim – respondeu Charlotte. – Seu pai ia contar para vocês na hora certa; mas ele nunca teve a chance.

– Como você descobriu? – Conner indagou. – Quando o papai contou para você? Você acreditou nele desde o começo?

Charlotte sorriu com a lembrança.

– Desde o minuto em que vi o seu pai, soube que havia algo de diferente nele. Era minha primeira semana como enfermeira no hospital infantil, quando vi sua avó e seu grupo de amigos chegar para ler histórias para os pacientes. Fiquei completamente impressionada com o belo homem que estava com eles. Era tão peculiar; olhava maravilhado para tudo. Achei que ele fosse desmaiar quando viu a televisão.

– Foi a primeira viagem de John a este mundo – disse a avó, com um sorriso.

– Ele me pediu que lhe mostrasse o hospital, e foi o que fiz – continuou Charlotte.
– Ele ficou tão fascinado ao aprender sobre o lugar: as cirurgias, os medicamentos, os pacientes. Ele me perguntou se poderíamos nos encontrar de novo quando eu saísse do trabalho, para que lhe contasse mais. Acabamos saindo juntos durante dois meses e nos apaixonamos. Mas então, sem aviso, ele desapareceu, e não o vi por três anos.

Os gêmeos, já sabendo um pouco da história, olharam para a avó.

– Eu o levei para o mundo dos contos de fadas comigo e o proibi de retornar – disse ela, encolhendo-se ligeiramente. – Eu tinha as minhas razões, como vocês sabem, mas estava errada.

– E foi então que ele descobriu o Feitiço do Desejo e começou a colecionar os itens, como nós, para encontrar um meio de voltar pra você – disse Alex, emocionada.

– E ele não demorou tanto assim; apenas pareceu demorar porque nós ainda não tínhamos nascido e havia uma diferença de tempo entre os mundos – Conner acrescentou.

Charlotte e a avó assentiram com a cabeça.

– Eu acabei vendo-o de novo no hospital – disse Charlotte. – Ele parecia tão frágil e sujo, como se houvesse voltado de uma guerra. Olhou para mim e disse: “Você não

faz ideia do que passei para voltar para você”. Nos casamos um mês mais tarde e nos tornamos pais um ano depois. Então, respondendo à sua pergunta, não, não foi difícil acreditar que o seu pai tinha vindo de outro mundo, pois, de algum modo, eu já sabia.

Alex alcançou sua bolsa e tirou de lá o diário que o pai mantivera enquanto colecionava os itens do Feitiço do Desejo, o diário que ela e Conner seguiram enquanto eles mesmos colecionavam os itens.

– Aqui está, mamãe – disse Alex. – Agora você pode saber exatamente quanto o papai a amava.

Charlotte olhou para o diário, quase com medo de pegá-lo. Ela o abriu, e seus olhos se encheram d’água diante da letra do falecido marido.

– Obrigada, querida.

– Só para você saber – disse Conner –, Alex e eu fizemos a mesma coisa. Nós também somos incríveis. Tenha isso em mente se algum dia você se sentir inspirada a nos dar uma mesada.

Charlotte lançou um olhar brincalhão para o filho; eles sabiam que ela não podia se permitir dar-lhes mesada. Desde que John morrera, Charlotte tinha muitas dificuldades para sustentar a família e pagar as dívidas do funeral. Isso, porém, fez Alex pensar: com todas as conexões que a sua família tinha no mundo dos contos de fadas, por que exatamente a vida deles fora tão difícil no último ano?

– Mamãe – disse Alex –, por que estamos lutando tanto se durante todo esse tempo bastaria a vovó agitar sua varinha para tornar tudo melhor para nós?

Conner ergueu os olhos em direção à mãe, pensando na pergunta. A avó ficou em silêncio; não cabia a ela responder.

– Porque o seu pai não iria querer isso – disse Charlotte. – Ele amava tanto este mundo; é o lugar em que nos conhecemos, em que tivemos vocês dois, e é o lugar em que ele queria criá-los. Ele vinha de um mundo de reis, rainhas e magia, um mundo de privilégios e luxos imerecidos, que, pensava, arruinam o caráter das pessoas. Ele queria que vocês crescessem em um lugar onde pudessem ter tudo o que quisessem desde que trabalhassem duro o bastante para isso, e, muito embora tenha havido momentos em que um pouquinho de magia teria ajudado bastante, tentei respeitar isso.

Alex e Conner se entreolharam; talvez o pai estivesse certo. Teriam eles conseguido fazer o que fizeram nas últimas semanas se não tivessem sido criados assim? Poderiam ter juntado todos os itens do Feitiço do Desejo ou enfrentado a Rainha Diabólica se ele não os tivesse ensinado a acreditar em si mesmos?

– Então, o que acontece agora? – perguntou Conner.

– O que você quer dizer, Conner? – disse a avó.

– Bem, nossa vida será totalmente diferente agora, certo? – ele falou, com um

brilho divertido nos olhos. – Quero dizer, depois de duas semanas sobrevivendo por pouco a encontros com trolls, lobos, duendes, bruxas e rainhas diabólicas, não se pode esperar que voltemos para a escola. Estamos mentalmente atormentados, certo, Alex?

Charlotte e a avó se entreolharam e caíram na gargalhada.

– Isso significa que ainda teremos de ir à escola? – perguntou Conner, o brilho divertido tendo se apagado dos seus olhos.

– Boa tentativa – disse Charlotte. – Toda família tem seus problemas, mas isso não significa que vocês devam abandonar a escola por causa disso.

– Graças a Deus – disse Alex, com um suspiro. – Por um minuto tive medo de que estivessem levando Conner a sério.

A avó olhou para o relógio.

– Já está quase amanhecendo – disse ela. – Conversamos a noite inteira. É melhor eu ir andando.

– Quando a veremos de novo? – perguntou Alex. – Quando poderemos voltar à Terra de Histórias? – Ela queria fazer essa pergunta desde o momento em que eles partiram de lá. A avó olhou para os próprios pés por um momento antes de responder:

– Vocês tiveram uma tremenda de uma aventura, mesmo para os padrões adultos. Agora precisam se concentrar em ser crianças de treze anos neste mundo. Sejam crianças enquanto ainda podem. Mas eu levarei vocês de novo para lá um dia, prometo.

Não era a resposta que queria ouvir, porém Alex assentiu com a cabeça. Havia mais uma pergunta que ela passara a noite desejando fazer:

– Algum dia você nos ensinará magia, vovó? – Alex indagou, os olhos muito abertos. – Quero dizer, como Conner e eu somos em parte fadas, seria bom saber uma ou duas coisinhas.

– Eu tinha me esquecido completamente disso! – disse Conner, batendo a mão aberta na testa. – Por favor, me deixem de fora. *Eu não quero ser fada...* Não sei dizer quanto não quero!

A avó ficou em silêncio. Ela olhou para Charlotte, que apenas encolheu os ombros.

– Na hora certa, querida. Não há nada que eu gostaria mais, porém neste momento o Conselho das Fadas e eu estamos trabalhando em algumas coisas, coisas que consomem um bocado de tempo. Mas vocês não precisam se preocupar com isso. Eu adoraria ensinar magia a vocês depois que isso for resolvido.

Ela abraçou os netos e beijou-os no topo da cabeça.

– Eu acho que é melhor levar isto comigo – falou, referindo-se ao *Terra de Histórias*. – Nós não queremos que a história se repita.

A avó se dirigiu à porta da frente, mas, assim que estendeu a mão para a maçaneta, parou e olhou de novo para eles.

– Eu me esqueci, não vim dirigindo para cá – disse, com um sorriso forçado. – Parece que terei de partir *à moda antiga das fadas*. Adeus, crianças. Amo vocês com todo o meu coração.

E, lentamente, ela começou a se esvaír em uma nuvem delicada e cintilante.

– Está aí uma coisa que eu gostaria de aprender a fazer – Conner falou, passando as mãos através da nuvem. – Podem me matricular *nesse* curso.

Alex bocejou contagiosamente, e o irmão a imitou.

– Vocês devem estar exaustos – disse Charlotte. – Por que não vão para a cama? Tirei o dia de amanhã de folga para ficar com vocês, caso tenham mais perguntas. E porque eu simplesmente estou com saudades.

– Nesse caso eu tenho uma pergunta importante – disse Conner. – O que vamos ter no café da manhã? Estou morrendo de fome!



O trem de Alex finalmente chegou à estação. Ela retirou a sua bicicleta do bicicletário e foi pedalando para casa, ainda pensando na avó.

Depois de descobrir o mundo dos contos de fadas, Alex tinha a esperança de viver a vida em dois mundos. Imaginara passar os verões e feriados no Reino das Fadas, com o irmão, ou no Castelo de Cinderela, com a avó. Imaginara que uma vida novinha em folha de magia e aventura começaria imediatamente. Pena que suas expectativas não se realizaram.

Mais de um ano havia se passado desde a noite em que a avó se esvaíra, e eles não tinham recebido nem uma carta ou telefonema sequer explicando sua ausência. A avó perdera todos os feriados e também o aniversário deles – datas que *nunca* perdia. E, para deixar as coisas ainda piores, os gêmeos não voltaram à Terra de Histórias.

Eles não podiam deixar de ficar zangados com a avó. Como ela pôde simplesmente desaparecer e nunca mais entrar em contato? Como pôde levá-los a um lugar com o qual sonhavam desde crianças e nunca mais deixá-los voltar para lá?

A própria avó dissera que uma parte da Terra de Histórias vivia dentro deles – então quem era ela para impedi-los de retornar?

– A avó de vocês é uma mulher muito ocupada – dizia Charlotte para Alex sempre que o assunto vinha à tona. – Ela os ama muito. Provavelmente só está sobrecarregada. Logo teremos notícias dela.

Isso não era o bastante para tranquilizar Alex. À medida que o tempo passava, preocupava-se cada vez mais com a avó – às vezes até se perguntava se ela estava *viva*. Esperava que nada houvesse acontecido e ela estivesse bem. Sentia falta dos

seus abraços mais do que de qualquer outra coisa.

A vida sem o pai havia sido a coisa mais difícil que os gêmeos vivenciaram. Mas a vida sem o pai e a avó era quase insuportável.

– O que você acha que está acontecendo? – Alex perguntou a Conner em uma ocasião.

– Eu não sei – disse o garoto, com um suspiro profundo. – A última coisa que vovó nos disse foi que ela e as outras fadas estavam trabalhando em alguma coisa. Quem sabe está apenas levando mais tempo do que o esperado?

– Pode ser. Mas tenho a sensação de que, o que quer que fosse, era muito pior do que ela nos contou. Por que outro motivo ela se manteria longe de nós por tanto tempo?

Conner apenas encolheu os ombros.

– Acho que a vovó nunca iria nos evitar ou nos excluir de propósito de qualquer coisa.

– Só estou preocupada com ela.

– Alex – Conner começou, com uma sobrancelha levantada –, a mulher é mágica e já viveu centenas de anos. Que razão existe para se preocupar?

Alex suspirou.

– Talvez você esteja certo. Mas é melhor ela ter uma boa desculpa na próxima vez que a virmos.

Infelizmente, parecia que “a próxima vez” não seria tão cedo.

Não era de surpreender que a situação tivesse começado a afetar os sonhos de Alex, porém, mais do que isso, ela estava *deprimida*. Desde que voltara da Terra de Histórias, sentia como se uma parte sua estivesse faltando. A dimensão mágica preencheria o vazio que sentira após perder o pai, e o vazio aumentava a cada dia que não podia voltar para lá.

As viagens semanais eram um importante gatilho para essa sensação. A faculdade era um lugar que representava o futuro, e, muito embora Alex estivesse a anos de realmente frequentá-la, não gostava de planejar qualquer futuro que não envolvesse a Terra de Histórias. Como poderia viver uma vida normal quando tinha provas de que não era normal?

Ela fantasiava se mudar para a Terra de Histórias um dia. Poderia a avó lhe ensinar magia a ponto de Alex se tornar uma fada oficial? Poderia Alex se tornar membro do Conselho das Fadas ou, ainda melhor, da Assembleia dos Felizes para Sempre?

Alex tentara fazer mágica por conta própria, mas nunca funcionou. A única vez que fizera alguma coisa mágica foi quando ativou acidentalmente o livro que a transportou, junto com Conner, para a Terra de Histórias. Mas, como era *o livro da sua avó*, ela se indagava se era capaz de fazer algo sozinha.

Às vezes, quando se sentia especialmente desesperada, entrava na biblioteca da escola e pegava alguma antologia aleatória de contos de fadas. Então segurava-a contra o peito e pensava no quanto desejava ver o mundo dos contos de fadas, como havia feito na noite do seu décimo segundo aniversário. Porém aquilo nunca dava em nada, exceto pelo fato de que atraía a atenção indesejada de outros estudantes.

– Por que ela está abraçando um livro? – uma menina popular perguntou certa vez para a sua turminha arrogante.

– Talvez ela vá levá-lo ao baile anual! – falou outra garota, e todas riram à custa de Alex.

Alex sentiu-se tentada a gritar: “Ei! Minha avó é a Fada Madrinha da Cinderela, e, assim que ela me ensinar magia, vou transformá-las no *gloss* que vocês usam com tanto exagero!”. Mas guardou esses pensamentos para si.

Enquanto pedalava pelo restante do caminho da estação ferroviária até sua casa, Alex fechou os olhos por um minuto e fez de conta que passeava ao longo do Riacho Tumbelina, no Reino das Fadas – havia um rebanho de unicórnios à esquerda, e um bando de fadas pairava à direita –, e que iria se encontrar com a avó para uma lição sobre como transformar trapos em um lindo vestido de baile usando magia.

“Paraíso”, pensou consigo mesma.

Ela abriu os olhos um segundo antes de colidir violentamente com algumas latas de lixo. Felizmente, a única testemunha foi o gnomo de um jardim do outro lado da rua, mas mesmo ele pareceu julgá-la.

Alex se levantou e sacudiu a poeira, decidindo empurrar a bicicleta pelo resto do caminho. Fora um choque brutal de realidade.

Os Bailey ainda moravam na mesma casa alugada com telhado plano e poucas janelas, mas as coisas estavam melhorando para eles. Charlotte finalmente resolvera muitos dos seus problemas financeiros e já não trabalhava tanto quanto costumava fazer. Entretanto, outra coisa andava ocupando o tempo de Charlotte Bailey recentemente, e não era a enfermagem.

Alex deixou a bicicleta na varanda. A porta da frente se abriu bem quando Alex estava a ponto de tocá-la. Conner estava parado do outro lado. Ele parecia aborrecido e muito preocupado com algo.

– Qual é o problema? – perguntou Alex.

– Desculpe, pensei que fosse a mamãe – disse Conner.

– Você precisa dela para alguma coisa?

– Não. É só que mamãe costuma estar em casa sempre às seis horas.

– São seis horas agora – Alex falou, olhando para o irmão como se ele fosse maluco.

– São seis *e quinze*, Alex – disse Conner, erguendo as sobrancelhas.

– E daí?

– Bem, onde ela está? Você a está vendo? Tem algum carro estacionado na entrada?

– Talvez haja muito trânsito.

– Ou alguma *outra* coisa. Tipo alguma coisa que a esteja *segurando* no trabalho.

– Aonde você quer chegar com isso? – perguntou Alex, começando a ficar irritada.

– Preciso lhe mostrar uma coisa – Conner admitiu finalmente –, mas já vou logo avisando: você não vai gostar.

– Hum... Está bem – Alex falou e seguiu o irmão para dentro de casa.

Uma série de latidos e ganidos irrompeu quando Alex atravessou a porta da frente.

– *Buster!* Quietos, garoto! É só a Alex! – gritou Conner. – Por que esse cachorro bobo age como se todo mundo que entra em casa estivesse carregando explosivos? Nós também moramos aqui!

– Você vai me contar o que está acontecendo, Conner? – perguntou Alex, já perdendo a paciência.

– Eu vou mostrar. Está na cozinha – disse ele. – Houve um *desdobramento*.



CAPÍTULO 2

Tudo começou com um cão

Alguns meses antes, Buster, um border collie, havia sido resgatado no abrigo de animais local e dado aos Bailey. Fora um presente do dr. Robert Gordon, com quem Charlotte trabalhava no hospital e que se tornara um amigo íntimo da família.

O “doutor Bob”, como os gêmeos o chamavam quando ele ocasionalmente jantava com a família, era um homem com um semblante leve, sorridente. Estava ficando careca e não era muito alto, mas tinha olhos grandes e afetuosos que faziam dele um amigo instantâneo de qualquer um que o conhecesse.

– Ah, Bob! Não precisava! – disse Charlotte assim que ele os surpreendeu com o cachorro.

– De quem é esse vira-lata? – Conner falou quando apareceu para conferir a causa de todo aquele tumulto.

– Ele é de vocês! – disse Bob. – Sua mãe está sempre falando do border collie que tinha quando era criança e contou que era seu desejo secreto ter outro. Eu estava fazendo trabalho voluntário no abrigo de animais e, assim que o vi, soube que tinha de trazê-lo para vocês.

– Nós temos um cão?! – Conner exclamou. Embora as palavras tivessem saído da sua boca, ele ainda não havia entendido plenamente a realidade do fato.

– Suponho que sim – disse Charlotte.

Conner imediatamente caiu no chão e começou a rolar de um lado para o outro com seu novo bichinho de estimação.

– Nós temos um cão! Nós temos um cão! – exclamou. – Finalmente a nossa vida suburbana está completa! Obrigado, doutor Bob!

– Não há de quê! – disse Bob.

– Qual é o seu nome, garoto? – perguntou Conner.

– Buster – Bob falou. – Pelo menos é assim que o chamavam no abrigo.

O cachorro branco e preto estava eufórico. Tinha olhos verdes e brilhantes, um

dos quais maior que o outro. Bob colocara um lenço vermelho em volta da coleira de Buster.

Conner abraçou o cão e quase chorou de tanta alegria.

– Sei que acabamos de nos conhecer, Buster, mas sinto como se tivesse amado você durante a minha vida inteira!

– Quem é esse? – Alex perguntou quando apareceu para ver o que estava causando toda aquela empolgação.

– Este é o meu cão: Buster! – disse Conner. Ele tirou uma das suas meias e começou a brincar de cabo de guerra com Buster.

– Ele é de *todos* vocês – Bob corrigiu.

– Conner, as meias boas não! – advertiu Charlotte.

Alex soltou um grito involuntário e estridente, e o seu queixo caiu.

– Nós temos um cão? – perguntou e começou a dar pulinhos. Alguma coisa em Buster fazia os gêmeos agir como se tivessem dez anos de novo.

– Sim, nós temos um cão – disse Charlotte, compartilhando o sorriso da filha.

– Não fique desapontada se ele gostar mais de mim, Alex – Conner falou, provocando a irmã. – Cães tendem a se ligar mais nos meninos. É cientificamente comprovado, eu acho.

– Buster, venha cá! – Alex chamou. Buster correu direto para o lado da garota e ganiu alegremente para ela.

– Deixa pra lá – disse Conner, um tanto desapontado.

Os gêmeos ficaram tão empolgados por terem um cão que não questionaram o presente nem por um segundo. Distraídos brincando com o novo membro da família, não viram Charlotte dar em Bob um longo abraço – um abraço que durou tempo demais para ser apenas um gesto de agradecimento.

Entretanto, conforme o tempo passou e a presença de Bob se tornou mais constante, os gêmeos não puderam deixar de notar os sinais de que sua mãe e o doutor eram mais do que simples amigos...



Conner fez Alex se sentar à mesa da cozinha assim que ela atravessou a porta. Embora os visse todos os dias, Buster não continha a excitação com o fato de os dois estarem em casa; ele dava pulos e corria em círculos.

– Buster, acalme-se! – Conner ordenou. – Eu juro, esse cachorro precisa de tratamento.

– O que está acontecendo, Conner? – Alex perguntou. – Você ama esse cachorro tanto quanto ele ama você.

– Isso foi antes de eu descobrir que Buster foi um *suborno*! – Conner declarou veementemente. – Veja isto!

Conner pegou no balcão um buquê de rosas de cabo longo e o colocou sobre a mesa, bem na frente de Alex.

– São lindas! De quem são? – Alex perguntou.

– Entregaram quando cheguei da escola. São para mamãe... de *Bob*!

Os olhos de Alex se arregalaram.

– Oh, céus – suspirou ela. – Bem, é muito fofo da parte dele.

– *Fofo?! – Conner falou quase gritando. – Alex, isso não é fofo! Isso é pura e simplesmente romântico!*

– Conner, você não sabe se era essa a intenção dele. As pessoas mandam flores umas para as outras o tempo todo.

Conner vasculhou o buquê.

– Margaridas são coisas de amigo, girassóis são coisas de amigo, uma planta carnívora é coisa de amigo... mas rosas vermelhas significam romance! E ele mandou um cartão. Está aqui em algum lugar... Eu li, tipo, cem vezes antes de jogar aí no meio de novo... Aqui está. Leia.

Ele passou à irmã o pequeno cartão, que, para horror dela, tinha o formato de um coração. Alex olhou para o papel como se este contivesse os resultados de um exame no qual ela sabia ter sido reprovada.

– Eu não quero ler isto – falou. – Eu não quero invadir a privacidade da mamãe.

– Então eu leio pra você – disse Conner, tentando arrancar o cartão das mãos da irmã.

– Está bem, eu vou ler! – Alex abriu relutantemente o cartão.

Charlotte,
Feliz sexto mês!
Beijos, Bob

Alex fechou rapidamente o cartão, como se tentasse impedir que a verdade escapasse dele. Conner aproximou-se da irmã e estudou seu rosto, aguardando que uma reação emergisse.

– Beeeeeem? – disse ele.

– Bem – Alex começou enquanto repassava uma dúzia de teorias improváveis na cabeça –, nós não sabemos se isso significa que eles estão tendo uma *relação*.

Conner jogou as mãos para o ar e começou a andar pela cozinha.

– Alex, não faça isso! – disse, apontando o dedo para ela.

– Não fazer o quê?

– Isso que você faz quando tenta ignorar uma situação fazendo pouco dela!

– Conner, acho que você está exagerando...

– Encare os fatos, Alex, nós fomos cegados por um border collie! – Conner

exclamou suficientemente alto para que os vizinhos ouvissem. – Mamãe tem um namorado!

Ao ouvir “mamãe” e “namorado”, Alex se encolheu. Em sua opinião, as duas palavras não cabiam no mesmo dicionário, menos ainda na mesma sentença.

– Eu não vou ficar toda perturbada com isso até ouvir o que mamãe tem a dizer – Alex falou.

– De que outra prova você precisa? A mamãe recebe uma dúzia de rosas vermelhas junto com um cartão em formato de coração que especifica um período de tempo! O que você acha que “sexto mês” quer dizer? Você acha que mamãe e Bob se inscreveram em um clube de boliche e não contaram pra gente?

Ambos voltaram a cabeça abruptamente para a mesma direção quando ouviram a porta da garagem se abrir. Finalmente Charlotte chegara do trabalho.

– Pergunte a ela – Alex murmurou para o irmão.

– Pergunte *você*.

Charlotte entrou alguns minutos depois. Ainda vestia o uniforme azul do hospital e carregava uma sacola de compras. Ela passou direto pelas flores na mesa, sem reparar nelas.

– Ei, meninos, desculpem o atraso – falou. – Passei no mercado para pegar algo para o jantar. Estou morrendo de fome! Estava pensando em fazer um frango com arroz e mais alguma coisa. Parece bom? Vocês estão com fome?

Charlotte ergueu os olhos diante do silêncio dos gêmeos.

– O que há de errado? – perguntou ela. – Vocês estão bem... Espere, de onde vieram essas flores?

– São do seu *namorado* – disse Conner.

Nos treze anos como seus filhos, Alex e Conner podiam contar nos dedos de uma mão quantas vezes tinham visto a mãe ficar sem palavras. Aquela foi uma delas.

– Ah... – Charlotte parecia um animal sob a luz dos faróis de um carro na estrada.

– Você tem muitas explicações a dar! – Conner falou e cruzou os braços. – Talvez seja melhor se sentar.

– Desculpe, mas alguém o promoveu a pai? – disse Charlotte, olhando feio para o filho.

– Desculpe – disse Conner, baixando a cabeça. – Só acho que precisamos conversar sobre isso.

– É verdade? – Alex perguntou, com uma expressão meio preocupada, meio horrorizada.

– Sim – Charlotte falou hesitante. – Bob e eu estamos saindo juntos.

Conner escorregou em uma cadeira, ao lado da irmã. A testa de Alex atingiu a mesa.

– Eu ia contar para vocês – disse Charlotte. – Estava só esperando...

– Deixe-me adivinhar: até ficarmos mais velhos? – Conner perguntou. – Se eu ganhasse uma moeda cada vez que ouvíssemos isso! Alex, cuidado: nós podemos ser dois terços de um trio de gêmeos, mas não vamos saber até termos trinta anos.

Charlotte cerrou os olhos, inspirou fundo e deixou o ar escapar lentamente.

– Na verdade, eu estava esperando até saber *como* contar para vocês – disse suavemente. – Vocês dois têm andado tão preocupados por não verem a sua avó. Eu não queria dar mais um motivo para preocupação.

Ela se sentou e deixou o clima se acalmar por um momento.

– Eu sei que isso é difícil de engolir – disse.

– Difícil de engolir? Nós precisamos de uma manobra de Heimlich emocional, mamãe – Conner falou.

– De fato, eu acho que descobrir que a nossa avó é uma fada em outra dimensão foi mais fácil de processar do que isso – disse Alex.

Os olhos de Charlotte caíram tristemente sobre suas mãos. Os gêmeos não queriam magoá-la, mas estavam sentindo tantas coisas ao mesmo tempo que se esqueceram de medir as palavras.

– Bob e eu nos conhecemos há muito tempo – Charlotte começou. – Quando o pai de vocês morreu, ele se tornou um grande amigo. Era uma das poucas pessoas com quem eu podia falar sobre tudo o que estava passando. Sabiam que a esposa dele morreu um ano antes do pai de vocês?

Os gêmeos menearam a cabeça.

– Você podia ter falado com a gente – disse Conner.

– Não, eu não podia. Eu precisava de outro adulto em quem confiar. Um dia, quando tiverem filhos, vocês entenderão. Tanto Bob como eu sabíamos o que o outro estava passando. Nós conversávamos todos os dias no trabalho e nos tornamos muito próximos. E, recentemente, essa amizade cresceu.

Os gêmeos não conseguiam decidir se o que ela estava dizendo melhorava ou piorava ainda mais as coisas. Quanto mais Charlotte explicava, mais real aquilo ficava.

– E quanto ao papai? – perguntou Alex. – A sua história com o papai foi quase literalmente um conto de fadas, mãe. Ele viajou de um mundo diferente para estar com você. Você não o ama mais?

A pergunta era de cortar o coração, especialmente para Charlotte.

– O seu pai foi o amor da minha vida e sempre será – ela respondeu. – E esses anos sem ele foram os mais difíceis da minha existência. Fomos casados durante doze anos e, nesse tempo, conversamos sobre muitas coisas, muitas *possibilidades*. Eu sei com toda a certeza que, se passasse mais um ano sofrendo com a falta do seu pai, ele ficaria muito desapontado comigo. Ele iria querer que eu seguisse em frente tanto quanto eu iria querer que ele também fizesse isso se acontecesse o contrário.

Foi uma promessa que fizemos um ao outro.

Charlotte ficou em silêncio por um momento antes de continuar:

– No primeiro ano depois da morte dele, eu pensei que jamais seria capaz de seguir em frente. Pensei que uma parte de mim havia morrido com ele e que eu não seria capaz de amar alguém de novo. Mas então Bob me contou que ele e a esposa tinham feito as mesmas promessas um ao outro logo antes de ela falecer, e que ele se sentia do mesmo jeito. Por alguma razão, só de saber que mais alguém estava no mesmo barco que eu, tudo pareceu ficar muito melhor.

Os gêmeos trocaram um olhar desesperançoso, sabendo que não havia nada que pudessem fazer para aliviar a dor da mãe.

– Eu sei que é difícil para vocês dois – continuou Charlotte. – Não estou dizendo que vocês precisam aceitar. Vocês podem se sentir como quiserem, e com todo o direito. Apenas saibam que Bob me faz realmente feliz, e fazia muito tempo que eu não me sentia assim.

Conner tentou conter a pergunta que persistia em sua mente.

– Conner, qual é a sua pergunta? – Charlotte indagou e secou levemente o canto dos olhos com a ponta da manga.

– Eu não tenho pergunta nenhuma – respondeu Conner, balançando a cabeça de modo pouco convincente.

– Tem, sim – Charlotte falou; ela conhecia o filho melhor do que ele mesmo se conhecia. – Você sempre franze os lábios desse jeito quando quer perguntar algo.

Conner imediatamente desfez a expressão.

– Está tudo bem, querido, você pode perguntar qualquer coisa.

– Na verdade, é uma pergunta muito infantil e boba – Conner avisou. – Acho que é uma coisa que eu sempre me perguntei sobre as pessoas que perdem seus maridos ou esposas. Mas, um dia, se todos nós estivermos em... bem, no *céu*, eu acho, não vai ser um pouco embaraçoso com Bob e o papai lá?

Alex estava a ponto de soltar um suspiro de desaprovação, porém o conteve. Até ela teve de admitir que era uma pergunta pertinente. Embora se sentisse horrível por isso, uma parte dela entendia que sua mãe estava sendo infiel a seu pai.

Um sorriso surgiu no rosto de Charlotte, que deixou escapar uma leve risada.

– Ah, querido, se houver um tempo ou um lugar em que estaremos todos juntos de novo, imagino que ficaremos felizes demais para deixar que algo seja embaraçoso.

Alex e Conner se entreolharam e souberam que estavam pensando a mesma coisa. O pensamento da sua família unida outra vez fez os dois sorrir.

Charlotte pôs as mãos sobre as deles, em cima da mesa.

– Nada que qualquer um de nós faça vai trazer o pai de vocês de volta – disse ela. – E também nada vai afastá-lo ainda mais. Ele sempre estará conosco, no nosso coração, não importa o que aconteça.

– Acho que colocar as coisas desse jeito faz com que eu me sinta melhor – disse Conner.

– Eu também – disse Alex.

– Fico contente de ouvir isso – Charlotte falou e sorriu para eles. Ela levantou-se da mesa e pegou a chave do carro. – Não estou mais com vontade de cozinhar. Vamos comer uma pizza. É bom comer alguma coisa pesada depois de uma conversa pesada.



CAPÍTULO 3

Almoço na biblioteca

No dia seguinte, na escola, Alex ainda estava com dificuldade para digerir a conversa – e a pizza – da noite anterior. O novo relacionamento de sua mãe era algo pesado para processar e não ajudava nem um pouco a melhorar o estado sombrio em que ela já se encontrava.

Alex sentia como se estivesse lentamente perdendo o controle de tudo em sua vida, e odiava essa sensação.

Precisava desesperadamente de alguém para conversar, alguém que não fosse a sua mãe ou o seu irmão, mas uma fonte externa que pudesse abraçá-la e dizer-lhe que tudo ficaria bem – ela precisava da *avó*. Daria qualquer coisa apenas para ver o seu rosto outra vez. No entanto, como isso era impossível no momento, a garota decidiu que veria uma *forma* da avó.

Na hora do almoço, foi a um dos seus lugares favoritos no mundo: a biblioteca da escola.

– Oi, Alex – disse a bibliotecária quando a menina passou por sua mesa. – Você vai ficar contente em saber que acabei de encomendar um novo conjunto de enciclopédias!

– É mesmo? – falou Alex. – Isso é maravilhoso!

Ela sorriu pela primeira vez naquele dia. O sorriso se apagou um segundo depois, quando se deu conta de que a notícia de “novas enciclopédias” fora a mais empolgante que tivera em semanas.

– Obrigada pelo seu entusiasmo – disse a bibliotecária. – Hoje mais cedo, falei para outro estudante que eu tinha adquirido novas enciclopédias, e ele me perguntou quanto tempo eu ficaria internada no hospital! Dá para acreditar? Definitivamente os tempos estão mudando.

– Com certeza estão – Alex disse baixinho.

Ela foi para o último corredor de livros, onde ficava a seção de literatura infantil.

Não era permitido aos estudantes retirar tais livros, pois eram usados principalmente como referência nas aulas de inglês. Da estante mais alta, Alex puxou um livro velho e grosso com várias centenas de páginas. Estava exatamente onde o deixara em sua última visita à biblioteca.

Antologia de contos de fadas clássicos, lia-se de um lado a outro de sua capa marrom. Não era muito atraente e nem de longe tinha o charme majestoso do *Terra de Histórias* de sua avó, mas se tornara o livro favorito de Alex para ler na biblioteca.

Ela olhou em volta para se certificar de que ninguém a observava. A não ser pela bibliotecária, ocupada com seu computador, Alex tinha a biblioteca só para si.

Abriu o livro e o folheou rapidamente. Examinou superficialmente as ilustrações de “A Bela Adormecida” e “Branca de Neve”, de “Rapunzel” e “Chapeuzinho Vermelho” e de “Cachinhos Dourados” e “João e o Pé de Feijão”. Surpreendentemente, eram representações caprichadas das pessoas que ela encontrara um ano atrás, no mundo dos contos de fadas.

Alex finalmente encontrou “Cinderela” e a ilustração que procurava: a da Fada Madrinha.

Ela não conseguia deixar de dar uma risadinha toda vez que a via. A versão daquele artista para a Fada Madrinha não poderia estar mais distante da aparência da sua avó. Nesse livro ela era uma mulher alta e voluptuosa, com lábios carnudos, asas, longos cabelos loiros e uma grande coroa de ouro.

Por mais inexata que fosse, ainda era tecnicamente sua avó – e era tudo o que Alex precisava ver.

– Oi, vovó – ela sussurrou para o livro. – Você está com uma aparência ótima. Gosto da coroa e das asas. É engraçado como você aparece diferente em cada livro que leio. São só interpretações artísticas, ou o seu estilo mudou com o passar dos anos?

A Fada Madrinha era apenas uma fada jovem que vivia no mundo dos contos de fadas quando descobriu que havia outro mundo. Foi a primeira e única pessoa na história de ambos os mundos capaz de viajar à vontade entre eles. Nunca entendeu por que lhe foi dado esse dom – mas, bem, a magia sempre teve vontade própria.

O mundo se achava em uma fase muito sombria em suas primeiras visitas. Era o início da Idade Média, e a guerra e a peste estavam em todo o lugar para onde ela olhava. A Fada Madrinha contou histórias sobre seu mundo às crianças que encontrou, para animar seu espírito. Os contos lhes deram tamanha esperança e alegria que ela decidiu que divulgar no mundo dessas crianças a história de seu próprio mundo seria o trabalho de sua vida.

Com o tempo, a Fada Madrinha recrutou outras fadas, inclusive a Mamãe Ganso e os membros do Conselho das Fadas, para viajar com ela em segredo e ajudar a

propagar as histórias (daí o nome “contos de fadas”), levando um pouco de magia a um mundo que não tinha muita. Por fim, as fadas recrutaram outras pessoas, como os Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen, para ajudar a manter vivas suas histórias.

As duas dimensões operavam em tempos diferentes; o mundo dos contos de fadas movia-se em um ritmo muito mais lento do que o outro mundo. As fadas tentaram visitar o outro mundo o maior número de vezes possível, porém, enquanto no mundo dos contos de fadas se passariam apenas meses entre as visitas, no outro transcorreriam décadas. Foi somente quando nasceram Alex e Conner, as primeiras crianças pertencentes aos dois mundos, que as dimensões passaram a se mover no mesmo ritmo.

Alex e Conner eram o elo que mantinha juntos os dois mundos. E, conforme Alex segurava a *Antologia de contos de fadas clássicos* nas mãos, ela quase podia sentir aquele poder correndo por suas veias. Não era de estranhar que os gêmeos sempre tivessem amado contos de fadas.

Alex se perguntou se a avó tinha dedicado o último ano unicamente para divulgar contos de fadas ao redor do mundo. Ou alguma coisa teria acontecido no mundo mágico?

– Vovó, não sei o que está acontecendo, mas você seria bem útil neste momento – Alex disse para o livro. – Tudo está mudando; tudo está tomando rumos dos quais eu não gosto. Toda essa coisa de crescer é muito mais difícil do que jamais pensei que seria. E não poder vê-la torna esse momento insuportável.

Novamente ela correu os olhos pela biblioteca para se certificar de que ainda estava sozinha. Abraçou o livro o mais apertado que pôde sem danificá-lo e sussurrou para dentro do topo da lombada:

– Por favor, deixe-me voltar para a Terra de Histórias. Permita que eu me junte a você e às outras fadas. Se alguma coisa aconteceu, deixe-me ajudá-la. Eu sei que posso. Por favor, mande-me um sinal, deixe-me saber que você está bem.

Alex segurou o livro por mais alguns momentos, esperando que aquele fosse o dia em que seria magicamente transportada de volta ao mundo que tanto amava. Contudo, para o seu desapontamento, permaneceu na biblioteca.

Entretanto, seus sussurros não passaram totalmente despercebidos.

– Se abraçar esse livro não está funcionando, tente um destes – disse uma voz próxima.

Assustada, Alex deixou cair a antologia. No corredor, sentado no chão com algumas pilhas de livros à sua volta, estava Conner. Alex não havia notado sua presença.

– Você me assustou – disse. Estava envergonhada, sem saber o que ele tinha ou não ouvido enquanto ela falava com o objeto inanimado.

– Sorte sua que eu a conheço; senão, provavelmente, teria ido falar com a psicóloga da escola – disse Conner, com um sorriso brincalhão porém afetuoso.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou Alex. Ela seguiu pelo corredor para mais perto do irmão e viu que a maior parte dos livros em volta dele também era de histórias e contos de fadas.

– A mesma coisa que você, aparentemente – disse Conner, e então deu uma risadinha para dentro. – Embora eu não tenha pedido nenhum deles em namoro nem nada do tipo.

– Muito engraçado – Alex falou, sentando-se ao lado dele. – É sua primeira vez na biblioteca?

Conner suspirou e encolheu os ombros.

– Eu estava meio que entrando em pânico hoje. Achei que, se viesse aqui e folheasse alguns destes livros, me sentiria melhor.

– E funcionou?

– Em parte, eu diria. Por que você acha que isso acontece?

– Bem – começou Alex, endireitando a faixa do cabelo –, certa vez li em um livro de zoologia que determinadas espécies de aves e insetos que vivem em árvores descem e se escondem nas raízes quando sentem que seu lar está sendo ameaçado.

Conner olhou para Alex como se ela tivesse engatado em uma conversa interior.

– E como *isso* é relevante a este tópico?

– Porque – Alex explicou – o nosso lar está sendo ameaçado; as coisas estão mudando. Então aqui estamos nós, em uma biblioteca, lendo velhos contos de fadas. Assim nós retornamos às *nossas* raízes.

– A-hã – disse Conner, entendendo apenas em parte a analogia. – Como você pode lembrar *isso*, mas não consegue lembrar o nome das bandas que tocam no rádio?

– O que eu quero dizer – Alex continuou – é que, às vezes, tudo o que precisamos é ver alguns rostos familiares para nos sentirmos bem novamente.

Conner assentiu.

– Bem, eu não diria que vi algum rosto familiar. – Ele vasculhou sua pilha de livros e pegou dois para mostrar a ela. – Neste aqui, a versão egípcia de “Cinderela”, a vovó é uma *águia*! – disse entusiasmado. – E neste a vovó nem aparece. Cinderela ganha o vestido e os sapatos de uma árvore! Dá para acreditar? Como uma *árvore* poderia dar um vestido para alguém? Faça-me o favor! Um estranho com uma varinha de condão é algo muito mais fácil de acreditar.

– Devíamos escrever cartas de reclamação – disse Alex. – Devemos assinar como os netos da Fada Madrinha? Você acha que levarão mais a sério se a gente fizer isso?

Os dois deram risada.

– Definitivamente! – Conner falou. – Ou amigos pessoais do há muito desaparecido Príncipe Encantado! Aposto que ninguém nunca ouviu essa antes.

Eles ficaram em silêncio por um momento, e seu divertimento se desfez em desespero.

– Sinto saudades de Froggy – disse Conner. – Sinto saudades de *dizer* “Froggy”.

– Não há muito que possamos fazer a respeito. Se a vovó quisesse que voltássemos, nos contaria o que está acontecendo. Até lá, acho que teremos de nos contentar em abraçar livros.

– Que ótimo – Conner falou sarcasticamente. – Eu me pergunto o que papai diria se estivesse vivo. Acho que nem no catálogo dele existe uma história que possa nos ajudar a passar por tudo o que estamos passando agora.

Alex teve de pensar a respeito. A maior parte das histórias de seu pai fora perfeita para seus dilemas da escola primária, mas que conselho ele lhe daria agora?

– Aposto que ele diria que qualquer um pode ter um “era uma vez” ou um “felizes para sempre”, mas é a jornada entre as duas coisas que faz a história valer a pena ser contada – disse ela. – E a maneira como os personagens enfrentam os desafios é o que faz deles heróis.

– Sim... – disse Conner. – Qualquer coisa do gênero... Você é boa nisso.

Um bipe estridente soou quando um aviso foi dado por meio do alto-falante.

– Conner Bailey, favor comparecer à sala da diretora. Conner Bailey, favor comparecer à sala da diretora.

Os gêmeos olharam para o alto-falante e depois um para o outro.

– O que você fez? – Alex perguntou.

– Não sei – disse Conner, engolindo em seco. Ele repassou mentalmente as últimas quatro semanas de sua vida, pensando em qualquer coisa que pudesse ter feito que mereceria uma ida à sala da diretora, porém não encontrou nada. – Bem, eu *acho* que não fiz nada.

Conner juntou suas coisas e pôs os livros de volta nas estantes.

– Deseje-me sorte – disse para a irmã. – Vejo você depois da escola... *Espero*.

Alex permaneceu sentada no chão, com pensamentos desencorajadores ocupando a sua cabeça. O que aconteceria se ela nunca mais visse a avó? Iria se transformar em uma mulher bizarra que vai de uma biblioteca a outra para abraçar livros? Seus futuros filhos acreditariam nela quando lhes contasse sobre suas conexões com o mundo dos contos de fadas?

O sinal finalmente tocou, e Alex se levantou. Pegou a *Antologia de contos de fadas clássicos* do chão e decidiu dar uma última olhada na ilustração antes de se dirigir à classe.

Voltou para a mesma página com a qual havia falado antes, e, para seu assombro, a ilustração estava completamente diferente. Em vez da mulher voluptuosa com asas

e coroa, a figura mostrava uma mulher delicada, com um sorriso bondoso e uma cintilante túnica azul-celeste. *Sua avó.*

Chocada, Alex olhou em volta enquanto um sorriso crescia em seu rosto. Sua avó acabara de lhe mandar um cartão-postal.



CAPÍTULO 4

A sala da diretora

Conner estava sentado do lado de fora da sala da diretora havia apenas dez minutos, mas lhe pareciam duas horas. O motivo por que estava lá era um mistério que bicava sua psique como abutres famintos.

Tinha sido um aluno surpreendentemente bom este ano – não tão excepcionalmente bom quanto a irmã, mas bom, ainda assim. Suas notas eram decentes, muito embora ele provavelmente pudesse ter ido melhor em ciências e matemática – como a maioria dos estudantes, pensava. Apesar de esquecer ocasionalmente qual revolução aconteceu onde, também ia razoavelmente bem em história. E, pela primeira vez na vida, estava realmente gostando das tarefas de inglês.

Conner estava certo de que não tinha feito nada de errado. Então, por que estava lá? Foi lhe dando a paranoia de que alguém possivelmente armara contra ele. Estaria sendo responsabilizado pela pichação nos armários ou pelos peixinhos dourados nos vasos sanitários dos professores? É verdade, Conner achava aquelas travessuras hilariantes, mas não as fizera. Se não achavam que Conner era o culpado, será que pensavam que ele sabia quem era e queriam que testemunhasse? Ele poderia invocar a Quinta Emenda da Constituição? Teria direito a um advogado, ou a um telefonema?

A porta da sala da diretora se abriu, e uma segundanista correu para fora em prantos. Instantaneamente Conner ficou tenso.

– Senhor Bailey? – chamou a sra. Peters de dentro da sala.

Conner engoliu em seco. Ouvi-la chamar seu nome era tão aterrorizante hoje quanto no sexto ano, quando ela lecionava para ele...

Uma enorme promoção era a última coisa que a sra. Peters esperava, mas ela recentemente subira no mundo.

Depois de vinte e cinco anos lecionando, a sra. Peters tomara a dura decisão de se aposentar. O tópico estava na mente da veterana educadora havia um bocado de

tempo. Sem o conhecimento de seus estudantes, ela mantinha um calendário em sua mesa no qual marcava os dias que faltavam para se tornar elegível à aposentadoria.

Frequentemente sonhava acordada com sua vida depois que parasse de lecionar. Planejava todas as viagens exóticas que queria fazer. Elaborara uma lista de todos os pequenos consertos em sua casa que finalmente teria tempo de realizar. Juntara tudo o que precisava para começar uma horta em seu pequeno quintal. Em outras palavras, estava mais que preparada.

Mas, nas últimas semanas antes da conclusão de sua carreira de professora, a sra. Peters recebeu uma oferta para se tornar diretora. Por mais tentadora que fosse uma vida de jardinagem e relaxamento, uma vida como diretora lhe proporcionaria a essência do que mais amava como professora: *autoridade sobre jovens impressionáveis*.

Não é preciso dizer que ela não hesitou em aceitar o cargo. Prosperara na poderosa posição de administrar punições, e ocasionalmente surgia algo que lhe permitia fazer o que amava acima de qualquer coisa – e que era a razão por que chamara Conner Bailey à sua sala.

– Sente-se – ordenou a sra. Peters.

Conner sentou-se na frente dela tão obedientemente que se lembrou de Buster, mas não esperou ser recompensado com um biscoito. Seus olhos vaguearam pela sala; ele notou que a sra. Peters a havia decorado com os mesmos padrões florais dos vestidos que usava.

– Você sabe por que o chamei aqui? – perguntou a sra. Peters. Ela nem sequer olhava para ele; seus olhos estavam ocupados examinando um maço de papel em suas mãos.

– Não tenho ideia – disse Conner. Ele quase podia ver o que eram os papéis no reflexo dos óculos dela.

– Eu queria conversar com você sobre o que tem escrito em sua aula de inglês – disse ela, finalmente encontrando os olhos dele.

Conner se deu conta de que os papéis que ela examinava continham sua caligrafia. Ele entrou em pânico.

– É o meu ensaio sobre *O sol é para todos*? – perguntou. – Eu sei que escrevi “uma das partes mais tristes do livro é que uma menina se chama Scout”, mas falei com a senhorita York sobre isso e já sei por que poderia ter sido melhor.

Os olhos da sra. Peters se apertaram, e sua testa se enrugou de um jeito crítico – isso tinha de acontecer pelo menos uma vez quando ela ocupava a mesma sala que Conner.

– Ou talvez seja a minha redação sobre *A revolução dos bichos*? – disse Conner. – Sei que escrevi “eu preferiria que George Orwell tivesse usado alguma coisa para representar a política que não me desse um desejo enorme de comer um

cheeseburger com bacon”, mas foi realmente como me senti; não estava tentando ser engraçado.

– Não, senhor Bailey – disse a sra. Peters. – Eu o chamei à minha sala para conversar sobre a *escrita criativa* em que você vem trabalhando na aula da senhorita York.

– É mesmo? – balbuciou Conner. Escrita criativa era, na verdade, sua parte favorita da aula. – Como estou conseguindo estragar isso?

– Não está – disse a sra. Peters. – Ela é *fantástica*.

A cabeça de Conner chacoalhou de incredulidade.

– Você disse o que acho que você disse? – ele perguntou.

– Creio que sim – disse a sra. Peters, quase tão surpresa quanto ele. – A senhorita York ficou com medo de que suas histórias tivessem sido plagiadas, então as mandou para mim, para eu dar uma olhada, mas elas são diferentes de tudo o que já li. Assegurei a ela que me parecem muito originais.

Conner estava tendo dificuldade em processar aquilo tudo; a sra. Peters, entre todas as pessoas, o estava elogiando e defendendo.

– Então eu estou aqui por uma *coisa boa*?

– Uma coisa muito boa. Suas histórias e perspectivas sobre personagens de contos de fadas são maravilhosas! Eu adorei suas narrativas sobre a procura da Dinastia Encantado pelo irmão Encantado há muito desaparecido, e sobre o amor perdido da Rainha Diabólica, preso em seu Espelho Mágico. E Trix, a fada mal-comportada, e Trollbella, a rústica princesa troll, são novos personagens tão imaginativos! Muito impressionante!

– Obrigado...?

– Posso perguntar o que inspirou essas histórias?

Conner engoliu em seco. Ele não sabia o que responder. Tecnicamente, usara a aula para escrever sobre *suas experiências*, portanto as histórias não eram necessariamente “escrita criativa”. Será que isso seria considerado mentir, mesmo ele não podendo contar a verdade?

– Elas simplesmente vieram a mim – disse Conner, com um encolher de ombros. – Não posso explicar realmente.

A sra. Peters fez uma coisa que Conner nunca a vira fazer antes: ela sorriu para ele.

– Eu estava esperando que você dissesse isso – ela falou. Então retirou uma pasta da gaveta de sua mesa. – Tomei a liberdade de olhar o perfil de estudante que você preencheu no início do ano escolar. Achei interessante que, sob “futuras aspirações de carreira”, você simplesmente tenha escrito “alguma coisa legal”.

Conner concordou com a cabeça.

– Eu mantenho essa posição.

– Bem, a não ser que você tenha o objetivo de se tornar um boneco de neve profissional, é seguro presumir que está aberto a sugestões, certo?

– Com certeza – disse Conner. Ele ainda não tinha pensado em carreiras que se encaixassem na descrição.

– Senhor Bailey, você já pensou em se tornar um escritor? – a sra. Peters indagou.
– Se essas histórias são algum tipo de sinal, com o tempo e a prática acho que você pode ter o que é preciso.

Apesar de os dois serem as únicas pessoas na sala, Conner teve de lembrar a si mesmo que ela estava falando com ele.

– Um escritor? Eu? – O pensamento nunca passara por sua cabeça. Instantaneamente, dúvidas com relação àquela possibilidade atacaram sua mente como glóbulos brancos atacam um vírus.

– Sim, *você* – a sra. Peters disse, apontando para ele para dar maior ênfase.

– Mas os escritores não precisam ser superinteligentes? Eles não dizem coisas como “depreendo tratar-se de uma confluência de acasos” e “não me identifico com a configuração contextual”? Pessoas assim são escritoras, não eu. Elas ririam de mim se eu tentasse ser uma delas.

A sra. Peters exalou uma pequena lufada de ar pelo nariz, que Conner lembrou ser a versão dela de uma risada.

– Inteligência não é uma competição – ela disse. – Existem muitas por aí, e podem ser demonstradas de diversas maneiras.

– Mas qualquer um pode escrever, certo? Quero dizer, é por isso que os autores são tão criticados, não é? Porque, tecnicamente, qualquer um poderia fazer isso se quisesse.

– Só porque qualquer um pode fazer determinada coisa não quer dizer que todo mundo deva – disse a sra. Peters. – Além disso, hoje em dia qualquer um que tenha uma conexão de internet acha que possui as credenciais para criticar ou menosprezar qualquer coisa.

– Acho que sim – concordou Conner, mas seu olhar frustrado dizia o contrário. – O que faz você pensar que eu seria um bom escritor? Minhas histórias são muito simples se comparadas com outras por aí. E eu não tenho um vocabulário muito bom... e sou imprestável sem um corretor ortográfico.

A sra. Peters tirou os óculos e esfregou os olhos. Ainda era difícil entrar na cabeça de Conner.

– Ter alguma coisa que valha a pena contar e paixão para contá-la é o que faz de você um bom escritor – disse ela. – Não sei lhe dizer quantas vezes li novelas ou artigos que usavam termos complicados e um jogo de palavras engenhoso para encobrir o fato de que não tinham nenhuma história para contar. Uma boa história deve ser saboreada; às vezes a simplicidade pode ir muito longe.

Conner ainda não comprara a ideia.

– Eu só não sei se isso é para mim.

– Você não precisa decidir neste momento. Só estou lhe pedindo que pense nisso. Eu detestaria se alguém com a sua imaginação se formasse no ensino médio e não tivesse “alguma coisa legal” para fazer com isso. – Os olhos dela encontraram os dele, e outro raro sorrisinho apareceu em seu rosto. – Eu tenho dois amores na minha carreira: repreender e encorajar. Obrigada por me permitir encorajar hoje. Não tenho muitas oportunidades.

– Sem problemas – disse Conner. – É bom estar na outra categoria, para variar.

A sra. Peters pôs os óculos de volta e entregou a Conner o maço de papel. Ele concluiu que o encontro havia terminado e dirigiu-se à porta, aliviado por não estar em prantos como a convidada anterior da diretora.

– Estou tão orgulhosa de você, Conner – disse a sra. Peters assim que ele estendeu a mão para pegar a maçaneta. – Você progrediu muito desde quando cochilava na minha aula.

Tudo o que Conner pôde fazer foi sorrir docemente para ela. Se alguém lhe tivesse dito um ano e meio atrás que a sra. Peters se tornaria um de seus maiores apoiadores (ou que se referiria a ele pelo primeiro nome), jamais teria acreditado.

Conner ruminou as coisas enquanto caminhava para casa. Seus pensamentos elevaram-se à esfera das possibilidades e afundaram na esfera das incertezas. Teria a sra. Peters enlouquecido, ou ele, Conner Bailey, era mesmo capaz de se tornar escritor um dia? Poderia realmente fazer carreira escrevendo sobre as experiências que ele e a irmã tiveram no mundo dos contos de fadas?

Alguém iria querer ler suas histórias sobre Trollbella e Trix, ou sobre a Rainha Diabólica e a Grande Alcateia dos Lobos Maus, ou sobre João e Cachinhos Dourados? E será que *essas pessoas* iriam se importar se ele escrevesse sobre elas? Se algum dia encontrasse Cachinhos Dourados de novo, ela lhe daria uma surra homérica por ele ter escrito sobre o triângulo amoroso entre ela, João e Chapeuzinho Vermelho?

Conner achava que as pessoas vinham escrevendo as mesmas histórias sobre aqueles personagens havia séculos; certamente eles não iriam se importar se ele oferecesse ao mundo pequenas atualizações aqui e ali.

Mas e quanto a Alex? Ela tinha tanto direito sobre essas experiências quanto ele; será que a irmã iria se aborrecer se ele comesse a compartilhá-las com o mundo?

Alex sempre fora aquela que tinha um futuro, não ele. Planejar sempre fora a especialidade dela; Conner sempre esperou que ela crescesse e se tornasse uma médica, ou uma advogada, ou presidente. Infelizmente, ele nunca havia pensado muito em seu próprio futuro, e qualquer perspectiva parecia um desafio.

Conner se deu conta de que queria a opinião de Alex sobre tudo isso. Entretanto,

ao chegar em casa, freou-se bruscamente. Havia alguma coisa lá que não esperava ver.

– O que Bob está fazendo aqui? – perguntou a si mesmo, reconhecendo o carro estacionado diante da casa.

A porta da frente se abriu antes que o próprio Conner pudesse abri-la. Alex estava do outro lado, os olhos arregalados e o rosto pálido.

– Até que enfim! – ela disse, aliviada.

– O que está acontecendo? – perguntou Conner. – Por que Bob está aqui?

– Ele queria conversar conosco antes de a mamãe chegar em casa – disse Alex. – Ele sabe que nós sabemos e falou que queria nos perguntar algo. Estou bastante segura de que sei o que é.

– O quê? – Conner indagou, totalmente inconsciente do que se tratava.

– Entra logo. Acho que está prestes a acontecer um *grande* desdobramento.



CAPÍTULO 5

O pedido

Alex e Conner não pareciam gêmeos idênticos desde que tinham quatro anos. Foi por volta dessa idade que Charlotte parou de vesti-los com roupas iguais todos os dias, e cada um começou a desenvolver suas características singulares. Mas, enquanto estavam sentados no sofá com os braços cruzados e fulminavam Bob com o olhar, mais uma vez ficou difícil distingui-los.

– Então... – falou Bob, remexendo-se em uma cadeira, pouco à vontade, diante dos dois. – Sua mãe me disse que finalmente contou o nosso segredo.

Foi corajoso da parte dele enfrentar a situação dessa maneira.

– Sem dúvida ela contou – disse Conner.

Bob assentiu afavelmente com a cabeça, como se aquilo fossem boas-novas. Os gêmeos nem piscaram – eram um par intimidador.

– Peço desculpas por aquelas flores terem sido entregues na casa de vocês. Deveriam ter ido para o hospital – disse Bob.

– Sim, deveriam – Alex falou.

Bob havia realizado milhares de cirurgias difíceis ao longo de sua carreira, mas achou que ser encarado pelos filhos da mulher com quem estava saindo era a experiência mais estressante de sua vida.

– Eu entendo por que esta é uma informação difícil de processar – disse Bob. – Mas ainda sou *eu*, gente. Ainda sou o mesmo doutor Bob com quem vocês jantaram uma dúzia de vezes. Sou o mesmo cara que leva vocês para ver os filmes que sua mãe não quer ver. Sou o mesmo cara que lhes trouxe Buster. Apenas estou...

– Saindo com a nossa mãe? – perguntou Conner. – Boa tentativa, mas tudo o que você listou só deixa a situação pior. Nós *achávamos* que conhecíamos você.

– Você está admitindo que Buster foi uma espécie de dote, Bob? – Alex indagou.

– Alex, o que é um dote? – Conner perguntou com o canto da boca, sem tirar os olhos de Bob.

– É um tipo de arranjo – disse Alex. – Como antigamente se prometia a um homem uma dúzia de camelos ou alguma outra coisa em troca da mão de sua filha.

– Saquei – disse Conner, voltando a dirigir sua plena atenção a Bob. – Você não acha que a nossa mãe vale uma dúzia de camelos, Bob? Um cão e trato feito?

– Eu definitivamente não acho que seja trato feito – falou Bob. – Ainda.

Alex e Conner apertaram os olhos em perfeita sincronia. Bob enfiou a mão no bolso e tirou uma caixinha de veludo. Assim que perceberam que era pequena demais para conter qualquer coisa que não fosse um anel, a ficha dos gêmeos caiu.

– Oh, meu Deus – disse Alex.

– Nem pensar – disse Conner.

Bob olhou para a caixinha com um sorriso.

– Sabem, quando a minha mulher morreu, quatro anos atrás, pensei que não seria feliz de novo – ele começou. – Eu salvo vidas todos os dias, mas por um longo tempo achei que não poderia salvar a minha. E então eis que apareceu a mãe de vocês, e eu soube que estava errado.

Alex e Conner se entreolharam com o canto do olho. Nunca tinham visto Bob ficar tão sentimental, mas ainda assim apreciaram quanto estava sendo honesto com eles.

– Eu sei que vocês estão se vendo há algum tempo, mas tudo parece tão repentino – disse Alex.

– Nós só descobrimos ontem à noite – Conner completou. – Em nossa cabeça, vocês só estão namorando há um dia. Tem certeza de que você não está apressando as coisas?

O modo como Bob olhou para o anel, com olhos cheios de amor e um sorriso sincero, tornou óbvio para Conner que nunca em sua vida ele tivera tanta certeza sobre algo.

– Eu já estou por aí há um bom tempo, meninos. E aprendi que coisas assim não aparecem com muita frequência – disse Bob. – Não aproveitar a oportunidade de pedir à sua mãe que fique comigo pelo resto da minha vida faria de mim o maior tolo do mundo.

Bob abriu a caixinha e mostrou o anel aos gêmeos. Alex ficou sem fôlego. Era o anel mais bonito que eles jamais viram. Tinha um aro de prata com dois grandes brilhantes, um azul e outro rosa. Os dois podiam jurar terem ouvido música enquanto o objeto cintilava sob a luz, mas foi só na cabeça deles.

– Levei um mês para encontrar o anel perfeito – disse Bob. – Soube que este era o certo assim que o vi. Achei que os brilhantes a lembrariam de vocês dois; são matizes diferentes de uma mesma lapidação.

Os olhos de Alex marejaram imediatamente depois de ouvir isso. Conner cruzou os braços com um pouco mais de força.

– É a coisa mais tocante que já ouvi – disse Alex entre fungadelas.

– Pare de me fazer gostar de você de novo – disse Conner, o cenho franzido.

Bob endireitou o corpo, feliz com o rumo melhor que o encontro tomava.

– Não estou tentando substituir o pai de vocês e não estou pedindo para ser seu novo pai – disse ele. – Mas *estou, sim*, pedindo a permissão para pedir à sua mãe que se case comigo. Eu não quero fazer isso sem a bênção de vocês.

Os gêmeos não podiam acreditar. Ambos se sentiam como se fossem passageiros nesse navio, e agora Bob os alçava ao posto de capitães?

– Precisamos de um minuto para pensar – Conner respondeu depressa.

Antes que Alex se desse conta, seu irmão a arrastava para dentro da cozinha. Eles ficaram ali por alguns minutos em total silêncio, apenas olhando um para o outro.

– O que você está pensando? – perguntou Alex.

– Estou pensando que isto é desconfortável – disse Conner. – Isto é mais desconfortável do que a vez em que peguei você e mamãe conversando sobre o primeiro sutiã.

Alex revirou os olhos e espiou Bob na sala ao lado para se certificar de que ele não tinha ouvido.

– Honestamente, Conner, eu não acho que nós temos qualquer poder sobre isso. Foi realmente legal da parte de Bob agir como se fôssemos parte da decisão, mas você acabou de ouvir o que ele tinha a dizer e também ouviu o que mamãe disse na noite passada. Não creio que exista alguma coisa que os impeça de ficarem juntos.

Conner suspirou e correu os dedos pelo cabelo.

– Você está certa. Mas nem sabemos se a mamãe vai mesmo dizer “sim”. Talvez ela ainda tenha reservas quanto a isso...

– Reservas quanto ao quê? Ela o ama, e ele a ama. O que vai impedi-la?

Conner desviou os olhos da irmã, não querendo dizer o que estava pensando – mas os dois pensavam a mesma coisa.

– Papai está morto, Conner – disse Alex. – Ele não vai voltar, não importa quanto queremos que volte.

Foi duro para Alex ser tão franca. Normalmente ela deixava para os adultos a função de distribuir o “amor rude”, mas, como estes estavam lentamente desaparecendo, não teve escolha senão servi-lo ela mesma.

Conner percebeu que Alex falava para si mesma tanto quanto para ele. Ela tinha um talento especial para dizer tudo o que ele não queria pensar.

– Acho que mamãe nos deu tanto através dos anos que nossa bênção é o mínimo que podemos dar para ela – Conner falou.

– Sim, é – disse Alex e balançou a cabeça. – Este é outro dos grandes.

– Dos grandes o quê?

– Grandes momentos. – Alex suspirou. – Andamos tendo uma porção deles ultimamente.

– Sim, é verdade. Seria de imaginar que teríamos imunidade a essa altura.

– Imunidade contra a vida? Será que existe alguém com essa sorte?

Conner deu uma grunhidela e pôs as mãos na cintura.

– Tá legal – disse. – Ele pode se casar com a mamãe, mas eu vou continuar chamando ele de doutor Bob.

Os gêmeos voltaram para a sala. Bob levantou-se ansioso e os fitou.

– Então? – perguntou, a respiração contida.

– O júri decidiu – disse Conner. – Alex e eu resolvemos que você pode pedir nossa mãe em casamento.

Bob bateu palmas de alegria, e lágrimas vieram-lhe aos olhos.

– Meninos, vocês fizeram de mim o homem mais feliz do mundo! Obrigado! Prometo que cuidarei dela pelo resto da vida!

Buster latiu e começou a pular, juntando-se à celebração.

– Onde você vai fazer isso? – perguntou Alex.

– Que tal aqui? Durante o jantar, quem sabe? – disse Bob. – Vou pedir comida no restaurante favorito dela e surpreendê-la quando ela chegar do trabalho.

– Quando? – perguntou Conner.

– Quanto antes, melhor – disse Bob. – Estou livre na próxima quinta-feira à noite. O que vocês acham?

– Eu tenho aula à tarde, mas estarei em casa lá pelas seis – Alex falou.

– Ótimo, então está marcado! Vou fazer o pedido na semana que vem, na quinta-feira à noite, às seis horas! Vou pedir a algumas enfermeiras que mantenham a sua mãe ocupada, para que ela não chegue em casa cedo e estrague a surpresa. Vai ser incrível!

Os gêmeos estavam ansiosos por isso. Não pelo evento em si, mas pela oportunidade de ver a mãe feliz de novo.

– Ei, Bob – disse Conner –, você vai se mudar para cá? Normalmente as pessoas casadas gostam de viver juntas... pelo menos durante os primeiros meses.

– É uma boa pergunta – disse Alex. – Onde nós vamos morar?

– Na minha casa? – sugeriu Bob e encolheu os ombros. – Antes de ela morrer, a minha esposa e eu compramos uma casa grande, não muito longe daqui, achando que constituiríamos uma família. Seria bom finalmente ocupar todos aqueles quartos.

Os gêmeos correram os olhos pela pequena casa alugada. A ideia de sair de lá os deixou tristes; inesperadamente ela se tornara seu lar com o passar dos anos.

– Vai ser estranho mudar de novo – disse Alex. – Porém fácil, já que nunca terminamos de desencaixotar tudo.

– Eu tenho uma piscina – disse Bob, tentando alegrar os gêmeos.

Os olhos de Conner se arregalaram.

– Uau, uau, uau! – ele falou. – Bob, você poderia ter economizado uma tarde

inteira se tivesse começado com “piscina”!

Alex revirou os olhos. Bob deixou escapar uma leve risada.

– Agora é melhor a mamãe dizer “sim”, senão *eu* vou ficar muito desapontado – disse Conner.



Foi difícil para os gêmeos se concentrar em qualquer coisa na semana seguinte. A iminente quinta-feira se destacava como uma página marcada em seu futuro. Quanto mais perto dela, mais ansiosos eles ficavam.

Alex e Conner não sabiam por que estavam tão nervosos; afinal eles não estavam pedindo ninguém em casamento. Embora, de um modo estranho, Bob estivesse se casando com eles também. E, por mais apreensivos que estivessem com isso, os irmãos começaram a se empolgar com a ideia de Bob se juntar à família.

Conner estava realmente ansioso por ter outro homem na casa. Por mais que amasse a mãe e a irmã, sentia falta de ter alguém que apreciasse a comédia que há em uma função fisiológica.

Naquela semana ele havia escrito, em sua aula de inglês, um conto sobre uma família de trolls cuja mãe fora prometida a um ogro. Não era o retrato mais lisonjeiro de nenhum deles, mas foi muito terapêutico para Conner. Ele desenhou pequenos esboços nas margens do trabalho; as crianças troll se pareciam muito com ele e a irmã. A troll baseada em Alex tinha até uma faixa no cabelo na frente dos chifres.

Uma tarde, depois da escola, Alex topou com Conner trabalhando na história. Nunca o vira dedicar-se tanto assim a algo antes.

– O que é isso? – perguntou a ele.

– Ah, não é nada – disse Conner, um pouco envergonhado. Ele ainda não tinha falado com a irmã sobre seu encontro com a sra. Peters. – É só um trabalho de escrita criativa para a aula de inglês.

– Isso é legal... *Espere*, isso aqui supostamente sou eu? – Alex falou e apontou para o esboço.

– Não, absolutamente – disse Conner. – O que a faria pensar isso?

– O fato de estar escrito “supostamente é Alex” embaixo do desenho! – disse ela, irritada e ofendida. – Isso é tão grosseiro, Conner. Você tem cinco anos, por acaso?

Conner olhou para a irmã com um ar culpado.

– Há uma coisa que esqueci de contar pra você – ele falou. – Eu meio que ando escrevendo sobre nós dois na aula de inglês.

– O que você quer dizer?

– Sobre nossas aventuras no mundo dos contos de fadas. Elas dão histórias incríveis. Foi por isso que a senhora Peters me chamou na sala dela no outro dia. Ela

realmente gostou das histórias e queria que eu considerasse a carreira de escritor. Disse que posso ter o que é preciso, seja lá o que for isso. – Conner fez uma pausa. – Algum comentário ou preocupação?

Alex piscou duas vezes.

– Acho que é uma ideia maravilhosa! – disse ela, e Conner suspirou de alívio. – Por que você não me contou antes?

– Estava com medo que você não quisesse que eu ficasse espalhando nossos assuntos por aí. Você é tipo coproprietária das experiências.

– Pelo contrário. Eu acho que elas precisam ser contadas. Nós vimos tantas coisas e conhecemos tantas pessoas que seria um desperdício guardá-las só para nós. Papai ficaria tão orgulhoso de você!

Conner sorriu consigo mesmo. Ele não havia pensado nisso.

– É mesmo? Você acha?

– Com certeza. Ele ficaria muito feliz pelo gene de contador de histórias ter passado para um de nós. Eu sempre tentei contar e recontar histórias, mas você é bem melhor nisso do que eu. Você é engraçado; as pessoas gostam de ouvi-lo.

Conner encolheu os ombros.

– Ora, até parece – disse. – Mas eu não vou discutir. – Ele pegou o maço de suas histórias para compartilhar com a irmã. – Esta aqui é sobre o julgamento de Trix, e esta é sobre Trollbella concedendo a liberdade em troca de um beijo... Essa eu gostaria de poder esquecer. *Esta* foi a minha primeira, sobre a Árvore Torta, mas eu estava superparanoico com a possibilidade de as pessoas descobrirem que era verdadeira, então mudei para a Girafa Torta. Não faz muito sentido, mas dane-se, estou aprendendo.

– Isso é sensacional, Conner! – disse Alex. – *Realmente* sensacional.

Conner sorriu de orelha a orelha. Ele acreditava nela muito mais do que na sra. Peters. A aprovação da irmã deu-lhe o empurrão de que precisava para acreditar em si mesmo.

Alex folheou as histórias. Ela sorriu e deu risada enquanto as repassava, lembrando-se dos eventos em que se baseavam.

– Oh, céus – falou, tirando os olhos dos textos, com um pensamento novo detrás do olhar. – *Bob*. Nós vamos contar para ele? Vamos contar para ele quem realmente são papai e vovó?

Conner não soube responder. O pensamento não passara pela cabeça de nenhum deles até o momento. Como iriam compartilhar o maior segredo da família com Bob?

– *Devemos* contar para ele? – perguntou Conner.

– Provavelmente sim, para o caso de a vovó aparecer de repente com um elfo ou uma fada em nossa porta – disse Alex.

O olhar de Conner se perdeu na distância.

– Jesus, *que tipo de gente somos nós?* – ele indagou. – Que outra família tem um problema como esse? A maioria dos segredos não envolve magia e seres fantásticos.

– Imagino que ele terá muitas perguntas – disse Alex. Ela deixou escapar um longo suspiro. – Mas, pelo jeito, isso já não é tão relevante. Talvez não faça sentido contarmos para ele que temos laços com outra dimensão, já que provavelmente não vamos interagir com ela nunca mais.

– Acho que simplesmente teremos de dançar conforme a música – disse Conner. – Pode ser uma boa desculpa para ter na manga quando formos mais velhos. Podemos dizer a Bob que estamos indo para o mundo dos contos de fadas e então ir para uma festa.

Alex inclinou a cabeça e olhou para o irmão com curiosidade.

– Por que preferiríamos uma festa ao mundo dos contos de fadas?

Conner sacudiu a cabeça. Desejou que, pelo menos uma vez, a irmã pensasse como uma adolescente normal.

– Eu esqueço que você é uma mulher de oitenta anos presa num corpo de treze – disse ele. – Deixa pra lá.

O fim da semana demorou a chegar, e os gêmeos acordaram para uma linda manhã de quinta-feira. Deram abraços extraordinariamente demorados na mãe antes de partirem para a escola, fazendo que ela erguesse uma sobrancelha desconfiada. Para Alex e Conner, o dia passou demasiadamente devagar. Olhavam para o relógio a cada cinco minutos, apenas para ficarem desapontados por ele não ter avançado muito. Assim que as aulas terminaram, Conner correu até a casa para encontrar Bob e ajudar nos preparativos para a noite. Ele cortou caminho pelos gramados dos vizinhos e, de tão descuidado, quase tropeçou em um anão de jardim.

Alex estava agitada demais para aproveitar sua aula na cidade vizinha ou para sentir sono na viagem de volta. Só queria que a noite fosse perfeita para a mãe. E, pela aparência das coisas quando Alex finalmente chegou em casa, seria bem perto disso.

A mesa da cozinha estava coberta com uma toalha de seda, e velas haviam sido colocadas no centro. Uma garrafa de champanhe e uma de sidra também se achavam sobre o móvel, ambas pedindo para serem abertas para uma celebração. A casa inteira tinha um cheiro delicioso, pois Bob trouxera comida do restaurante italiano favorito de Charlotte.

Ele vestia um belo terno e gravata e segurava a caixinha apertadamente na mão, com medo de largá-la. Até Conner se arrumara, pondo sua melhor camisa.

Alex tentou colocar um laço na coleira de Buster, mas ele não deixou. O cão andava agindo de um modo estranho nos últimos dois dias. Ficava sentado junto à porta da frente e rosnava para ela ocasionalmente. Os gêmeos imaginaram que algum gato novo se mudara para a vizinhança, ou talvez o nervosismo deles passara para o

animal.

Mas, fora Buster, tudo parecia estar indo de acordo com o plano.

Alex subiu correndo para seu quarto, vestiu uma saia e colocou sua faixa de cabelo mais bonita. Ela desceu às seis e meia e sentou-se à mesa com Bob e Conner.

– Mamãe deve chegar a qualquer minuto – disse Conner. – Vamos fazer esse pedido depressa, Bob. Estou morrendo de fome!

– Vou fazer o possível – respondeu o outro. Ele continuava baixando os olhos para o relógio. Por mais ansiosos que os gêmeos estivessem, sabiam que não era nada em comparação ao que Bob sentia.

Os três mal podiam esperar que Charlotte atravessasse a porta e os visse aguardando por ela. Alex esperava que a mãe não chorasse demais, porque então ela também poderia começar a chorar. Conner esperava que Alex não começasse a chorar, porque então ele também poderia começar a chorar, e não havia nenhuma poeira para usar como desculpa.

Infelizmente, Charlotte estava atrasada, e os três foram forçados a esperar. Eles esperaram... e esperaram... e esperaram mais um pouco. Mais de uma hora se passara desde o horário em que ela deveria estar em casa.

– Devemos ligar para ela? – perguntou Conner. – Dizer que *anelamos* pela presença dela? Sacaram? Sacaram?

– Não, nada disso – disse Alex. – Ela não pode suspeitar nem de leve!

Depois de mais uma hora, a expectativa dos gêmeos se transformou em ansiedade, e Bob decidiu guardar a comida para que esta não ficasse ruim.

– Acho que a enfermeira Nancy está sendo eficiente demais – disse ele, com uma risadinha. – Ela provavelmente está se certificando de que a mãe de vocês não chegue aqui muito cedo.

Mas os gêmeos não estavam rindo. A última vez que esperaram tanto tempo por um dos pais, eles o perderam.

– Vou telefonar para Nancy – Bob falou depois que mais tempo ainda se passou, discando para sua colega no hospital infantil. – Alô, Nancy? Oi, é o Bob. Estou aqui com as crianças; Charlotte já saiu?

Alex e Conner se inclinaram na direção dele. Mal podiam ouvir o que Nancy dizia do outro lado da linha. Pelo que escutaram, ela soou surpresa.

– Ela saiu duas horas atrás? – disse Bob ao telefone. – Você tem certeza? Nós não tivemos nenhuma notícia dela.

Alex e Conner trocaram olhares temerosos.

– Alguma coisa está errada – disse Alex. – Eu posso sentir. Alguma coisa aconteceu.

– Mamãe nunca se atrasa desse jeito – disse Conner, balançando a cabeça.

– Está bem, obrigado, Nancy. Vou tentar ligar para ela – Bob falou e desligou o

telefone.

A seguir, ele discou rapidamente o número de Charlotte. Não olhou os gêmeos nos olhos, pois não queria aumentar a preocupação deles com a sua própria. Bob tentou ligar diversas vezes, sem sucesso.

– Ela não está atendendo – disse. – Vocês acham que ela decidiu fazer ou resolver alguma coisa hoje?

Alex, desesperadamente preocupada, irrompeu em lágrimas.

– Temos de chamar a polícia! – exclamou.

– A polícia não fará nada a não ser que ela esteja desaparecida há mais de quarenta e oito horas – disse Bob. – Vamos tentar não entrar em pânico por enquanto.

Conner saltou da cadeira e começou a andar em volta da sala.

– Deve haver alguma coisa que possamos fazer – disse ele.

– Vou pegar minha bicicleta e procurar por ela – disse Alex.

– Eu vou com você! – Conner anunciou.

– Ninguém vai a lugar algum – Bob disse calmamente, embora os gêmeos soubessem que ele estava tão estressado quanto eles. – Nós tentamos ligar para o hospital e para ela. Vamos aguardar mais alguns minutos, caso ela tente ligar de volta.

As lágrimas de Alex corriam mais depressa à medida que sua preocupação aumentava, e não havia como não ser assim. Os gêmeos temiam que a história, a *sua* história, estivesse se repetindo.

De súbito, Buster começou a ladrar freneticamente. Ele olhava atentamente para a porta da frente, pulando e arranhando-a, rosnando o mais alto que podia. Os gêmeos nunca o tinham visto assim.

– Buster, o que foi, garoto? – perguntou Bob. – Há alguém na...?

A campainha tocou. Todos eles, inclusive o cão, paralisaram totalmente. Ela tocou duas vezes antes que alguém se mexesse.

– Quem pode ser a essa hora? – Bob indagou antes de atender a porta. Os gêmeos o seguiram. Quase desejaram que ele não a atendesse. O que, ou quem quer que fosse, era muito tarde para ser algo de bom.

Buster desandou em outro ataque de latidos e pulos.

– Buster, pare com isso, garoto! – Bob ordenou.

O cão recuou e plantou-se bem na frente dos gêmeos, protegendo-os. Ele estava pronto para pular em cima de qualquer coisa num instante se não gostasse do que visse. Estaria Buster sentindo algo que eles não conseguiam?

Bob olhou para os gêmeos angustiados atrás de si.

– Vai dar tudo certo, crianças – disse calmamente. – O que quer que aconteça, apenas saibam que vai dar tudo certo.

Bob abriu lentamente a porta da frente e espiou a varanda. Parecia vazia.

– Olá? – disse ele.

Não se via nada nem ninguém.

– Olá? – Bob tentou outra vez. – Tem alguém aí f...?

– *Agarrem-no!*

Em uma fração de segundo, uma dúzia de soldados em armaduras prateadas irrompeu pela porta. Um deles jogou Bob com força contra a parede. Alex gritou. Conner agarrou o braço dela, e os dois tentaram correr para o outro lado da casa, mas os soldados formaram um círculo apertado em volta dos irmãos e de Buster.

Suas espadas estavam desembainhadas, e eles seguravam pesados escudos com sapatinhos de vidro no brasão externo. Os gêmeos reconheceram os soldados imediatamente – eram do Reino Encantado, mas o que estariam fazendo ali?

– Tirem imediatamente as mãos de cima de mim! – berrou Bob, debatendo-se sob a coação do soldado. – Afastem-se dessas crianças! Quem diabos são vocês?

– Nós cercamos totalmente os gêmeos – o soldado mais próximo de Alex gritou para a porta da frente, ainda aberta. – Tragam a Fada Madrinha.

Alex e Conner olharam um para o outro tão rapidamente que poderiam ter machucado o pescoço.

– Fada Madrinha? – disseram em uníssono.

Dois outros soldados rapidamente invadiram a casa liderados por ninguém menos que a avó deles.

– Vovó?! – os gêmeos arquejaram juntos. Eles quase não acreditaram nos próprios olhos.

Ela tinha exatamente a mesma aparência da última vez em que a viram. Vestia a sua longa túnica azul-celeste que cintilava como o céu noturno e usava um penteado enfeitado com lindas flores brancas. A avó ergueu sua varinha de cristal autoritariamente ao entrar na casa; os gêmeos nunca a tinham visto com uma expressão tão preocupada.

– Ah, graças aos céus! – disse a avó.

Os soldados abriram o círculo para ela, que jogou os braços em volta de Alex e Conner.

– Vocês não têm ideia de quanto estou contente por vê-los – disse a avó, abraçando-os tão apertadamente que eles tiveram a impressão de que iam estourar.

Os gêmeos não a abraçaram de volta. Não podiam acreditar que a estavam vendo na vida real. Tantas perguntas giravam na cabeça deles, que só conseguiram pôr para fora o básico:

– Vovó? – disse Alex. – É mesmo você?

– Onde você estava? – Conner indagou.

A avó gentilmente colocou uma mão no rosto de cada um.

– Me desculpem por ter ficado longe por tanto tempo – disse tristemente. – Prometo explicar tudo mais tarde.

Ela tirou um momento apenas para olhá-los através de olhos lacrimosos. Eles viram que ela sentira a falta deles tanto quanto eles sentiram a dela.

– Vejam só vocês dois! Cresceram quase um palmo desde que nos despedimos da última vez!

Bem nesse momento, um homem familiar entrou pela porta da frente. Tinha um queixo proeminente e usava um brilhante conjunto amarelo. Para assombro de Bob, os ombros e os cabelos do homem estavam em chamas. Os gêmeos o reconheceram instantaneamente: era Xanthous, a única fada-macho do Conselho das Fadas.

– Eu verifiquei em volta da propriedade – disse Xanthous. – Está livre.

– Xanthous? – disse Alex. – O que ele está fazendo aqui?

Bob se debatia incansavelmente para se libertar do soldado que o apertava contra a parede.

– O que está acontecendo?! – gritou ele. – Quem são vocês?

A avó ergueu a varinha na direção de Bob. Xanthous apontou alguns dedos para ele, e sua mão inteira se incendiou subitamente. Estavam prontos para lutar, se necessário.

– Vocês conhecem esse homem? – Xanthous perguntou aos gêmeos.

– Sim, é o doutor Bob – disse Conner. – Não taque fogo nele! É o namorado da nossa mãe!

– Namorado? – disse a avó e baixou a varinha. – Bem, devo ter me afastado por mais tempo do que pensava!

– Soltem-no – ordenou Xanthous, abaixando a mão. O soldado lhe obedeceu imediatamente.

– Essa mulher é avó de vocês? – Bob indagou aos gêmeos. – Ela trabalha no circo ou coisa assim? Por que todos os truques e fantasias?

– Que raios é um circo? – disse Xanthous, sem saber se devia ficar ofendido.

Alex e Conner não sabiam por onde começar.

– Bob, é uma longa história – Alex falou.

– Em poucas palavras, nossa avó é a Fada Madrinha da Cinderela, do mundo dos contos de fadas – disse Conner. – Eu sei que é muita coisa para processar, então não se afobe, leve o tempo que precisar... Mas nós prometemos que esta é a única bagagem emocional da família.

Os olhos de Bob se arregalaram, e ele relanceou os soldados, a avó dos gêmeos e Xanthous.

– A-hã – resmungou, não convencido.

A avó percorreu a sala de estar com os olhos, gravemente preocupada.

– Onde está sua mãe? – perguntou ela.

– Não sabemos – disse Conner.

– Ela deveria ter chegado em casa horas atrás – disse Alex.

– Vovó, o que há de errado? – Conner perguntou. – Você sabe onde está mamãe?
Sem responder, a avó se postou profundamente pensativa.

– Vovó, o que está acontecendo? – inquiriu Alex. – Não a vemos há mais de um ano... Por que você apareceu de repente? Você tem de nos contar o que está acontecendo. Onde está a mamãe?

A avó olhou alternadamente de um neto para o outro.

– Crianças, o que vou lhes contar parecerá muito assustador. Mas preciso que vocês sejam fortes e saibam que muitas pessoas qualificadas estão lidando com a situação.

Os gêmeos balançaram a cabeça interpeladora e impacientemente. Qualquer notícia era melhor do que nenhuma.

– Acredito que a mãe de vocês foi raptada – a avó informou.

Eles estavam errados; não ter notícia alguma era muito melhor do que isso.



CAPÍTULO 6

Posicionando os anões

Alex e Conner pararam de respirar. Tiveram a impressão de que o coração deles havia saído do corpo.

– O quê? – Alex perguntou.

– Raptada? – Conner bufou. – O que você quer dizer com “raptada”?! *Por quem?*

Alex cobriu a boca, horrorizada. Conner sacudiu freneticamente a cabeça de um lado a outro, sem querer acreditar.

Quem iria raptar uma enfermeira que trabalha em um hospital infantil? Que risco ela estava correndo? A situação deveria ser ruim, já que soldados e fadas de outro mundo se achavam em sua casa.

A avó fechou os olhos apertadamente.

– Não tenho tempo para explicar – ela disse com brandura.

Conner ficou muito vermelho.

– Como assim, “não tenho tempo para explicar”? – gritou. – Você nos dá *essa* informação e espera que não tenhamos perguntas?

A avó olhou para ambos com severidade.

– Eu espero que vocês acreditem que estou lidando com isso da melhor forma que posso.

– Nós não somos mais crianças, vovó! Você tem de nos contar o que está acontecendo! – disse Conner. Nunca antes na vida ele tivera um motivo para levantar a voz com ela.

– Eu sei, e é por isso que estou sendo honesta com vocês... Vocês merecem saber a verdade. Há muito o que discutir, mas neste momento, quanto menos souberem, melhor. Entendido?

Eles não lhe responderam, porque *não* tinham entendido e não concordavam nem um pouco.

Buster latiu para a Fada Madrinha. Estranhamente, o cão não ficara intimidado com os recém-chegados à casa.

– Vovó, por favor, nós precisamos saber o que está acontecendo... – Alex conseguiu dizer entre lágrimas.

– Terão de esperar. Neste momento preciso falar com Sir Lampton – disse a avó.

– O que ele tem a ver com tudo isto? – perguntou Conner, lembrando-se do amistoso líder da Guarda Real de Cinderela, que ele e a irmã haviam conhecido no mundo dos contos de fadas.

A avó se curvou e olhou dentro dos olhos desiguais de Buster, que se sentou rigidamente. Os gêmeos nunca o tinham visto com uma postura tão obediente.

– Sir Lampton, viu alguma coisa estranha ou fora do comum? – perguntou a avó.

Conner relanceou Alex. Teria a avó perdido o juízo? Teria esquecido que neste mundo os cachorros não falam? E por que diabos o chamara de Sir Lampton?

Buster deu um único latido e balançou a cabeça como se a tivesse entendido perfeitamente.

– Ah, perdão – disse a avó, agitando a varinha sobre o cão. – *Fale.*

Um clarão saiu da ponta do objeto em direção à boca de Buster, que começou a latir, mas o som foi pouco a pouco se transformando em tosse – *tosse humana.*

– Perdoem-me – disse o cão. – Faz muito tempo desde a última vez que tive de pronunciar algo.

Os gêmeos perderam a fala. Animais falantes não lhes eram estranhos, mas ouvir o próprio cão começar a falar subitamente os deixou completamente embasbacados.

– Absolutamente nada fora do comum – disse o cão. – Charlotte saiu para trabalhar esta manhã e não voltou para casa desde então.

– Sir Lampton? – Alex balbuciou através das mãos que cobriam sua boca. – *É você?*

– Você é o nosso cão? – disse Conner.

– De fato, crianças – o cão confessou e baixou a cabeça. – Perdoem-me, mas eu não podia lhes revelar minha identidade. Sua avó queria que alguém cuidasse de vocês, mas achou que pôr um soldado para morar na casa iria lhes causar preocupação, então me transformou em um cachorro.

Conner se virou para a irmã, ficando mais vermelho a cada segundo.

– Nós não podemos nem ter um *cachorro* sem que isso vire uma conspiração mágica!

– Tem sido um tanto desafiador – disse Sir Lampton. – Comida de cachorro e me limpar são coisas com as quais acho que nunca me acostumarei. E a compulsão para provar e cheirar absolutamente tudo é muito exasperante. Mas, por vocês dois, eu andaria até o fim do mundo.

Era um bonito sentimento do velho amigo do seu falecido pai, porém os gêmeos

não tinham nenhum espaço na cabeça para gratidão.

– Você sabia disso, Bob? – perguntou Alex.

Bob havia permanecido tão quieto que os gêmeos quase se esqueceram de sua presença. Ele assumira uma tonalidade verde e segurava a barriga. Estava claro pela expressão horrorizada em seu rosto que ele não tivera nada a ver com aquilo. Aquele era o primeiro animal falante que ele via.

– Espero que possa me perdoar por ter lhe lançado um pequeno encantamento no abrigo, mas eu tinha de assegurar que você escolheria Sir Lampton para dar aos meninos – disse a avó. – Pensei que você fosse apenas um amigo de Charlotte; não tinha ideia de que vocês eram tão... *próximos*.

– Eu... eu... eu... – Bob balbuciou. – Eu acho que vou vomitar! – Ele correu direto para o banheiro, do outro lado da casa. Obviamente Bob chegara a seu limite de surpresas naquela noite.

– Então esse tempo todo nós pensamos que tínhamos um cachorro, quando na verdade tínhamos uma babá? – Alex tentou entender melhor.

– Um protetor, não uma babá – disse a avó.

– Para nos proteger do quê? – perguntou Conner.

A avó e Sir Lampton se entreolharam. Os gêmeos perceberam que os dois estavam determinados a esconder deles o máximo possível de informações sem que fossem desonestos.

– Prometo compartilhar com vocês as informações apropriadas quando eu as tiver – falou a avó. – É um momento complicado no mundo dos contos de fadas, e isso tem me mantido muito ocupada. Recentemente a situação chegou ao ápice, e eu estava receosa de que afetasse vocês; assim, fiz os arranjos adequados para me certificar de que estariam protegidos. Infelizmente, parece que sua mãe foi vítima dessa situação.

– Por falar em precauções, Fada Madrinha – Xanthous interrompeu –, deveríamos posicionar os anões enquanto a vizinhança está vazia.

– Anões? – Conner sussurrou para Alex.

– Muito bem – disse a avó, e olhou para os guardas com os quais entrara na casa. – Quero que vocês assumam o primeiro turno de guarda do lado de dentro da casa. Já vocês, por favor, sigam-me para fora para que eu possa posicioná-los.

A avó e Xanthous guiaram rapidamente os soldados até o gramado da frente. Os gêmeos seguiram-nos de perto, com Sir Lampton a seus pés, e assistiram a tudo da varanda. Embora soubessem que ela era uma líder veterana da Assembleia dos Felizes para Sempre, era estranho ver a pequena avó dando ordens a grandes soldados.

– Tomem seus lugares – ela instruiu.

Os soldados se posicionaram no perímetro do jardim da frente dos Bailey. A casa

ficou parecendo um Palácio de Buckingham em miniatura. A Fada Madrinha agitou sua varinha de cristal e, com um clarão, transformou os soldados, um a um, em anões de jardim. Todos eles tinham chapéu vermelho pontudo e barba branca.

– Eles se parecem com os anões do jardim do vizinho – disse Conner. – Eu quase tropecei em um hoje.

– Aquele era um soldado, na verdade – disse Sir Lampton, junto ao joelho de Conner. – Ele tem guardado o lado de fora da casa há uns dois meses.

– Sinistro – disse Conner.

– O que está acontecendo aqui fora? – disse um suarento Bob, o rosto verde, ao sair da casa. – Aonde foram todos os soldados... e de onde vieram todos esses anões?

– Você acaba de responder à sua própria pergunta, receio – disse Alex.

Os olhos de Bob se fixaram no gramado quando ele entendeu. Os gêmeos sentiram pena de Bob; em menos de uma hora ele descobrira que sua namorada havia sido raptada e que ela tinha ligações com o mundo dos contos de fadas. Mas, de um modo geral, eles acharam que ele estava lidando bem com toda a situação.

– Depois da quarta vez que vomitei, me dei conta de que não estava sonhando – disse Bob. – Não tenho histórico de doenças mentais na família, portanto meu melhor autodiagnóstico é que se trata *apenas de uma noite daquelas*.

– Não se preocupe, Bob, o choque acaba passando – disse Conner. – Eu acho... Alex e eu sabemos há apenas um ano e ainda estamos esperando.

A avó voltou à varanda com Xanthous, dando-lhe instruções minuciosas enquanto caminhavam.

– Os soldados podem ser algo ofensivo à vista dos vizinhos, mas pelo menos estão disfarçados – disse ela. – Quero que você fique aqui e tome conta dos gêmeos. Ninguém pode entrar nem sair desta casa sem minha permissão.

Alex e Conner só ouviram o finzinho da conversa, porém foi o bastante para se enfurecerem.

– O que você quer dizer com “ninguém pode entrar nem sair”? – inquiriu Conner. – Nós seremos reféns em nossa própria casa?

– Até que as coisas fiquem seguras – disse a avó.

– Mas eu tenho de trabalhar – disse Bob. – Tenho pacientes para atender e cirurgias para fazer. As pessoas precisam de mim.

A avó pensou nisso por alguns instantes.

– Você pode ir e vir quando quiser – ela falou. – Com o devido respeito, é com meus netos que estou preocupada.

– E a escola? – perguntou Alex.

– Vocês poderão retornar a ela assim que tudo se acalmar e descobrirmos onde está a mãe de vocês, mas neste momento não podemos arriscar – disse a avó. –

Quanto menos contato tiverem com o mundo exterior, melhor vocês estarão. Escreverei para a escola informando que vocês dois ficaram gravemente doentes.

– Você não pode nos prender! – Conner berrou alto o bastante para a rua inteira ouvir.

– Nós não fizemos nada de errado! – gritou Alex. – Por que você está nos castigando desse...

A avó agitou a varinha na direção de cada um, e os dois ficaram em silêncio. Tentaram falar, porém nenhum som saiu; ela os emudecera magicamente.

– Por favor, obedecem às minhas instruções. Mesmo com vários soldados e Xanthous e Sir Lampton cuidando de vocês, vou ficar terrivelmente preocupada. – A avó baixou os olhos para Sir Lampton. – Eu gostaria que você continuasse sendo um cão por enquanto. Os anões já atrairão atenção indesejada o bastante.

– Sim, senhora – Sir Lampton disse com relutância. Ele secretamente esperava que seus dias de cão tivessem terminado.

– Agora preciso ir – disse a avó. Ela agitou a varinha, e as vozes de seus netos retornaram.

– Então é isso? – indagou Conner. – Durante um ano não ouvimos nada de você, e de repente vem com: “Ei, crianças, a mãe de vocês foi raptada e, ah, sim, vou deixar vocês dois em prisão domiciliar”?

– Nunca pensei que você pudesse fazer uma coisa dessas com a gente, vovó – disse Alex, olhando para a avó como se ela fosse uma estranha.

A avó ficou magoada com aqueles comentários. Ela não gostava de desapontá-los, mas infelizmente não tinha escolha – só podia fazer o que achava melhor e esperava que a perdoassem um dia.

– Eu sei que vocês me detestam um bocado no momento – disse –, mas vocês são a única família que me resta. Significam mais para mim do que qualquer outra coisa no mundo. Um dia, quando tiverem a família de vocês, saberão que não há distância que não percorreriam pela segurança dela, mesmo que ela termine por odiá-los.

Ela os deixou na varanda aos cuidados dos outros e saiu noite adentro, lentamente se desfazendo em nuvens macias e cintilantes.

– Eu amo vocês dois – disse tristemente antes de desaparecer.

– Devemos entrar antes que alguém nos veja parados aqui – disse Xanthous.

Ele e Lampton escoltaram Bob e os gêmeos para dentro da casa. Se o confinamento iria durar dias, semanas, meses ou anos, não era certo. Mas, por ora, os gêmeos Bailey eram prisioneiros na própria casa.



Os primeiros dias de cativeiro passaram muito lentamente para os gêmeos. Eles não conseguiam comer nem dormir; tudo o que faziam era se preocupar com a mãe. A

pergunta que mais os perseguia no entanto era: por que ela fora raptada?

Como podia a mãe deles, uma simples enfermeira em um hospital infantil, ter se envolvido em tudo isso? Por que a avó tomara tais medidas para protegê-los em outra dimensão? Estaria sua mãe neste mundo ou teria sido de algum modo levada para o mundo dos contos de fadas?

Xanthous e Lampton tinham os lábios selados sobre a coisa toda. A despeito dos apelos diários dos gêmeos para que lhes contassem alguma coisa – *qualquer coisa* –, eles insistiam que nenhuma notícia era a melhor notícia.

Infelizmente, a imaginação dos gêmeos pouco fazia para aliviar a angústia. Estariam o Rei Troll e o Rei Duende buscando vingança contra os gêmeos por estes terem roubado sua coroa um ano atrás? Teria a Grande Alcateia dos Lobos Maus de algum modo ressurgido? Teria aquilo tudo a ver com a Rainha Diabólica e o Espelho Mágico?

Os gêmeos não tinham respostas, e isso os estava enlouquecendo.

Outra coisa a pôr à prova sua sanidade era quanto a casa ficara apinhada. A casa alugada já parecia pequena com apenas três pessoas e um cão, e agora uma dúzia de homens adultos fora acrescentada. O quarto de hóspedes estava cheio de camas de campanha, e a maior parte do térreo era como um acampamento militar, com espadas e escudos e partes de armaduras por toda parte.

Xanthous conduzia uma operação altamente disciplinada enquanto cuidava do lar dos Bailey. Ele era muito rígido com o turno dos soldados, assegurando-se de que se revezassem equilibradamente entre a guarda da entrada, na forma de anões, e do interior da casa. As refeições eram servidas precisamente no mesmo horário, invariavelmente. Os gêmeos só eram autorizados a sair uma vez por dia, para o quintal dos fundos, e somente sob a vigilância de Lampton.

Xanthous também era muito devotado a seus deveres. Passava os dias grudado à janela que dava para o jardim da frente, e os gêmeos nunca o viram sentado por mais que alguns segundos.

Bob estava sendo muito afetuoso e visitava os gêmeos diariamente, a caminho do trabalho. Suas histórias sobre as crianças doentes de que cuidava no hospital eram o único contato que Conner e Alex tinham com o mundo exterior, portanto as aguardavam ansiosamente todas as manhãs.

As olheiras de Bob eram uma indicação clara de que se sentia tão impotente quanto os gêmeos. Ele também tentou, sem sucesso, extrair informações de Xanthous e Lampton. A certa altura chegou a tentar subornar Lampton com uma alegre bola pula-pula em troca do suposto paradeiro de Charlotte, mas tudo o que conseguiu foi ofendê-lo.

Os gêmeos tentaram puxar conversa com os soldados, com quem estavam praticamente vivendo, mas estes aparentemente sabiam tão pouco quanto os dois.

– Você gosta do tempo que passa como anão todos os dias? – Conner perguntou a um soldado.

– Não é de todo desagradável – disse o guerreiro, com um encolher de ombros. – Me dá muito tempo para pensar.

– Fale por si – disse outro soldado. – Ontem um pombo se sentou na minha cabeça por horas e ainda deixou um presentinho, se é que você me entende.

– Que nojo – Conner falou.

– Você não pode simplesmente se transformar em homem e espantá-lo? – perguntou Alex.

– Eu gostaria – explicou o soldado. – Mas você só pode se transformar se houver perigo. Senão ficaríamos todos espantando pombos e arruinariamos nosso disfarce.

Alex e Conner anotaram isso mentalmente.

Mais tarde naquela noite, os gêmeos tinham acabado de jantar quando um clarão surgiu do nada. Eles olharam para cima, e, flutuando próximo ao teto, havia um envelope azul-celeste.

– É da Fada Madrinha – disse Xanthous, e levantou voo para pegá-lo (aparentemente fadas não precisam de asas para voar). Pairou no ar a certa distância do chão enquanto o lia, mantendo-o fora do alcance de visão dos gêmeos.

Alex e Conner plantaram-se abaixo dele. Os olhos de Xanthous foram se arregalando à medida que lia a nota da avó dos dois.

– Entendi – disse quando acabou de ler. Flutuou para baixo e encarou os irmãos. – A sua avó gostaria que eu passasse uma informação a vocês.

– Sim? – disse Alex. Eles estavam praticamente vibrando de expectativa.

– Nós acreditamos que sua mãe esteja no nosso mundo. Isso é tudo. – Ele colocou o envelope em seu ombro, e as chamas o consumiram.

– Isso é bom ou mau? – Conner perguntou, insatisfeito com a notícia.

– Nem uma coisa nem outra, é só uma informação que ela gostaria que vocês tivessem a essa altura.

Os gêmeos soltaram suspiros exasperados. Saber mais quase tornou as coisas piores.

Mais tarde, Alex puxou Conner para dentro de seu quarto para conversarem em particular. Ela aumentou o volume do rádio para que a audição canina de Lampton não pudesse captar o que diziam.

– Mamãe está no mundo dos contos de fadas – ela disse. – Você sabe o que isso significa?

– O quê?

– Significa que a vovó pode ter mentido para nós. Senão, como a mamãe poderia ter ido parar lá sem ela saber? Talvez ela não seja a única fada capaz de viajar entre os mundos.

Conner balançou a cabeça.

– Eu não acho que a vovó tenha mentido para nós – ele disse. – Acho apenas que estamos zangados com ela neste momento e, por isso, estamos tentando culpá-la por tudo.

Alex esfregou os olhos cansados. Ela sabia que Conner não estava de todo errado.

– Poucos dias atrás eu estava preocupada com a vovó e zangada com a mamãe e, agora, estou tremendamente preocupada com a mamãe e furiosa com a vovó – Alex falou. – É louco como as coisas podem mudar depressa.

– Sim, é – disse Conner, com um suspiro.

– Então, como você acha que a mamãe foi parar lá?

Conner pensou nisso por um bom tempo.

– Eu me pergunto se existe mais de um jeito de entrar na Terra de Histórias – disse ele.

A cabeça de Alex ergueu-se repentinamente para o irmão. Ela passara tanto tempo abraçando livros e tentando recriar seu último portal que nunca chegara a pensar em outras opções.

– Como o quê? – perguntou Alex.

– Eu não sei. Mas, se o livro de histórias da vovó tinha essa capacidade, tenho certeza de que ela criou outros meios com o passar dos anos...

– Faz muito sentido que ela tenha criado outras maneiras de ir e vir – Alex pensou em voz alta. – Não para ela, necessariamente, mas para as outras fadas que recrutou a fim de propagar suas histórias ao redor do mundo... Certo?

Os olhos de Conner se arregalaram, e ele franziu os lábios.

– Qual é a sua pergunta?

– Eu odeio que vocês saibam quando eu tenho uma pergunta! – Conner disse antes de continuar: – Tem certeza de que não existe um jeito de você criar seu próprio portal?

Alex adoraria acreditar que também ela era capaz, porém sabia em seu coração que, se fosse, já teria descoberto um jeito a essa altura.

– Não, foi a mágica da vovó – disse ela. – Eu só a... eu só a...

– Acionou?

Outro pensamento veio à mente de Alex assim que Conner disse isso.

– E talvez seja por isso que ela não sabia onde mamãe estava – disse a garota, balançando positivamente a cabeça. – Talvez alguém tenha conseguido pôr as mãos em alguma coisa, como o livro de histórias dela, e usado para chegar até mamãe.

Eles se entreolharam, e tímidos sorrisos surgiram em seus rostos. Não eram sorrisos de felicidade, mas de realização. Sabiam haver descoberto algo importante – podiam sentir isso.

– Mas *quem*? – Conner perguntou.



CAPÍTULO 7

Ganso relaxado

Na noite seguinte, os gêmeos sentaram-se na sala de estar e assistiram ao noticiário com Lampton. Ele se acomodou com o focinho a poucos centímetros da tela, completamente hipnotizado por ela. Sua cabeça estava inclinada de lado, com uma única orelha levantada.

– Devo dizer que, de todas as tecnologias deste mundo que me foram apresentadas, esta é de longe minha favorita! – disse Lampton com o rabo abanando.
– A televisão é notável!

– Eu já vi espelhos mágicos fazer coisas muito mais impressionantes – falou Xanthous, encarrapitado na janela, vigiando devotadamente a vizinhança. – Entretanto, uma coisa que eu definitivamente poderia viver sem é o alarme de incêndio. Se tiver de desligá-lo mais uma vez, juro que o arrancarei da parede e o arrebentarei.

– Bem, com o devido respeito, estar em chamas neste mundo nunca é uma coisa boa – disse Conner.

Xanthous ergueu uma sobrancelha crítica e voltou para a janela. As chamas em seus ombros aumentaram.

Um forte clarão subitamente encheu a sala. Os gêmeos olharam para cima e viram, flutuando próximo ao teto, outro envelope azul-celeste, exatamente como no dia anterior. Mais uma vez, Xanthous voou para pegá-lo e leu a nova mensagem da avó dos jovens em pleno ar, longe dos olhos curiosos destes.

Quando acabou de lê-la, colocou-a em cima do ombro e deixou que ela queimasse totalmente antes de voltar para o chão.

– Estamos partindo – disse Xanthous, atraindo imediatamente a atenção dos gêmeos. – Sir Lampton e eu fomos chamados de volta ao nosso mundo.

– Por quê? – perguntou Alex.

Xanthous pensou por um momento para formular sua resposta.

– A Fada Madrinha precisa de nós lá mais do que aqui – ele respondeu simplesmente. – Mas não se preocupem; ela está mandando substitutos para cuidar de vocês.

Conner soltou um grunhido.

– Ah, que ótimo – disse ele, com uma intensa revirada de olhos. – Quem vai ser nossa babá agora? Bingo e a fada dos dentes?

– Não. A Mamãe Ganso – Xanthous informou.

Alex e Conner olharam para ele com cara de nada e depois um para o outro. Ele estava falando sério? Xanthous não parecia ter muito senso de humor.

– O que foi? – Xanthous perguntou, sem sinal de sarcasmo. – Estou falando sério. Ela vem esta noite, voando da Europa.

– A Mamãe Ganso? – perguntou Conner. – Tipo, a Mamãe Ganso de “Jack e Jill subiram a colina”?

– Sim, é claro que é *essa* Mamãe Ganso – disse Xanthous, olhando para Conner como se este tivesse perdido o juízo. – Existe alguma *outra* Mamãe Ganso?

– O que ela está fazendo na Europa? – indagou Alex.

– Alguém tem de continuar o trabalho de contar histórias enquanto sua avó lida com a crise em casa – disse Xanthous. – Mas eu não mencionaria Jack e Jill à Mamãe Ganso se fosse vocês, a não ser que queiram ouvi-la falar sobre conspirações durante a noite inteira. Ela sempre foi uma pessoa um pouquinho... bem... *difícil*.

Mamãe Ganso era o único membro da Assembleia dos Felizes para Sempre que os gêmeos não haviam conhecido na Terra de Histórias, e, por isso, estavam ansiosos por finalmente encontrá-la. Entretanto, a mulher que esperavam que ela fosse e a mulher que ela realmente era eram *gansos* muito diferentes.

Pouco depois da meia-noite, os dois foram acordados pelos gritos de Lampton:

– Ela está aqui! Ela está aqui! A Mamãe Ganso está aterrissando!

Os gêmeos desceram correndo a escada e seguiram Xanthous e Lampton até o quintal dos fundos. Olharam para o céu noturno, porém não viram nada além de estrelas e da lua.

– Não estou vendo nada – disse Conner.

– Confie em mim – disse Lampton, com as orelhas em pé. – Eu posso ouvi-la.

De repente uma grande silhueta passou voando em frente à lua. Um enorme objeto se aproximava deles velozmente. Os gêmeos apertaram os olhos para tentar ver o que era. Quanto mais perto chegava, mais claramente eles viam, montada nas costas de um gigantesco ganso branco, nada menos que a própria Mamãe Ganso.

– Tenho de admitir: quando você disse que ela vinha voando, não foi isso que imaginei – disse Conner.

– Calma, Lester! Devagar, garoto! – Mamãe Ganso gritou em uma voz rascante.

Ela puxou as rédeas de sua grande ave.

Aproximavam-se tão depressa que os gêmeos e Lampton mergulharam para baixo de uma mesa no pátio a fim de se protegerem. Xanthous permaneceu exatamente onde estava, nem um pouco assustado – ele já tinha visto Mamãe Ganso aterrissar.

O ganso pousou no chão com tamanho baque que a casa inteira estremeceu. A sensação foi de um miniterremoto.

– Bom Deus, Lester! Você chama isso de aterrissagem?! – Mamãe Ganso repreendeu o ganso tamanho-cavalo. – Meteoros colidem com impactos menores do que esse, seu ganso estúpido!

Lester revirou os olhos, ou pelo menos os gêmeos tiveram essa impressão. Seus pés palmados se achavam plantados fundo na grama, e ele lutava para arrancá-los.

Mamãe Ganso era uma mulher idosa, baixa e robusta. O cabelo cinzento aparecia por baixo de um chapéu de peregrino preto e pontudo, com uma fivela de prata na frente. Usava um folgado vestido verde, grandes botas e grossos óculos de aviador.

– Ao menos estamos no lugar certo? – ela perguntou, olhando em volta. – Não consigo encontrar meu mapa... É por isso que preciso instalar um GPS na sua nuca.

Os óculos faziam seus olhos parecer enormes e obviamente prejudicavam sua visão, pois ela não enxergou Xanthous plantado bem à sua frente.

– Olá, Mamãe Ganso – disse Xanthous com o pouco entusiasmo de que era capaz. – Você está no lugar certo. Bem-vinda ao lar Bailey.

– Xanny, é você? – Mamãe Ganso perguntou e tirou os óculos. Seu rosto estava vermelho, castigado pelas intempéries durante o voo. – Ah, Xanny, estou tão contente em vê-lo! Eu estava com medo de que Lester tivesse nos levado para Tijuana outra vez. Ele adora o México.

Xanthous contraiu-se ao ouvir o apelido.

– Tirando o pouso, espero que o resto da viagem tenha sido tranquilo.

Mamãe Ganso pulou de cima de Lester com dificuldade.

– Ah, foi ótimo, foi ótimo – disse ela. – Menos quando o futuro recheio de travesseiro aqui colidiu com um 747 acima de Pittsburgh. Ave estúpida!

Lester balançou a cabeça lentamente. Era óbvio que ele tinha uma visão diferente da história.

– Aqueles malditos aviões ficaram tão grandes que não deixam muito espaço no céu para o restante de nós – disse Mamãe Ganso. – Eu nunca deveria ter encorajado os irmãos Wright... O maior engano da minha vida!

Ela fez alguns exercícios de alongamento, e as juntas de suas costas estalaram como fogos de artifício. Alex, Conner e Lampton saíram cautelosamente de seu abrigo sob a mesa e se aproximaram dela.

– Mamãe Ganso, deixe-me apresentar os gêmeos – começou Xanthous. – Estes são Alex e Conner...

– Sim, sim, sim... Já encontrei os pirralhos antes – disse Mamãe Ganso. Ela pôs as mãos nas cadeiras e mediu-os de cima a baixo.

– Você nos encontrou? – perguntou Conner.

– Foi anos atrás, quando vocês eram bebês. Eu os visitei com sua avó – disse Mamãe Ganso. Ela apontou para Alex e depois para Conner. – Se a memória não me falha, *you* não parava de chorar, e *you* fez xixi em mim quando fui trocar sua fralda. – Ela se inclinou para perto deles, fitando-os seriamente. – Eu deixei passar na primeira vez, mas é melhor que a história não se repita.

Alex e Conner engoliram em seco juntos: agora entendiam o que Xanthous queria dizer. Mas a cara séria de Mamãe Ganso se desfez em um sorriso gigante, e ela gargalhou ruidosamente.

– Relaxem, crianças! Estou só puxando as penas de seu curanchim! – disse ela, voltando-se para Lester e retirando uma grande cesta das costas do ganso. – Pode levar minha bagagem para dentro, menino? – Ela enfiou a pesada cesta nos braços de Conner, que gemeu sob o peso.

– E você... – Mamãe Ganso virou-se para Alex – Você se importaria de trazer para Lester um balde de verduras? Ele precisa comer depois de uma viagem tão longa. Só não traga brócolis; lhe dão gases.

O ganso olhou para ela com olhos grandes e bico aberto – chocado com a divulgação de uma informação tão pessoal.

– Não olhe para mim desse jeito, Lester, é verdade! – disse Mamãe Ganso.

– Você quer que *eu* o alimente? – disse Alex, nervosa, e se afastou da ave descomunal.

– Não tenha medo do Lester, querida – Mamãe Ganso falou. – Ele é todo grasnido e nenhum gingado.

Xanthous e Lampton escoltaram Mamãe Ganso para dentro da casa. Conner arrastou a cesta atrás de si; era tão pesada que quase lhe causou uma hérnia de disco. Alex entrou na cozinha e jogou todas as verduras que encontrou em uma grande tigela.

Mamãe Ganso olhou em volta da casa alugada dos Bailey.

– Nada mau, nada mau.

– É apenas uma casa alugada – disse Conner. – Estamos aqui há poucos anos.

– Eu fiquei com a velha que morava num sapato muito tempo antes de ela mandar reformá-lo – contou Mamãe Ganso. – Acredite, depois daquilo, qualquer outra coisa parece um palácio. Nunca vou esquecer aquele cheiro.

– Ela se tornou uma espécie de prisão para nós recentemente – disse Conner.

– Rapazinho, eu *visitei* muitas prisões e *fui visitada* em muitas prisões... Isto não é uma prisão – ela falou. – Quer pôr a minha cesta junto à lareira, por favor?

Conner arrastou a cesta até a lareira tal como lhe foi ordenado. Mamãe Ganso

enfiou as mãos dentro dela e tirou uma enorme cadeira de balanço de madeira. Conner não pôde acreditar em seus olhos; a cadeira era muito maior do que a cesta. Ele se perguntou o que mais ela enfiara magicamente lá dentro.

Mamãe Ganso sentou-se na cadeira de balanço e chutou suas botas. Seus pés eram surpreendentemente pequenos para alguém que usava botas tão grandes.

– Xanny, você quer acender isso para mim, por favor? – perguntou Mamãe Ganso e acenou com a cabeça para a lareira.

Relutantemente Xanthous deu um piparote no ar, na direção da chaminé. Uma bola de fogo se lançou de seu dedo e voou até a lenha.

– Obrigada, Xanny – disse Mamãe Ganso. – Imagino que não poderia convencer nenhum de vocês a massagear meus pés?

Conner e Xanthous apenas olharam para ela com uma expressão que dizia “definitivamente não”. Mamãe Ganso encolheu os ombros.

– Desculpem por perguntar – ela falou.

Alex voltou à sala depois de alimentar Lester e juntou-se ao irmão.

Outro clarão encheu o recinto; dessa vez não havia envelope, porém uma porta branca apareceu no meio da sala. Alex e Conner se entreolharam, sabendo que ela levava ao mundo dos contos de fada. Sentiram-se tentados a correr para ela, mas sabiam que seriam impedidos se o fizessem.

– Aquilo é para nós – disse Xanthous para Lampton. – Tem certeza de que pode lidar com isto, Mamãe Ganso? Tenho mantido os soldados em um regime severo. Dois deles devem ficar de guarda na casa o tempo todo enquanto o resto se reveza entre descansar e guardar o lado de fora...

– Sim, sim, sim, eu conheço os procedimentos – disse Mamãe Ganso, balançando-se na cadeira. – Este não é meu primeiro rodeio, Xanny. Venho cuidando de confinamentos desde que você ainda era um palito de fósforo. Vou manter os pequeninos em segurança, não se preocupe.

– Muito bem – disse Xanthous em um tom irritado. Suas chamas tremeluziam mais rápido que nunca. – Venha comigo, Sir Lampton.

O cão correu para a porta.

– Até logo, crianças – disse Lampton. – Por favor, fiquem em segurança. Espero vê-los em breve.

Xanthous abriu a porta para Lampton, que a atravessou correndo. Xanthous passou para o lado de dentro, mas olhou de novo para os gêmeos antes de fechá-la.

– Respeitem os desejos de sua avó – disse e fechou a porta atrás de si.

A porta desapareceu, e os gêmeos se sentiram mais desanimados do que nunca.

Mamãe Ganso aguardou que eles partissem e então começou a cavoucar sua cesta.

– Onde eu pus o espumante? – perguntou a si mesma. Seu braço inteiro se achava

dentro da cesta, à procura. – Ah, aqui está – disse ela, retirando uma grande garrafa térmica de metal. Tomou um gole gigante e soltou um suspiro: – *Aahhh*.

Alex e Conner se entreolharam com o canto dos olhos, e pequenos sorrisos apareceram no rosto deles.

– Estão rindo do quê? – perguntou Mamãe Ganso.

– Nada – disse Alex, e apagou o seu sorriso.

– Você não é exatamente o que esperávamos – disse Conner, e seu sorriso ficou duas vezes maior.

– E o que isso significa? – perguntou Mamãe Ganso, com uma sobrancelha erguida. Conner encolheu os ombros.

– Eu meio que sempre esperei que você fosse, bem, um ganso gigante de barrete que lia versinhos para crianças pequenas.

– Essa é uma ideia equivocada muito comum – disse Mamãe Ganso, tomando outro gole de sua garrafa térmica. – Às vezes Lester gosta de usar os meus barretes; isso o faz se sentir elegante, mas gera confusão com minha imagem. Não olhe para mim desse jeito, Lester! Se você não quer que as pessoas falem, não faça!

Lester a fitava do quintal dos fundos, através da janela. Seu bico estava escancarado, e os olhos, apertados. Ele então se acomodou na grama e tratou de dormir, constrangido o bastante para um único dia.

– Ele é tão sensível... – disse Mamãe Ganso.

– Onde você encontrou um ganso gigante? – perguntou Alex.

– Eu o tenho há anos. Estava jogando cartas com um par de ogros na Floresta dos Anões e ganhei um ovo de ouro gigante. Fiquei tão empolgada... embora eu fosse rica! Vocês podem imaginar meu desapontamento quando Lester saiu dele no dia seguinte.

– Uau! – disse Conner. Ele não sabia o que era mais interessante: o fato de que Lester nascera de um ovo de ouro gigante ou o de que Mamãe Ganso era uma jogadora.

– Ah, bem – Mamãe Ganso falou e tomou mais um gole do espumante. – Eu o coloquei para trabalhar com o passar dos anos. Ele tem sido meu principal meio de transporte. Odeio aviões comerciais, fico mareada se viajo em navios, e minha licença para dirigir foi suspensa há tempos.

Quanto mais ela bebia, mais pesados ficavam seus olhos e mais solto ficava seu pescoço, pois sua cabeça começou a girar. Mamãe Ganso ergueu a garrafa térmica para os gêmeos.

– Me desculpem, vocês querem um pouco?

– Acho que não temos permissão para beber o que quer que haja aí dentro – disse Alex.

– Você que sabe – disse Mamãe Ganso.

Alex estava começando a ter sérias reservas em relação a ela. Conner ergueu para Mamãe Ganso um olhar reverencial; ela estava aos poucos se tornando sua personagem de contos de fadas favorita, de todos os tempos.

Ele olhou dentro da cesta.

– O que mais tem aí dentro? – perguntou Conner. – Aquilo são passaportes?

Mamãe Ganso rapidamente fechou a tampa da cesta e olhou feio para ele. Conner soltou um riso escusatório.

– Desculpe – disse ele. – Eu não queria invadir sua privacidade, só tive curiosidade de saber por que você tem tantos...

– Olhem, meninos – ela disse, irritada. – Quando você vive tanto tempo quanto eu e viaja tanto quanto eu, faz alguns inimigos pelo caminho. Não sou como sua avó; não me dou bem com qualquer um. Algumas culturas e países, que me abstenho de citar, não apreciam uma dama de opiniões fortes como eu.

Mamãe Ganso balançou a cabeça confiantemente para si mesma e tomou mais um gole. Alex e Conner balançaram a cabeça junto com ela, com medo de discordar.

– Tenha sempre um plano B e um amigo com dinheiro para a fiança, essa é sua melhor garantia de segurança – disse Mamãe Ganso, tomando outro gole. – Esse é meu lema.

Suas palavras estavam começando a se arrastar, e seus olhos passaram a vacilar à medida que ficaram mais pesados.

– Em que lugar da Europa você esteve? – perguntou Alex, numa tentativa desesperada de mudar de assunto.

– Estive em um hospital infantil na Ucrânia, depois dei uma passada em um orfanato na Albânia.

Os gêmeos se entreolharam para conferir se o outro havia notado a mesma coisa: quanto mais ela bebia, mais parecia fazer rimas.

– Que histórias você lia para elas? – perguntou Conner, impedindo-a de cair na inconsciência. Ele estava se divertindo tanto que não queria deixar aquilo acabar.

– Lia para eles “Jack e Jill”, “A pequena Miss Muffet”, o usual; mas eles eram durões, me diziam para cair na real. – Ela bocejou, porém manteve os olhos abertos, empolgada com o novo tópico. – Muffet pode ser um pouco diva todo dia, mas não pode escapar da sua grave aracnofobia.

Não havia como negar: Mamãe Ganso estava em pleno modo rimado.

– Maneiro – riu Conner. – E que tal Jack e Jill? Eu sempre quis saber o que eles *realmente* estavam fazendo naquela colina.

Alex deu-lhe uma cotovelada. Mamãe Ganso endireitou o corpo na cadeira de balanço. Conner viu que o que quer que ela estava prestes a contar ia ser bom. Alex não tinha tanta certeza se queria ouvir.

– Jack e Jill subiram a colina sob a alegação de água buscar – disse Mamãe

Ganso. – Jack caiu, e a coroa quebrou porque Jill o empurrou. Mas ninguém a conseguiu pegar!

– Sem chance! – disse Conner, com um sorriso intrigado.

Mamãe Ganso balançou a cabeça para cima e para baixo, concordando languidamente.

– Por que Jill empurrou Jack da colina? – perguntou Alex.

Mamãe Ganso deu uma risadinha consigo mesma.

– Jack é ágil, Jack é batuta. Mas Jack pode ser um grande filho... – Ela se interrompeu antes de terminar o pensamento, talvez lembrando-se de que estava falando com jovens de treze anos. – Acho que já bebi muito espumante para uma noite. De qualquer forma, é hora de ir para a cama.

Mamãe Ganso pôs a garrafa térmica na cesta e expulsou os gêmeos. Sua cabeça encostou no peito, e ela caiu em um sono profundo na cadeira de balanço. Roncava como um urso cinzento.

– Eu gosto dela! – disse Conner, com um sorriso bobo, enquanto subia a escada para a cama.

– Ela é um tanto tagarela, não é?

– Com certeza. E fica realmente chumbada depois de uns goles do que quer que seja que estivesse bebendo.

Alex parou no meio da escada e olhou para a guardiã adormecida atrás deles.

– Sim, certamente fica... – Ela começou a desenhar um plano em sua cabeça.



Alex se debateu e se virou na cama a noite inteira, tendo o pior pesadelo de sua vida. Começou com o sonho que ela vinha tendo havia meses: ela e o irmão correndo alegremente pelo bosque apenas para serem deixados do lado de fora do chalé da avó. Entretanto dessa vez, quando olharam através da janela, não viram a avó, mas a mãe. Ela chorava e sussurrava “ajudem-me!” sem parar, até que Alex acordou.

Tremendo e transpirando, começou a chorar. Sabia que não era apenas um sonho. A mãe poderia estar em sério risco, ou seriamente ferida.

Alex não podia mais viver assim. Precisava de qualquer jeito descobrir o que estava acontecendo.

Mais tarde, quando o resto da casa já havia acordado, Alex desceu e encontrou Conner, Mamãe Ganso e Bob tomando café da manhã.

– Bom dia – disse Bob. – Dormiu bem?

– Eu não dormi – disse Alex.

– Parece que tivemos noites parecidas – Conner falou, olhando para ela também com olheiras.

– Vou lhe servir um pouco de cereal – disse Mamãe Ganso. Ela foi até a cozinha e em uma tigela despejou o leite e o cereal da caixa de Aveia em Flocos da Mamãe Ganso. A ilustração de uma Mamãe Ganso muito mais alegre e sorridente estampava a caixa.

Ela pôs a tigela de cereal na frente de Alex, que disse:

– Flocos de ganso? Devo perguntar?

– Não me julgue – falou Mamãe Ganso. – Normalmente eu detesto as representações da minha pessoa neste mundo... São tão degradantes. Mas tentei manter a mente aberta em relação a este cereal quando o lançaram, e fiquei viciada desde então.

Alex encolheu os ombros e o provou – não era nada mau.

– Mamãe Ganso estava justamente explicando a Bob tudo sobre o mundo dos contos de fadas – disse Conner.

– Uma coisa fascinante – disse Bob. Ele estava ansioso por continuar a conversa. – Me corrija se eu estiver errado, mas você e as outras fadas estão por aí há centenas de anos, viajando entre os mundos e contando histórias para crianças carentes?

– Resumindo a uma casca de ovo de ouro, é isso – disse Mamãe Ganso.

– Então você deve ter milhares de anos de idade – disse Bob.

Mamãe Ganso lançou-lhe um olhar fulminante.

– Vamos com calma, vaqueiro – ela falou. – Não me entenda mal, eu sou mais velha que a poeira, mas não tão velha quanto você pensa. Este mundo costumava andar muito mais depressa que o nosso. Vocês tiveram uma porção de eras e períodos diferentes: a Idade Média, a Renascença, o Iluminismo, a Era Industrial e, agora, a Era Moderna... Nós só tivemos três, que eu me lembre.

– E quais foram? – Alex perguntou, ávida por aprender um pouco da história do mundo dos contos de fada.

– Deixe-me pensar – disse Mamãe Ganso. – Tivemos a Idade dos Dragões, a Idade da Mágica e estamos atualmente na Era Dourada. Bem, costumava ser a Era Dourada até todo este drama acontecer.

– A Idade dos Dragões? – perguntou Conner, excitado. – Você quer dizer que havia dragões no mundo dos contos de fada?

– Toneladas deles! – disse Mamãe Ganso. – Era uma loucura! Desastres e churrascos por todos os lados! Eles estão extintos agora, como os seus dinossauros.

– Você chegou a ver um? – Conner questionou.

– Eu costumava combatê-los, muito tempo antes de me dedicar à mágica e à contação de histórias – disse Mamãe Ganso, com um sorriso orgulhoso.

Conner a fitou com olhos apertados.

– Você está gozando da minha cara?

Mamãe Ganso enrolou a manga e mostrou a ele uma grande marca de queimadura no antebraço.

– *Isto* não foi na cozinha, garoto.

Conner apenas olhou para ela, boquiaberto. Nunca se impressionara tanto com alguém, e Mamãe Ganso desfrutou ao máximo a admiração.

– Você estava por aqui durante a Idade Média e a Renascença? – Alex perguntou.
– Deve ter visto muitas pessoas e lugares!

– Eu comecei a Renascença, meu bem – disse Mamãe Ganso, como se falasse de um chá dançante que dera.

Os gêmeos sentiram que estavam sendo enganados agora.

– Verdade! – Mamãe Ganso assegurou. – Éramos somente eu, sua avó, Rosette, Skylene e Violetta naquela época. Estávamos tão entediadas no mundo humano que uma noite resolvi dar uma grande festa. Nos divertimos um bocado. E só sei que, quando voltamos algumas décadas mais tarde, toda a Europa havia nos copiado.

– A nossa avó estava presente? – perguntou Conner.

– Ah, sim – disse Mamãe Ganso. – Ela era muito divertida naquela época. Depois que teve seu pai, ficou tão *maternal*. Foi assim que ganhou seu título, a Fada Madrinha, por ser doce e maternal com todo mundo. – Alex e Conner trocaram um olhar. Por mais descontentes que estivessem com a avó, quanto mais sabiam sobre ela, mais incrível ainda ela se tornava.

– Vocês sabem – continuou Mamãe Ganso –, Leonardo da Vinci e eu tivemos uma pequena aventura.

Alex deixou cair o queixo.

– Eu não acredito! – disse ela. – Agora você está inventando coisas!

Mamãe Ganso revirou os olhos e, completamente séria, encarou Alex.

– Por que você acha que ele tentou construir aquela máquina voadora? Estava tentando acompanhar a mim e Lester. Ei, Lester, conte a essas crianças que eu namorei Leonardo! Elas não acreditam!

Lester apareceu na janela da cozinha. Ele balançou a cabeça positivamente, confirmando a informação para os gêmeos. Os dois ficaram atônitos.

– É claro, eu não era conhecida como Mamãe Ganso na época. Meu codinome era Mona Lisa.

– Você é a Mona Lisa?! – perguntou Conner.

– A famosa pintura?! – indagou Alex.

– Por que os adolescentes sempre acham que as pessoas estão mentindo para eles? Não tenho nenhuma razão para ser desonesta com vocês – disse Mamãe Ganso. – Leo, como eu costumava chamá-lo, me fazia rir. Isso fica claro pelo meu retrato.

Alex e Conner a olharam com a boca escancarada. Não sabiam mais no que

acreditar.

– Por que você tinha um codinome? – Conner perguntou.

– Já falei, tenho inimigos! – disse Mamãe Ganso. – Tive diversos nomes de guerra através dos anos... Guinevere, Mona Lisa, Lady Godiva... eu fui todas essas. Mas agora me apresento simplesmente como Mamãe Ganso. Me cai melhor.

Bob estava tão perplexo quanto os gêmeos. Sentado ali, ele, um homem de educação e ciência, perdia pouco a pouco a fé em tudo o que pensava conhecer.

– Então você e as fadas disseminaram os mesmos contos de fadas durante esse tempo todo? – perguntou.

– Nós os disseminamos à medida que acontecem – Mamãe Ganso falou. – Nosso período mais recente teve o maior dos impactos neste mundo: as histórias de Bela Adormecida, Branca de Neve, Cinderela, blá-blá-blá. É por isso que o chamamos de Era Dourada. Infelizmente, quanto mais depressa este mundo começou a se desenvolver, mais depressa pareceu andar em comparação ao nosso. Ficamos com medo de que as histórias se perdessem com o passar do tempo, assim recrutamos algumas pessoas neste mundo para nos ajudar.

– Como os Irmãos Grimm? – perguntou Bob, começando a entender.

– Os Irmãos Grimm, Hans Christian Andersen, Walt Disney... – Mamãe Ganso listou. – Mas nós paramos de recrutar apadrinhados e, na maior parte, atuamos sozinhos hoje em dia. Além do que as coisas ficaram tão calmas em nosso mundo depois que a Assembleia dos Felizes para Sempre foi formada que precisávamos de algo para fazer.

– A Assembleia dos Felizes para Sempre? – perguntou Bob.

– É tipo as Nações Unidas deles – disse Alex. – Todos os reis e rainhas assinaram um tratado para regulamentar a paz.

– Todos os reis e rainhas, a Fada Madrinha, o Conselho das Fadas e eu formamos a assembleia. Nós somos guardiões do tratado desde que foi criado – disse Mamãe Ganso. – Tem funcionado realmente bem. Nosso mundo permaneceu bastante pacífico... bem, até *agora*, quer dizer.

Mamãe Ganso deu uma olhada para os gêmeos – fora-lhe dito que não deveria tocar no assunto da atual situação.

Bob assentiu levemente com a cabeça.

– Acho que estou começando a entender tudo – disse. – Exceto por uma coisa: você disse que havia uma diferença de tempo entre os mundos? O que aconteceu?

Mamãe Ganso fez um gesto na direção dos gêmeos.

– Esses dois apareceram – ela falou, com um sorriso. – Eles são as primeiras crianças descendentes de ambos os mundos e, de algum modo, os interligaram. A mágica funciona de maneira misteriosa, sempre foi assim.

Bob olhou para os gêmeos com um sorriso impressionado no rosto.

– Nós somos, tipo assim, muito importantes – disse Conner. Bob sorriu para ele.

– Bem, quando a gente *acha* que conhece alguém... Não é, crianças? – falou e deu uma piscadela.

Bob saiu para o trabalho menos de uma hora depois, e os gêmeos começaram mais um dia de perambulação pela casa, tendo apenas suas preocupações para se entreter. Já estavam muito cansados de ter as mesmas coisas girando na cabeça.

Os dois dias que se seguiram não foram tão tensos quanto a última semana. Mamãe Ganso não era tão rígida quanto Xanthous, o que era um enorme alívio para os gêmeos. Os soldados precisavam acordá-la no meio de suas sonecas para lembrar-lhe dos “turnos dos anões”.

O humor de Alex melhorou ao notar quanto Conner se ligara à Mamãe Ganso. Os dois se tornaram praticamente inseparáveis. Durante o dia eles se sentavam à janela para olhar a entrada da casa e pregar peças no carteiro (Mamãe Ganso mexia uma orelha e magicamente mudava de lugar a caixa de correio sempre que ele virava as costas). Depois do jantar, se não estivessem assistindo à luta livre profissional, Mamãe Ganso e Conner jogavam cartas com os soldados. Ela até lhe ensinou a esconder um ás na manga.

Alex não contou nada a ele sobre o plano que havia dias se formava em sua cabeça. Já se sentia suficientemente culpada por não cumprir sozinha os desejos da avó; não queria arrastar o irmão consigo.

Uma noite Conner foi para a cama cedo, e Alex permaneceu acordada, de olho na Mamãe Ganso, que se achava sentada à mesa da cozinha, com a garrafa térmica na mão, relembando com os soldados o mundo dos contos de fadas. Alex podia ver que ela estava se divertindo um pouco demais, porque seus olhos tinham um aspecto vidrado e ela arrastava e rimava as palavras.

– Vou lhes dizer que, no entanto, desde jovem não ria tanto, na banheira de um haras flertando com três caras! – Mamãe Ganso ria e passava a garrafa térmica em redor da mesa. Cada soldado tomava um longo gole, e, com o tempo, os olhos deles também começaram a querer fechar.

– Mamãe Ganso, posso confessar uma coisa? – disse tristemente um dos soldados. Eu era um dos homens do rei que tentaram juntar os pedaços de Humpty Dumpty. Sei que vocês eram muito chegados; sinto muito por não termos podido ajudá-lo.

Os olhos de Mamãe Ganso se encheram de lágrimas com a lembrança de seu falecido amigo e da noite do trágico acidente que o vitimara.

– Humpty e eu nos sentamos no muro, Humpty e eu nos divertimos no duro. De repente, Humpty caiu do bardo, porque, pobre Humpty, já estava mamado. Sinto tanto a falta daquele ovo!

Mamãe Ganso enterrou o rosto nas mãos e chorou lágrimas embriagadas por

alguns minutos.

Ela acordou alguns instantes depois, pegou a garrafa térmica e sentou-se na cadeira de balanço, junto à lareira.

Estalou os dedos, e fogo surgiu na chaminé. Tentou tomar um último gole da garrafa térmica, porém ficou desapontada ao descobrir que ela e os soldados haviam bebido tudo. Era o momento pelo qual Alex estava aguardando.

Alex entrou furtivamente na cozinha e resgatou a garrafa de champanhe que Bob comprara na noite do pedido de casamento. Esperava fazer bom uso dela nessa noite.

Mamãe Ganso começou a cochilar de novo quando foi surpreendida por um forte *pop!* Alex abriu a garrafa de champanhe bem às suas costas.

– Aceita um refil? – perguntou a garota, fazendo um gesto para a garrafa térmica vazia, que Mamãe Ganso segurava com força.

– Oh, é muita gentileza – disse Mamãe Ganso, um pouco desconcertada. Ela ergueu a garrafa térmica, e Alex a encheu até a boca, pondo a garrafa de champanhe de lado.

– Você tem a mão pesada; é meu tipo de menina – disse Mamãe Ganso e tomou o primeiro gole. – Isto é coisa boa. Você tem certeza de que não está sendo guardada para uma coisa especial?

– Bob estava guardando para quando fosse propor casamento à mamãe, mas tudo isso dançou quando ela foi raptada – Alex disse impacientemente e sentou-se no chão, ao lado da cadeira de Mamãe Ganso.

– Crianças tão boas e fáceis de gostar não deveriam passar pelo que tiveram de aguentar – disse Mamãe Ganso tristemente e afagou carinhosamente o cabelo de Alex. Seus olhos estavam tristes e ficavam cada vez mais pesados a cada gole que ela dava na garrafa térmica. Alex a tinha quase onde queria. *Quase.*

– Conner e eu passamos por muita coisa juntos e sempre fomos capazes de lidar com tudo o que apareceu em nosso caminho – disse Alex. – Então você pode imaginar por que é tão frustrante não saber de nada. Não importa quão rápido crescamos, ainda somos tratados como crianças.

Roncos fortes vieram da Mamãe Ganso; ela tinha adormecido. Alex a cutucou até acordá-la de novo.

– Hummm? – fez Mamãe Ganso, com um olho aberto. – O que você estava dizendo, meu bem?

Alex pensou depressa. Mamãe Ganso se achava em algum lugar entre a consciência e o mundo dos sonhos, e Alex queria tirar o máximo proveito disso.

– Você estava justamente me contando sobre como a situação está ruim no mundo dos contos de fadas – disse Alex, assentindo com a cabeça um pouco convincentemente demais.

Mamãe Ganso balançou a cabeça para cima e para baixo.

– As coisas estão ruins, não há o que preste, trepadeiras e espinheiros ainda cobrem o Leste – disse ela, correndo o olhar entorpecido em volta do cômodo. – Acho que tomei espumante demais, a sala está girando...

– Isso é terrível – disse Alex, e imediatamente colocou mais bebida na garrafa térmica de Mamãe Ganso. – Mas a Assembleia dos Felizes para Sempre certamente pode lidar com trepadeiras e espinheiros, não é?

Alex empurrou a garrafa para ela. Mamãe Ganso tomou mais um gole.

– Trepadeiras e espinheiros não são coisa tão perigosa, é a mágica por trás que é por demais poderosa – disse Mamãe Ganso. – Eles tentaram achá-la antes que atacasse, e, sem tempo e sem sorte, nós ficamos num impasse. – Ela deixou cair a cabeça no peito e adormeceu de novo. Alex a sacudiu até acordá-la. Dessa vez foi mais difícil. – Me desculpe, querida, eu não queria ficar caindo no sono no meio da conversa – Mamãe Ganso estava praticamente vesga de exaustão. – O que você estava dizendo?

Alex pensou depressa outra vez.

– Eu só estava dizendo que espero que vocês encontrem essa pessoa, seja ela quem for.

Mamãe Ganso assentiu com um gesto. Ela tocou gentilmente o rosto de Alex.

– Não precisa ficar em agonia, eles logo encontrarão Ezmia.

Alex nunca ouvira esse nome antes.

– *Ezmia*? – perguntou ela. – Quem é Ezmia?

Os olhos de Mamãe Ganso dobraram de tamanho. Se ela não tivesse bebido tanto, teria se apurcado repentinamente na cadeira. Alex sabia que essa era parte das informações que Mamãe Ganso deveria esconder dela e do irmão.

– Oh, céus – Mamãe Ganso falou e soluçou. – Por favor, não conte à sua avó o que eu disse.

– Não vou contar, juro – Alex prometeu. Mamãe Ganso deixou o corpo afundar em alívio. – Desde que você me conte quem ela é.

Mamãe Ganso ficou o mais tensa que permitia todo o espumante em seu sistema.

– Eu não posso, prometi à sua avó que não diria uma palavra!

– Então não diga; *rime* – disse Alex. Ela se pôs em pé e, mais desesperada do que nunca por informações, olhou bem dentro dos olhos de Mamãe Ganso. – Eu vou acabar descobrindo. É apenas uma questão de tempo... Então, por favor, apenas me conte, quem é Ezmia?

Mamãe Ganso olhou em volta para se certificar de que as duas estavam sozinhas e deu um gole final na garrafa térmica. Desviou os olhos de Alex para o fogo na lareira, pois não queria que os seus olhares se cruzassem enquanto dava a informação que jurara não dar.

– Durante anos, morta o mundo a presumia, o seu paradeiro era mistério, e dela ninguém sabia. Planejando nas sombras permanecia, e a terrível vingança era tudo o que queria. Levada pelo ódio e séculos de sofrimento, o medo suprimido será de amanhã o tormento. Fracassada que foi a maldição de morte da princesa, ela agora visa o último alento de um mundo sem defesa. “Felizes para sempre” será uma coisa passada, pois a Feiticeira voltou bem preparada...

Mamãe Ganso fechou os olhos, dessa vez não de fadiga, mas de vergonha. Alex escutara atentamente cada palavra.

– A *Feiticeira*? – perguntou Alex, juntando as partes da rima. – A Feiticeira que tentou matar Bela Adormecida está de volta?

– Sim. O nome dela é Ezmia, e ela está com sua mãe...

O queixo de Mamãe Ganso caiu no peito, e ela entrou no sono mais profundo que Alex já vira. Seus roncos encheram a casa silenciosa.

Os olhos de Alex vasculharam a sala. Seu coração estava disparado. Ela precisou recuperar o fôlego, pois saber aquela informação a deixara sem ar. Era como se o seu cérebro tivesse mudado para o piloto automático. Ela subiu correndo a escada e entrou em seu quarto. Despejou todos os livros escolares e materiais que estavam na mochila e enfiou nela todas as roupas que conseguiu. Jogou um suéter por cima da cabeça e calçou os tênis de corrida.

Alex desceu a escada depressa e entrou na cozinha. Abasteceu-se de todos os alimentos e demais itens que sabia serem necessários em uma longa viagem: facas, fósforos, garrafas de água etc. Nem sequer foi muito cuidadosa ao passar pelos soldados que dormiam sobre a mesa. Ainda que fosse pega fugindo em disparada, estava tão determinada que achava que ninguém nem coisa alguma poderia detê-la.

Saiu pela porta da frente e empurrou sua bicicleta da varanda até a rua. Fitou todos os anões às suas costas, os quais, embora permanecessem impassíveis, estavam tudo menos isso, como ela bem sabia.

– Eu sei que vocês não podem me deter, porque não estou em perigo! – Alex lhes gritou. – Ainda não – completou em voz baixa.

Pedalou para dentro da noite o mais depressa que pôde, sabendo que era apenas uma questão de tempo até que um dos soldados ou a Mamãe Ganso viesse atrás dela. Alex não tinha nenhum grande plano, mas sabia para onde se dirigia: estava indo para o chalé da sua avó, nas montanhas.

As viagens que a família costumava fazer para visitar a avó quando ela e o irmão eram pequenos sempre levavam umas duas horas de carro, portanto Alex sabia que tinha uma longa jornada de bicicleta pela frente. Mas, se existia um lugar onde ela encontraria algo da avó para “acionar” ou “ligar” que lhe desse uma entrada para o mundo dos contos de fadas, sabia que era aquele.

Alex deu uma última olhada para sua casa antes de desaparecer. Uma vizinha

dentro dela lhe disse que um longo tempo se passaria antes que a visse outra vez, mas a garota acolheu a sensação. Não se importava com os desejos da avó; Alex encontraria um meio de entrar na Terra de Histórias e salvar sua mãe – ainda que morresse tentando.



CAPÍTULO 8

O chalé

Na tarde seguinte, Alex acordou em um campo relvado. Olhou em volta e resmungou para si mesma. Passara a noite inteira pedalando e só saíra da estrada para descansar por um momento. Claramente o momento durara algumas horas a mais do que havia planejado.

Ela se encontrava no pé da montanha montanhas onde ficava o chalé da avó. Um bom tempo se passara desde a última vez em que ela e o irmão estiveram lá, portanto era difícil se lembrar da direção exata. Quando as colinas gradualmente começaram a se elevar em um terreno montanhoso, Alex parou em um minúsculo posto de gasolina e comprou um mapa. Orientar-se tornava-se mais difícil à medida que as estradas mudavam de sentido e se bifurcavam para dentro das montanhas. Ela olhava para a frente e para trás no mapa enquanto prosseguia, certificando-se de estar viajando para o nordeste. Lembrava-se de que os seus pais dirigiam para o nordeste até não haver mais estradas.

Alex sentia-se culpada por deixar o irmão em casa, mas não queria arrastá-lo para seu plano impulsivo. Entretanto, quando a noite caiu e Alex foi forçada a montar sozinha um pequeno acampamento fora da estrada, ela realmente desejou que o irmão estivesse lá para fazer-lhe companhia.

Não conseguiu decidir se era mais perigoso viajar pelos bosques do mundo dos contos de fada ou pelos de seu próprio mundo. Muito embora não houvesse grandes lobos maus com que se preocupar, tinha certeza de que ainda havia lobos comuns por perto.

Mas, se não era capaz de lidar com um único lobo agora, como iria derrubar uma poderosa feiticeira quando a encontrasse? Ela duvidava que, brandindo um grande pedaço de pau, poria a correr a mulher que amaldiçoara um reino inteiro por uma centena de anos.

Quanto mais pensava nisso, menos sentido fazia. O que essa Ezmia queria com

sua mãe, afinal? Como ela chegou até sua mãe, para começar? Se as fadas não eram capazes de encontrá-la ou à sua mãe, o que fazia Alex pensar que ela conseguiria?

Alex e o irmão sabiam mais sobre a Feiticeira do que outros supunham. Durante seu encontro com a Rainha Diabólica, descobriram que a Feiticeira havia raptado a Rainha Diabólica quando esta era uma menina e a usara em um esquema para dominar o mundo dos contos de fadas.

Usando a mochila como travesseiro, Alex deitou-se no chão e deixou que seus pensamentos inquietos vagueassem até finalmente adormecer.

Já se encontrava em cima da bicicleta antes do sol raiar no dia seguinte. Pedalou através de uma estrada sinuosa após outra, até o meio da tarde. Sofreu um tranco para a frente e quase caiu da bicicleta quando o pneu dianteiro atingiu uma pedra especialmente cortante e murchou.

– Você só pode estar de brincadeira! – ela gritou e jogou a inútil bicicleta ao lado da estrada. Teria de percorrer a pé o resto da jornada, por mais longa que fosse.

Seu espírito elevou-se uma hora e tanto depois, quando avistou uma ponte de madeira adiante, na estrada. Quando Alex e Conner eram menores, a visão dessa ponte significava que estavam quase na casa da avó. Alex soube que se achava perto.

Aliviada, correu para a ponte, mas, quanto mais perto dela chegava, menos familiar ela lhe parecia. Era tão pequena em comparação com a ponte de suas lembranças. Seria apenas porque ela era tão menor naquela época? Desalentador também era o aspecto decrépito da ponte; cada pedaço de madeira estava lascado e horivelmente apodrecido.

Alex deu alguns passos ponte acima e a examinou melhor. Não parecia ser a ponte certa. Um carro nunca passaria por ela. Alex olhou para o lado. Centenas de metros abaixo havia um rio seco e pedregoso. A ponte pela qual sua família costumava passar ficava apenas alguns metros sobre um rio.

Alex suspirou. Estava perdida.

Deu meia-volta e começou a retornar, quando ouviu um estalo repentino. Antes que pudesse perceber de onde vinha o som, ela caiu diretamente através da ponte, a madeira podre tendo se partido sob seus pés.

Alex gritou e se agarrou à ponte. Desesperadamente tentou subir, mas foi inútil; podia ouvir a madeira rachando com a pressão.

– Socorro! – gritou. – Alguém me ajude!

Ela não sabia para quem estava gritando. Tudo o que sabia era que se achava sozinha nas montanhas e prestes a despencar para a morte.

– Não! Não! Não! – Alex disse para si mesma. – Isso não pode terminar assim! Isso não pode terminar assim!

Ela lutou para arrastar o corpo para cima outra vez. Outro estalo forte soou, e

Alex escorregou ainda mais através da ponte, na direção do abismo pedregoso.

Sentiu duas mãos agarrar as dela no último segundo. Olhou para cima e divisou um rosto muito familiar encarando-a. De início pensou que fosse seu pai, mas então se deu conta de que era Conner – foi um momento estranho para notar quanto ele havia crescido.

O rosto de Conner ficou muito vermelho enquanto o garoto lutava para segurar a irmã.

– Agora, Lester! Puxe-nos para cima, amigão! – ele gemeu.

Conner e Alex foram lentamente puxados para cima. Uma vez içada, Alex pôde ver o bico de Lester segurando firmemente a calça de Conner, arrastando-o ao mesmo tempo que ele a arrastava. O ganso gigante puxou-os ao longo da ponte até deixá-los em segurança sobre chão sólido.

Os gêmeos e Lester ficaram no chão até recobrar o fôlego.

– Eu odeio tanto você neste momento! – Conner falou entre ofegos pesados.

– É engraçado, porque eu nunca amei tanto você – disse Alex com um grande sorriso, e rolou o corpo para dar um grande abraço no irmão. – Obrigada, lhe devo uma!

– Considerando a quantidade de enrascadas em que nos metemos, sei que teremos uma oportunidade de ficar quites.

Lester grasnou para eles como quem diz: “Não se preocupem comigo, estou ótimo!”.

– Ela deve uma para você também, Lester, não se preocupe! – disse Conner.

Os gêmeos se levantaram e sacudiram a poeira. Estavam cobertos de lascas de madeira podre. Lester também se levantou e esticou o pescoço e o bico.

– Como você sabia onde eu estava?

– Palpite! – disse Conner. – Você não sabe nem fugir como uma adolescente normal. Você devia deixar um bilhete! Imaginei que só tinha um lugar aonde você poderia ter ido. Lester e eu voamos em volta à sua procura o dia inteiro, até que finalmente avistamos sua bicicleta na estrada.

– Mamãe Ganso sabe onde estou?

– Estou lhe dando cobertura desde que me dei conta de que você tinha partido. Falei a Mamãe Ganso que você estava doente e vomitando pelo quarto inteiro. Então, quando ela não estava olhando, sequestrei o ganso e vim procurá-la.

– Como conseguiu?

– Bem, aparentemente ele se sente pouco valorizado e achou que, se me ajudasse, ensinaria uma lição à Mamãe Ganso. Eu não falo “gansês” nem nada, mas estou apostando que essa é a razão principal, certo, garoto?

Conner voltou-se para Lester, e o ganso gigante assentiu.

– Por que não me levou com você? – perguntou ele, zangado. – Como você pôde

me deixar trancado em casa? Está tentando ser solista agora? Nada bacana, Alex.

Alex baixou a cabeça, envergonhada.

– Porque a vovó vai ficar suficientemente furiosa comigo quando descobrir que eu escapei, e eu não queria arrastá-lo junto – ela disse. – E descobri quem está com a mamãe! Eu arranquei isso da Mamãe Ganso.

– Então foi por isso que você fugiu tão de repente? Bem, quem foi?! O que você ficou sabendo?!

Alex agora entendia por que a avó escondera a informação deles. A garota se sentiu horrível sabendo que estava prestes a deixar o irmão tão estressado quanto ela própria.

– Aparentemente a Feiticeira voltou – Alex contou. – A Feiticeira que amaldiçoou a Bela Adormecida está aterrorizando o mundo dos contos de fada outra vez e está com a mamãe.

– O quê? – disse Conner, incrédulo. – O que a Feiticeira quer com a mamãe?

– Eu não sei. Estou tentando entender, mas não consigo pensar em nada.

– Espere aí, eu pensava que a Feiticeira estava morta. A Rainha Diabólica nos contou que a envenenou e que ela fugiu e morreu. Está lembrada?

– Acho que ela estava enganada. Ezmia é o nome dela... e ela está muito viva.

– E é por isso que ficamos sem ver a vovó por tanto tempo?

– Imagino que sim.

Conner começou a andar de um lado para o outro da estrada, pensando.

– Temos de entrar no mundo dos contos de fada – disse ele. – Temos de salvar a mamãe.

– Eu concordo, mas o que faremos quando chegarmos lá? O que podemos fazer que as fadas não podem? – perguntou Alex.

– Podemos não ser capazes de fazer nada. Mas duas pessoas a mais tentando ajudar não podem fazer mal. Além do que, com certeza, isso é melhor do que ficar sentado à espera de más notícias.

Um pequeno sorriso surgiu no rosto de Alex; ela não poderia estar mais de acordo.

– Vamos tentar chegar ao chalé da vovó antes do pôr do sol – disse ela. – Você sabe onde estamos? Pelo menos estamos perto?

Conner olhou para as montanhas que os cercavam.

– Sim, estamos perto! – disse ele, e então apontou para o pico achatado de uma montanha distante. – O chalé da vovó fica exatamente do outro lado daquele pico! Eu me lembro de vê-lo quando éramos pequenos e de torcer para que fosse um vulcão!

– Você tem certeza? – perguntou Alex.

– Positivo. Vamos embora. Lester, você pode nos levar na direção daquele pico?

Lester inclinou a cabeça na direção apontada por Conner, soltou um suspiro exagerado e então concordou com a cabeça.

Conner subiu nas costas do animal e ofereceu a mão a Alex.

– Suba a bordo – disse ele.

Alex hesitou.

– Você tem certeza de que é seguro? – ela perguntou.

Lester soltou um grasnido muito ofendido.

– Você precisa experimentar isto, Alex – disse Conner, entusiasmado. – Entendo por que VMG viaja assim.

– VMG?

– Velha Mamãe Ganso – explicou Conner. – É o apelido que pus nela... Ela me chama de C-Dog.

Alex encolheu os ombros e segurou a mão dele. Passou uma perna por cima do grande ganso e se segurou firme na cintura do irmão.

Conner agarrou as rédeas, pronto para a decolagem.

– Vamos voar, Lester!

Lester abriu as asas; sua envergadura era muito mais impressionante à luz do dia. Ele deu alguns passos para trás e então se lançou em um bamboleio rápido para a frente, batendo as asas enquanto corria, e os três subiram cada vez mais alto no ar.

Conner estava certo, era uma experiência incrível. As montanhas pareciam muito majestosas da perspectiva de uma ave. Os gêmeos nunca se sentiram tão livres na vida.

– Espero que ninguém nos veja – disse Alex, olhando com medo para todas as estradas e aldeias pequeninas abaixo deles.

– Eu só espero que não seja estação de caça aos gansos! – disse Conner.

Lester grasnou, virou a cabeça e olhou para ele com uma expressão aterrorizada.

– Estou apenas brincando, Lester – disse Conner. – Relaxe, antes que você bote um ovo!

Lester seguiu em direção ao pico. Alguns momentos depois, eles o estavam sobrevoando. Conner ficou um pouco desapontado ao constatar que era de fato o topo plano de uma montanha, sem nenhum sinal de lava derretida.

– Fique de olho – ele disse à irmã. – O chalé deve aparecer a qualquer momento.

Alex examinou as terras abaixo. Era difícil ver alguma coisa que não fossem copas de árvores e uma eventual chaminé. Ela divisou uma ponte familiar, e seus olhos seguiram a estrada sinuosa que passava por cima dela e continuava através dos bosques à frente. No finzinho da estrada, distinguiu o telhado de um chalé de livro de histórias.

– Estou vendo! Estou vendo! – disse Alex e apontou. – É o chalé da vovó!

Lester pousou na frente do chalé bem quando o sol começava a se pôr. Alex e

Conner saltaram do ganso e observaram o velho lar da avó.

– Uau! – exclamou Conner.

– Definitivamente não está na mesma condição em que o deixamos – disse Alex.

Era óbvio que ninguém vivia no chalé há um bom tempo. O gramado da frente estava parcialmente morto e demasiadamente crescido em certos pontos; os canteiros de flores estavam cheios de ervas daninhas, e o capim, quase tão alto quanto os gêmeos. As laterais do chalé estavam cobertas de hera, e uma parte do telhado desabara.

O carro azul da avó encontrava-se estacionado do lado de fora, mas não era dirigido havia anos. Uma camada de pó o recobria, e uma cidade de teias de aranha tinha sido fiada entre os pneus.

Embora o chalé fosse usado principalmente como acessório cênico, já que a avó dos gêmeos morava lá somente quando os netos a visitavam, ainda era o local das lembranças mais felizes da infância dos dois. Eles ficaram tristes ao constatar quanto estava abandonado.

Alex e Conner se aproximaram da porta da frente, apreensivos.

– Lester, bom apetite – disse Conner, e fez um gesto para o capim crescido. Lester grasnou e foi alegremente cuidar do matagal.

– Você acha que está trancada? – perguntou Alex.

Conner torceu a maçaneta e a porta se abriu com um rangido, respondendo à pergunta.

Os gêmeos entraram e examinaram o interior. Estava exatamente como se lembravam dele, a não ser pela poeira e pelas teias de aranha. A cadeira de balanço da avó ainda se achava junto à lareira, na frente de um grande tapete sobre o qual os gêmeos costumavam se deitar enquanto ela lhes lia histórias.

– É tão estranho ver tudo isso de novo – disse Alex. – A cadeira da vovó, a lareira, a mesa da cozinha... Eu quase não posso acreditar que estive aqui esse tempo todo.

– Você se lembra dos fortes que construíamos com o papai embaixo daquela coisa? – perguntou Conner, apontando para a mesa.

– Como eu poderia esquecer? – perguntou Alex. – Você sempre tentava me deixar de fora, mas papai nunca permitia.

– Você sabe o que é engraçado? – disse Conner enquanto andava ao redor. – Apesar de sabermos agora que a vovó nunca morou aqui de verdade, sempre que a imagino eu a vejo neste lugar, assando biscoitos ou lendo perto da lareira.

– Eu também. A maior parte de nossa infância foi uma fachada, mas foi uma fachada feliz.

– Você acha que podemos encontrar aqui alguma coisa que nos leve ao mundo dos contos de fada?

– Nós precisamos encontrar – Alex disse simplesmente. Porém ela tinha suas dúvidas. Não estava certa do que procurava, mas pressentia que saberia assim que visse.

Conner olhou para todos os porta-retratos empoeirados, no topo da cornija da lareira. Eram principalmente fotografias dele e da irmã em festas de aniversário e feriados com a família. Em uma, os gêmeos tinham três anos e estavam sentados no colo do Papai Noel. Conner era muito bochechudo e levava um grande sorriso no rosto; Alex chorava histericamente.

– Olhe só para este retrato nosso com Papai Noel. – Conner deu risada. – Pelo jeito você estava achando que ele iria devorá-la.

– Eu estava me preparando para os outros personagens de ficção que *realmente* tentaram nos devorar – disse Alex.

Conner deu uma risadinha travessa e pegou outra foto.

– Não é possível! Olhe como mamãe e papai parecem jovens nesta foto! Acho que nós nem tínhamos nascido.

Alex se aproximou e olhou ela mesma a fotografia.

– Conner, nós somos iguais a eles – ela falou. – Não há como negar que são nossos pais.

– Você está certa – disse Conner. – Eu inventei toda uma teoria de adoção quando descobri que somos em parte fadas. Mas, olhando para esse retrato, tudo voa pela janela.

Alex voltou à sua busca, confiante de que algo iria aparecer a qualquer momento.

– Você achou alguma coisa que pareça digna de um portal? – perguntou Conner.

– Ainda não. Bem, a não ser por *isto*.

Alex estava olhando para uma bonita pintura na parede. Lembrava-se dela de quando era pequena; diferentemente do restante do chalé, a pintura permanecera vibrante como no passado. Era a aquarela de uma lagoa, com lindos tons de verde e azul.

Havia algo nela que parecia mais familiar agora, como se eles tivessem estado lá.

– Você acha que a pintura pode nos levar para a Terra de Histórias? – perguntou Conner.

– Funcionou em um dos livros de Nárnia... – disse Alex.

Ela chegou mais perto e pôs uma das mãos na moldura.

– É o Lago do Patinho Feio! – Alex reconheceu. – É isso! Esta deve ser a entrada! Por que outra razão vovó penduraria o retrato de uma lagoa no chalé?

– Você acha que pode fazê-lo funcionar? – indagou Conner.

– Posso tentar.

Alex pôs ambas as mãos sobre a moldura dourada e desejou trazê-la à vida. Nada aconteceu. Fechou os olhos e respirou fundo, desejando ainda mais intensamente. De

novo, nada aconteceu.

Conner bateu palmas ruidosamente, quebrando a concentração da irmã.

– Ligue agora! – disse ele.

– O que você está fazendo?

– Só pensando em outras maneiras de ligar isso. Será que existe um controle remoto ou interruptor em algum lugar? Talvez funcione como uma TV de plasma.

Alex o ignorou e tornou a se concentrar. Imaginou todos os lugares e pessoas que conhecera em sua primeira visita à Terra de Histórias. Imaginou todos os castelos e florestas que ela e o irmão haviam visto. Imaginou todos os animais e criaturas perigosas que encontraram. Mas, acima de tudo, pensou em quão desesperadamente queria vê-los de novo. Alex pensou na avó, no pai e na mãe. Pensou na lagoa da pintura, nas folhas flutuantes de lírios-d'água, nos vaga-lumes e em sua *água*.

Para perplexidade dos gêmeos, a pintura começou a brilhar.

– Você conseguiu! – disse Conner e abraçou a irmã. – Você fez funcionar!

– Consegui? – perguntou Alex; era quase bom demais para ser verdade. – Eu consegui! Eu consegui! Eu consegui!

Os gêmeos começaram a pular de entusiasmo, porém o entusiasmo rapidamente se transformou em medo. A pintura passou a brilhar cada vez mais forte, e o chalé começou a trepidar. Parecia que um grande trem estava passando diretamente abaixo deles.

– Exatamente *como* as crianças de Nárnia viajaram através da pintura? – Conner perguntou, lentamente recuando do quadro.

– Oh-oh.

O chalé parou de trepidar e o brilho da pintura se atenuou, só que agora a lagoa pintada se fora – a tela estava completamente em branco.

– Hã? – fez Alex. – Que estranho.

– Estou meio aliviado – disse Conner. – Por um segundo achei que a água iria se derramar para fora do...

CRÁS! Uma enorme onda irrompeu através das janelas ao lado da porta de entrada. Os gêmeos gritaram e correram para os fundos do chalé. *CRÁS!* De lá, outra onda avançou sobre eles. *CRÁS!* Água jorrava através de todas as portas e janelas e inundava o chalé.

– O que está acontecendo?! – gritou Conner. – Atingimos um iceberg?!

Foi uma descrição perfeita: eles sentiam que estavam afundando – e afundando depressa. A água já batia em sua cintura. Horrorizados, os gêmeos olharam em volta enquanto o antigo lar da avó era destruído.

– O que nós fizemos?! – Alex gritou.

– Eu sempre quis uma piscina, mas isto é ridículo! – berrou Conner.

A água jorrava para dentro da casa cada vez mais rápido. Os gêmeos não

conseguiam mais manter os pés no chão. Eles esperneavam enquanto a torrente os levava em direção ao teto.

– Temos de nadar para fora daqui, ou vamos nos afogar! – disse Conner. – Siga-me!

Ele respirou fundo e mergulhou. Alex foi rápida em segui-lo. Nadando embaixo d'água, atravessaram o chalé até a porta da frente. Uma correnteza extremamente forte entrava pela porta, e os gêmeos tiveram de se agarrar a tudo o que conseguiram para forçar sua saída.

Eles se puxaram através da porta da frente e descobriram que o chalé não se achava mais nas montanhas, mas em uma massa de águas turvas. A construção afundou abaixo dos dois e desapareceu em profundezas escuras. Os gêmeos se agarraram um ao outro e nadaram com todas as forças em direção à superfície – rezando para que houvesse uma superfície.

Finalmente viram um céu noturno distorcido acima; era a superfície! Eles emergiram da água misteriosa, lutando para respirar. O ar era gelado contra o rosto deles.

– Que diabos foi *aquilo*? – gritou Conner.

Alex não estava prestando nenhuma atenção ao irmão. Ela viu grandes árvores a distância, com raízes gigantes que mergulhavam no solo. Vaga-lumes enchiam o ar, e lírios-d'água flutuavam na superfície. Alex sabia exatamente onde estavam.

– Conner! – ela disse animadamente e espirrou água nele. – Nós estamos no Lago do Patinho Feio! Estamos aqui! Estamos de volta à Terra de Histórias!



CAPÍTULO 9

O encontro no bosque

Alex e Conner se arrastaram para fora do lago. Estavam encharcados, enlameados e cobertos de lírios-d'água. Tremiam ao ar frio da noite e se agarraram com força enquanto olhavam para a terra ao redor.

O Lago do Patinho Feio ficava no Reino do Norte, no meio de uma floresta. Os gêmeos tinham passado por ele em sua viagem anterior à Terra de Histórias, mas nenhum dos dois esperava ficar tão *íntimo* do lago na visita seguinte.

– Não posso acreditar que acabamos de afundar a casa da vovó! – disse Conner por trás dos dentes que batiam de frio. – É preciso um bocado de talento para submergir uma coisa que nem sequer está perto da água!

Pedaços e partes do chalé ainda flutuavam na lagoa. A cadeira de balanço oscilava, subindo e descendo na água. Alex estava tão estupefata que nem se importou por estar tão suja e com frio.

– Eu certamente espero que a vovó tenha um bom seguro para a casa... *Alex, você ao menos está me ouvindo?* – perguntou Conner.

Ela voltou-se para ele. A excitação praticamente brilhava em seus olhos. Não se importava com o modo como chegaram lá; finalmente estavam lá.

– Estamos *aqui*... Estamos realmente *aqui*... – disse Alex. Nem mesmo o queixo trêmulo era capaz de apagar o sorriso de seu rosto. Apesar das circunstâncias, era a primeira vez em meses que Alex se sentia feliz.

– Parabéns, você conseguiu nos transportar com sucesso e perigosamente para o mundo dos contos de fadas... *de novo* – disse Conner, com um sorriso típico. – Mas devo dizer que prefiro os métodos de transporte da vovó aos seus.

O sorriso de Alex desapareceu quando a realidade dos fatos a calou. Examinou mais atentamente a floresta em volta do lago.

– Alguma coisa está errada – disse ela.

– É claro que alguma coisa está errada! O chalé da vovó está no fundo de um

lago! Como vamos explicar isso a ela?

– Não foi isso que quis dizer. Escute. Está ouvindo?

Conner ergueu as sobrancelhas e olhou de um lado a outro. O lago e a floresta ao redor estavam em um silêncio mortal.

– Não ouço nada – disse Conner.

– Exatamente. Estamos aqui, à beira de um lago, e não ouvimos nenhum som... nem rãs, nem grilos, nem nada.

Conner balançou a cabeça, entendendo o que ela queria dizer. Era tão estranho e assustador que ele ficou surpreso por não ter notado antes.

– É como se tudo tivesse emudecido.

– Ou se *escondido* – sugeriu Alex.

De repente, do outro lado do lago, uma figura escura emergiu das árvores. De início os gêmeos se assustaram, até que notaram que era pequena, do tamanho de um cão. Corria muito depressa sobre quatro pernas muito magras, e havia alguma coisa branca atrás dela.

Alex e Conner se esconderam atrás da árvore mais próxima e observaram de longe. A estranha criatura reduziu a velocidade a um andar rápido e elástico enquanto se aproximava delicadamente do lago. Usava uma capa escura e baixou o capuz com as patas da frente antes de beber água.

O luar refletido na água iluminou o misterioso visitante, e os gêmeos puderam distinguir o que era. Tinha pelo vermelho escuro e uma cauda longa e peluda com a ponta branca.

– É uma raposa! – Conner sussurrou para Alex.

A raposa ergueu bruscamente a cabeça, e seus olhos amarelos e brilhantes olharam na direção dos dois. Devia possuir uma audição impecável.

Os gêmeos ficaram quietos. A raposa caminhou na direção oposta àquela da qual viera.

– Aonde estará indo? – Alex murmurou para o irmão.

– Eu tenho cara de especialista em mamíferos encapotados? – disse Conner. A raposa desapareceu no meio das árvores. Além de ser a única coisa viva que tinham visto, havia algo de muito intrigante nela. Nenhum dos gêmeos queria perdê-la de vista. – Devíamos segui-la.

– Por quê?

Conner encolheu os ombros.

– Você tem algum outro plano? – ele perguntou.

– Bem pensado – disse Alex. E, sem desperdiçar nem mais um segundo, os gêmeos começaram a perseguir o pequeno animal, esperando que os levasse a alguém ou a alguma coisa que pudesse ajudá-los a encontrar a mãe.

Alex e Conner correram atrás da raposa por um bom tempo. Ela não estava se

atendo a um caminho, então era difícil divisá-la entre as árvores à frente. Ademais, ela era incrivelmente veloz, o que tornava ainda mais árduo acompanhá-la. Mas eles ficaram contentes por correr e aquecer o corpo; quanto mais corriam, mais suas roupas secavam.

– Parece que estamos entrando na Floresta dos Anões – Alex sussurrou enquanto corria.

– Como você sabe?

– As árvores estão ficando mais grossas, e está ficando mais difícil ver o céu. E estou me sentindo mais ansiosa a cada passo... Essa é a maior das pistas.

Conner engoliu em seco. A Floresta dos Anões nunca fora um bom lugar para os gêmeos. Na última vez em que estiveram nessa parte da Terra de Histórias, eles foram perseguidos por lobos e sequestrados por duendes.

A raposa ressurgiu em seu campo de visão, e os gêmeos pararam com atraso, como carros com freios ruins. Esconderam-se atrás da maior árvore que encontraram, e um fez sinal de silêncio para o outro.

O animal postava-se em pé sobre as patas traseiras, perto de um poço de pedra, no meio de uma clareira. A lua iluminava a clareira como um holofote. A raposa estava muito quieta, observando atentamente as árvores à sua volta. Aguardava algo, mas os gêmeos não sabiam dizer o quê.

A certa altura, a raposa olhou diretamente para o esconderijo dos dois, porém pareceu não enxergá-los. Eles se perguntaram se haviam se fundido ao resto da floresta porque estavam muito sujos ou apenas porque estava muito escuro.

Também na Floresta dos Anões, tudo se achava enervantemente quieto. Era surpreendente, já que os gêmeos se lembravam de ter ouvido, na última vez em que estiveram lá, toda sorte de ruídos perturbadores vindo de perto e de longe.

O ruído de alguns gravetos se quebrando ecoou na noite conforme alguém ou alguma coisa se aproximou da clareira. A raposa virou a cabeça bruscamente na direção do barulho e sorriu, expondo dentes pequenos e afiados. Uma expressão astuta apareceu-lhe na face – os gêmeos não souberam dizer se era porque estava contente ou somente porque era uma raposa.

Três figuras encapotadas entraram na clareira. Possuíam formas e tamanhos diferentes: uma era enorme, outra era só um pouco maior que os gêmeos, e a terceira era pequena como a raposa. Um grande corvo entrou voando na clareira e se empoleirou no poço, perto da raposa. Ele não precisava de uma capa; suas penas escuras eram suficientes para camuflá-lo na noite.

Os outros cercaram o poço, todos de frente para a raposa. Ela esfregou as pequenas patas.

– Estou muito contente que todos tenham vindo – disse a raposa através de seu sorriso cheio de dentes.

A menor das figuras abaixou o capuz. Tinha brilhantes olhos pretos, listras brancas e um focinho curto. Era um texugo – um paranoico, ainda por cima.

– Não é seguro para nós sair à noite desse jeito – disse ele, olhando em volta nervosamente. – Ao menos não mais.

– Relaxe, Texugo – disse a raposa. – Se a Feiticeira quisesse nos fazer mal, já estaríamos mortos a essa altura.

– Vá direto ao ponto, Raposa – crocitou o corvo, impaciente. – Por que você nos chamou aqui?

A maior das figuras abaixou o seu capuz; era um gigantesco urso pardo.

– Ande logo, tenho filhotes em casa – disse ele com uma voz retumbante e mal-humorada.

Alex e Conner nunca tinham visto tantos animais falantes num mesmo lugar. Eles esperavam que sua presença continuasse despercebida.

– Eu acabo de voltar do Reino do Leste – disse a raposa. – Ouvi dizer que a Feiticeira o enfeitiçara, mas quis ver com meus próprios olhos. O lugar inteiro está um desastre; coberto de trepadeiras e espinheiros até onde a vista alcança. É pior do que eu tinha imaginado... É como se a Cova do Espinheiro tivesse tomado o reino inteiro!

– Oh, céus – guinchou o texugo e começou a bater as patas nervosamente. – Isso vai atingir os outros reinos?

– Eu detesto espinheiros – disse o corvo.

– Aí é que está – a raposa falou. – As plantas crescem perfeitamente ao longo da fronteira; elas não cruzam para o Reino do Norte de jeito nenhum. Eu até tentei provocar uma planta com uma vara, mas ela apenas se enrolou em volta da ponta que tocava o território do Reino do Leste. É necessária uma magia muito poderosa para ser *tão* preciso.

Os animais trocaram expressões preocupadas. O membro ainda encapotado do grupo permaneceu em silêncio. Alex e Conner se perguntaram que tipo de criatura estaria sob a capa.

– Por que as plantas só ficam em um reino? – perguntou o urso.

– Eu entendo que a Feiticeira está dominando o mundo com classe – disse a raposa. – Está tomando um reino de cada vez, para mostrar a todos que a Assembleia dos Felizes para Sempre não é páreo para ela. É apenas uma questão de tempo até que ela tome também a Floresta dos Anões... e temos de estar preparados.

– Mas o que ela poderia querer com a Floresta dos Anões? – perguntou o texugo, balançando a cabeça. – Só tem criminosos e renegados como nós.

O sorriso da raposa aumentou.

– É exatamente por isso que chamei todos vocês aqui esta noite – disse. – Acho

que devemos jurar fidelidade à Feiticeira agora, antes que ela ataque.

Os animais grunhiram e rosnaram em protesto.

– Você perdeu sua cabeça de predadora de coelhos, Raposa! – disse o urso.

– Nós já somos fugitivos! – completou o corvo. – Você quer agora que sejamos trancafiados na Prisão Pinóquio?

A raposa ergueu as patas para os demais, pedindo que se acalmassem.

– Escutem-me antes de desconsiderar inteiramente a proposta – disse ela. – Pensem nisto: a razão por que vivemos nestas partes é que nenhum de nós se encaixava em uma sociedade regulamentada pela Assembleia dos Felizes para Sempre. A Feiticeira vai mudar tudo isso; o mundo das fadas e dos homens acabou. Se demonstrarmos lealdade agora, então, quando ela assumir o comando, e ela vai assumir, poderá nos poupar.

Aos poucos, a raposa estava começando a convencer os animais. Todos eles ficaram quietos, menos o texugo:

– Nós não podemos fazer isso! Já é suficientemente ruim viver no exílio! Dá para imaginar o que farão conosco se ficarmos do lado *dela*?!

– É aí que você se engana, Texugo – disse a raposa. – Você ainda está com uma atitude felizes-para-sempre. Eu vi do que a Feiticeira é capaz. Confie em mim; todas as fadas do mundo não serão capazes de detê-la dessa vez. Se fossem, já o teriam feito.

Os animais se entreolharam várias vezes. Estavam todos com medo de ser o primeiro a expressar interesse.

– Como demonstramos nossa lealdade? – perguntou o urso.

– Você não está concordando com isso, está? – perguntou o texugo.

O urso rosnou inquietamente:

– Nós já somos excluídas... O que mais eles podem fazer conosco? Se o mundo está mudando, por que não mudar com ele? Especialmente se temos alguma coisa a ganhar.

O corvo balançou para cima e para baixo, ponderando.

– Qual é seu plano, Raposa? – perguntou ele.

– Eu andei fazendo perguntas por aí; tenho algumas ideias – disse a raposa. O sorriso abandonara sua boca, mas não seus olhos.

– E você? – o corvo crocitou na direção da criatura não identificada. – Você está terrivelmente calado.

– Ele sempre está calado – disse o urso. – Não sei nem se é capaz de falar.

A criatura encapuzada olhou para os companheiros animais e balançou positivamente a cabeça. Um simples e singular coxo veio de debaixo do capuz.

Alex e Conner perderam o fôlego. *Poderia ser?*

O texugo deve ter ouvido a reação dos gêmeos, porque ficou ainda mais receoso.

– Deveríamos sair daqui antes que sejamos pegos.

– Pensem no assunto! – disse a raposa. – Vocês todos sabem onde me encontrar.

Todos os animais cobriram novamente a cabeça com o capuz e desapareceram na noite. A raposa deu uma última olhada em torno da floresta antes de seguir os demais. Talvez a paranoia do texugo a tivesse contaminado.

Os gêmeos souberam que queriam seguir a misteriosa criatura encapuzada. Certificaram-se de que os outros animais já haviam se afastado a uma distância segura e então dispararam pela floresta atrás de seu novo alvo.

A floresta foi ficando cada vez mais escura à medida que eles avançavam. Os gêmeos já corriam havia alguns minutos, pulando por cima de pedras e raízes de árvores. Estavam com frio, cansados e perdidos; era quase nostálgico para eles, lembrando-lhes sua última viagem. Mas não havia sinal da criatura encapuzada.

– Eu não entendo – disse Alex. – Ele estava bem aqui.

– É como se tivesse desaparecido no... *AHHH!* – Conner berrou.

Alex se virou para ver o que havia assustado o irmão. Emergindo das árvores diretamente atrás deles, estava a criatura encapuzada. Era muito mais alta e ameaçadora do que parecera na clareira. Começou a caminhar lentamente na direção dos gêmeos. Eles se agarraram um ao outro, apavorados.

– Desculpe-nos por seguir você! – disse Conner. – Pensamos que talvez fosse um conhecido.

– Não tínhamos nenhuma má intenção! – disse Alex. – Vamos deixá-lo em paz agora!

A criatura continuou caminhando na direção deles.

– É melhor você se afastar de nós! – disse Conner, tentando uma nova abordagem.

– Minha irmã conhece mágica! Ela acaba de afundar uma casa. Ela vai estropiá-lo!

Alex olhou com incredulidade para o irmão. Será que ele pensava que isso ajudaria?

A criatura paralisou-se a uma pequena distância dos gêmeos e os mediu de cima a baixo e de um lado a outro.

Conner pegou um grande pedaço de pau no chão e começou a balançá-lo na direção do ser encapuzado.

– Eu joguei beisebol na escola primária! – disse ele. – Estou avisando!

Uma risadinha suave veio de sob a capa da criatura.

– Vamos, vamos, é assim que você trata um velho amigo? – falou uma voz tão familiar quanto peculiar. Seu dono removeu lentamente o capuz, e os gêmeos suspiraram de alívio.

– Froggy! – eles exclamaram. Deram um pulo e abraçaram violentamente o velho amigo.

– Olá, Conner! Olá, Alex! – disse Froggy, abraçando-os de volta. – Eu desejaria

poder dizer que é uma surpresa vê-los aqui, mas vocês sempre tiveram um talento especial para estar em perigo.

Froggy era um sapo alto, do tamanho de um homem, com grandes olhos brilhantes e uma boca larga. Ele sempre se vestia para impressionar; os gêmeos notaram que estava usando um terno debaixo da capa.

– É tão bom ver você, Froggy! – disse Conner.

– Sentimos tanta saudade! – completou Alex.

– E eu senti saudade de vocês – disse Froggy, inclinando-se para olhar os dois nos olhos. – Vocês cresceram tanto! São praticamente adultos! – Sua expressão caiu quando ele se lembrou de onde essa reunião estava tendo lugar. – Mas o que vocês dois estão fazendo aqui, num momento como este? A avó de vocês sabe onde estão?

Alex e Conner trocaram olhares culpados.

– Ahn... Na verdade, não – disse Conner.

– Vovó não sabe *exatamente* onde estamos – continuou Alex, sem olhar Froggy nos olhos.

– Eu realmente espero que não – Froggy falou. – A Floresta dos Anões ainda é perigosa demais, principalmente hoje em dia, e especialmente tão tarde.

Alex e Conner trocaram outro olhar.

– Eu conheço esse olhar – disse Froggy. – O que vocês não estão me contando? E por que estão tão sujos?

Por um segundo, Alex e Conner consideraram mentir para ele, mas sabiam que não poderiam.

– Nossa avó não sabe que estamos neste mundo – Alex confessou.

A larga boca de Froggy se escancarou, e ele olhou de modo perplexo para os gêmeos.

– Como vocês vieram para cá?

– Alex afundou a casa da nossa avó... Eu não estava brincando – disse Conner. – É por isso que estamos cobertos de suco de pântano. Foi horripilante e estranhamente impressionante ao mesmo tempo.

– Vocês afundaram uma casa? – perguntou Froggy, embasbacado. – Vocês sabem, normalmente eu questionaria essa possibilidade, mas não com vocês dois.

– Foi um acidente! – disse Alex. – Eu ativei outro dos portais da minha avó.

– Sua técnica precisa de treino – Conner disse com o canto da boca.

Froggy olhou em volta da floresta. Os dois perceberam que saber que haviam entrado sorrateiramente no mundo dos contos de fadas o deixara inquieto.

– Crianças, vocês não deveriam estar aqui – disse ele. – É um momento *muito* perigoso. Uma Feiticeira má está à solta...

– Ezmia – disse Alex. – Nós sabemos tudo sobre ela. Ela raptou nossa mãe.

– O quê?! – disse Froggy. – Eu sinto muitíssimo.

– Não tanto quanto nós – Conner falou. – E nossa avó praticamente nos aprisionou para tentar impedir que viéssemos para cá.

– Claramente funcionou – disse Froggy, com uma revirada de olhos. – Ela *conhece* vocês dois? Vocês não são sequer capazes de ficar sentados e quietos.

– Obrigado – disse Conner, contente com a confirmação.

– Espere – Alex interrompeu, notando algo pela primeira vez. – Froggy... você é um *sapo* de novo!

– Ah, sim – disse Conner. – O que está havendo?

A despeito de sua transformação no Príncipe Charlie, o há muito desaparecido Príncipe Encantado, Alex e Conner o imaginavam como sapo sempre que pensavam nele. Tinham de lembrar a si mesmos que aquela não era sua forma natural.

– Estou disfarçado – disse Froggy. – A avó de vocês me transformou de novo em sapo para que eu possa vigiar durante a crise os animais e criminosos que vivem na Floresta dos Anões. Pensamos que eles confiariam mais em mim como um anfíbio. Alguns até se lembram de mim, de quando eu morava aqui.

– Eles vão realmente aliar-se à Feiticeira? – perguntou Alex.

– Eu duvido – disse Froggy. – Não passam de um bando de escroques tentando fazer a situação atual trabalhar a seu favor. Eu não me preocuparia demais com isso. Mas, ainda assim, a Assembleia dos Felizes para Sempre quer ficar de olho neles, para o caso de as coisas mudarem. – Froggy cruzou os braços e olhou de um gêmeo para outro. – Tenho certeza de que eles ficariam muito mais interessados em saber o que vocês dois estão aprontando.

– Froggy, você não pode contar para ninguém que estamos aqui – disse Conner. – Eles nos mandariam de volta.

– Nós não podemos ficar presos em casa, não quando sabemos que nossa mãe está em perigo – falou Alex.

Os dois ergueram os olhos grandes e suplicantes para ele.

– Crianças, vocês sabem que eu me importo profundamente com vocês, mas... – Froggy começou, porém foi interrompido:

– NÓS NÃO SOMOS CRIANÇAS! – bradou Conner. – Todo mundo insiste em nos chamar assim, e eu já estou cheio disso! Nós não deveríamos ter de provar nada depois de tudo o que já passamos. Não é como se fôssemos duas crianças irresponsáveis entrando de penetas numa festa... Nós somos dois *jovens adultos* tentando salvar a vida de nossa mãe!

– Você pode contar para a nossa avó, se tiver de fazê-lo – disse Alex. – Ela pode nos trancar em casa quanto quiser, mas nós continuaremos encontrando meios de voltar para cá até que nossa mãe esteja segura.

– Nós *temos* de encontrá-la, Froggy – disse Conner. – Nós já perdemos nosso pai; não podemos perder nossa mãe. Não vamos parar até conseguirmos salvá-la.

Froggy olhava em desespero de um para outro com seus grandes olhos brilhantes. Eles o tinham colocado entre o fogo e a frigideira.

– Primeiro o mais importante – disse o homem-sapo. – Precisamos sair da Floresta dos Anões antes que alguma outra coisa os veja. Vamos a algum lugar seguro para continuar a discussão.

Alex e Conner assentiram, mas sabiam que não havia o que discutir. A lealdade de Froggy para com eles era muito mais forte do que para com sua avó – ele era amigo dos dois desde antes de estar a serviço dela. Froggy colocou a capa por cima dos gêmeos e os guiou em segurança através da floresta.

Os irmãos ficaram muito aliviados por terem milagrosamente feito contato com um aliado tão cedo, porém sabiam que o pior estava por vir nos dias incertos que se seguiriam.



CAPÍTULO 10

A dívida de Rumpelstiltskin

A Prisão Pinóquio era o lar dos criminosos mais perigosos de todos os reinos. Era uma fortaleza alta e escura, localizada no centro de uma longa península que se curvava em torno da Baía das Sereias, na parte meridional do Reino do Leste. Situava-se no topo de um penhasco alto e rochoso e possuía agudas pontas de ferro viradas para dentro e para fora em todas as janelas, de modo que não existia meio possível de escapar ou de entrar sem autorização.

Soldados encantados de madeira patrulhavam os estreitos corredores de pedra, vigiando os delinquentes. A maioria dos presos era formada por típicos ogros ladrões de carneiros, bruxas sequestradoras e animais comedores de homens que foram pegos antes de fugir para a Floresta dos Anões. A prisão era também o lar de um grande mistério. Durante a maldição do sono de cem anos sofrida pelo Reino do Leste, a penitenciária fora o único lugar poupado; estranhamente, todos os soldados e prisioneiros permaneceram conscientes enquanto o restante do reino dormia.

Mais recentemente, o mistério se desdobrara quando a prisão também se tornou o único lugar do reino que não fora coberto pelos demoníacos espinheiros e trepadeiras da Feiticeira.

Se havia sido obra do acaso ou um milagre, essa era a questão. Muitos supunham que a prisão era simplesmente afastada demais para ser afetada pelas maldições. Entretanto, sem que isso fosse do conhecimento de todos os soldados e prisioneiros, a exclusão da prisão dos maiores infortúnios do reino devia-se a um preso de grande notoriedade que residia no décimo terceiro andar.

Rumpelstiltskin cumpria seu centésimo vigésimo sétimo ano atrás das grades. Era um homem muito pequeno, com grandes olhos intumescidos, nariz de botão e um cabelo curto que adería à sua cabeça como um capacete. Usava uma grande camisa de colarinho, calça justa nas pernas minúsculas e sapatos vermelhos pontudos, que retiniam quando ele andava.

Depois de sua infame tentativa de tirar o filho primogênito da rainha anterior do Reino do Leste, Rumpelstiltskin passou à clandestinidade. Mas, após alguns anos como foragido, o homenzinho não pôde mais conviver com a culpa do que quase havia feito. Assim, cento e vinte e sete anos atrás, ele decidira se entregar, passando a viver na Prisão Pinóquio desde então.

Rumpelstiltskin tinha uma minúscula cela só para si. Ela possuía duas janelas gradeadas, uma na pesada porta da cela e outra na parede que dava para a Baía das Sereias. Ambas eram altas demais para que ele pudesse olhar o exterior, a não ser que pulasse, portanto as pedras escuras das paredes e do piso eram tudo o que tinha para olhar todos os dias.

Sua vida fora grandemente simplificada na prisão; dormia em um enorme monte de palha e comia a uma mesa minúscula, tendo em sua posse apenas uma colher e uma tigela. Embora tivesse muitas habilidades mágicas, Rumpelstiltskin decidira abrir mão delas quando foi para a prisão, com medo de que a mágica só lhe causasse problemas. Ele mantinha seu alojamento o mais simples possível.

A primeira década de prisão foi incrivelmente solitária para o homenzinho, porém, para sua sorte, uma companhia inesperada instalou-se ali. Um dia uma forte brisa do oceano trouxe uma semente para a cela, e, uma semana depois, uma pequena margarida começara a crescer entre duas pedras do piso.

Rumpelstiltskin ficou maravilhado que algo assim acontecesse. Como poderia uma coisinha tão agradável crescer em um lugar tão miserável? De todos os locais no mundo, por que ela decidira pousar ali? Ele ponderou a questão por muito tempo, alegre por ter algo que o distraísse de sua solidão e vergonha.

Finalmente decidiu que a flor devia ter sentido necessidade de um amigo tanto quanto ele, e que a presença dela na cela era proposital. Ele cuidou muito da margarida, conservando-a viva durante todo o tempo em que esteve na prisão. Compartilhava sua água, contava-lhe histórias, e, quando ela ficou doente, postou-se com sua colher junto à janela, na ponta dos pés, refletindo a luz do sol sobre a flor até que ela recuperasse suas forças.

Para uma pessoa comum, ter uma flor como companheira poderia parecer um pouco estranho, mas para Rumpelstiltskin era a melhor amiga que já tivera.

A flor nunca *troçava* dele por causa das roupas que usava, como outros fizeram no passado. A flor nunca o *julgava* por querer tirar o máximo da vida. A flor nunca o *usava* para ganhos políticos. A flor nunca o *condenava* pelos erros cometidos anos atrás. A flor era capaz de uma única coisa: compartilhar sua beleza.

De certo modo, a vida na prisão tinha sido a melhor coisa que acontecera a Rumpelstiltskin, pois lhe dera seu relacionamento mais significativo. *Entretanto*, sua desistência de si mesmo não fora apenas um meio de purificar sua consciência; fora também um meio de proteger-se contra alianças que fizera no passado. Contudo,

infelizmente, depois de passar tanto tempore escondendo do passado, este acabou por encontrá-lo.

Foi logo antes do pôr do sol que se ouviu um estrondo vindo do lado de fora da prisão. Era uma combinação intensa de quebra, esmagamento e explosão, que se tornava mais e mais intensa a cada segundo.

A prisão começou a tremer; a tigela e a colher de Rumpelstiltskin matraqueavam sobre a mesa. O que quer que fosse aquilo estava chegando mais perto.

Rumpelstiltskin começou a pular junto à janela para tentar ver o que estava causando aquele alvoroço. O que enxergou foi a coisa mais aterradora que presenciava em anos. Tal qual uma enorme debandada terrícola, um *tsunami* de trepadeiras e espinheiros enfurecidos viajava através da terra, crescendo na direção da prisão.

– Ah, não! – arquejou Rumpelstiltskin. Ele colocou as mãos sobre a boca e percorreu a cela com os olhos. Havia apenas uma pessoa capaz de tal magia, e, depois de cento e vinte e sete anos, ele soube que ela finalmente viera buscá-lo.

Em pânico, os soldados de madeira precipitavam-se pelos corredores.

– Espinheiros e trepadeiras estão avançando para a prisão! – gritou um deles.

– Preparem-se para um ataque! – gritou outro.

Rumpelstiltskin baixou os olhos para a margarida; ela tremia.

– Calma, calma, florzinha – ele disse, e acariciou gentilmente uma das suas folhas.

– Tudo vai ficar bem. Eu vou escondê-la.

Ele rapidamente pegou a tigela que estava sobre a mesa e cobriu sua amiga com ela.

A prisão foi atingida pelas plantas, e o impacto fez toda a fortaleza oscilar. Os espinheiros e as trepadeiras se arrastaram pelas laterais da estrutura, enrolando-se em torno dela como um exército de serpentes, até que todas as janelas foram cobertas e o interior da prisão ficou às escuras.

Depois de alguns instantes de silêncio, uma série de ruídos como o bater de um coração gigante pulsou pelo interior da prisão. Cada ruído era mais forte do que o anterior e vinha de diversos andares abaixo da cela de Rumpelstiltskin. Alguma coisa estava lentamente abrindo caminho através da prisão, em direção ao alto.

Rumpelstiltskin podia ouvir todos os soldados de madeira dos andares de cima correndo para baixo, a fim de lutar contra o que quer que estivesse penetrando no local. O retinir das armas ecoava enquanto tentavam expulsar a coisa. Definitivamente não era só contra plantas que lutavam.

Por fim, Rumpelstiltskin ouviu a batalha alcançar o décimo terceiro andar. Estava apavorado demais para se mexer. Sentiu cheiro de coisas queimando, e a fumaça começou a invadir sua cela por baixo da porta. Cada grito de soldado era seguido por uma pancada forte, como se os corpos de madeira atingissem o piso um a um.

Depois que todos os soldados se foram, um par de passos suaves percorreu o corredor e parou diante da cela de Rumpelstiltskin. O homenzinho tremia, temeroso de que aqueles fossem seus últimos momentos de vida.

Um forte clarão violeta explodiu em pedacinhos a porta da cela. Rumpelstiltskin foi atingido por uma saraivada de fragmentos. Depois que a fumaça da explosão se dissipou, ele finalmente viu quem causara todo aquele caos.

Em pé, no vão da porta da cela, havia uma mulher alta e formosa. Tinha longos cabelos magenta que flutuavam e ondulavam acima dela como chamas se agitando lentamente. Seus olhos eram violeta, e os cílios, longos e emplumados como antenas de traça. Ela usava um longo vestido roxo, com luvas combinantes e uma gola alta. Uma capa fantasmagórica fluía à sua volta e através do corredor como um espesso lençol de fumaça.

– Ezmia? – disse Rumpelstiltskin, horrorizado.

Os lábios vermelhos e brilhantes da Feiticeira se curvaram em um sorriso afetado.

– Olá, Rumpy – disse Ezmia em sua voz airosa e brincalhona. – Como senti sua falta.

Ezmia entrou na pequena cela de Rumpelstiltskin e a examinou. Trepadeiras e espinheiros a seguiram, tomando as paredes da câmara conforme a Feiticeira caminhava por ela.

– Adoro o que você fez com este lugar – disse Ezmia sarcasticamente, passando pelo monte de palha que ele usava como cama. – Porém não condiz com um homem com seu *gosto refinado*, não é mesmo? Não consigo imaginar por que você me abandonou para passar treze décadas *aqui*.

Rumpelstiltskin permaneceu inerte, pois sabia que não era sensato fazer movimentos repentinos perto de criaturas perigosas.

– Você veio para me matar? – perguntou, com o queixo trêmulo.

A Feiticeira forçou uma gargalhada teatral, que esteve longe de confortá-lo.

– Por que eu haveria de querer matar meu mais velho *amigo*? – disse ela, com um sorriso ameaçador. – Além disso, se eu o quisesse morto, já o teria matado séculos atrás. – Seu sorriso se apagou, e seus olhos violeta o fitaram intensamente. – Por que outra razão você pensa que o poupei de todas as maldições que lancei sobre o reino até agora?

Rumpelstiltskin sempre se perguntara se ele era a causa das exceções.

– Se você não vai me matar, então o que a traz aqui? – perguntou o homenzinho, tremendo ainda mais. Estava convencido de que ela havia planejado para ele um destino pior que a morte.

– Olhe para você, Rumpy, está tão indefeso como no dia em que o encontrei – disse Ezmia compassivamente. – Quando nos conhecemos, você era apenas mais um anão miserável trabalhando nas minas. Mas eu sabia que você e eu éramos almas

gêmeas. Nós dois queríamos mais do que o mundo nos oferecia e fomos banidos por isso.

– Eu nunca tive a intenção de zangá-la – Rumpelstiltskin disse e baixou a cabeça.
– Eu precisava me entregar... não podia viver com o que havia feito.

– Com o que havia *fracassado* em fazer, isto é – Ezmia corrigiu. – Mas está tudo perdoado.

Rumpelstiltskin a conhecia bem demais para acreditar em suas palavras. Ezmia tinha algo escondido na manga – ela sempre tinha.

– O que você quer de mim? – ele perguntou.

Ezmia caminhou até a janela. As trepadeiras e os espinheiros que cobriam o lado de fora se afastaram para que ela tivesse uma visão da baía.

– Goste ou não, nós fizemos um acordo – ela falou. – Voltei para que você possa finalmente cumprir sua parte. Eu o salvei de uma vida melancólica nas minas, fiz de você meu aprendiz e ensinei-lhe magia, e tudo o que pedi em troca foi sua *assistência*.

– Você nunca disse que eu teria de raptar uma criança – disse Rumpelstiltskin. – E uma *princesa*, acima de tudo!

– Eu tornei as coisas incrivelmente fáceis para você – Ezmia disse rispidamente, seu tom ficando irado. – *Eu* enfeitei o rei para que pensasse que precisava de uma esposa que pudesse fiar palha em ouro! *Eu* escolhi a menina da aldeia e ordenei-lhe que fizesse isso! *Eu* planejei toda a negociação entre vocês dois! Tudo o que *vocês* tinha de fazer era levar a criança que lhe era devida!

– Você queria que eu fizesse seu trabalho sujo – pipilou Rumpelstiltskin. – Você queria que *meu* nome fosse manchado se alguma coisa desse errado.

– É claro que sim – ela disse, sem se desculpar. – Eu ainda estava na Assembleia dos Felizes para Sempre naquela época. Não podia ser pega roubando uma princesa bebê. Até onde as fadas sabiam, eu ainda era uma delas.

– Até onde *eu* sabia, você ainda era uma delas! – disse Rumpelstiltskin. – Eu pensei que seria aprendiz de uma grande fada, não de uma Feiticeira que secretamente planejava conquistar o mundo.

Ezmia se deliciou ao lembrar-se da fraude.

– Sim, todo mundo ficou surpreso – disse ela. – E, é claro, tudo aquilo mudou quando as outras fadas descobriram que você estava trabalhando para mim e eu não fui convidada para o batismo da criança. Perdi as estribeiras e amaldiçoei o reino inteiro. Todos teriam morrido, sem dúvida, se a Fada Madrinha não tivesse convertido minha maldição em uma patética *maldição de sono*.

A Feiticeira fechou os olhos e massageou a lateral da cabeça.

– E, desde então, a Bela Adormecida tem sido meu pesadelo pessoal – continuou.
– No entanto, você devia ter visto a cara dela quando a ataquei na floresta. Ali

estava ela, a rainha mártir, tremendo de medo... Foi *impagável*!

Ezmia regozijou-se e deixou escapar uma risadinha.

– Você queria que eu a raptasse quando ela era um bebê, então a amaldiçoou por cem anos e agora cobriu o reino dela de trepadeiras e espinhos – falou Rumpelstiltskin. – Por que odeia tanto a Rainha Bela Adormecida?

Ezmia olhou para ele de soslaio enquanto avaliava sua resposta honesta e a resposta que daria ao homenzinho. O que quer que dissesse, sempre havia muito mais que *não dizia*.

– É aí que todo mundo se engana – disse Ezmia. – Vou admitir que tenho imensa satisfação em ver o Reino do Leste em um estado de terríveis agruras. Minha reputação foi ferida quando meu feitiço letal foi reduzido a um *longo cochilo*, portanto há um elemento de vingança que me dá grande prazer. Entretanto, a razão por que ataquei o Reino do Leste de novo nada tem a ver com a Rainha Bela Adormecida.

– Então por que você está causando todo esse caos? – Rumpelstiltskin perguntou, olhando nervosamente para as trepadeiras e os espinheiros do lado de fora.

– Tudo tem seu propósito – disse Ezmia, com um brilho orgulhoso e sinistro nos olhos. – Faz tanto tempo desde minha última aparição em público que o mundo pensou que eu havia morrido. Eu precisava mostrar que estava de volta, e mais poderosa do que nunca. E que data melhor senão o dia em que se celebrava o fim da minha última maldição? É *deliciosamente perverso* da minha parte, não é?

Ezmia fechou os olhos, e um amplo sorriso surgiu em seu rosto.

– Qual parte da nossa barganha você quer que eu cumpra? – perguntou Rumpelstiltskin. – Com certeza você não quer que eu rapte a Rainha Bela Adormecida agora?

– Nunca estive atrás de Bela Adormecida – disse Ezmia, e começou a andar de um lado a outro na cela. – “Bela Adormecida isso, Bela Adormecida aquilo”... Ela nem sequer teria esse nome ridículo se não fosse por mim!

Isso intrigou Rumpelstiltskin ainda mais.

– Então, do que você estava atrás? – perguntou ele.

– Eu estava atrás de uma *criança* – confessou Ezmia. – Uma criança de sangue real, especificamente; é uma das muitas coisas que preciso para completar um *projeto especial* em que tenho trabalhado.

– Um projeto especial? Você quer dizer conquistar o mundo, eu presumo? É o que sempre quis, não é?

Ezmia olhou-o diretamente nos olhos.

– *Alguma coisa* assim – disse ela. – E é muito mais difícil do que parece. Pouco tempo depois de conhecê-lo, concebi um meio de fazer isso. É uma espécie de encantamento: uma fórmula muito complexa que requer que certas propriedades

sejam reclamadas e que recursos especiais sejam obtidos. Uma vez que eu consiga reunir todos eles, nem mesmo a Fada Madrinha poderá me impedir.

– Mais de um século se passou desde a última vez que a vi. Por que você decidiu atacar agora, depois de todo esse tempo?

Ezmia agitou a mão, e as pedras do piso se ergueram para formar uma grande cadeira.

– Você não sabe de nada, Rumpy – disse Ezmia, e sentou-se. – Enquanto estive trancafiado eu tive um século *e tanto*. Não é como se eu tivesse ficado deitada sem fazer nada durante esse tempo todo. Fui traída, fui envenenada e voltei das raias da morte mais forte e mais poderosa do que nunca.

– Envenenada? – Rumpelstiltskin indagou. – Por quem?

– Evly. – Ezmia pronunciou o nome como se se tratasse de uma doença.

– Evly? Quem é essa?

– Ela deveria ser a minha solução – disse Ezmia. – No entanto, acabou sendo minha maior decepção.

Ela agitou novamente a mão, e as pedras do piso formaram um banquinho para Rumpelstiltskin se sentar.

– É uma longa história, então sente-se! – Ezmia ordenou.

Rumpelstiltskin não discutiu.

– Depois que amaldiçoei o Reino do Leste, passei a viver na clandestinidade – explicou Ezmia. – Posso ter sido a fada mais poderosa do mundo, mas não era páreo para todas as outras fadas juntas. Eu sabia que não poderia atacar de novo até estar mais adiantada com o meu *projeto*... até passar do ponto em que não há retorno. Assim, fiz planos em segredo, de olho em todos os reinos, para encontrar as peças de que precisava para continuar meu trabalho.

“Ergui um pitoresco castelinho no nordeste, em um local onde ninguém poderia me encontrar, e planejei o próximo lance. Mas ele requeria tantos elementos fora do meu alcance que soube que teria de ser paciente. Trouxe muitas almas atormentadas para o castelo, na esperança de produzir um aprendiz adequado, mas todas elas falharam, cada uma me desapontando mais do que a anterior...”

“Muitos anos depois, no Reino Encantado, quando o falecido Rei Chester era apenas um príncipe, o palácio recebeu uma visitante inesperada certa noite. Uma jovem donzela bateu às portas do castelo buscando abrigo de um terrível temporal. Chester se apaixonou por ela instantaneamente e pediu a seus pais permissão para lhe propor em casamento.

“Sendo o rei e a rainha tão antiquados, disseram a Chester que ele só poderia se casar com a donzela se fosse capaz de provar que ela tinha sangue real. Então o príncipe engendrou um plano para testar a donzela: preparou para ela uma cama no aposento de hóspedes com uma dúzia de colchões empilhados e colocou uma ervilha

embaixo do último, convencendo os pais de que somente alguém com sangue real poderia sentir a imperfeição através de todos os colchões.

“Na manhã seguinte a donzela se queixou de não ter conseguido dormir à noite, e Chester teve certeza de que encontrara sua futura esposa. Ele pediu a mão da donzela em casamento, mas ela rejeitou a proposta. A donzela tinha um segredo; ela se agitara a noite inteira em desconforto porque estava *grávida*, e não por ser uma princesa.

“A donzela era uma simples camponesa fugitiva, envergonhada de estar esperando um filho fora do casamento. Ela desapareceu do palácio tão depressa quanto chegara, e o Príncipe Chester nunca mais a viu. Naturalmente, quando ouvi falar daquela assim chamada princesa grávida em fuga, fiquei intrigada, já que precisava de uma criança com sangue real. Rastreei-a na floresta onde ela vivia sozinha em uma caverna.

“Para minha alegria, a donzela estava com a gravidez avançada quando a descobri. Fiz a ela uma oferta irrecusável: em troca da criança, eu lhe daria uma vida de luxo e riqueza além de seus sonhos mais loucos. *O de sempre*. Ela concordou, e o negócio foi fechado. Infelizmente, porém, ela voltou atrás pouco antes de dar à luz a criança. Fugiu para uma aldeia vizinha e morreu ao parir uma menininha, que os aldeões chamaram de Evly.

“Logo descobri que a donzela não tinha sangue real, e Evly não poderia ser a criança de que eu precisava. Deixei que os aldeões a criassem enquanto eu concebia *outro* plano para encontrar uma utilidade para Evly afinal. Eu a treinaria para seduzir o Príncipe White do Reino do Norte e casar-se com ele. Juntos produziriam um herdeiro, e eu finalmente teria a criança de sangue real que desejava.

“Infelizmente, quando voltei para buscar Evly, já adolescente, ela havia se apaixonado loucamente por um dos rapazes da aldeia, um patético aspirante a poeta chamado Mira. Levei Evly para meu castelo no nordeste, para começar o treinamento, mas tudo o que ela fazia era chorar e se lamentar, todos os dias e todas as noites, sobre a falta que sentia de Mira. Então eu lhe trouxe o rapaz e o aprisionei em um Espelho Mágico.

“Pensei que tinha sido um gesto benévolo da minha parte, porém só fez que Evly se tornasse mais rancorosa. Ela levou a cabo seu próprio plano contra mim. Invadiu minha sala de poções e preparou uma poção tão forte que, quando algumas gotas tocaram o solo do lado de fora de sua janela, todas as árvores e plantas em um raio de quilômetros foram mortas.

“Evly envenenou uma pequena adaga com a poção e me apunhalou com ela. O veneno quase me matou; eu me encarquillei até o estado de uma humana moribunda: perdi todo o meu poder, toda a minha beleza e toda a esperança de realizar meus planos. Fugi para o mais longe possível, com medo de que Evly tentasse acabar de

vez comigo, mas a menina idiota estava tão concentrada em suas tentativas de libertar Mira que se esqueceu totalmente de mim.

“Uma bruxa velha chamada Hagatha me encontrou no bosque, mais morta que viva. Ela me reconheceu e também aos efeitos do veneno. Me levou para sua pequena choupana, na Floresta dos Anões, e cuidou de mim até restaurar minha saúde. Me tornei sua aprendiz, mas ela me tratava de um modo horrível, aproveitando-se da pessoa que eu fora outrora. Despachava-me às mais repulsivas missões e me forçava a dormir do lado de fora como um animal.

“Ironicamente, o veneno foi também o que me salvou. A Assembleia dos Felizes para Sempre estava à minha procura desde que amaldiçoei o Reino do Leste; eles não me reconheceram em meu estado fragilizado e decidiram que eu estava morta.

“Um dia, algumas décadas mais tarde, Hagatha e eu colhíamos plantas da Cova do Espinheiro que ela plantara em volta de sua choupana. Ela me forçava a fazer todo o trabalho, e minhas mãos se achavam esfoladas e arranhadas por causa de todos aqueles espinhos. Lembro-me de me sentir mais zangada do que nunca. Estava furiosa porque eu, uma mulher que outrora fora mais poderosa que qualquer pessoa, tinha me tornado escrava de uma bruxa.

“E, com essa raiva, senti algo diferente. De repente me senti *viva* outra vez, como se uma vela tivesse se reacendido dentro de mim. Depois de longos anos meu corpo finalmente se recuperou dos efeitos do veneno, e meus poderes voltaram.

“É verdade o que dizem: o que não o mata deixa-o mais forte; eu sou a prova viva. Estava mais poderosa do que jamais estive. Meus poderes também eram diferentes; minha magia sempre viera de uma fonte de felizes-para-sempre, originando-se de uma vida entre fadas... É por isso que toda maldição que eu criava podia ser quebrada com um beijo ou uma demonstração de afeto. Mas não mais. Dessa vez minha magia não tinha limites.

“Empurrei Hagatha para dentro da cova e lancei uma maldição sobre as trepadeiras e os espinheiros, para que capturassem qualquer coisa que se aproximasse.”

– *Você* a empurrou para dentro da Cova do Espinheiro? – Rumpelstiltskin perguntou. – Durante todo esse tempo, era a *sua* magia que se putrefazia naquele lugar ímpio?

– Claro – disse a Feiticeira, com um orgulhoso encolher de ombros. – Acredite, eu queria levar o crédito por aquilo, mas ainda tinha trabalho por fazer antes de aparecer em público novamente. Retornei ao castelo e recolhi todos os meus pertences, pronta para completar o que havia começado tanto tempo atrás.

“Porém eu sabia que teria de continuar sendo paciente. Os reinos viviam uma Era Dourada: Cinderela e o Príncipe Encantado haviam se casado; Bela Adormecida acabara de acordar; Branca de Neve fora coroada Rainha... Eu sabia que, se

esperasse o momento certo, minha volta teria um impacto muito maior, e agora ela tem.”

Rumpelstiltskin teve medo de pensar o que a força recém-recuperada de Ezmia significaria para o futuro dos reinos.

– Eu nunca entendi você – disse ele. – Era tão admirada e amada pelo mundo inteiro... Por que isso não era suficiente? Quando tudo começou a dar errado?

A Feiticeira olhou para o chão com uma expressão sarcástica.

– As pessoas só o amam enquanto obtêm alguma coisa de você, mas, no minuto em que você diz algo que elas não querem ouvir ou faz alguma coisa que não querem ver, toda admiração é drenada de seu coração.

– Mas por que essa obsessão pelo poder? – Rumpelstiltskin perguntou cautelosamente. – Por que você precisa do mundo, Ezmia?

Ezmia soltou um longo suspiro.

– Tenho minhas razões – disse ela de maneira incisiva. – E, muito francamente, não ligo a mínima se você ou qualquer outra pessoa entende ou não.

Uma tensão cresceu no ambiente, porém não era entre Ezmia e Rumpelstiltskin; era entre Ezmia e o mundo.

– Mas onde eu me encaixo? – Rumpelstiltskin indagou. – Se você é tão poderosa agora, por que precisa de mim?

– Bem, isso é simples – Ezmia falou. – De todos os meus aprendizes ao longo dos anos, você foi o mais leal, Rumpy. Você realmente *começou* o que eu lhe pedi, e agora vou deixá-lo terminar. Além disso, será bom ter um amigo por perto depois que eu assumir o controle.

Eles trocaram um olhar significativo, cientes de que isso em nada se assemelhava a uma amizade.

– É outra criança, não é? – Rumpelstiltskin perguntou, com o coração apertado, já sabendo a resposta. – Você quer que eu rapte outra criança.

– Precisamente – disse a Feiticeira.

Rumpelstiltskin baixou a cabeça e fechou os olhos. Sabia que não tinha escolha dessa vez; a recusa significaria a morte.

– Bem, já pusemos a conversa em dia o suficiente – disse Ezmia, e deslizou para a porta com uma elasticidade fresca no andar. – Venha comigo, Rumpy. Há muito trabalho por fazer. Esperei quase dois séculos por isso, então, como você pode imaginar, fiquei muito impaciente.

As pedras se afundaram no chão novamente, e Rumpelstiltskin caiu sentado no chão.

– Aonde vamos? – perguntou ele.

– Para a velha choupana de Hagatha. É onde tenho passado a maior parte do tempo desde que meu castelo foi destruído, um ano atrás. Você deveria ver o que fiz

com o lugar! Um pouquinho de mágica vai longe na Floresta dos Anões.

Rumpelstiltskin olhou nostalgicamente em volta da minúscula cela; ela nunca se parecera tanto com um lar até ele ser forçado a deixá-la.

– Eu só preciso dizer adeus – disse Rumpelstiltskin tristemente.

Ezmia ergueu uma sobrancelha, sem saber de quem ele estava falando. Quem sabe a prisão tivesse sido mais dura para seu pequeno amigo do que ela imaginara?

Rumpelstiltskin se agachou e tirou a tigela de cima da margarida.

– Eu tenho de ir agora – disse ele, lutando para conter as lágrimas. – Por favor, não olhe para mim desse jeito. Você ficará bem. – Ele acariciou de leve uma de suas pétalas brancas. – Adeus, florzinha. Por favor, cuide-se.

Rumpelstiltskin se levantou e saiu, deixando sua cela pela primeira vez em cento e vinte e sete anos para adentrar um mundo de aprisionamento ainda mais duro.

Ezmia demorou-se no vão, olhando fixamente para a flor. Não conseguia entender como uma coisa tão pequena e inferior podia ser tão importante... tão protegida... ou tão *amada*. Aquilo acendeu um fogo dentro dela.

A Feiticeira agitou a mão na direção da margarida, e esta murchou, desfazendo-se em pedacinhos de nada. Um sorriso surgiu na face da mulher – tão satisfeita por destruir algo tão pequeno.



CAPÍTULO 11

A rainha e o sapo

Eram os momentos finais antes do alvorecer, e as estrelas desapareciam lentamente enquanto o céu começava a clarear. Froggy e os gêmeos viajaram através da Floresta dos Anões durante a maior parte da noite, cobrindo o território o mais depressa e silenciosamente possível.

Mesmo depois de tudo o que passaram juntos, os gêmeos nunca tinham visto Froggy tão tenso. Ele constantemente vigiava o caminho à sua frente e olhava para trás a cada passo, para ter certeza de que não estavam sendo seguidos.

– Você parece estressado, cara – disse Conner, erguendo os olhos para o amigo verde.

– Estes tempos são definitivamente merecedores de preocupação – disse Froggy.
– A propósito, o que é um “cara”?

Conner encolheu os ombros.

– É uma gíria do nosso mundo, nada de importante – explicou. – Desculpe, por um segundo esqueci onde eu estava.

Alex se aproximou de Froggy enquanto caminhavam, ansiosa por ter uma conversa mais séria.

– Quão ruim é a situação, de verdade? – ela perguntou. – Nós só sabemos por aqueles animais na floresta e pela Mamãe Ganso. Qual é sua opinião a respeito?

Froggy suspirou.

– Não me lembro de um tempo tão perturbador – disse ele. – Mesmo quando a Rainha Diabólica estava à solta, as pessoas seguiam com suas vidas. Agora que a Feiticeira está de volta, é como se o mundo tivesse parado. Todo mundo fica dentro de casa, com medo demais para sair até que a Assembleia dos Felizes para Sempre possa fazer alguma coisa.

– E eles fizeram *alguma* coisa? – perguntou Conner. – Inventaram algum meio de

detê-la?

– Receio que não – disse Froggy. – Eles tentaram desencantar as plantas que cobrem o Reino do Leste, mas não adiantou... A mágica é forte demais. Ezmia ficou mais poderosa do que qualquer um pensou ser possível.

– Além de cobrir o Reino do Leste de plantas, a Feiticeira fez mais alguma coisa? – perguntou Alex.

– Por enquanto, isso foi tudo – disse Froggy. – O que provavelmente quer dizer que ela voltará a atacar a qualquer momento.

– Por que todo mundo está chamando o reino de Reino do Leste? – perguntou Conner. – Eu perdi alguma coisa? O que aconteceu com o Reino Adormecido?

– O reino finalmente recuperou sua glória anterior à maldição do sono – Froggy explicou. – A Rainha Bela Adormecida quis celebrar a restauração do reino reclamando o título anterior. Eles estavam realizando uma enorme celebração na noite em que a Feiticeira atacou. Aquela pobre gente não esperava por isso.

– Fico pensando se meu truque do elástico ajudou – Conner falou consigo mesmo.

– Por que Ezmia cobriu o reino justamente de plantas? – perguntou Alex. – Se a Assembleia dos Felizes para Sempre não consegue mais deter sua mágica, por que não condenar Bela Adormecida à morte de novo?

Como todos no mundo dos contos de fadas, Froggy podia apenas adivinhar.

– Pelo simbolismo, suponho – disse ele, e esfregou seus olhos cansados. – Durante a maldição do sono, o reino inteiro foi coberto de espinheiros e trepadeiras porque ninguém cuidou das terras. Tenho certeza de que, ao cobrir o reino de novo, Ezmia está sentindo prazer em ver todo o trabalho duro do povo ir por água abaixo. Para ela, as pessoas têm maior valor como reféns do que como cadáveres... Fazê-las sofrer é mais cruel do que matá-las, se querem saber minha opinião.

Alex e Conner ficaram um pouquinho mais aliviados ao ouvir isso. Se a Feiticeira estava colecionando reféns, então talvez a vida de sua mãe não estivesse em perigo. Só queriam que ela não estivesse sofrendo.

– E agora as plantas estão mantendo as pessoas prisioneiras, exatamente como na Cova do Espinheiro – disse Alex consigo mesma, tentando tirar sentido daquilo tudo.

– Exatamente – disse Froggy. – Embora ninguém tenha sido capaz de fazer uma conexão entre as duas coisas.

– E quanto à Rainha Bela Adormecida e ao Rei Chase? Eles estão bem? – perguntou Alex.

– O Rei Chase continua preso no Reino do Leste, até onde todos sabem – disse Froggy. – A Rainha Bela Adormecida mal conseguiu sair de lá. Ela foi atacada enquanto fugia para a fronteira. Todos os seus soldados foram mortos, mas ela sobreviveu, felizmente. Soldados do Reino Encantado a encontraram na floresta e a levaram ao Palácio Encantado.

– Isso é horrível – disse Alex, com um suspiro. – Apesar de ela ter levado nossa mãe, depois do que ficamos sabendo sobre a Rainha Diabólica estou tentando pensar numa razão para a Feiticeira também estar apenas equivocada. Mas é difícil.

Conner deu uma resmungada.

– Não para mim – disse ele. – Não me importa a desculpa dela, se machucar a mamãe de algum jeito, me certificarei de que seja a última coisa que terá feito.

O sol começou a subir, e a terra em volta deles se tornou mais visível. A distância, os gêmeos reviram um muro familiar, feito de tijolos cinzentos, que se estendia através do horizonte inteiro.

– Aquele não é o muro que cerca o Reino da Chapeuzinho Vermelho? – perguntou Alex.

– Ah, sim – disse Conner, reconhecendo-o também. – Espere... Por que estamos indo pra lá? Pensei que você estava nos levando para a sua casa, Froggy.

– E estou – reassegurou Froggy.

– O que aconteceu com o seu buraco no chão? – Conner quis saber.

– Eu me mudei. Moro no castelo agora... com a Rainha Chapeuzinho.

Froggy corou em um tom de verde-escuro e se calou. Alex e Conner se entreolharam, com “Você ouviu aquilo?” estampado no rosto. Froggy caminhou na frente dos dois e atravessou o portão oeste do famoso muro do Reino da Chapeuzinho Vermelho.

– Bom dia, amigos! – disse o homem-sapo, com uma inclinada de cabeça para os guardas que vigiavam o portão.

– Dia, senhor – responderam os soldados, curvando-se levemente quando Froggy passou por eles.

Os gêmeos passaram correndo pelo portão e o alcançaram do outro lado.

– Espere um minuto – disse Conner, com uma risada. – Você está vivendo com a Chapeuzinho? Vocês são tipo um casal ou coisa assim?

Froggy adquiriu um verde ainda mais escuro.

– Bem, suponho que sim – disse, envergonhado demais para olhá-los nos olhos.

– Eu não estava esperando por isso – disse Alex, as sobrancelhas erguidas.

– Como diabos isso foi acontecer? – Conner perguntou, com um sorriso confuso no rosto. – Quero dizer, você é tão mundano, sofisticado, e ela tão... *não*.

– Conner, não seja rude! – Alex o cutucou.

– Não, está tudo bem – disse Froggy. – É muito simples como tudo aconteceu. Logo depois que fui transformado em humano pela sua avó e o castelo foi reconstruído após o fogo, a Rainha Chapeuzinho me convidou para o chá uma tarde. Ela queria me agradecer de novo por salvar sua vida durante a batalha contra a Rainha Diabólica e a Grande Alcateia dos Lobos Maus. Deveria durar apenas uma hora, mais ou menos, mas acabamos conversando o dia inteiro... bem, ela falou, e eu

escutei... mas nós realmente nos conectamos. E, desde então, nossa amizade tomou um caminho mais romântico.

Os gêmeos ficaram boquiabertos, o que não ajudou Froggy nem um pouco.

– E como ela se sente quanto a você ter tomado a sua forma de sapo de novo? – perguntou Alex.

– No início foi desafiador. Chapeuzinho tinha medo de tocar em mim e não me deixava sentar nos móveis; mas ela progrediu muito e sabe que é por um bem maior, mesmo que obrigue a uma pausa no nosso relacionamento. Chapeuzinho é realmente uma mulher excepcional; você só precisa conhecê-la melhor.

– Ela ainda é obcecada por João? – Conner perguntou. Alex fulminou-o com os olhos.

O colorido verde-escuro da face de Froggy esmaeceu.

– Estamos trabalhando nisso – disse ele. – Eu não acho que seja possível deixar totalmente de amar alguém. Às vezes o amor se transforma em ódio, mas não estou certo de que seja possível parar de *sentir* por alguém. A despeito de quaisquer sentimentos que ela ainda tenha por João, eu não tenho dúvidas quanto à afeição dela por mim.

Froggy sorriu e balançou a cabeça para si mesmo. Alex e Conner encolheram os ombros um para o outro. Relacionamentos sempre pareceram complicados para eles; sob essas circunstâncias, então, pareciam quase impossíveis de entender.

– Mas isso o incomoda? – perguntou Alex. – Saber quanto ela gostou de outra pessoa no passado?

Froggy confiantemente negou com a cabeça.

– Eu acho que, se Chapeuzinho está disposta a me aceitar, defeituoso e “sapificado”, então posso fazer o mesmo por ela, não importa a bagagem que traz – disse ele. – E, a propósito, quanto mais tempo João e Cachinhos Dourados estiverem fora de cena, tanto melhor será para ela. Longe dos olhos, longe do coração.

– A-hã... – disse Conner com uma fungada, olhando para ele com o canto do olho. – O que aconteceu com João e Cachinhos Dourados? Alguém sabe alguma coisa deles?

– Muito pouco, na verdade – disse Froggy. – Ocasionalmente eles são vistos na periferia do reino e um aldeão alerta os guardas do castelo. Mas os dois têm se mantido bem quietos, e, pelo meu próprio bem e o de Chapeuzinho, eu não me queixo.

Os gêmeos ficaram contentes em saber que João e Cachinhos Dourados continuavam juntos e fugitivos, aliviados porque ao menos uma coisa permanecera constante enquanto o resto do mundo se achava em caos.

Eles caminharam através das colinas ondulantes das Fazendas da Família Bo Peep e logo chegaram à pitoresca cidadezinha no centro do reino. Os gêmeos ficaram

deliciados ao avistar de novo as delicadas casinhas e os prédios de tijolos com cobertura pontuda de palha. Sorriram ao ver o Banco Henny Penny, o Shoe Inn e lojas como a Padaria Pat-a-Cake e a Doceria de Jack Horner exatamente como em sua primeira visita.

Uma coisa, no entanto, era visivelmente diferente. A cidade, que antes estava cheia de fazendeiros e pastores transportando seus animais de um lado a outro, agora encontrava-se deserta.

– Está tudo tão vazio! – exclamou Alex.

– Você se lembra de como a cidade estava cheia de gente na última vez? – disse Conner. – Era o Dia de Levar o Seu Bode Para o Trabalho ou coisa assim, se me lembro bem.

Froggy deixou escapar um suspiro triste.

– É um sinal dos tempos, receio – falou. – Todas as aldeias de todos os reinos estão assim. Ninguém sai de casa, a não ser que seja absolutamente necessário.

Eles caminharam através do parque, no centro da cidade, e ficaram contentes ao ver os memoriais de Humpty Dumpty e do Menino Que Gritava Lobo e a Colina de Jack e Jill – porém os gêmeos não puderam evitar vê-los de um modo um pouco diferente depois do que a Mamãe Ganso contara.

– Uau! – disse Conner, olhando para o outro lado do parque. – Dê uma olhada na reforma.

No limite do parque, de frente para os gêmeos, estava o castelo da Chapeuzinho Vermelho – seu *novo* castelo. Era duas vezes mais alto e mais largo que o anterior. Possuía várias torres, cada qual mais alta que a outra, uma grande cúpula no centro e um relógio gigantesco logo acima da recém-construída escadaria dianteira.

Alex e Conner inclinaram a cabeça e apertaram os olhos para o novo castelo; havia nele algo de muito peculiar.

– Parece familiar – disse Alex.

– Com certeza – disse Conner. – Meio que parece todos os outros castelos misturados, não é?

– Esperem só até ver por dentro – alertou Froggy. – Chapeuzinho construiu uma biblioteca para mim! É simplesmente esplêndida! Centenas e centenas de livros, e são todos meus.

– Isso é maravilhoso! – disse Alex, compartilhando o seu sorriso entusiástico.

– Não se preocupe – Froggy falou. – Eu guardei todos os livros que você me deu. Eles têm sua própria seção especial.

Ele piscou para ela, que sorriu. Alex se lembrava dos livros que os aproximaram quando se conheceram.

O trio subiu a escada dianteira do castelo, e dois guardas lhes abriram as impressionantemente grandes portas.

– Bom dia, senhor – os guardas disseram a Froggy e se curvaram como tinham feito os guardas anteriores.

– Dia, cavalheiros – disse Froggy.

– Todos os guardas conhecem você ou coisa assim? – Conner perguntou.

– Bem, eu não sou exatamente fácil de esquecer – disse Froggy. – Não me encaixo aqui, com esta aparência. Fico contente que os aldeões tenham parado de desmaiar quando me veem... a maior parte deles, pelo menos.

Os três deram os primeiros passos dentro do castelo, e os gêmeos ficaram sem fôlego. Havia um piso de mármore sob seus pés, colunas de ouro a seu lado e uma grandiosa escadaria à sua frente. E, de modo nada surpreendente para qualquer um, todas as paredes eram cobertas de retratos da Rainha Chapeuzinho em diferentes e glamorosas posições.

– Ela certamente não poupou dinheiro – disse Conner, olhando para tudo a seu redor. No piso, notou pequeninos ladrilhos em forma de cesta conectados aos cantos dos ladrilhos de mármore.

– Isso me lembra um pouco o salão de baile da Cinderela – disse Alex. – Só que “vermelhificado”.

Uma aia rechonchuda e baixinha descia a escada com uma bandeja de chá vazia. Suas bochechas estavam rosadas, e ela resfolegava com o esforço. Alex e Conner esconderam-se atrás de Froggy, lembrando-se de que seu último encontro com ela não fora agradável.

– Bem-vindo de volta, Príncipe Charlie! – a aia gritou para Froggy. Era estranho para os gêmeos ouvi-lo sendo chamado por seu nome real. – A rainha está na biblioteca; eu acabei de servir-lhe o desjejum.

– Obrigado, estou indo para lá agora – gritou ele de volta.

– Gostaria que lhe trouxesse um pouco de chá de folha de lírio-d’água?

– Isso seria ótimo, obrigado. Três moscas no meu, por favor. Vocês aceitam um chá? Alex? Conner?

– Opa, como não? – disse Conner. – Isto não seria uma visita sem um pouco de chá de folha de lírio-d’água.

Os gêmeos seguiram Froggy escada acima, passando pela aia, que parou bruscamente e os fitou de um jeito peculiar, incapaz de recordar exatamente de onde os conhecia, mas lembrando-se claramente de que não havia sido uma boa experiência.

Chegaram ao topo da escada, viraram à direita e viajaram por um corredor impecavelmente decorado, também forrado de retratos da Rainha Chapeuzinho. Viram-se em frente a um par de portas de ouro com as palavras BIBLIOTECA, LUGAR DE LIVROS entalhadas na parede acima.

Conner apontou os dizeres à irmã.

– Aposto qualquer coisa que aquilo é para ela não esquecer o que tem dentro! – falou ao ouvido de Alex, abafando o riso.

– Aqui estamos! – disse Froggy e empurrou as portas.

Os gêmeos entraram e ficaram boquiabertos de novo. Era a biblioteca mais elegante que já tinham visto, batendo até mesmo a do palácio de Branca de Neve. Os olhos de Alex quase se encheram de lágrimas; Conner balançou a cabeça, as sobrancelhas erguidas.

– É linda! – Alex disse e levou a mão ao coração.

– Nada mau – completou Conner.

Estantes subiam até o altíssimo teto, com escadas e balcões em vários níveis. Um conjunto de poltronas e sofás se situava no centro da sala, perto de uma grande lareira, e, na frente desta, um gigantesco tapete de pele de lobo (outrora o próprio Grande Lobo Mau) se espalhava pelo piso. Um lindo candelabro pendia do centro da sala, proporcionando luz em perfeita abundância para leitura.

Havia muitos retratos de Chapeuzinho pendurados na biblioteca, e uma pintura especialmente grande – da rainha lendo um livro em uma das poltronas – se exibia acima da lareira. Os gêmeos tiveram de olhar duas vezes para entender a cena, pois, bem abaixo do retrato, achava-se a verdadeira Rainha Chapeuzinho Vermelho sentada em uma poltrona, lendo um livro em posição idêntica à do retrato.

Ela ergueu os olhos assim que ouviu as portas sendo abertas.

– Você voltou! – Chapeuzinho disse quando viu Froggy. Ela jogou de lado o livro, que era fino e continha principalmente figuras, e correu para seu galã. Eles colidiram em um abraço gigante.

A Rainha Chapeuzinho Vermelho era uma bela jovem de cabelos loiros e brilhantes olhos azuis. Estava elegante como sempre, com vestido vermelho e uma capa com capuz, porém os gêmeos notaram algo de diferente nela. Não estava usando, nem de longe, tanta maquiagem e tantas joias como antes. Froggy simplificara a necessidade de impressionar da jovem rainha.

Froggy tentou beijá-la, mas Chapeuzinho se esquivou.

– Sem beijos, está lembrado? – disse Chapeuzinho. – Eu o amo até a morte, querido, mas simplesmente o acho repulsivo no momento. Não há nada pior do que um beijo frio e pegajoso... *Vocês dois!*

A atenção de Chapeuzinho foi plenamente desviada para os gêmeos assim que os avistou. Ela os encarou como se fossem cobras venenosas trazidas ao castelo por Froggy.

– Chapeuzinho, você se lembra de Alex e Conner? – perguntou o homem-sapo.

– Se me lembro? Como poderia *esquecer*? – disse Chapeuzinho, sem desviar os olhos dos gêmeos.

– Oi, Chapeuzinho – disse Alex educadamente.

– Como está? – Conner falou gentilmente.

– Desculpem, eu não queria ser rude – Chapeuzinho disse para os gêmeos. – Mas é que toda vez que vejo vocês dois estou com o coração partido, sequestrada ou sem teto.

Os gêmeos não tinham como contestá-la. Ela estava certa.

– Sem problemas – disse Conner.

Chapeuzinho olhou nervosamente para eles por um minuto antes de dizer outra coisa.

– Então, o que os traz de volta a este mundo? – perguntou. – Férias? Visitando a avó de vocês?

– Não exatamente – disse Alex.

– Estávamos perdidos no bosque – disse Conner. – Que surpresa.

– Ainda bem que vimos Froggy na floresta, ou quem sabe aonde iríamos parar – Alex acrescentou.

Chapeuzinho olhou para um e para outro alternadamente e depois para Froggy.

– Então você os trouxe aqui? – ela disse por trás de um sorriso forçado. – Adorável.

– Eles não tinham para onde ir – Froggy explicou. – Eu não podia deixá-los perambulando sozinhos em tempos como estes.

Chapeuzinho olhou de novo para os gêmeos, ainda inquieta.

– Não, suponho que não.

Os gêmeos tentaram quebrar a desconfortável tensão.

– Seu novo castelo é lindo – disse Alex.

– Eu me sinto tão em casa... em *muitas* casas, na verdade – disse Conner. – Você seguiu algum tema?

– Inspiração, principalmente – Chapeuzinho falou inexpressivamente.

– Ah – disse Conner. – Bem, ele certamente parece... *inspirado*.

A aia bateu na porta e entrou na biblioteca carregando uma bandeja com chá para Froggy e os gêmeos.

– Maravilha. Por que não pomos a conversa em dia enquanto tomamos chá? – disse Chapeuzinho. Seu tom não combinava com as palavras entusiásticas.

A aia pôs a bandeja de chá em uma mesa e saiu da sala. Os gêmeos sentaram-se na frente de Froggy e Chapeuzinho, e o chá improvisado teve início. Froggy segurou a mão de Chapeuzinho carinhosamente.

– Assim tudo bem? – perguntou a ela.

– É claro que sim; estou usando luvas – disse Chapeuzinho.

Fez-se silêncio por alguns instantes, e apenas o som das colheres batendo contra as xícaras preencheu a sala incomodamente tensa.

– Então, quantos anos vocês têm agora? – perguntou Chapeuzinho. – Parecem ter

crescido.

– Temos treze anos – disse Conner.

– Ah, que ótimo – falou Chapeuzinho. – A idade que eu tinha quando fui eleita rainha. É claro, eu tinha a vovó para me ajudar.

– Como vai a sua vovó? – perguntou Alex.

– Aposentada, na verdade – disse Chapeuzinho. – Ela mora no Shoe Inn agora. Então eu assumi todas as responsabilidades como rainha.

– E como tem sido a realeza para você? – indagou Conner. Ele deu um pequeno gole no seu chá de folha de lírio-d’água e o cuspiu imediatamente.

– Tem sido difícil – disse Chapeuzinho. – Ser uma rainha implica muito mais coisas do que as pessoas imaginam... Não é tudo joias, vestidos fabulosos e afeto em abundância. Há montes de decisões a tomar todos os dias a respeito de camponeses e fazendeiros e suas necessidades e sei-lá-mais-o-quê. Por sorte, tenho Charlie para me ajudar.

– Isso é bom – afirmou Alex. – Você criou leis recentemente, ou alguma coisa que mereça ser mencionada?

Chapeuzinho olhou para o teto enquanto tentava se lembrar de qual tinha sido seu último ato como rainha.

– Eu aumentei os impostos – disse alegremente, porém logo seu sorriso transformou-se em careta. – Mas o povo não gostou nada disso, e eu rapidamente os abaixei de novo. Erro meu; realmente não imaginei que eles levariam isso para o lado pessoal. Aparentemente meu reino tem uma forte ecologia, então não havia necessidade.

– Uma forte *economia*, querida – Froggy corrigiu.

– Ah, sim, *economia*, desculpem – disse Chapeuzinho. – Nós cultivamos tanta comida e produzimos tanta lã que nossos negócios com os outros reinos são muito fortes. O Reino da Chapeuzinho Vermelho é a cesta de pão deste mundo, sem trocadilhos.

Os gêmeos balançaram a cabeça educadamente, porém estavam em choque por ainda permitirem que alguém como Chapeuzinho governasse um reino. Froggy decidiu salvar os gêmeos da conversa e escoltou-os a um canto da sala.

– Quero mostrar-lhes algo especial – disse o homem-sapo, e apontou para uma estante na qual estavam os velhos livros de Alex. – É aqui que guardo todos os seus livros, Alex.

– Eles parecem muito felizes aqui – ela disse, com um sorriso. Seus olhos caíram nos títulos dos livros logo abaixo deles.

– *A volta ao mundo em oitenta dias, Vinte mil léguas submarinas, Frankenstein...* – descobriu ela, deliciada. – Froggy, estes são todos clássicos do nosso mundo! Onde você os conseguiu?

– A sua avó, na verdade – disse Froggy. – Ela quis me agradecer de novo por ter ajudado vocês na última vez em que estiveram aqui. E devo dizer: as pessoas do seu mundo definitivamente sabem contar histórias!

Alex sorriu com aquele pensamento, pois sabia que a maioria dos autores do mundo dela se inspirara nas histórias do mundo dele.

– Eu mesma li alguns – disse Chapeuzinho numa tentativa de continuar relevante na sala. – Como é mesmo aquele pesadão que eu gosto tanto, Charlie? Com aquela linguagem engraçadinha? *As obras completas de Jaquespires*, não é isso?

– *As obras completas de Shakespeare*, minha querida – Froggy corrigiu.

– Ah, sim, isso! – disse Chapeuzinho. – Foi uma leitura adorável! Uma história é tão agradável, e a seguinte, tão trágica... Levei quase um ano para ler todas elas. Espero que ele ainda esteja escrevendo no seu mundo; tem muito potencial, se você quer saber.

Conner deu uma risada que fez parecer um espirro.

– Não se preocupe, ele continua por lá – disse Conner. O garoto se perguntou o que Shakespeare teria pensado da aprovação de Chapeuzinho Vermelho.

Alex examinava os outros livros da biblioteca. Alguns dos títulos que lhe chamaram a atenção foram *Romances régios através dos tempos*, *História da Idade da Mágica*, *Mamíferos do Reino do Norte* e *A extinção dos dragões*. Ela sabia que poderia facilmente passar um mês na biblioteca de Froggy lendo tudo o que havia ali.

– Vejam este – disse Froggy, puxando um livro de uma estante alta. – Acho que vocês dois iriam gostar.

Ele o entregou aos gêmeos, que leram o título juntos. Tinha uma capa vermelha escura e ilustrações coladas nas páginas de dentro.

– *Mitos, lendas e feitiços de coleta* – leu Alex, surpresa. – É sobre o Feitiço do Desejo?

– Sim, e há muitos outros – disse Froggy. – Há todos os tipos de folclore de coleta aí dentro. Eu não tinha ideia de que existiam tantos, mas quem sabe quais são reais e quais não são?

Eles folhearam as páginas, passando os olhos por capítulos sobre várias lendas do mundo dos contos de fadas. Algumas lhes chamaram a atenção: a Espada do Feiticeiro era uma arma que se acreditava ter desaparecido durante a Idade dos Dragões e que supostamente podia cortar qualquer coisa. A Varinha Prodigiosa era uma varinha mágica construída com os itens mais preciosos das pessoas mais odiadas do mundo e tornava invencível seu possuidor. A Coroa da Vaidade era feita com as joias mais valiosas de todos os reinos, e dizia-se que transformava quem a usasse na pessoa mais atraente entre os vivos.

Eles passaram por uma seção dedicada ao Feitiço do Desejo, e Alex leu em voz

alta, observada por Conner:

O Feitiço do Desejo é um feitiço lendário, contado principalmente a crianças para inspirar uma ética de trabalho, o qual garante um desejo a quem coletar uma série de objetos especiais. Diversas pessoas morreram tentando testar a teoria do Feitiço do Desejo, mas, devido a tudo o que é desconhecido quanto ao feitiço, é altamente improvável que ele exista, e acredita-se que não passe de uma história infantil.

– Se eu ganhasse uma moeda cada vez que provamos que uma história infantil é verdadeira... – Conner disse baixinho.

Alguém bateu à porta, e a aia enfiou a cabeça para dentro da biblioteca.

– Uma mensagem do Reino Encantado acaba de chegar para Vossa Majestade – informou ela.

– Ah, é? – perguntou Chapeuzinho. – Deixe-me ver.

A aia entrou e entregou a carta à rainha. Estava em um envelope branco com um selo de cera dourado e tinha, no verso, um sapatinho de vidro.

– Sobre o que será isto? – disse Chapeuzinho enquanto o abria. – Duvido que Chance e Cinderela estejam dando um baile em tempos como estes. – Leu a carta, e seus olhos se arregalaram. Ela cobriu a boca com a mão. – Ah, meu...

– O que é, minha querida? – perguntou Froggy.

– A Prisão Pinóquio foi atacada pela Feiticeira – disse Chapeuzinho, erguendo os olhos da carta. – Os Encantado serão anfitriões de uma reunião da Assembleia dos Felizes para Sempre.

Chapeuzinho entregou o envelope a Froggy, que o leu enquanto os gêmeos observavam por cima do seu ombro:

À Vossa Majestade,
Rainha Chapeuzinho Vermelho,

Pesarosamente informamos que, tarde da noite de ontem, a Feiticeira atacou a Prisão Pinóquio, consumindo-a com suas plantas encantadas. Não temos notícia de sobreviventes.

Vossa presença é requisitada amanhã à noite no Palácio Encantado, onde uma reunião terá lugar com os chefes de Estado e a Assembleia dos Felizes para Sempre a fim de discutir a presente situação. Vossa presença será esperada, a não ser que de outra forma seja noticiada.

Sinceramente,

Suas Majestades Reais,
Rei Chance e Rainha Cinderela

Chapeuzinho suspirou e balançou a cabeça.

– Preciso partir imediatamente – disse à aia. – Por favor, prepare uma carruagem para nós e outra para minha bagagem para o pernoite.

A aia assentiu com a cabeça e se apressou para fora da biblioteca. Alex e Conner se entreolharam, sabendo que estavam pensando a mesma coisa.

– Temos de ir a essa reunião, Froggy – disse Alex. – Temos de saber o que está acontecendo.

– E por quê? – perguntou Chapeuzinho.

– A Feiticeira está com a nossa mãe – disse Conner. – Precisamos descobrir um jeito de salvá-la.

– Bem, o que diz sua avó sobre isso? – Chapeuzinho indagou.

Alex e Conner se olharam com uma expressão cautelosa; queriam dar as novas para Chapeuzinho de uma forma suave.

– Ela nem sabe que estamos aqui – Conner falou.

– Ela não quer que saibamos de nada – completou Alex.

Chapeuzinho inclinou a cabeça e fulminou Froggy com o olhar.

– Esperem um segundo – disse ela. – Vocês estão me dizendo que os netos fujões da Fada Madrinha estão se escondendo no *meu castelo*?!

Froggy assumiu um tom de verde-claro.

– Como eu disse... não podia deixá-los perambulando pela floresta – falou, com uma risada defensiva.

Chapeuzinho ficou da mesma cor do seu vestido.

– Você sabe o tamanho da encrenca em que vamos nos meter se o Conselho das Fadas os encontrar aqui?! – ela berrou.

– Isso não importa, porque ninguém contará para ela onde nós estamos – Conner disse severamente.

– Me desculpe, mas quem morreu e elegeu você como meu sucessor? – ironizou Chapeuzinho. – Eu deveria expulsar os dois daqui!

Conner ergueu uma sobrancelha e cruzou os braços.

– Mas você não vai – disse sarcasticamente. – Você sabe o que é pior do que *abrigar involuntariamente* os netos fujões da Fada Madrinha? *Chutar voluntariamente para fora* os netos fujões da Fada Madrinha!

Chapeuzinho soltou alguns resmungos estridentes enquanto seus olhos passeavam entre os gêmeos e Froggy. Odiava ser contrariada em sua própria casa.

– Como vocês vão entrar na reunião? – Froggy perguntou aos gêmeos. – Ela é exclusiva para chefes de Estado. Além disso, sua avó estará presente. Como vocês se esconderão dela?

Alex suspirou, pensando em como eles iriam conseguir sair dessa.

– Precisamos nos esconder em alguma coisa – disse ela. – Alguma coisa grande o bastante para que nós dois caibamos dentro, mas que não pareça suspeita.

Os olhos de Conner se iluminaram, e ele olhou em volta à procura de algo que vira quando entraram na biblioteca. Atravessou a sala, retirou da parede um retrato de Chapeuzinho e o levou até ela.

– Ei, Chapeuzinho – disse Conner –, você ainda tem este vestido?

Alex e Froggy se dirigiram à cadeira de Chapeuzinho para ver do que ele estava falando. No retrato, Chapeuzinho usava um enorme vestido de baile que se projetava de sua cintura e se derramava no chão.

– Imagino que sim – disse Chapeuzinho. – Foi um dos únicos vestidos salvos do incêndio e... Espere um segundo, você não está pensando o que estou pensando que você está pensando, está?

Conner olhou para Froggy e para a irmã com um gigantesco sorriso malicioso no rosto. Eles não precisaram de muito tempo para entender o que ele estava planejando e, quando perceberam, sorrisos semelhantes surgiram no rosto deles.

– É perfeito! – disse Alex.

– É muito esperto, tenho de admitir – concordou Froggy.

Chapeuzinho ficou horrorizada.

– Vocês todos enlouqueceram? – disse ela. – Vocês esperam que eu entre valsando em uma reunião da Assembleia dos Felizes para Sempre com dois pirralhos embaixo do meu vestido? Absolutamente não! Eu não vou participar disso de jeito nenhum!

Alex e Conner se entreolharam, e seus sorrisos desapareceram. Um gesticulou ao outro para que fizesse ou dissesse algo que a convencesse.

– Chapeuzinho – disse Alex, agachando-se ao lado dela –, nossa mãe está em perigo. Precisamos saber o que está acontecendo para podermos bolar um jeito de salvá-la.

Conner se agachou do outro lado da rainha, seguindo o exemplo da irmã.

– Ela é tudo o que temos, Chapeuzinho – disse o garoto. – Se alguma coisa acontecer a ela, ficaremos órfãos.

Chapeuzinho se viu confrontada pela face suplicante dos gêmeos. Sabia que não podia dizer “não” – nem mesmo *ela* era tão egoísta.

– Está bem, está bem, está bem! – disse Chapeuzinho. – Vou ajudá-los dessa vez, mas depois disso estou fora!

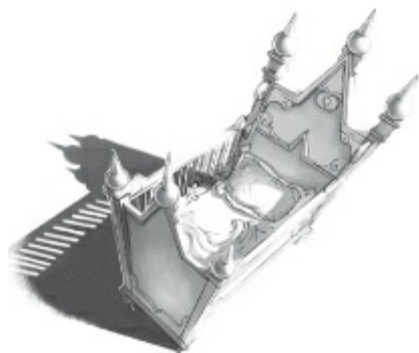
Grandes sorrisos apareceram no rosto dos gêmeos. Chapeuzinho massageou os lados de sua cabeça, perguntando-se como diabos ficara tão envolvida com tanta facilidade – tinha sido um dia tão calmo até os gêmeos aparecerem...

– Obrigada, Chapeuzinho – disse Alex.

– Você não vai se arrepender – completou Conner.

Chapeuzinho deixou-se afundar na sua poltrona.

– Posso ter isso por escrito? – ela perguntou.



CAPÍTULO 12

Uma noite nem-tão-encantada

Os gêmeos partiram com Froggy e Chapeuzinho pouco depois do recebimento da carta sobre a Assembleia dos Felizes para Sempre. Os quatro viajaram em uma carruagem, enquanto toda a “necessária” bagagem de Chapeuzinho foi transportada em outra separada. Alex e Conner sentiram pena dos cavalos que puxavam a segunda diligência – parecia ser um fardo muito pesado.

Os quatro viajavam com meia dúzia de soldados a seu redor, o que Froggy insistiu ser a quantidade perfeita para garantir segurança sem atrair atenção indesejada.

Na metade do caminho, eles pararam para que Chapeuzinho colocasse o enorme vestido que o esquema requeria. Estacionaram a carruagem em um pequenino campo entre dois grandes carvalhos, e Chapeuzinho transformou a primeira carruagem em quarto de vestir. Ela pôs Conner e Froggy para fora e obrigou Alex a ficar e ajudá-la com o vestido.

Com toda a certeza foi um desafio, pois o vestido era muito maior do que o interior da carruagem.

– Eu só gostaria de assinalar que a Rainha Branca de Neve nunca teve de trocar de roupa na beira da estrada – disse Chapeuzinho, lutando para passar o pesado vestido por cima da cabeça. – Suponho que é isso que eu ganho por ser uma *rainha eleita*.

– Deve ser um certo consolo saber que você foi *desejada* – disse Alex, tentando ajudá-la a se mover dentro da roupa. – Eles a *escolheram* para liderar o reino deles. Não foi simplesmente passado para você.

– Na verdade, não – Chapeuzinho falou. – Depois da Revolução dos COLLO, a disputa pelo posto ficou entre mim e o terceiro Porquinho, e ele nem mesmo o queria. Era um recluso total. Mal saía daquela casa de tijolos de que tanto se orgulhava.

E, com um último esforço, Chapeuzinho se empurrou para cima pelo meio do vestido.

– Finalmente! – disse ela, sem fôlego.

Os rapazes retornaram à carruagem, e a procissão prosseguiu até o Palácio Encantado. Não havia espaço físico para mais nada na diligência, com os quatro corpos e o interminável monte de tecido vermelho comprimidos lá dentro.

– Ah, não – disse Chapeuzinho menos de cinco minutos depois que eles se achavam em movimento.

– O que foi? – perguntou Conner, a face pressionada contra a janela.

– Eu preciso fazer xixi – chilreou a rainha. Todos os outros na carruagem gemeram.

Na noite seguinte, a comitiva da Rainha Chapeuzinho Vermelho chegou ao Palácio Encantado. Os gêmeos não puderam resistir a olhar avidamente para todas as propriedades e aldeias pelas quais passaram a caminho dos degraus de entrada do palácio.

Algo parecia diferente no Reino Encantado, embora os gêmeos não fossem capazes de apontar o quê. Para além da falta de aldeões desfilando pelas ruas e negociando nas lojas, havia uma vibração sombria que flutuava através de todo o reino.

As carruagens rodaram até a base da longa escadaria que levava à entrada do palácio, e os gêmeos ficaram aliviados por finalmente saírem da compacta carruagem – nem sequer se importavam com quão apertados ficariam embaixo do vestido de Chapeuzinho.

A comitiva foi recebida por um laçao do palácio. Froggy imediatamente pulou fora da carruagem e ocupou-se em descarregar a bagagem da segunda.

Os gêmeos saltaram juntos do veículo e se agacharam. Chapeuzinho foi a próxima a pular e caiu exatamente entre os dois; seu vestido explodiu para fora da carruagem e cobriu os gêmeos. Foi perfeito!

– Até agora tudo bem – Alex sussurrou sob o vestido.

– Bela calcinha, Chapeuzinho – Conner falou, rindo da roupa de baixo que ia até os joelhos, a qual ela vestira estrategicamente.

Chapeuzinho resmungou e deu uma joelhada na cabeça de Alex.

– Ai! Essa sou eu, Chapeuzinho! – disse a garota.

– Desculpe – disse Chapeuzinho, e então deu uma joelhada na cabeça de Conner.

– Ai! – gritou Conner.

Froggy voltou e encontrou Chapeuzinho e os gêmeos perfeitamente a postos.

– Estamos prontos para isso? – perguntou ele.

– Acho que sim – disse Alex.

– Ok, ok, câmbio! – disse Conner.

– Isso é tranquilizador – disse Froggy, e usou um lenço para enxugar as gotas de suor da testa. – Porque *eu*, muito certamente, não estou pronto.

– Fique frio, Froggy – disse Conner. – Ninguém vai saber que estamos aqui embaixo.

O lacaios que estava próximo à segunda carruagem olhou desconfiado, certo de ter ouvido vozes saídas de corpos que não eram visíveis.

– Certifiquem-se de ficar tão calados quanto possível – Froggy alertou, e engoliu em seco com tanta força que coaxou. – Vamos entrar no palácio?

Chapeuzinho deu um passo à frente, para o que os gêmeos não estavam preparados.

– Chapeuzinho, nós não podemos ver nada; você vai ter de nos guiar – Conner sussurrou.

– E como vou fazer isso? – Chapeuzinho sussurrou de volta.

– Narre o que estiver fazendo – disse Alex.

Chapeuzinho fechou os olhos e respirou fundo, preparando-se mentalmente para a noite que teria pela frente.

– Certo, estou *andando* rumo à escada – Chapeuzinho informou, e os gêmeos se moveram com ela. A rainha caminhava depressa demais para que a acompanhassem.

– Passinhos de bebê! – Conner sussurrou. – Estamos agachados como chimpanzés aqui embaixo.

As narinas de Chapeuzinho se dilataram.

– Certo – ela disse ríspidamente. – Agora estou subindo *lentamente* os degraus.

Os primeiros degraus foram um desastre – Froggy ficava sem fôlego cada vez que um dos tênis dos gêmeos aparecia sob o vestido. Lenta mas seguramente, eles conseguiram pegar o jeito e subiram suavemente o enorme lance de escada.

Ainda junto às carruagens, o lacaios poderia jurar ter vislumbrado três pares de pés embaixo do vestido de Chapeuzinho. Mas, quando olhou de novo para verificar, eles haviam desaparecido. O lacaios continuou a descarregar a segunda carruagem, certo de que precisava usar óculos – ou se aposentar.

As costas de Alex e Conner começaram a doer por estarem se arrastando como macacos pelos degraus acima, e as coisas só pioraram quando chegaram ao topo da escada e o chão se tornou plano, o que os obrigou a rastejar numa postura ainda mais desengonçada.

– E agora estou andando em direção à entrada do palácio, sem mais degraus – Chapeuzinho disse em voz alta.

Alguns dos guardas do Reino Encantado que patrulhavam a entrada olharam para ela de um jeito curioso. Afinal, ela caminhava a passo de lesma e falava sozinha.

– Sem dúvida você está! – Froggy disse a Chapeuzinho e deu-lhe um tapinha nas costas, tentando amenizar a situação embaraçosa.

– Príncipe Charlie, bem-vindo de volta, senhor. – Os gêmeos ouviram uma voz familiar.

– Sir Lampton – Froggy esclareceu para os dois. – É bom vê-lo, embora eu desejasse que a visita tivesse outra razão.

Alex e Conner ficaram tensos ao saber que Sir Lampton se achava a uma pequena distância deles. Prenderam a respiração, com medo de que até isso ele ouvisse.

– Agora estou *andando* dentro do Palácio Encantado – disse Chapeuzinho para os gêmeos, porém foi ouvida por Sir Lampton. – Hum... E mal posso acreditar! Parece que eu estava em casa um minuto atrás... Que viagem rápida!

Foi uma saída razoável, mas, mesmo embaixo do vestido, os gêmeos puderam sentir o olhar desconfiado que Lampton lançou a Chapeuzinho.

– Está se sentindo bem, Majestade? – ele perguntou. – Está andando tão devagar... Está doente?

Alex e Conner trocaram uma olhadela, perguntando-se como Chapeuzinho iria sair dessa.

– Perfeitamente bem, Sir Lampton – ela falou. – Eu apenas escolhi o par de sapatos errado para viajar. Meus pés estão me matando.

Alex e Conner suspiraram em alívio. Conner deu um tapinha de agradecimento no joelho de Chapeuzinho. Ela rapidamente deu-lhe um tapa na cabeça por cima do vestido, e Conner mordeu o punho para silenciar um grito.

– Só uma coceirinha – Chapeuzinho disse, com um sorriso cerrado.

– Como estão as coisas por aqui? – perguntou Froggy em uma tentativa de distrair Lampton.

– Terríveis – ele informou. – Você não soube?

– Suponho que não – disse Froggy. – O que aconteceu?

Lampton soltou o suspiro mais perturbado que os gêmeos jamais ouviram.

– A Princesa Esperança foi raptada na noite passada.

Alex e Conner arquejaram, incapazes de conter o choque, porém o som foi encoberto pelos arquejos de Chapeuzinho e Froggy.

– O quê? – disse Froggy, devastado pela notícia sobre sua única sobrinha. – O que você quer dizer com raptada? Por quem?

– Rumpelstiltskin – disse Sir Lampton. – Parece que ele voltou a trabalhar para a Feiticeira, só que dessa vez teve sucesso.

Fez-se silêncio. O mundo parecia estar se desintegrando para todos.

Alguns momentos mais tarde, depois de percorrerem o interior atapetado de vermelho do saguão de entrada do Palácio Encantado, os gêmeos reconheceram a dourada pista de dança sob seus pés e souberam que haviam chegado ao salão de baile. O salão estava cheio de vozes preocupadas e passos impacientes de um lado a outro.

– Aqui, Majestade, por favor, sente-se. – Foi o que os gêmeos ouviram Sir Lampton dizer.

– Obrigada – disse Chapeuzinho. – Agora eu vou me *sentar lentamente* na banquetta que me foi tão graciosamente oferecida...

Os gêmeos se encolheram com a deselegância da fala de Chapeuzinho, mas, felizmente para os dois, todos se encontravam ocupados demais para reparar que Chapeuzinho e Froggy haviam entrado no salão. Ela sentou-se lentamente na banquetta, dando aos gêmeos tempo suficiente para se ajustarem à sua nova posição, e eles se acomodaram no chão, ao lado da rainha. Foi um alívio para todas as suas juntas.

Alex e Conner ouviam breves conversas vindas de todos os cantos do salão e desejaram poder acrescentar expressões faciais às vozes.

Conner cutucou Alex e fez um gesto silencioso para uma costura solta que encontrara no vestido de Chapeuzinho. Ele puxou cuidadosamente a costura a fim de separá-la ainda mais, criando um pequeno buraco para espiar o lado de fora. Alex fez o mesmo do seu lado, e eles finalmente puderam ver o exterior do vestido.

Embora conhecessem todos os que se achavam no salão, havia tanta angústia e desesperança nos rostos que os reis e as rainhas estavam quase irreconhecíveis. Foi difícil para os gêmeos vê-los nesse estado; a vida daquelas pessoas sempre fora o exemplo perfeito de felicidade, porém agora elas formavam o grupo mais atormentado que Alex e Conner já tinham visto.

A Rainha Cinderela encontrava-se sentada em seu trono, inacreditavelmente devastada. Suas mãos cobriam os olhos inchados, enquanto lágrimas escorriam por seu rosto. Ela era confortada pela Rainha Branca de Neve e pela Rainha Rapunzel, que usava a ponta de sua trança notavelmente comprida para enxugar as lágrimas de Cinderela.

No canto do salão de baile, os homens andavam de um lado para o outro. O Rei Chance não parava de se mexer, furioso porque sua filha lhe fora arrebatada. O Rei Chandler e o marido de Rapunzel estavam plantados a seu lado, incapazes de fazer qualquer coisa, a não ser observar. Froggy juntou-se a eles, emprestando apoio na forma de sua presença.

– Eu a ouvi chorando – Cinderela contou às mulheres junto ao seu trono. – Levantei da cama e fui até o quarto dela. Algumas das aias já estavam na porta, mas insisti em verificar por mim mesma. Quando abri a porta, a primeira coisa que vi foram as cortinas se agitando. Achei aquilo estranho; eu não me lembrava de ter deixado a janela aberta... E foi então que o vi... aquele homenzinho horrendo segurando a minha filha!

Torrentes de lágrimas escorriam pelo rosto da rainha. Rapunzel massageou suas costas, e Branca de Neve segurou apertado sua mão.

– Respire, Cinderela, respire – disse Branca de Neve.

Cinderela recuperou o fôlego e continuou:

– Então ele olhou bem nos meus olhos e pulou pela janela. Eu gritei e corri para tentar avistá-los lá embaixo, mas eles já tinham ido. Aquele homem repugnante desapareceu com o meu bebê! – Branca de Neve a abraçou, e Cinderela chorou em seu ombro.

– Tudo isso é culpa minha – disse uma voz suave vinda do outro lado do salão. A Rainha Bela Adormecida se achava em pé junto à janela no fundo do recinto e olhava, apática, a terra lá fora.

– É a mim que ela quer, é de mim que ela está atrás – disse em um estado de estupor. – Por que não leva a mim? Por que tem de fazer todos os outros sofrer?

– Isso não é sua culpa – disse Rapunzel.

– Você não pode se culpar por isso – concordou Branca de Neve.

O Rei Chance cansou de andar de um lado para o outro e soltou um gemido irado. Ele precisava de *alguém* para culpar.

– Onde estão aquelas fadas inúteis? E por que ainda não fizeram nada?!

Uma brisa suave soprou no salão de baile, e luzes cintilantes das cores do arco-íris flutuaram através do ambiente. O Conselho das Fadas surgiu lentamente.

Emerelda foi a primeira a aparecer.

– Estamos fazendo tudo o que está ao alcance de nossas forças – disse ela. Era alta, negra e linda. Usava um longo vestido esmeralda, que combinava com seus olhos e joias. Emerelda sempre tivera uma presença suave porém dominante; era alguém em quem se podia confiar e a quem nunca se queria trair.

Xanthous foi o próximo, seguido por Skylene, a fada azul. Ela tinha a pele clara, o cabelo da cor do céu e a túnica da cor do oceano. Tangerina apareceu logo depois. Era a fada laranja, e abelhas de verdade voavam em volta de sua colmeia. Violetta, a fada roxa e mais velha do conselho, apareceu perto do lugar em que Chapeuzinho e os gêmeos se achavam sentados.

Rosette, a fada vermelha, baixinha, rechonchuda e de bochechas rosadas, apareceu em seguida. Coral, a fada cor-de-rosa e mais jovem, surgiu na sequência, pairando no ar graças às suas asas pequeninas. A colorida aparição das fadas foi uma linda visão, mas não o bastante para alterar o humor do salão.

– Bem, não é o bastante – Chance gritou para elas. – A Feiticeira é uma de vocês, não é?! Vocês estão em maior número; por que não lidam com isso?!

– Nós somos maiores do que ela em quantidade, mas não em força – disse Skylene em sua voz de sonho.

– Ela conseguiu se tornar mais poderosa do que jamais imaginamos – disse Xanthous. – Receio que nem mesmo a Fada Madrinha seja páreo para ela.

– Falando na Fada Madrinha, ela ou Mamãe Ganso já chegaram? – perguntou

Emerelda, olhando em volta do salão de baile. – Nós precisamos começar.

Outra brisa suave soprou, e dessa vez luzes brancas e cintilantes circularam em um redemoinho no centro do salão. Um momento depois, a avó dos gêmeos apareceu com sua varinha de cristal erguida.

Os gêmeos se entreolharam nervosamente. Agora que a avó estava ali, eles estavam *oficialmente* no mesmo recinto com todos os que queriam evitar.

– Perdoem-me por chegar tarde – disse a Fada Madrinha, e polidamente cumprimentou a todos no salão com um reconfortante aceno de cabeça. – Houve um pequeno problema no Outromundo.

Os gêmeos nunca tinham ouvido alguém se referir a seu mundo de outra forma que não “casa” ou “lar”; era estranho ouvi-lo ser chamado por um nome próprio, se bem que não inteiramente surpreendente. De que mais as fadas o teriam chamado durante esse tempo todo?

– Chapeuzinho Vermelho, francamente, é um vestido e tanto esse que você está usando – disse a Fada Madrinha quando viu Chapeuzinho em seu descomunal vestido vermelho.

Alex e Conner puderam ouvir o coração um do outro, aterrorizados com a possibilidade de serem descobertos a qualquer instante.

– Bem... – Chapeuzinho disse nervosamente, pensando o mais depressa possível. – É importante vestir o que você tem de melhor quando o mundo está na pior... para elevar o moral.

– Sim, suponho que isso seja verdade – concordou a Fada Madrinha, embora não tenha soado plenamente convencida.

– Com todo o respeito, eu não acho que seja um momento apropriado para falar sobre vestidos e o Outromundo – disse o Rei Chance, sua frustração aumentando a cada segundo passado sem a filha.

– Mamãe Ganso se juntará a nós? – perguntou Emerelda, trazendo a reunião de volta aos trilhos.

A avó dos gêmeos deixou de lado o tema vestido de Chapeuzinho.

– Não, ela ficou no Outromundo – disse. – Meus netos estão desaparecidos, e ela concordou em continuar procurando por eles enquanto discutimos.

– Isso é horrível – falou Chapeuzinho, sacudindo a cabeça um tiquinho demais. – Espero que eles estejam bem; eu simplesmente adoro aqueles dois.

Alex e Conner compartilharam uma revirada de olhos.

– Todos os demais estão aqui? – perguntou a Fada Madrinha, ainda olhando de um jeito estranho para Chapeuzinho.

– Todos, menos os elfos, senhora – Sir Lampton informou do outro lado do salão. – Mandamos avisar o Império Elfo do nosso encontro, porém eles optaram por não comparecer, pois entendem que a presente situação não lhes diz respeito.

O Rei Chandler suspirou.

– Típico – disse ele. – Os elfos nunca se envolvem, a não ser que sejam obrigados.

– Obrigada, Sir Lampton – disse a Fada Madrinha. – Então vamos começar.

O Rei Chance avançou tempestuosamente na direção dela.

– Conte-nos por que a Feiticeira não pode ser detida! Por que vocês são tão incompetentes? – ele gritou.

A Fada Madrinha o mirou com a compaixão que era sua marca registrada.

– Chance, eu receio não ter as respostas que você deseja. Ezmia é um mistério tão grande para mim quanto para todos vocês.

– Então conte-nos o que você sabe – Chance ordenou. – De onde veio esse monstro? O que ela quer agora?

Bela Adormecida deu alguns passos na direção da Fada Madrinha.

– Estou pronta para me entregar a ela, se é a mim que ela quer – falou.

– Minha querida, você não é responsável por nada disso – disse a Fada Madrinha.

– Receio ser eu a única que pode ser inteiramente culpada. Ezmia não estaria aqui se não fosse por mim.

Todas as fadas baixaram a cabeça, pois sabiam que a Fada Madrinha estava dizendo a verdade.

– O que você quer dizer, Fada Madrinha? – perguntou Cinderela. – Com certeza alguém como você não pode ser responsável por uma criatura como aquela.

Fada Madrinha fechou os olhos e respirou fundo, decidindo sobre como começar. Havia tanta coisa para contar, e não havia muito tempo.

– Tudo começou séculos atrás, em uma de minhas primeiras visitas ao Outromundo – explicou Fada Madrinha. – Era um momento horrível para aquele mundo; havia peste e guerra em todos os lugares para os quais se olhava. Hoje eles se referem àquele período como a *Idade das Trevas*, e não poderia haver descrição melhor. Às vezes o ar se enchia com tanta fumaça de toda aquela destruição que o sol ficava oculto por dias seguidos.

“Então, no meio de uma floresta, eu descobri uma menininha totalmente só; não tinha mais do que cinco anos. Estava chorando, coberta de cinzas e sujeira. Ela me disse que seu nome era Ezmia e que vivia numa aldeia próxima. Como muitas das aldeias naquele tempo, a dela tinha sido invadida por um grupo de guerreiros bárbaros. Eles mataram todos os que cruzaram seu caminho, incluindo a família da garotinha.

“Os soldados descobriram Ezmia escondida em um celeiro. Porém, quando tentaram lhe fazer mal, a menina se defendeu com *mágica*. Ela me contou que criou um incêndio gigante usando apenas as mãos e que ele consumiu a aldeia inteira e todos os soldados que estavam lá. A menina me levou ao local, e eu mesma pude

ver o estrago. Foi devastador. Não só os aldeãos pereceram, como toda a terra em volta, ao longo de muitos hectares, foi destruída. Eu soube então que aquela menina não era uma criança comum.

“A mágica sempre foi uma coisa misteriosa, mas fiquei absolutamente atônita ao verificar que uma criança de outra dimensão poderia ter tais habilidades. Enfim, por algum motivo, a mágica encontrara aquela menina e salvara sua vida, e acredito que o fato de eu tê-la descoberto não foi acidental.

“Não achei que ela fosse sobreviver sozinha no Outromundo, então a trouxe para o nosso. Sabia que ela era especial, porque, quando chegamos ao Reino das Fadas, os unicórnios se curvaram.”

Conner olhou para a irmã. Os unicórnios haviam se curvado para eles na primeira vez em que viajaram ao Reino das Fadas – o que significava isso?

– Ezmia foi criada no Reino das Fadas – a Fada Madrinha continuou. – Nós a ensinamos a usar a mágica, e ela se tornou uma fada. Seus poderes cresceram com o tempo, e Ezmia provou ser uma das fadas mais talentosas que o Reino das Fadas já vira.

“Era também a mais gentil, a mais honesta e a mais afetuosa moça que eu conhecera. Era muito grata a mim por tê-la trazido a nosso mundo e se alegrava enormemente em ajudar os outros. Eu a amava como a uma filha, e ela se tornou minha aprendiz. Eu tinha certeza de que, quando meu tempo chegasse ao fim, poderia deixar este mundo seguramente em suas mãos. Sem dúvida ela seria a próxima Fada Madrinha. Nós criamos a Assembleia dos Felizes para Sempre com a esperança de que Ezmia a liderasse algum dia.

“No entanto, quando chegou à idade adulta, Ezmia mudou. Aconteciam coisas que estavam além do nosso conhecimento, coisas que não podíamos ver, e ela se transformou em outra pessoa. Tornou-se agressiva e malévola; seu interesse pela vida de fada esvaiu-se por completo. Ajudar as pessoas virou um fardo para ela, e ela começou a abusar da sua mágica.

“Foi durante a primeira reunião oficial da Assembleia dos Felizes para Sempre que eu soube que Ezmia não era mais a menininha que eu salvara no Outromundo. Como nós ainda não tínhamos nomeado o líder, eu estava presidindo a assembleia. Os duendes e trolls foram autorizados a ter seu próprio território, porém ainda escravizavam pessoas inocentes dos outros reinos, então eu perguntei ao restante da assembleia qual seria a melhor solução.

“Ezmia desembuchou: ‘Por que nós simplesmente não os afogamos? O Riacho Tumbelina passa praticamente por dentro do território deles; basta arrebentar um dique e acabamos com todos. Podemos fazer parecer um acidente’. Ela quase parecia se divertir com a ideia.

“Naturalmente, depois de um acesso como aquele, não poderíamos nomeá-la líder

da assembleia, como planejado. Em vez disso, nomeamos Emerelda e o Conselho das Fadas. Quando Ezmia descobriu, ficou enfurecida. Partiu para uma afronta, dissociando-se da assembleia e do Reino das Fadas de uma vez. Ela transformou sua aparência e se recusou a ser conhecida como uma fada, passando a se autointitular *feiticeira*.

“Nossos caminhos só se cruzaram novamente no batismo de Bela Adormecida. Ela não foi convidada, mas todos sabíamos que apareceria mesmo assim. Descobrimos que Rumpelstiltskin estava trabalhando para ela quando ele tentou raptar Bela Adormecida, e a confrontamos por isso. Ezmia perdeu o controle e começou a se comportar violentamente, condenando a princesa a morrer após picar o dedo no fuso de uma roca.

“Entretanto, eu sabia que a maldição não iria afetar somente Bela Adormecida; os poderes de Ezmia eram fortes demais para que aquela enorme fúria se dirigisse somente a uma criança inocente. Por sorte, fui capaz de converter a maldição em um inofensivo feitiço do sono, e, quando Bela Adormecida picou o dedo no fuso de uma roca, o reino inteiro foi afetado, confirmando minha suspeita.

“Ezmia desapareceu depois do batizado, e nunca mais a vimos. Procuramos por toda parte, porém não encontramos nem sinal dela. Mais tarde chegou a nós a notícia de que ela havia sido envenenada pelas mesmas substâncias que deixaram árido o Reino do Leste superior. Imaginamos que ela de fato morrera e suspendemos a busca. Infelizmente estávamos errados.

“Um ano atrás meus netos acidentalmente acharam um caminho para este mundo e se perderam. Enquanto eu os procurava, fiz uma descoberta perturbadora: pequenas ervas daninhas começavam a crescer no nordeste, onde outrora cresciam flores e grama. A terra se recuperara do veneno, porém o veneno destruíra todas as coisas boas que vinham do solo, e as ervas daninhas tomaram seu lugar.

“Eu sabia que era apenas uma questão de tempo até que Ezmia reaparecesse. Alertei o Conselho das Fadas imediatamente, e passamos o último ano procurando ativamente por ela, mas não encontramos nada que nos levasse na direção certa. Foi só com seu recente ataque ao Reino do Leste que soubemos com certeza que ela retornara.”

A multidão no salão de baile ficou ainda mais tensa depois de ouvir a história de Ezmia.

– E por que não podemos detê-la *agora*? – Rei Chance indagou. – Se os encantamentos dela podiam ser convertidos naquela época, por que não podem mais ser controlados?

– É isso que estou tentando explicar a vocês – disse a Fada Madrinha. – Nós ensinamos a ela tudo o que ela sabe... Nós lhe ensinamos a usar a magia de seu coração, nós a treinamos a canalizá-la a partir de uma boa fonte. Era por isso que

todos os feitiços lançados por ela podiam ser alterados. No entanto, quando Ezmia foi envenenada, tudo o que restava de bom em sua alma foi morto. Agora seus poderes vêm de um lugar de trevas e ira, forças contra as quais nós fadas não temos a menor chance. E, acreditem, Ezmia tem muita ira para alimentá-las.

Alex e Conner não podiam acreditar no que ela dizia. Estaria a avó insinuando que a Feiticeira era impossível de deter?

– Então... o que vamos fazer? – perguntou Branca de Neve.

A Fada Madrinha olhou para o chão, odiando aquilo que estava prestes a dizer tanto quanto todos odiariam ouvir:

– Eu não sei.

E, com isso, qualquer esperança que havia sobrevivido foi apagada. Foi como se a Fada Madrinha tivesse lhes dito que o mundo acabara.

Então, de súbito, todas as janelas se abriram, e um vento monstruoso soprou para dentro do salão de baile, derrubando Bela Adormecida no chão. Um gigantesco relâmpago atingiu o piso com tanta força que o palácio inteiro tremeu, e em seu clarão cegante a Feiticeira apareceu.

Era a pessoa mais majestosa que os gêmeos já tinham visto. Seus cabelos e sua capa se derramavam no chão do salão, e, embora sua boca permanecesse imóvel, seus olhos sorriam malevolamente atrás dos longos cílios.

– Espero não estar atrasada – Ezmia falou. – Adoro uma boa história, especialmente quando é a minha.

Alex e Conner se agarraram um ao outro embaixo do vestido de Chapeuzinho. Todos no salão estavam paralisados de medo.

– Não me digam que vocês estão dando outra festa sem me convidar – disse Ezmia, fitando raivosamente os membros da realeza e as fadas. – Seria de esperar que tivessem aprendido a lição na última vez em que me excluíram.

Um sorriso satisfeito apareceu em seu rosto. Cinderela foi a única pessoa a se mover. Ela saltou de seu trono e correu na direção da Feiticeira com os punhos erguidos. O Rei Chandler e Froggy foram rápidos em segurá-la, porém ela se atirou com tamanha determinação que o marido de Rapunzel teve de se juntar aos dois para detê-la.

– Sua bruxa horrorosa! – gritou Cinderela, lutando contra os cunhados. – Com mágica ou sem mágica, eu vou arrancar membro por membro seu se você machucar a minha filha!

Ezmia apenas riu dela.

– O que você fez com a nossa filha, seu monstro?! – berrou Chance. Emerelda e Skylene puseram as mãos em seus ombros para impedi-lo de avançar contra ela.

– Ela está viva... por enquanto – disse Ezmia, e examinou indiferentemente suas unhas. – Espero que não haja ressentimentos. Eu a devolverei depois que tiver

terminado com ela... talvez.

– O que você quer com a Princesa Esperança, Ezmia? – a Fada Madrinha indagou.

Ezmia apertou os olhos para a Fada Madrinha e andou à volta dela, examinando atentamente a antiga professora.

– Ora, se não é a grande *FM* em pessoa. Você está com uma aparência bem velha, *vovozinha*. Está pensando em algo? Alguma coisa a perturba?

– Não seja atrevida, Ezmia. Está aí um tipo de defesa que você nunca soube usar bem – disse a Fada Madrinha.

Ezmia fechou a cara zombeteiramente.

– Você é boa em usar essa nobre fachada, mas eu sou melhor – disse ela. – Você já contou a *eles* o que eu tirei de você? Ou deixou de fora essa parte da história porque estava com medo de deixá-los mais preocupados sabendo que *you* está tão aterrorizada quanto os outros?

A Fada Madrinha manteve-se em silêncio, não cedendo aos jogos de Ezmia.

– Ótimo, eu conto a eles – disse Ezmia, e encarou o resto do salão. – Eu estou com a neta dela.

Todos no salão arquejaram, inclusive os gêmeos. Do que ela está falando?, perguntou-se Alex. A Fada Madrinha também pareceu intrigada e se indagou se a Feiticeira havia sequestrado Alex além de Charlotte.

– A minha *net*a?

Ezmia revirou os olhos.

– Ah, não finja surpresa – disse ela. – Eu a levei há semanas. Você deve ter sabido. Deixei indícios aos montes.

A Fada Madrinha olhou para Ezmia com a expressão mais indiferente que conseguiu.

– Como você chegou a ela?

– Foi simples, como quase tudo para mim – Ezmia falou, com um breve encolher de ombros. – Roubei aquele seu velho livro, aquele que contém toda a sua história, *o portal*. Lancei sobre ele um pequenino encantamento e a arranquei do Outromundo. Eu disse “traga-me a menina Bailey do lugar onde reside a preciosa família da Fada Madrinha”, e foi só. Mulher idiota, nem sequer fingiu ser outra pessoa – me contou exatamente quem era desde o começo.

Alex agarrou a mão de Conner, e eles travaram o olhar um no outro.

– Ela pensa que a mamãe sou eu! – Alex sussurrou.

– E a mamãe deve estar fingindo! Mas por que ela foi levada, e não você?

Alex apertou o ombro de Conner quando a resposta lhe veio à mente.

– Conner, eu estava na minha aula especial quando a mamãe desapareceu. Eu estava na cidade vizinha. Não estava no lugar em que moramos! É por isso que ela pegou a mamãe no meu lugar!

A Fada Madrinha começou a balançar a cabeça, tendo chegado à mesma conclusão que os gêmeos. Ela se virou para Chapeuzinho e olhou fixamente para seu enorme vestido outra vez. Os gêmeos poderiam jurar que olhava diretamente para eles – será que sabia que estavam ali? De qualquer modo, o fato de saber que a Feiticeira cometera um grave engano animou a Fada Madrinha.

– Devo admitir que agora você tem nossa atenção – disse a Fada Madrinha, voltando-se rapidamente para Ezmia. – Então, o que você quer de nós? Por que nos agraciou com sua presença esta noite?

Um sorriso ameaçador surgiu no rosto da Feiticeira; era a parte que ela havia esperado dois séculos para contar-lhes.

– Como vocês devem ter adivinhado, decidi conquistar o mundo – Ezmia disse com toda a naturalidade, soltando um pequeno bocejo. – Mas, antes de continuar mostrando exemplos de minha ira poderosa, decidi dar-lhes uma oportunidade que tornará mais fácil a vida de todos nós. Quero que vocês renunciem a seus tronos e entreguem seus reinos para mim *espontaneamente*.

O salão inteiro reagiu com ultraje. Os homens tiveram de conter Cinderela mais uma vez.

– Nunca! – Chance gritou, falando por todos no salão.

– Mesmo com um reino inteiro destruído e a vida de uma jovem princesa em jogo, *ainda há* hesitação? – disse Ezmia, balançando a cabeça. – Eu vou assumir o poder. É inevitável. Estou dando a vocês a oportunidade de aceitar sua derrota com dignidade; seria sensato de sua parte aceitá-la.

Ninguém se mexeu ou fez qualquer ruído diante do grave olhar de Ezmia. Ela se voltou para Bela Adormecida, que ainda se achava no chão, tremendo.

– Por que você não é a primeira, *Bela Adormecida*? – perguntou a Feiticeira. – Mostre a seus companheiros governantes como é fácil. Seu reino já sofreu o bastante, não concorda? Alivie o sofrimento de todos. Faça isso pelo seu *povo*, pelo seu *marido*. Se você me entregar o reino, vou libertá-lo de minhas plantas encantadas. Trato feito?

Tudo era silêncio enquanto Bela Adormecida contemplava a difícil decisão. Branca de Neve e Rapunzel balançaram a cabeça, implorando-lhe para que não cedesse. Finalmente Bela Adormecida levantou-se e caminhou lentamente até parar atrás da Fada Madrinha.

– Qualquer parceria que eu fizer será *contra* você – disse Bela Adormecida à Feiticeira. – Meu povo não esperaria nada menos.

Todos os monarcas e fadas se entreolharam, inspirados pela bravura de Bela Adormecida. Um por um, atravessaram o salão de baile e se colocaram atrás da Fada Madrinha a fim de mostrar à Feiticeira com quem permanecia sua lealdade.

Ezmia ficou fora de si. Os gêmeos tinham certeza de que podiam ver pequenas

chamas tremeluzindo nos olhos dela.

- Vocês todos estão cometendo o maior erro de seus reinados – disse a Feiticeira.
- Mas não se preocupem, logo eles acabarão.

A Fada Madrinha deu alguns passos confiantes na direção de Ezmia.

- Pode ser que não haja ninguém neste salão capaz de detê-la, Ezmia – disse a Fada Madrinha, e então olhou na direção dos gêmeos. – Mas tenho a confiança inabalável de que alguém *não revelado* encontrará um meio.

Alex e Conner se entreolharam. As palavras dela foram tão cuidadosamente escolhidas... estaria falando deles?

A raiva de Ezmia transformou-se em divertimento, e ela soltou uma longa gargalhada.

- Entendo – disse ela. – Vocês todos pensam que estão seguros atrás de sua preciosa Fada Madrinha. Bem, se pensam que apenas as palavras promissoras dela podem salvá-los... permitam-me esclarecer!

Ezmia estendeu a mão aberta na direção da Fada Madrinha, e um relâmpago gigantesco irrompeu dela. O clarão atingiu a fada, que desapareceu. Uma jarra turquesa apareceu na mão da Feiticeira, e, dentro da jarra, surgiu uma versão fantasmagórica da Fada Madrinha.

- O que o resto de vocês vai fazer, agora que eu tenho a *alma* da Fada Madrinha?
- Ezmia perguntou.

Alex e Conner se contorceram freneticamente embaixo do vestido de Chapeuzinho. Alex teve de segurar o irmão quando este ameaçou avançar contra a Feiticeira, tal qual fizera Cinderela.

- Ela está com a vovó! – Conner sussurrou, implorando à irmã que o soltasse. – Ela está com a vovó!

- Ela não pode saber que estamos aqui, Conner! – Alex sussurrou de volta.

– Considerem este meu último aviso – Ezmia declarou à multidão. – Meus ataques contra seus reinos continuarão até que vocês se rendam a mim. Veremos qual será sua posição quando seus povos estiverem implorando para que ponham fim a seu sofrimento. Seus dias de felizes-para-sempre acabaram.

Outro relâmpago gigantesco, e a Feiticeira desapareceu, levando consigo a Fada Madrinha.

Todos no salão se achavam tão pálidos quanto Branca de Neve. Os gêmeos ficaram paralisados dentro do vestido de Chapeuzinho, o coração partido. Ninguém sabia o que fazer. Todos os reis, rainhas e fadas procuraram algum sinal de otimismo nos olhos uns dos outros, mas não havia nenhum.

Pela primeira vez na história os líderes do mundo dos contos de fadas estavam impotentes.



CAPÍTULO 13

Potes de almas

No coração da Floresta dos Anões, onde as árvores e os arbustos eram mais densos, existia uma pequena choupana invisível a todos os que por ela passavam. Muitos anos antes, uma bruxa chamada Hagatha vivera na choupana e plantara estrategicamente uma parede de espinheiros em volta da casa, tornando-a praticamente impossível de encontrar. E, embora a bruxa estivesse morta havia muito tempo, a choupana possuía agora mais residentes do que nunca.

A Feiticeira a transformara em seu novo lar logo após a restauração de seus poderes. A casa ainda parecia a mesma por fora, com apenas duas janelas e teto de feno, mas com um encantamento tinha sido transformada em uma espaçosa mansão da porta para dentro.

Possuía grandes quartos com teto alto e paredes de pedra preta. Uma enorme lareira era feita de ametistas, e, dentro dela, chamas roxas queimavam uma coleção de caveiras que faziam as vezes de lenha. Os móveis eram fabricados com exóticas peles de porcos-espinho e salamandras. Um candelabro produzido com dentes de várias espécies pendia do teto, mas não fornecia nenhuma luz.

Normalmente era um lugar silencioso, porém esta noite os gritos lancinantes de uma criança reverberavam em suas paredes.

– Por favor, fique quieta, princesinha – disse Rumpelstiltskin. A Princesa Esperança tinha quase a metade de seu tamanho, mas ele ainda assim embalava a criança de um ano nos braços, para a frente e para trás, tentando acalmá-la.

– Mama – a princesa chorava. – Mama!

– Temo que você não possa ter sua mamãe – Rumpelstiltskin falou à criança, que gritou ainda mais alto do que antes.

– Ela está chorando há mais de um dia – disse Charlotte Bailey, no fundo do quarto. – Por favor, entregue-a para mim. – A mãe dos gêmeos se achava presa em uma grande gaiola de passarinho que oscilava a alguns metros do chão.

– O que a faz pensar que é capaz de fazê-la parar de chorar? – disse Rumpelstiltskin. Ele estava exausto por ter cuidado da criança no último dia.

– Eu sou enfermeira, é o que faço.

Charlotte ainda usava o uniforme. Tinha acabado de terminar seu turno no hospital infantil quando um misterioso lençol de luz a cobriu e a transportou ao mundo dos contos de fadas. Não foi preciso muito tempo até que Charlotte se desse conta de que a Feiticeira que a levara estava atrás de Alex, e, então, para protegê-la, Charlotte fingiu ser a filha.

Não parecia que a Princesa Esperança iria se acalmar tão cedo. Apesar de suas reservas, Rumpelstiltskin entregou a jovem princesa a Charlotte por entre as barras da gaiola. Ele não se importava com quanto Ezmia ficaria zangada ao ver a criança com a outra prisioneira; só queria que a choradeira parasse. Rumpelstiltskin nunca fora muito bom com crianças.

– Vamos, vamos, menininha – disse Charlotte, e acariciou os cachos castanhos de Esperança. – Vai ficar tudo bem, vai ficar tudo bem.

Lenta mas definitivamente, a Princesa Esperança se acalmou no abraço maternal de Charlotte, dormindo pela primeira vez desde que fora raptada. Tudo o que a jovem princesa precisava era de um toque de mãe.

Rumpelstiltskin ficou muito aliviado por ter silêncio; poderia dormir por três dias se o deixassem. Charlotte estudou o homenzinho. Nada nele parecia malicioso, diferentemente de sua ama. Parecia um homem tão gentil e bondoso...

– Então você é Rumpelstiltskin? – ela perguntou.

– Sim – disse ele, com uma encolhida de ombros cheia de remorso, envergonhado da reputação que acompanhava seu nome.

– Você realmente fiou palha em ouro para a donzela, como diz a história?

– Isso eu fiz.

– E você realmente tentou tirar dela seu primogênito? – Charlotte achava aquilo difícil de acreditar.

Rumpelstiltskin deixou escapar um pesado suspiro.

– Isso é o que *Ezmia* queria que eu fizesse. Mas eu não consegui levar aquilo a cabo. Eu disse à donzela... bem, ela era uma rainha àquela altura... que eu perdoaria seu lado na barganha se ela adivinhasse meu nome.

– E ela adivinhou, se estou bem lembrada – disse Charlotte. Muito tempo se passara desde que ouvira a história.

– Eu me certifiquei de que ela conseguiria. Peguei um de seus soldados me seguindo. Dançando em volta de uma fogueira, proclamei meu nome o mais alto que pude para toda a floresta.

– Então você tornou as coisas fáceis para ela intencionalmente. Foi muita bondade sua.

Um sorriso pequenino apareceu no rosto de Rumpelstiltskin, mas logo se esvaiu.

– Eu também pensava assim – disse ele. – Infelizmente, ninguém jamais saberá essa parte da história.

– As pessoas são rápidas em julgar. E eu não sou exceção. Nunca me perguntei por que você fez todas aquelas coisas; minha mente simplesmente decidiu que você era um... um...

– Vilão? – Rumpelstiltskin perguntou, sem se perturbar. Era assim que ele ficara conhecido durante a maior parte de sua vida.

– Sim... um *vilão* – admitiu Charlotte.

– Porque eu tive a desventura de nascer um sonhador – ele disse tristemente. – Um anão nasce com uma única opção: *tornar-se mineiro*. Uma vida vivida em túneis escuros, embaixo da terra, nunca foi o que eu quis para mim. Sempre amei estar do lado de fora, com as plantas e os animais. Costumava sonhar em ser um pastor ou um fazendeiro. Meus irmãos sempre me repreendiam por causa disso. Diziam que ser um mineiro era uma honra e que eu tinha muita sorte. Então, um dia, Ezmia veio a mim e me ofereceu a oportunidade de me tornar seu aprendiz.

Rumpelstiltskin esfregou os olhos e sentou-se em uma cadeira de pele de porco-espinho, cansado demais para se importar com os espinhos que o espetavam.

– É engraçado – disse ele. – Eu não pensei duas vezes antes de dizer “sim”, mas me arrependi disso todos os dias da minha vida desde então.

Charlotte não pôde deixar de sentir pena dele. Ela se deu conta de que havia *três* prisioneiros sob aquele teto.

– Qualquer um teria dito “sim” se estivesse na sua pele – disse ela.

– Naquela época, talvez. Mas *agora* ninguém jamais admitiria isso.

Uma forte brisa atravessou a sala.

– Por que a criança está com *ela*? – indagou uma voz retumbante que fez Charlotte e Rumpelstiltskin pular. Ezmia apareceu subitamente.

A Feiticeira parecia cansada. Sua postura não era tão reta, e seus cabelos não ondulavam livremente como antes. Ezmia planejara esta noite por um longo tempo, e esta não havia terminado do jeito que queria.

Rumpelstiltskin imediatamente saltou da cadeira.

– A Princesa Esperança não parava de chorar – explicou-se. – E eu queria que você encontrasse uma casa silenciosa quando voltasse.

Ezmia fez uma cara feia para Charlotte, que apertou ainda mais a princesa em seus braços. A Feiticeira avançou até a gaiola e espiou para dentro das barras como uma águia de rapina.

– Você é tremendamente boa com crianças, não é? – disse Ezmia, desconfiada.

– Eu já disse, sou enfermeira, é o meu trabalho – falou Charlotte, mudando de posição sob o olhar desconfortante da Feiticeira. – Eu cuido de crianças doentes em

um hospital.

Ezmia ergueu uma sobancelha.

– Interessante – disse ela. – Nunca imaginei que a neta da Fada Madrinha fosse tão *velha*.

– Bem, no meu caso não há mágica para deixar tudo em cima – retorquiu Charlotte.

– Você tem personalidade, não posso negar – disse Ezmia. – Talvez *isto* a humilhe.

Ezmia colocou sobre uma mesinha próxima à gaiola de Charlotte o pote de vidro que trazia. Charlotte ficou horrorizada ao ver a fantasmagórica miniatura da Fada Madrinha presa dentro dele.

– Esta é a minha... minha... *avó!* – disse Charlotte, quase se esquecendo de que ainda estava fingindo ser a própria filha. – O que você fez com ela?

No rosto de Ezmia surgiu um sorriso que combinava com a satisfação de seus olhos.

– Eu capturei sua alma – disse ela.

O pensamento quase deixou Charlotte nauseada. Não tinha ideia de que tal coisa fosse possível, mesmo no mundo dos contos de fadas.

– O que você quer com a alma dela?

– É uma espécie de *hobby* que eu tenho, na verdade. – Ezmia caminhou até a lareira. Orgulhosamente expostos sobre a cornija havia cinco outros potes turquesa, cada qual contendo uma substância fantasmagórica.

– Você é uma colecionadora de almas? – perguntou Charlotte. – Isso é para compensar o fato de que é desalmada?

– Que jogo de palavras mais engenhoso – Ezmia zombou. – Você conhece aquela frase: “Perdoe e esqueça”? Bem, eu sempre discordei dela... As pessoas me fazem uma coisa ruim e então *me* esquecem, como se seus atos não importassem... porque *eu* não importo. Como eu haveria de perdoar pessoas assim?

– Então você aprisionou suas almas em vez de perdoar?

– Precisamente. Descobri que tirar a força vital delas é muito mais interessante do que simplesmente perdoar. Perdoar seria o mesmo que lhes permitir que continuassem vivendo a vida delas sem nenhuma consequência. Mas, tomando sua alma e impedindo-as de qualquer felicidade futura, pude me curar e encontrar paz.

Charlotte não podia acreditar no que ouvia.

– Você honestamente espera que alguém simpatize com isso? – ela perguntou.

Quase em transe, Ezmia olhou para o fogo, para as caveiras que ardiam.

– Eu não quero que o mundo *entenda*; eu quero que ele *se prostre* – disse ela.

A confissão deixou o coração de Charlotte mais pesado. Ela se perguntou se algum dia escaparia das garras de uma pessoa que pensava assim. Entretanto, pensar

em seus filhos, em Bob e na vida que lhe fora roubada deu-lhe força para sobreviver ao cativoiro da Feiticeira.

– Acho difícil acreditar que a Fada Madrinha, que é conhecida por sua generosidade, iria causar-lhe algum dano – disse Charlotte.

– Às vezes a ajuda pode ser tão destrutiva quanto o dano. Mas eu imagino que alguém cuja profissão é *ajudar* não possa entender isso.

– Me esclareça, então.

A Feiticeira ergueu as sobrancelhas.

– A Fada Madrinha me encontrou no Outromundo quando eu era apenas uma menina – começou Ezmia. – Eu era órfã e estava sozinha e com fome. Ela me trouxe para cá para viver com as fadas, no Reino das Fadas. Elas me deram um lar, me ensinaram a usar magia de um modo produtivo e, com o tempo, me treinaram para que eu me tornasse uma das maiores fadas do reino.

Charlotte balançou a cabeça como se não tivesse entendido.

– Isso não me parece razão para ressentimento – disse ela.

– O sucesso pode marcar tanto quanto o fracasso – Ezmia continuou. – À medida que eu superava as outras fadas com meus talentos, elas ficavam cada vez mais ressentidas. As fadas são criaturas incrivelmente ciumentas, embora ninguém fale sobre isso, já que prejudicaria sua imagem.

“Quando a Fada Madrinha declarou que eu era a sua protegida, todas as demais fadas se distanciaram de mim. Eu não havia pedido aquela atenção, mas elas direcionaram contra mim suas frustrações como se eu tivesse feito algo para ofendê-las pessoalmente. Cada feitiço que eu lançava e cada encantamento que eu realizava era sujeito a uma injustificável quantidade de críticas.

“Muito embora eu realizasse coisas incríveis a torto e a direito, minhas realizações eram ignoradas por causa do tratamento especial que eu recebia. Fiquei com vergonha dos meus talentos, e a mediocridade se tornou o meu objetivo. Quis estar no mesmo nível das outras. Reduzir meu padrão só agravou as coisas, e, quando cheguei à adolescência, achava-me sozinha e com fome outra vez, só que agora era fome de *afeição*.”

A Feiticeira apontou para os potes expostos na cornija.

– O que nos traz a estes – disse. – Agora, esta parte da história está muito próxima do meu coração, entende?, porque dentro dos potes encontram-se as almas de cinco homens que seguidamente o partiram. Um homem que nunca me amou; um homem que não pôde me amar; um homem que me amou demais; um homem que me amou em segredo; e um homem que não me amou o suficiente...

Ezmia pegou o pote mais à sua esquerda e olhou dentro. A figura de um jovem que usava avental apareceu na substância fantasmagórica.

– O Padeiro foi o meu primeiro amor – a Feiticeira prosseguiu. – Ele vivia em

uma pequena aldeia do Reino Encantado e trabalhava na padaria da sua família. Foi a primeira pessoa além da Fada Madrinha que me perguntou se eu estava tendo um bom dia. Eu era tão jovem e vulnerável... Não foi preciso mais do que um sorriso para me apaixonar perdidamente por ele. Ficamos muito próximos, e eu lhe confessei meus mais profundos desejos e segredos. Tinha certeza de que o nosso amor duraria para sempre.

“Infelizmente para mim, soube que suas intenções eram tudo, menos genuínas. Eu fora vítima de uma brincadeira de mau gosto: o Padeiro fingiu ter sentimentos por mim apenas para relatar aos outros jovens da aldeia o que eu lhe confessara. Ele estava brincando com o meu coração o tempo todo.

“Voltei ao Reino das Fadas em lágrimas. Esperava algum tipo de simpatia da parte delas, algum tipo de compaixão. Porém, em vez disso, apenas riram de mim. Ficaram felizes ao constatar que alguém me derrubara do pedestal sobre o qual eu nunca pedi para ser colocada. Você entende, eu havia quebrado uma regra básica: aparentemente, uma pessoa privilegiada jamais tem permissão para se queixar de nada.

“Sem ninguém para confidenciar e sem um ombro no qual chorar, corri para a floresta e desabei sobre as raízes de uma árvore. Fiquei ali por horas e me debilitei em lágrimas sobre sua casca. A árvore foi a única coisa que me confortou... e eu a visitei muitas vezes com o passar dos anos.

“Com o tempo tentei *perdoar* o Padeiro, mas isso só me enfureceu ainda mais. Retornei à padaria e exigi um pedido de desculpas. Ele negou, dizendo que a coisa toda tinha sido apenas uma brincadeira infantil. Então lancei um feitiço sobre um pão de mel em formato de homem que ele estava assando. O homenzinho saltou da bandeja e fugiu correndo. Foi uma experiência e tanto: a aldeia inteira correu atrás dele, sem sucesso.

“O Padeiro e sua família se tornaram alvo de risos do povoado e perderam a padaria... E aquilo me fez sentir muito melhor. Foi quando aprendi que uma postura nobre nunca me daria a mesma satisfação que a vingança.”

A Feiticeira pôs de lado o pote do Padeiro e passou a seu vizinho. O homem que segurava um martelo e tinha uma corrente pendurada no braço apareceu no pote.

– O Serralheiro era um homem perturbado. Em honra à sua profissão, ele gostava de manter suas propriedades trancadas, e eu não fui exceção. Apaixonei-me por ele principalmente por conveniência: precisava de algo que reparasse o meu coração do dano causado pelo Padeiro. O Serralheiro era um homem muito quieto, mal falava comigo. Nunca me olhava nos olhos, e, quando me tocava... raramente era por afeição.

“Ele definitivamente deixou sua marca em mim... *várias*, na verdade. E, como uma tola, eu fiquei a seu lado, achando que talvez fosse o único tipo de amor que eu

receberia. Quando finalmente lhe disse que o estava deixando, ele nem piscou. Já tinha tantos demônios que não senti necessidade de lhe causar mais sofrimento. Senti mais raiva de mim mesma do que dele por deixar que me magoasse. Guardei-o como um lembrete: eu nunca mais me deixaria afundar em tão lamentáveis profundezas.”

Charlotte e Rumpelstiltskin olharam-se de soslaio. Não podiam acreditar que a Feiticeira estava lhes contando tudo aquilo, porém Ezmia se perdera completamente em um passeio pelas mais dolorosas lembranças do seu passado.

A viagem pela alameda da memória não era inteiramente por causa deles, no entanto. Contar a seus prisioneiros a história de seus amores passados parecia rejuvenescê-la gradualmente depois da longa noite. Ela foi ficando mais alta, e agora os cabelos flutuavam mais vigorosamente. Até mesmo as chamas roxas, na lareira, cresciam conforme as recordações. Era inegável: a Feiticeira era alimentada pela dor do passado.

Ezmia pegou o terceiro pote, no centro da cornija. Um homem que tocava uma flauta apareceu na substância nebulosa.

– O Músico foi o amante por quem eu pensei que estava à espera – confessou Ezmia. – Fui capturada pelo seu charme. Ele me fazia constantes serenatas. Estava ansioso por confessar nosso amor ao mundo... *ansioso demais*. Eu logo me dei conta de que não era por mim que estava apaixonado: era pela ideia de mim. Ele queria que o mundo soubesse que estava conectado à *futura Fada Madrinha*, e não a Ezmia. Estava me usando como escada, enfim.

“Entretanto fiquei com ele, a despeito de saber suas verdadeiras intenções, apavorada com o pensamento de acabar sozinha. Eu o cobri de presentes, um dos quais uma flauta infame que ele usou para livrar magicamente uma cidade de ratos. Eu havia encantado a flauta com a esperança de que ela nos igualasse. Achei que, se lhe desse algo que o fizesse sentir-se tão importante quanto eu, ele aprenderia a me amar pelo que eu era de fato, e não pelo meu título.

“Infelizmente, a única coisa que cresceu após sua vitória foi seu ego, e isso o conduziu à infidelidade tão facilmente quanto ele conduziu os ratos ao rio. Então transformei sua nova amante em um instrumento, para que ele pudesse usá-la para sempre, assim como usou a mim.”

A Feiticeira pegou o quarto pote. Olhou para a alma de um homem coberto de armadura da cabeça aos pés.

– O Soldado era um homem muito reservado – disse Ezmia. – Ele manteve nosso relacionamento em segredo absoluto. Era um certo alívio estar com alguém tão discreto depois do Músico. Mais tarde, no entanto, descobri que seu comportamento não era para me proteger, mas para proteger a si mesmo. O Soldado tinha *vergonha* do nosso relacionamento. Pensava que, se corresse a notícia de que namorava uma fada, sua carreira seria prejudicada e ele nunca seria promovido a general.

“Lancei sobre ele um feitiço que achatou seus pés e endureceu suas juntas. O homem passou o resto de seus dias guardando a entrada de uma cozinha e jamais ganhou nenhuma promoção.”

A Feiticeira passou ao último pote. Um formoso jovem que usava um manto e uma coroa apareceu dentro do recipiente. Ezmia olhou para ele de um modo diferente daquele com que olhara todos os demais – claramente era a lembrança mais difícil de reviver.

– O Rei me magoou mais do que qualquer outro – ela confessou. – Diferentemente dos outros, ele me tratou com a compaixão que o resto fracassou em demonstrar. Foi o meu melhor amigo e a única pessoa que senti que me amou também. Talvez essa afinidade tenha sido o que fez me apaixonar por ele mais do que pelos outros, e é por isso que dói ainda hoje. Entretanto, ele nunca me amou tanto quanto eu o amei. Amizade era a única coisa que o Rei queria de mim.

“Eu o visitava todos os dias, com a esperança de que ele mudasse de ideia. Um dia ele me flagrou enquanto eu tentava lhe dar uma poção do amor. Nunca o vira tão zangado; ele bradou para o castelo inteiro ouvir que nunca me amaria do mesmo modo que eu o amava, nem com todas as poções de amor do mundo.

“Perdi as estribeiras e condenei o Rei a viver como uma besta abominável, transformando-o no monstro que eu achava que ele era. No fim, ele encontrou uma moça que o amou, a despeito de suas feições animais, e minha maldição foi quebrada. A história da Bela e a Fera foi exagerada com o passar do tempo, mas o Rei nunca contou a ninguém que fui eu quem o amaldiçoou... continuou sendo um amigo depois de tudo o que lhe fiz.

“A rejeição do Rei foi a última ferida que meu coração pôde suportar. Achei que, se o Rei não era capaz de me amar, então ninguém o seria. A Fada Madrinha diz que eu mudei durante aquele tempo; e ela está certa. Eu representava o “felizes-para-sempre”, mas não era capaz de encontrar um felizes-para-sempre para mim mesma. Em toda parte a que eu ia, esperavam que eu resolvesse problemas, contudo eu não podia me salvar. Comecei a odiar o mundo que eu representava: passei a odiar as fadas, odiar as pessoas patéticas que elas ajudaram e odiar a mim mesma por ser uma delas.

“Parei de fingir que pertencia a seu mundo. Pela primeira vez comecei a dizer e a fazer o que eu queria, e não o que se esperava de mim. Já que as outras fadas iriam me condenar, não importava o que eu fizesse, decidi então lhes dar razões para isso.

“Quando elas me substituíram na Assembleia dos Felizes para Sempre e entregaram a minha cadeira a Emerelda, não posso dizer que fiquei surpresa. Eu estava furiosa e magoada e sabia que as fadas secretamente esperavam uma desculpa para tirar alguma coisa de mim. Emerelda nunca foi tão talentosa quanto eu, mas sempre foi *amada* por quem a conhecia... As fadas sabiam que, ao nomeá-

la, me magoariam muitíssimo.

“Corri para a floresta e procurei minha árvore confiável. Chorei sobre ela por dias e dias – senti como se minha alma tivesse finalmente sido esmagada, como se minha vida inteira tivesse sido um experimento cruel para ver quantas vezes eu poderia suportar um coração partido.

“Quando finalmente sequei as lágrimas, olhei para a árvore – ela era significativamente mais alta do que todas as demais da floresta. Com as lágrimas que eu derramara em suas raízes, a árvore ultrapassara a altura de todas à sua volta. Eu estava tão envergonhada de mim mesma... Não podia acreditar no que havia deixado o mundo fazer comigo. Lancei um feitiço sobre a árvore que a fez se curvar e se torcer como uma trepadeira até que ficasse da mesma altura das outras e o resquício de dor em meu coração se fosse.

“Foi nesse momento que a frágil fada de coração partido dentro de mim morreu e a Feiticeira nasceu. Decidi que, dali em diante, se o mundo fosse falar meu nome, seria num sussurro de medo, e não numa zombaria invejosa. Se o mundo fosse tirar de mim toda a alegria, eu iria simplesmente *tirar toda a alegria do mundo*.”

Ezmia quase se esquecera de que não estava sozinha. Toda a dor de seu passado havia criado a pessoa que era hoje, e, assim, era difícil para ela se realinhar com o presente.

– Todos passamos por desgostos – disse Charlotte. – Eu já tive meu próprio quinhão de perda, mas o superei. Nunca planejei uma vingança impiedosa nem responsabilizei o mundo por isso.

Ezmia virou bruscamente a cabeça em sua direção.

– Mesmo? – disse furiosa. – *Você* já sentiu uma solidão tão grande, que esvaziava sua alma a cada batida do coração? *Você* já odiou o sol por nascer e submetê-la a mais um dia de solidão?

– Suponho que não – disse Charlotte. – Ninguém nunca teve problemas em me amar.

Rumpelstiltskin ficou sem fôlego diante da corajosa afirmação. Ezmia quase se impressionou com o destemor de Charlotte.

– Cuidado – advertiu a Feiticeira. – É tênue a linha entre coragem e estupidez.

Charlotte se virou, incapaz de continuar fitando-a. Ezmia colocou o pote contendo a alma do rei de volta à cornija.

– Vou me recolher – disse ela. – Sei que faço parecer muito fácil, mas dominar o mundo é exaustivo. Descansarei um pouco antes de continuar meus ataques aos reinos. Quero estar em minha melhor forma quando deixar o mundo na pior.

Ezmia começou a se dirigir a seus aposentos, porém Rumpelstiltskin a deteve antes que deixasse a sala.

– Ezmia? – Rumpelstiltskin perguntou, filtrando cuidadosamente qualquer

juízo em seu tom de voz. – Você tem certeza de que algum dia encontrará paz? Mesmo depois de dominar o mundo, você está certa de que ficará satisfeita?

Charlotte se voltou para eles novamente, interessada em ouvir a resposta. Um sorriso malévolo apareceu no rosto da Feiticeira.

– Rumpy, seu tolo – disse Ezmia, com uma risada. – Quem disse que eu só quero *este* mundo?



CAPÍTULO 14

A Varinha Prodígiosa

A viagem de volta ao Reino da Chapeuzinho Vermelho foi difícil. Testemunhar a Feiticeira tomando a alma da avó fora devastador para os gêmeos.

Alex chorou no ombro do irmão durante a maior parte do percurso.

– Ela está com a mamãe, com a vovó e logo terá todo o *mundo dos contos de fadas!* – soluçou Alex. – Ela tomou tudo de nós!

– Nem tudo, Alex – disse Conner. A dele era a única voz tranquilizadora na carruagem. – Nós temos um ao outro. E vamos descobrir um jeito de trazê-las de volta.

Embora apreciassem o otimismo de Conner, Froggy e Chapeuzinho não podiam deixar de ter dúvidas. O mundo contava com a Fada Madrinha para chegar a uma solução, e, agora que ela se fora, nada parecia ser suficientemente poderoso para enfrentar a Feiticeira.

– Eu não tenho certeza se poderemos lutar contra ela, Conner – disse Alex, com lágrimas se derramando dos olhos como de uma torneira vazante. – Pela primeira vez, acho que o vilão pode vencer nessa história.

O desespero crescia dentro da carruagem a cada quilômetro viajado. Os gêmeos, Froggy e Chapeuzinho quebraram a cabeça à procura de uma solução, porém não chegaram a nenhuma. Depois de um dia e meio de viagem e preocupação, estavam ansiosos por chegar ao castelo.

– É engraçado – disse Chapeuzinho, olhando através da janela. – Achei que já teríamos passado pelo muro a essa altura.

Froggy e os gêmeos também olharam para fora. Ficaram surpresos por não haver sinal do muro a distância. O retorno ao Reino da Chapeuzinho Vermelho parecia estar levando mais tempo do que de costume.

– Esperem um minuto... – disse Conner, apertando os olhos para alguma coisa ao

longe. – Aquilo está dizendo o que eu penso que está dizendo?

Os outros olharam pela janela para ver a que ele se referia. A carruagem passou lentamente por uma placa que os fez sentir o estômago revirar:

FAZENDAS DA FAMÍLIA BO PEEP

– Como isso é possível? – disse Chapeuzinho, e seus olhos aumentaram duas vezes de tamanho. – As Fazendas Bo Peep ficam dentro do meu reino. Onde está o muro?

Perguntando-se a mesma coisa, Froggy e os gêmeos se voltaram para as colinas rurais que os cercavam. Algum tempo depois, descobriram um grupo de soldados de Chapeuzinho Vermelho plantados à margem da estrada. Perplexos, os guerreiros coçavam a cabeça e olhavam em volta, tão confusos quanto os viajantes.

Froggy abriu a porta da carruagem e colocou a cabeça para fora quando a comitiva passou pelos soldados.

– Desculpem, bons senhores! O que está acontecendo? Onde está o muro?

– Não existe muro, senhor – disse um dos soldados, incrédulo.

– O que você quer dizer com *não existe muro*? – indagou Froggy.

– Quero dizer, o muro não existe *mais*, senhor. A coisa toda desapareceu hoje de manhã.

– O quê?! – Chapeuzinho arquejou.

– Estávamos guardando a entrada meridional, quando um forte clarão saiu de lugar nenhum – outro soldado explicou. – Depois disso, tudo o que sabemos é que o muro inteiro desapareceu!

Alex e Conner se viraram um para o outro, pensando a mesma coisa.

– A Feiticeira – exclamou Alex. – Ela começou seus ataques!

Chapeuzinho colocou uma mão sobre o peito, tentando acalmar o coração que batia descontroladamente. Mesmo depois de ouvir os avisos da Feiticeira em primeira mão, ela nunca pensou que o *seu* lar seria alvejado.

– Houve baixas? – Froggy perguntou aos soldados.

– Não, senhor – um deles respondeu. – Só uma grande confusão.

Froggy fechou a porta da carruagem e se afundou no assento, de frente para os gêmeos.

– Então começou... – disse tristemente consigo mesmo.

Estava anoitecendo quando as carruagens se aproximaram do castelo de Chapeuzinho. Eles se sentiam muito expostos sem o muro. E, quando olharam ao redor da aldeia, ficou claro para todos que os aldeões sentiam o mesmo. Para qualquer parte que olhavam, tábuas haviam sido pregadas nas portas e janelas das casas e das lojas, como se os residentes se preparassem para uma tempestade.

– Eu não vejo o povo tão assustado desde que o Grande Lobo Mau estava por perto – disse Chapeuzinho. – Isso me lembra os tempos antes da Revolução dos COLLO.

Froggy tomou a mão de Chapeuzinho nas dele; a mente da rainha se achava ocupada demais para notar a textura fria e viscosa.

– Ezmia poderia ter feito muito pior – disse Froggy. – Felizmente, foi só o muro.

Suas palavras tiveram o efeito oposto ao que ele tencionava. Chapeuzinho puxou sua mão das dele, e seus olhos marejaram.

– Não é *só* um muro! – ela gritou. – Aquele muro é o que nos separa do resto do mundo! Ele representa a nossa segurança e a nossa vitória depois de anos de lutas! O Grande Lobo Mau e a alcateia que o seguiu podem não existir mais, mas aquele muro sempre foi um símbolo de paz para o meu povo. – Chapeuzinho enxugou as poucas lágrimas que lhe escaparam, envergonhada de sua explosão. – Assim que chegarmos ao castelo, ordenarei que uma fileira de soldados cerque a aldeia imediatamente – continuou Chapeuzinho, e balançou a cabeça para si mesma. – Podemos não ter um muro, mas *ficaremos* protegidos.

Froggy e os gêmeos balançaram a cabeça junto com ela. Alex e Conner gostaram de ouvir de Chapeuzinho uma ordem oficial e altruísta. Talvez Froggy estivesse certo a respeito dela. Talvez houvesse muito mais em Chapeuzinho do que eles jamais consideraram.

Por fim a comitiva chegou ao castelo, e, assim que Chapeuzinho deu a ordem aos soldados, os quatro se dirigiram à biblioteca para uma muito necessária noite de silêncio e recuperação. No entanto, quando lá entraram, ficaram chocados ao descobrir que um visitante-surpresa estava à sua espera.

– João! – Chapeuzinho gritou.

O infame João do pé de feijão se achava displicentemente sentado em uma poltrona. Era alto e bonitão, com ombros largos, exatamente como os gêmeos se lembravam dele. Usava suspensórios e trazia seu leal machado pendurado no cinto.

– Olá, Chapeuzinho! – disse João e levantou-se para saudar o grupo.

Chapeuzinho ficou pálida e rígida como uma estátua.

– *O que... o que... o que* você está fazendo aqui?

– Visitando, obviamente – disse João, com um sorriso.

Tudo o que a jovem rainha conseguiu foi dar um par de guinchos estridentes enquanto tentava formular outra pergunta. Os olhos de Froggy pulavam de Chapeuzinho para João e de João para Chapeuzinho – ele não conseguia decidir se a surpresa era boa ou ruim.

– Bem, isso é... *inesperado* – disse o homem-sapo, optando por sorrir.

O rosto de João se iluminou quando ele viu os gêmeos.

– Eu me lembro de vocês dois!

– Oi, João – disse Alex.

– Ei, cara – disse Conner.

A despeito de tudo o mais em sua cabeça, os gêmeos ficaram contentes ao vê-lo. Já Chapeuzinho ficou ansiosa e começou a olhar em volta da biblioteca.

– Espere, João, se *você* está aqui, então isso significa...

PAM! As portas da biblioteca bateram com força. Todos se voltaram para dar de cara com Cachinhos Dourados.

– VOCÊ! – disse Chapeuzinho, apontando para ela. Imediatamente a rainha se afastou de sua velha inimiga.

– Olá, Chapeuzinho – disse Cachinhos Dourados, com um sorriso falso. Usava botas altas de couro e um longo suéter marrom de tricô. Uma espada de prata pendia de seu quadril. Ela tinha cachos dourados e continuava tão bonita quanto da última vez que os gêmeos a viram.

Os irmãos notaram que havia algo de diferente em Cachinhos Dourados e João; eles pareciam muito mais *felizes*, agora que estavam em fuga juntos.

– Cachinhos Dourados! – disse Alex, e ela e o irmão correram para dar um abraço na mulher.

– Que surpresa maravilhosa! – disse Cachinhos Dourados, e um sorriso orgulhoso apareceu em seu rosto. – Eu ia dizer “é bom ver vocês de novo, crianças”, mas acho que não posso mais chamar vocês de *crianças*.

Conner balançou positivamente a cabeça.

– Obrigado! – disse ele. – É o que estamos tentando dizer a todo mundo!

Cachinhos Dourados esfregou-lhe a cabeça alegremente.

– Havia pelo menos quatro ordens de prisão contra mim quando eu tinha a sua idade – ela falou, e piscou para João.

João sorriu para ela.

– Já eu sou um bandido de desenvolvimento tardio, mas estou chegando lá. – Ele piscou de volta. Ambos se entreolharam ternamente, como se não houvesse mais ninguém na sala.

– VOCÊ! – gritou Chapeuzinho, ainda apontando para Cachinhos Dourados. Ela parecia uma chaleira cujo bico fora tampado.

– Ora, relaxe, Chapeuzinho – disse Cachinhos. – Não estamos aqui para causar nenhum tipo de problema. Eu não vou machucá-la.

Chapeuzinho bufou.

– Pode apostar seu traseiro indeciso de papa-mingau que não vai me machucar! Este é o meu castelo! Vocês dois são fugitivos procurados! Como conseguiram entrar?

– Usamos a porta da frente – disse João inexpressivamente. – Nos deixaram entrar sem nenhum problema. Eu fui criado junto com a maioria dos guardas, está

lembrada?

Chapeuzinho olhou alternadamente para João e Cachinhos Dourados, sem querer acreditar que a afirmação fosse verdade. Era frustrante sentir-se tão desrespeitada em sua própria casa.

– A palavra *rainha* significa alguma coisa para alguém?! – ela gritou. – A minha *segurança* não deveria ser *prioridade* no meu castelo?

Froggy decidiu aliviar a tensão.

– Desculpem-nos. Não estávamos esperando visitas e passamos por dias difíceis – explicou, também ele ainda tenso. – Por que não nos sentamos e colocamos a conversa em dia?

Ninguém discutiu. Todos se sentaram em volta do tapete do Grande Lobo Mau. Chapeuzinho precisou de um minuto para organizar os pensamentos. Ela sentou-se ao lado de Froggy, porém deixou um espaço perceptível entre eles. João e Cachinhos Dourados sentaram-se na frente dos dois, tão perto um do outro que pareciam grudados pelo quadril. Alex e Conner dividiram uma poltrona adjacente aos casais.

– Vocês acabam de voltar da reunião da Assembleia dos Felizes para Sempre, estou certa? – perguntou Cachinhos Dourados.

– De fato – disse Chapeuzinho, o nariz ligeiramente empinado. – Porque é isso que nós, governantes *cumpridores das leis*, fazemos: nos reunimos publicamente e discutimos coisas que beneficiam o bem maior.

As palavras não afetaram Cachinhos em nada.

– E qual é a graça disso? – disse ela, feliz em poder irritar Chapeuzinho.

– E como foi? – perguntou João.

– Foi horrível – disse Conner. – A Feiticeira apareceu e sequestrou a nossa avó! E ela já estava com a nossa mãe!

João e Cachinhos Dourados se entreolharam com a mesma expressão inquisitiva.

– O que ela poderia querer com sua mãe e sua avó? – Cachinhos Dourados perguntou aos gêmeos.

Alex e Conner tinham esquecido que João e Cachinhos Dourados fugiram muito tempo antes de descobrirem quem era sua avó.

– A nossa avó é a Fada Madrinha – disse Alex, com um encolher de ombros que dizia “surpresa!”.

João e Cachinhos Dourados pareceram muito impressionados.

– Uau, quem poderia imaginar? – disse João.

Os gêmeos contaram-lhes tudo sobre serem de outro mundo e como sua avó viajara de um mundo para outro por séculos para compartilhar as histórias do mundo dos contos de fadas. Depois que João e Cachinhos Dourados conseguiram processar a informação, Alex e Conner continuaram a lhes contar como seu pai usara o Feitiço do Desejo para se reunir com sua mãe no Outromundo e como eles descobriram o

mundo dos contos de fadas através do velho livro de histórias da avó.

– Sim, sim, sim, e foi tudo muito emocionante – disse Chapeuzinho, agitando as mãos. – Eles ficaram sabendo que a Fada Madrinha era sua avó e então todos os três desapareceram em uma porta que leva a um mundo diferente, blá-blá-blá... E vocês dois ainda não me contaram o que estão fazendo no meu castelo.

Os gêmeos notaram que João e Cachinhos desejavam ouvir mais da história, porém sabiam que era melhor apaziguar Chapeuzinho antes que a cabeça dela explodisse.

– Nós queríamos saber se algum progresso havia sido feito em relação à Feiticeira – explicou João.

– Não, nenhum, sinto muito. Agora vocês dois podem ir embora – Chapeuzinho respondeu rapidamente.

Froggy pôs uma mão sobre o joelho da rainha.

– Querida, não sejamos rudes – disse. – Eles podem ser fugitivos procurados emocionalmente perturbadores, mas ainda são nossos hóspedes.

Alex e Conner estavam ansiosos por contar a João e a Cachinhos Dourados sobre a reunião da noite anterior, e não esperaram que Froggy e Chapeuzinho tocassem no assunto. Os gêmeos contaram tudo sobre o rapto da Princesa Esperança e sobre como a Feiticeira tomara sua avó e estava começando a atacar os reinos.

– E não há nada que possa ser feito para detê-la? – perguntou João, e balançou negativamente a cabeça, tão incrédulo quantos os gêmeos haviam se sentido por dias.

– Infelizmente, não – disse Froggy.

– Eu não sei o que esta situação tem a ver com vocês dois – disse Chapeuzinho, e cruzou os braços.

– Isso também nos afeta – Cachinhos Dourados afirmou. – Nós também não queremos viver em um mundo dominado por ela. Achamos que poderíamos ajudar.

– *Ajudar?* – disse Chapeuzinho, rindo da ideia. – E o que você vai fazer, Cachinhos Dourados? Roubar as joias dela? Arrombar as fechaduras? Experimentar todos os móveis da Feiticeira até achar um que esteja *perfeito*?

Cachinhos Dourados se levantou e fulminou Chapeuzinho com o olhar. Aquilo fez a rainha se encolher no seu lugar; ela olhou para os demais em busca de ajuda, mas estava por conta própria.

– Há alguma coisa que você queira dizer na minha cara, *menininha da vovó*? – Cachinhos Dourados perguntou.

– Não, prefiro dizer pelas costas mesmo – respondeu Chapeuzinho.

– Pensei que você tivesse mudado depois de me ajudar a escapar – disse Cachinhos Dourados. – Mas, aparentemente, eu estava errada.

– Bem, pensei que ajudar você me faria sentir melhor, mas suponho que também

estava errada – falou Chapeuzinho, e deu uma olhadela envergonhada para João.

Froggy ergueu seu indicador verde.

– Voltando a assuntos mais importantes – disse –, as fadas e os monarcas não têm ideia do que fazer. A Fada Madrinha sempre foi capaz de simplesmente agitar a varinha e tornar as coisas melhores, mas não dessa vez. Assim, estamos todos aguardando por alguma solução... se houver uma.

Os gêmeos assentiram. Cachinhos Dourados sentou-se novamente ao lado de João e segurou a mão dele. A sala foi tomada pela desesperança que eles haviam tentado deixar na carruagem.

De repente, Conner inclinou a cabeça como um cachorrinho.

– Froggy, o que foi que você acabou de dizer? – perguntou, enquanto apontava para o amigo anfíbio.

– Eu disse que ninguém sabe o que fazer – disse Froggy, sem muita certeza do que poderia ter deixado mais claro.

– Não, antes disso – Conner falou. – O que você disse sobre a Fada Madrinha?

Froggy o olhou de um jeito peculiar, perguntando-se por que Conner queria que ele repetisse uma notícia tão horrível.

– Eu disse que, normalmente, a Fada Madrinha apenas agita a varinha e deixa tudo melhor.

– Bingo! – disse Conner e imediatamente saltou da poltrona e correu até uma das estantes.

– Conner, o que deu em você? – perguntou Alex.

– Ei, Froggy – Conner chamou, completamente absorto em seu próprio mundo. – Cadê aquele livro que estávamos olhando outro dia? Aquele que tinha um capítulo sobre o Feitiço do Desejo?

Froggy levou um momento para se lembrar.

– *Mitos, lendas e feitiços de coleta?* – perguntou ele. – Duas prateleiras depois e uma abaixo dos livros da sua irmã. Sou muito específico sobre onde guardo os meus livros.

Conner examinou as estantes até encontrá-lo.

– Achei! – disse, dando um pulo satisfeito. Sentou-se de novo ao lado da irmã e começou a folhear o livro. – Acho que a resposta que procuramos está aqui!

– Você está falando em usar novamente o Feitiço do Desejo? – perguntou Froggy.

– Poderíamos usá-lo na Feiticeira? – João perguntou.

– Acreditem, desejar que alguém desapareça nunca funciona – disse Chapeuzinho, e ergueu uma sobrancelha na direção de Cachinhos Dourados, que, por sua vez, pôs a mão na espada em advertência.

– Não poderíamos usar o Feitiço do Desejo nem que quiséssemos – disse Alex. – Ele só pode ser lançado duas vezes, e a Rainha Diabólica foi a segunda pessoa a

usá-lo.

– Não estou falando do Feitiço do Desejo – retorquiu Conner, os olhos ainda grudados nas páginas. – Estou pensando em algo ainda maior e melhor e... *Achei!*

Conner virou o livro para os outros no capítulo ao qual se referia.

– “A Varinha Prodígiosa”? – todos na sala leram juntos. Conner assentiu entusiasticamente, esperando que eles compartilhassem sua excitação. Infelizmente, os demais apenas trocaram olhares compassivos entre si.

– Por que vocês estão olhando para mim como se eu quisesse levar minha pedra de estimação para passear? – perguntou Conner. – Este livro diz que quem segura a Varinha Prodígiosa é *invencível*. Quem puser as mãos nela pode deter a Feiticeira!

Froggy olhou para ele pesarosamente.

– Isso não é real, Conner. É apenas uma lenda infantil, como todos os outros itens do livro.

– Ok, falou o *sapo falante gigante*! – disse Conner, com uma revirada de olhos. – O livro também fala do Feitiço do Desejo, e nós provamos que *ele* não era apenas um mito. Aposto que a maior parte do que está aqui é real.

– “A Varinha Prodígiosa” – ele leu em voz alta. – “Muitos acreditam que a posse da Varinha Prodígiosa confere ao detentor o poder da invencibilidade. Diz-se que a varinha é formada quando se combinam os seis bens mais preciosos das seis pessoas mais odiadas do mundo. Embora a ideia seja questionável, a lenda da varinha pode conter alguma verdade, já que os materiais necessários são, muito provavelmente, provenientes de um contexto mágico. Diferentemente da maioria das coleções, os materiais requeridos para fazer a Varinha Prodígiosa podem mudar com o tempo.”

Conner tomou fôlego e ergueu os olhos para os demais, que ainda pareciam em dúvida.

– Ora, vamos! – Conner disse para o grupo cabeça-dura. – Vocês têm de admitir que isso não parece exagerado demais.

Todos estavam em cima do muro. Conner ficou frustrado porque eles não se achavam tão convencidos quanto ele próprio.

– A minha irmã e eu somos de *outra dimensão* – disse ele, e então apontou para Froggy. – *Esse cara* foi magicamente transformado em um anfíbio gigante, *duas vezes*! Em que parte da história da Varinha Prodígiosa é difícil de acreditar?

O argumento dele era válido. O que naquele mito da Varinha Prodígiosa era tão difícil de acreditar depois de todas as coisas que eles haviam testemunhado? Pelo menos era uma opção, e uma opção lhes dava esperança. Alex olhou silenciosamente para o livro, com um entusiasmo crescente nos olhos.

– Só por curiosidade – ela disse –, quem são as seis pessoas mais odiadas deste mundo?

Chapeuzinho olhou para Cachinhos Dourados e abriu a boca para responder.

– Pelo *mundo*, Chapeuzinho, não por você – Alex esclareceu, e Chapeuzinho permaneceu em silêncio.

– Eu diria que a Rainha Diabólica é uma candidata – disse Froggy, e os outros balançaram a cabeça em concordância.

– O gigante – disse João. – E não estou falando pela minha experiência pessoal... As pessoas ficavam aterrorizadas por ele.

– A Rainha da Neve – Cachinhos Dourados mencionou. – Seu reinado histórico sobre o Reino do Norte ainda provoca arrepios na espinha das pessoas.

Conner era todo ouvidos e fazia anotações mentais das sugestões.

– Quem mais? – ele perguntou.

– Você sabe, pessoalmente jamais gostei da Senhorita Muffet – disse Chapeuzinho como se estivesse confessando um segredo horrível. – Quero dizer, era só uma aranha! Dê a volta por cima!

Todos na sala olharam para Chapeuzinho por um momento e então prosseguiram com a discussão.

– Que tal a Bruxa do Mar, que barganhou com a Pequena Sereia? – Alex sugeriu. – Quando eu era criança tinha medo dela.

– Ah, sim! Aposto que todos os peixes do mar têm medo dela! – disse Conner.

Froggy endireitou-se no lugar como se outra ideia lhe tivesse vindo.

– A madrasta malvada de Cinderela! – disse. – O Reino Encantado inteiro a despreza.

– Ótimo! – Conner falou. – Até agora temos a Rainha Diabólica, o gigante, a Rainha da Neve, a Bruxa do Mar e a madrasta perversa. Só falta um.

Todos ficaram em silêncio, e seus olhos percorreram a sala.

– Ora, não é óbvio? – indagou Chapeuzinho. – É a *Feiticeira*.

Os seis sentiram um nó na garganta; Chapeuzinho estava certa.

– Bem, a Varinha Prodigiosa foi uma boa ideia – disse Cachinhos Dourados, como se fosse óbvio que aquela não era mais uma possibilidade. Todos se afundaram em seus assentos, porém Conner não iria aceitar a derrota.

– O que há de errado com vocês, caras? Não podemos deixar que o medo de confrontar Ezmia nos impeça. Esta pode ser nossa única chance de detê-la!

Olhou desesperadamente para cada um na sala com a esperança de que alguém concordasse com ele, mas ninguém disse nada. Decidindo então que atos teriam de falar mais alto do que palavras se quisesse fazer-se entender, o garoto se levantou em um salto. Andou pela sala removendo livros das estantes a esmo.

– O que você está fazendo? – perguntou Alex.

Ele não respondeu. Tirou um retrato de Chapeuzinho da parede e acrescentou um par de velas à sua pilha de coisas. Foi até a lareira e, sem hesitar, jogou tudo no fogo.

– Conner! – gritou Alex.

– Essas coisas são minhas! – disse Chapeuzinho.

– Você ficou louco?! – perguntou Froggy.

Conner plantou-se de costas para a lareira com as mãos no quadril. O fogo consumiu lentamente os objetos.

– Vocês não precisam mais de nada disso – falou. – Não estão vendo? Se ficarmos simplesmente sentados à espera de alguma coisa, a Feiticeira vai assumir o poder! *Tudo* o que amamos estará perdido!

Alex queria compartilhar a paixão do irmão, mas não conseguia forçar sua cabeça a desconsiderar as probabilidades.

– Conner, é perigoso demais. É praticamente uma sentença de morte – disse ela.

A falta de fé da irmã quase fez Conner pular fora da própria pele.

– Não fazer *nada* é uma sentença de morte! – disse ele. – Se essa tal de Varinha Prodigiosa nos oferece uma chance de salvar o mundo, seríamos idiotas se não tentássemos!

Conner estava praticamente em lágrimas. Todos olhavam alternadamente para ele e para os objetos que ardiam na lareira. Uma decisão tinha de ser tomada. No entanto, uma coisa era certa: o que quer que fizessem, estariam se arriscando a perder tudo.

Froggy se pôs em pé abruptamente.

– Eu concordo com Conner – disse ele, a cabeça erguida. – Nós sabemos qual será o resultado de não fazer nada, portanto eu prefiro morrer lutando.

As palavras de Froggy tiveram um efeito motivador.

– Eu nunca fui boa em simplesmente esperar sentada – disse Cachinhos Dourados, colocando-se ao lado de Froggy. – Além disso, vocês vão precisar de alguém que saiba manejar uma espada.

João postou-se ao lado de Cachinhos Dourados.

– Se a Feiticeira pensa que vai dominar o mundo sem nenhuma resistência, está enganada – disse.

A determinação deles fez o coração de Alex vacilar.

– Esta é realmente uma *grande* decisão a tomar – ela falou. – Uma vez que a tomemos, não haverá volta; não poderemos desistir se os riscos se tornarem grandes demais. Nós não conseguiremos se não concordarmos com isso. Não importa o que aconteça, não podemos desistir.

Froggy olhou para João, João olhou para Cachinhos Dourados, e Cachinhos Dourados olhou para Conner. O mesmo sorriso confiante apareceu no rosto de todos.

– Estou pronto para o desafio – disse Conner, olhando para a irmã.

Alex assentiu e também se levantou.

– Conte comigo – ela disse, e sorriu.

– Comigo também! – exclamou Chapeuzinho, a última a ficar de pé. – Não tenho nenhum argumento a adicionar, mas apoio o empreendimento completamente! Ninguém some com o meu muro e escapa impune!

Conner foi até uma escrivaninha, no canto da biblioteca, e pegou um pedaço de pergaminho e uma pena.

– Vamos fazer uma lista das coisas de que precisaremos para fazer a Varinha Prodígiosa! Nós já definimos quais são as seis pessoas mais odiadas do mundo. Agora, quais são os bens mais preciosos para essas pessoas?

Todos sentaram-se e começaram a planejar a expedição.

– Todo mundo sabe que o cetro da Rainha da Neve é o seu bem mais precioso – disse Cachinhos Dourados. – É de onde vem sua mágica.

– Rainha da Neve: cetro mágico – disse Conner, e anotou a informação.

– Eu imagino que o bem mais precioso para a madrasta perversa tenha algo a ver com sua família. Uma relíquia para suas filhas atroz, talvez – propôs Froggy. – Não será difícil encontrá-la. Ela ainda vive na mesma casa onde a Rainha Cinderela foi criada.

– Madrasta perversa: relíquia de família – disse Conner, e tomou nota.

– O item favorito do gigante também não deve ser difícil de imaginar – disse João.

– Não havia muitas coisas em seu castelo quando estive lá, ainda menino. É difícil achar objetos daquele tamanho.

– Gigante: a determinar – disse Conner.

– O bem da Rainha Diabólica tem de ser o Espelho Mágico – sugeriu Chapeuzinho. – Pensem em tudo o que ela passou para libertar aquele careca repulsivo de lá.

– Rainha Diabólica: Espelho Mágico – disse Conner. – Justo quando eu pensava que os nossos dias de Rainha Diabólica tinham ficado para trás.

– Ele está em pedaços, no fundo das ruínas do castelo, mas não deve ser difícil de resgatar – disse Alex numa tentativa de confortá-lo.

– E a Bruxa do Mar? – perguntou Chapeuzinho. – Qual é a coisa sem a qual ela não poderia viver?

– Suas joias! – Cachinhos Dourados disse sem hesitação. – É o que ela coleciona em troca de favores. A não ser que barganhe por alguma coisa maior.

– Bruxa do Mar: ama suas joias – Conner disse e escreveu.

– Tudo o que resta agora é a Feiticeira – disse Alex, e todos na sala respiraram fundo ao mesmo tempo. – Qual é o bem mais precioso para Ezmia?

Nada lhes veio à mente. Sabiam que a Feiticeira adorava o poder, mas como isso se manifestaria em um objeto?

– Teremos de voltar a isso depois. Vou pôr um ponto de interrogação ao lado do

nome dela por enquanto – disse Conner.

Cachinhos Dourados olhou por cima do ombro do garoto, para a lista que haviam feito.

– Essas pessoas vivem longe, espalhadas pelos reinos – observou ela. – Como vamos viajar para todos esses lugares?

João também olhou para a lista.

– Sem mencionar o fato de que um grupo de viajantes pareceria tremendamente suspeito em um momento como este.

– E também vamos precisar viajar depressa – disse Alex. – A própria Feiticeira disse que está ficando impaciente.

A sala foi tomada por um zumbido grave enquanto Froggy refletia.

– Precisaremos de alguma coisa para viajar depressa e discretamente pela terra – disse ele, esfregando o queixo. – Permitam-me propor que esqueçamos a possibilidade de viajar por terra e viajemos acima dela!

Froggy pulou para o outro lado da biblioteca e voltou com um livro. Alex reconheceu o título e soube instantaneamente aonde Froggy pretendia chegar.

– Vamos viajar de balão! – disse Froggy excitadamente. – Exatamente como os viajantes de *A volta ao mundo em oitenta dias*! Tenho de admitir, estive esperando por uma desculpa para construir algo assim desde que li o livro.

– Froggy, isso é muito... ambicioso – disse Alex.

– Mas pode funcionar! – disse Conner. – A Feiticeira não vai esperar que alguém chegue pelo céu! Este mundo está a séculos da aviação!

– Precisamente – disse Froggy, e começou a folhear o livro. Ele rapidamente tirou a pena da mão de Conner e começou a esboçar algo no verso da lista. – Agora, na história, havia apenas três viajantes, portanto tudo o que eles precisavam era de uma cesta grande dentro da qual viajar. Mas proponho irmos além: precisamos de algo para deslizar através do céu e navegar através do mar. Sendo assim, construiremos um *navio*!

Froggy terminou o desenho e o mostrou à sala. Sua proposta era um modesto vaso em forma de barco, com velas dos lados e um grande balão em cima.

– Vamos conseguir construir uma coisa tão extravagante a tempo? – Cachinhos Dourados perguntou.

João pegou o esboço e o examinou, coçando a cabeça.

– Não é com a construção que estou preocupado, é com a quantidade de materiais necessários para construí-lo – disse ele. Os gêmeos lembraram-se de que João era um carpinteiro talentoso e levaram suas palavras a sério.

Chapeuzinho olhou o desenho mais de perto.

– Exatamente que tipo de material será necessário? – perguntou, com uma sobancelha erguida.

Froggy olhou para o esboço.

– Madeira serrada, tecido bem resistente e muito óleo de lamparina – disse ele.

Chapeuzinho apertou os olhos e anuiu em silêncio, contando as coisas na cabeça.

– Sim, eu tenho todas essas coisas aqui no castelo – disse ela, com um grande sorriso.

Todos olharam para ela em estupor.

– Onde? – Conner perguntou.

– Podemos tramar o navio com toda a madeira da minha coleção de cestas – explicou Chapeuzinho. – Acho que minha coleção de vestidos de verão vai prover tecido suficiente para o balão e para as velas; eles foram feitos com o melhor tecido do reino. Quanto ao óleo de lamparina, há barris e mais barris no castelo, só para aquecer a água dos meus banhos. E eu tomo *muitos* banhos.

– Você não perdeu todas as suas cestas no incêndio? – Alex indagou.

– A maior parte delas – disse Chapeuzinho. – Mas já tive uma porção de aniversários e feriados desde então. Minha coleção está praticamente completa de novo.

Os gêmeos não podiam discutir. Se o vestido que Chapeuzinho usara na reunião da Assembleia dos Felizes para Sempre era uma indicação, a rainha definitivamente tinha material suficiente.

– Acho que pode funcionar – disse João. – Consigo desenhar melhor o projeto até amanhã de manhã. Chapeuzinho, você pode me mandar os melhores construtores do reino? Precisaremos do maior número que conseguirmos.

– Com certeza – disse Chapeuzinho. – O terceiro Porquinho é um dos melhores e, na verdade, ele me deve um favor, pois acidentalmente construiu uma parte de sua casa de tijolos na propriedade Bo Peep, e eu o perdoei.

– Quanto tempo levará para construir? – Cachinhos Dourados perguntou a João.

– Quatro ou cinco dias se trabalharmos diligentemente. Três dias se trabalharmos vinte e quatro horas por dia.

– Fantástico! – disse Froggy.

– É realmente uma grande ideia, Froggy – disse Conner.

Froggy sorriu.

– Eu também acho – orgulhou-se. – Isso vai tornar a viagem muito mais fácil; não precisaremos caminhar através das montanhas setentrionais até a Rainha da Neve, nem subir num pé de feijão até o castelo do gigante.

João pigarreou.

– Infelizmente, ainda precisaremos escalar o pé de feijão – disse ele.

– Por quê? – Alex perguntou.

– É o pé de feijão que invoca o castelo do gigante – explicou João. – Ele não aparecerá a não ser que o pé de feijão cresça até certa altura.

Conner enrugou a testa.

– E onde está o pé de feijão, afinal? Acho que não o vimos desde que chegamos – ele falou.

Chapeuzinho permaneceu calada e olhou para o chão.

– Chapeuzinho, você fez alguma coisa com o pé de feijão do João? – perguntou Cachinhos Dourados ao notar seu acanhamento nem tão sutil.

Chapeuzinho olhou em volta da sala com olhos culpados.

– Eu posso ter mandado removê-lo – confessou.

– Removê-lo?! – gritou João. – Por que você fez isso?

– Porque ele era feio, ofensivo para os olhos! – Chapeuzinho disse na defensiva. – Além disso, era difícil acordar todos os dias e ter aquilo olhando para mim... você sabe... depois de tudo. – Ela fez um gesto incluindo a si mesma, João e Cachinhos Dourados.

– Ah, que ótimo – disse Cachinhos Dourados. – E agora, o que vamos fazer?

João suspirou.

– Tenho de encontrar o Mercador Viajante outra vez – disse. – Espero que ele tenha mais feijões mágicos, ou que saiba onde obtê-los. Vou partir amanhã, assim que tiver definido as coisas com os construtores.

– Então está resolvido – disse Froggy, com uma batida de palmas. – Nós cinco partiremos assim que o navio estiver pronto.

Chapeuzinho olhou para ele de soslaio.

– O que quer dizer com “você cinco”? – ela inquiriu.

Cachinhos Dourados deixou cair o queixo.

– Não me diga que você planeja vir junto? – perguntou.

– É claro que eu vou – afirmou Chapeuzinho. – Estou fornecendo tudo para a empreitada, não estou?

– Com o devido respeito, Chapeuzinho – disse Conner –, essa viagem pode não ser adequada para uma rainha.

– Vocês estão me dispensando? – acusou Chapeuzinho, horivelmente ofendida. – Se estou bem lembrada, na última vez em que estivemos todos juntos eu fui raptada duas vezes, jogada em um poço de plantas demoníacas e quase surrada até a morte, tudo no mesmo dia! Vocês estão dizendo que minha vida só pode estar em perigo quando é conveniente para vocês?

Chapeuzinho cruzou os braços com força e desviou o olhar dos outros. Não havia como fazê-la mudar de ideia.

– Querida? – perguntou Froggy. – Você acha que essa é a melhor opção, considerando a história de todos que vão viajar?

– Eu vou! – declarou Chapeuzinho. – Não vou ficar sentada aqui e deixar vocês cinco levar o crédito por salvar o mundo sem mim. Vou começar a fazer as malas

imediatamente! Eu nunca fiz as malas para uma aventura antes!

Sem pestanejar, Chapeuzinho levantou-se e correu para fora da biblioteca. Os outros fulminaram Froggy com o olhar.

– Falarei com ela e lhe explicarei um pouco melhor a situação – disse ele, e rapidamente seguiu a excitada jovem rainha.

João foi até a escrivaninha e começou a desenhar um projeto melhor para o navio. Cachinhos Dourados ficou com os gêmeos junto à lareira. Um sorriso orgulhoso lhe veio ao rosto quando olhou para os dois.

– O que foi? – perguntou Alex.

– Nada – disse Cachinhos Dourados, com uma encolhida de ombros. – Eu só estou me lembrando de uma vez em que disse a vocês para serem valentes, e agora vejam só quem está convencendo quem.

Alex e Conner trocaram um sorriso. Eles haviam crescido um bocado desde a última viagem.

– Preciso alimentar Mingau – disse Cachinhos Dourados. – Tive de deixá-la nos estábulos do castelo, e ela não costuma se dar muito bem com outros cavalos.

Cachinhos Dourados deixou a biblioteca; no caminho, deu tapinhas gentis no ombro dos gêmeos. A biblioteca ficou muito silenciosa, a não ser pelas chamas que tremeluziam e estalavam na lareira e pelas pinceladas da pena de João enquanto trabalhava no projeto do navio.

– Você quase me perdeu antes – Alex disse ao irmão. – Me senti tão derrotada... Obrigada por me puxar de volta.

– Conte sempre comigo – disse Conner. – Obrigado por me ajudar a trapacear nos testes do sexto ano.

Alex deixou escapar um ruído que foi metade arquejo, metade riso.

– Como você soube disso? – ela perguntou.

Conner olhou para ela.

– Os únicos C ou B que cabiam nos testes eram as minhas iniciais.

Alex riu pela primeira vez em dois dias. Sentiu saudade do tempo em que passar em testes era sua maior preocupação.

– Você tem certeza de que está pronto para isso? – ela perguntou ao irmão.

Conner pensou a respeito.

– Você quer dizer mais uma aventura perigosa pelo mundo dos contos de fadas, coletando vários itens e com potenciais momentos de vida ou morte? – Conner soltou um sorriso maroto.

Alex deu uma risada abafada.

– Sim, *isso*.

Conner pensou um momento a respeito e então balançou a cabeça para si mesmo.

– Vamos nessa.



CAPÍTULO 15

Ora feijões, estive lá, fiz aquilo

As portas do balcão se abriram bruscamente, e a Rainha Chapeuzinho Vermelho emergiu do castelo. Ela usava seu melhor vestido e estava coberta das mais finas joias. Chapeuzinho sempre se vestia para impressionar quando se dirigia a seu povo.

– Companheiros rubrochapeuzianos – disse a rainha, com os braços erguidos. – Obrigada por juntarem-se a mim neste dia!

Ela olhou para seus observadores lá embaixo e ficou desapontada com a falta de público. Embora o reino inteiro tivesse sido convidado a ouvir a mensagem da rainha, apenas um grupo de mais ou menos duas dúzias aparecera – incluindo dois carneiros e um bode.

Chapeuzinho engoliu o orgulho e prosseguiu com a proclamação:

– Presumo que muitas pessoas estejam assustadas demais para deixar suas casas, especialmente depois do desaparecimento de nosso amado muro; portanto, por favor, passem adiante esta mensagem. Por mais desafiadores que possam ser os tempos atuais, convoquei-os todos a fim de estimular sua força e sua bravura. Enfrentamos grandes ameaças no passado e sempre as superamos juntos como reino! E, quando olho para o rosto de vocês, veja essa coragem em seus olhos! A Feiticeira pode ter levado nosso muro, mas nunca levará nosso moral!

Chapeuzinho fez uma pausa para os aplausos, mas não houve nenhum.

– Além disso – continuou ela –, se existe uma coisa que o povo do Reino da Chapeuzinho Vermelho sabe fazer... com exceção do Menino Que Gritava Lobo... é sobreviver!

Chapeuzinho tomou fôlego. Ela tinha esquecido o resto do discurso.

– Qual era o outro ponto que eu queria abordar, querido? – a jovem rainha falou pelo canto da boca. Para a sua sorte, Froggy se achava dentro do castelo, do outro lado das portas do balcão.

– Nós vamos reconstruir o muro! – Froggy sussurrou.

– Ah, sim, é isso mesmo! Obrigada – disse Chapeuzinho e então encarou de novo o povo. – Nós vamos reconstruir nosso muro!

Chapeuzinho assumiu outra pose de magnificência. Dessa vez não continuou até ouvir aplausos das pessoas abaixo.

– Mas, antes de fazermos isso, eu gostaria de convidar todos os carpinteiros do reino a ir a meu castelo esta tarde, para trabalhar em outra coisa. Sei que está muito em cima da hora, mas significaria muito – disse ela. – Obrigada por juntarem-se a mim hoje, rubrochapeuzianos! Desejo a todos vocês paz e *empobrecidade*!

– Prosperidade, minha querida! Prosperidade! – Froggy corrigiu.

– Quero dizer, paz e prosperidade! – declarou Chapeuzinho, e então voltou rapidamente para dentro do castelo. Assim que as portas se fecharam atrás dela, a rainha começou a tirar as joias e passá-las à sua aia.

– Osso duro de roer, essa multidão – disse Chapeuzinho, com um suspiro. – Pelo menos consegui inserir todas as “palavras de rainha”.

Os gêmeos tinham ouvido o discurso de Chapeuzinho ao lado de Froggy.

– Palavras de rainha? – perguntou Alex.

– Sim: força, bravura, coragem, moral. As quatro palavras essenciais para fazer um bom discurso como rainha – disse Chapeuzinho, e rapidamente mudou de assunto: – Todos os vestidos e todas as cestas já foram levados para o pátio?

– Sim, Majestade – disse a aia.

Naquela manhã, os gêmeos haviam acordado empolgados ao ver que o pátio do castelo fora transformado em local de trabalho. Os servos de Chapeuzinho empilharam milhares e milhares de cestas de sua coleção em um canto do pátio e centenas de seus vestidos de verão em outro.

João passara a noite inteira desenhando projetos detalhados para o navio voador. Os desenhos foram postados em um quadro enorme no centro do pátio, para que todos vissem.

– Isso deve resolver – disse João, com um grande bocejo. – Para quando podemos esperar os construtores?

– Alguns já chegaram, e o resto deverá estar aqui lá pelo meio-dia – disse Froggy. Cachinhos Dourados varreu o pátio com os olhos.

– Eu acho que temos um problema – disse ela, e fez um gesto para a pilha de vestidos. – Quem vai fazer o balão e as velas do navio?

Alex e Conner se entreolharam, cada qual esperando que o outro tivesse a resposta.

– Não olhe para mim – disse Conner. – Eu mal passei em economia doméstica. Quase ateei fogo na escola servindo cereal, está lembrada?

– Eu não sou muito boa com uma agulha – disse Alex. – Você conhece boas

costureiras no reino?

– Eu já pedi à Vovozinha – falou Chapeuzinho, avançando alegremente para o pátio.

Ninguém disse nem uma palavra de início, mas estavam todos pensando a mesma coisa.

– Você tem certeza de que sua avó é capaz de costurar um balão e velas para um navio voador, querida? – Froggy perguntou valentemente.

– É claro que sim! – disse Chapeuzinho sem um pinga de dúvida. – Ela e a Velhinha que administra o Shoe Inn chegarão mais tarde para trabalhar nisso. Elas ficaram encantadas com o pedido. A Vovozinha tem feito minhas roupas desde que comecei a andar. Confiem em mim: se existe alguém capaz de fazer isso, é ela.

Menos de uma hora depois, a Vovozinha e a Velhinha chegaram ao castelo com suas agulhas e linhas a postos. Diferentemente de Mamãe Ganso, aquelas senhoras eram exatamente como os gêmeos sempre as imaginaram. Ambas tinham cabelo grisalho enrolado em um coque apertado no topo da cabeça e óculos de leitura na ponta do nariz. A Velhinha andava com uma bengala, e a Vovozinha carregava uma grande bolsa cheia de fios e linhas.

– Muito obrigada por vir, Vovozinha! – disse Chapeuzinho, e abraçou a avó.

– Imagina, meu bem – disse a Vovozinha. Sua voz era suave, lenta e tranquilizadora. – É muito bom descansar um pouco da aposentadoria. Nós só podemos jogar cartas e olhar a grama crescer por umas tantas horas por dia antes que isso se torne cansativo.

– O quê?! – gritou a Velhinha. Obviamente ela tinha uma pequena dificuldade em ouvir. E, se o modo como apertava os olhos era uma indicação, também tinha uma pequena dificuldade em enxergar.

Vovozinha falou diretamente dentro do ouvido dela:

– Eu estava contando a Chapéu que estamos contentes por sair do Shoe Inn.

– Quem morreu?! – perguntou a Velhinha.

– Ninguém morreu. Eu disse *Chapéu*, a minha neta.

– A sua neta morreu?! – falou a Velhinha, consternada.

A Vovozinha voltou-se novamente para Chapeuzinho:

– Não ligue para ela, meu bem. Tem mais de duzentos netos... Seus ouvidos não são mais os mesmos.

Froggy, Cachinhos Dourados, João e os gêmeos ficavam pessimistas a cada segundo. Poderiam aquelas mãos anciãs dar conta de uma tarefa hercúlea?

– *Isto* é o que estamos tentando construir – disse Chapeuzinho, e mostrou às duas idosas os desenhos no quadro. – Vocês acham que conseguem fazer?

– Vamos ver – disse a Vovozinha, empurrando os óculos para cima a fim de enxergar melhor. – Parece que você tem aqui um balão e velas de algum tipo, hein?

Vocês estão partindo para alguma aventura, crianças?

– Na verdade, estamos! – disse Chapeuzinho, a cabeça erguida. – Nós vamos salvar o mundo!

– Que coisa boa, meu bem – disse a Vovozinha, dando-lhe palmadinhas nas costas. Ela não pareceu muito preocupada com o que Chapeuzinho tinha a dizer, como se a neta fosse uma menininha contando que iria para a lua. – Você tem o tecido ou devo correr para a loja?

– Temos tudo de que precisamos aqui – disse Chapeuzinho, e fez um gesto para a montanha de vestidos no canto.

– Ora, ora, olhe só para você, sendo econômica – disse a Vovozinha. Ela deu uma última olhada para o quadro e para a pilha de vestidos e balançou a cabeça. – Sim, acho que daremos conta.

Chapeuzinho deu pulinhos e bateu palmas. Os outros pareciam mais céticos do que nunca.

– Vocês têm certeza de que vão conseguir? – perguntou João. Antes que ele pudesse ouvir uma resposta, as duas idosas já se encontravam sentadas em banquinhos perto da pilha de vestidos e começavam a desfazer as costuras.

– Ora, isso não é nada – disse a Vovozinha. – Lembra-se daquele verão em que você engordou como um balão, Chapéu? Pobrezinha, ganhou tanto peso que eu tinha de fazer roupas novas para você a cada semana.

Os gêmeos precisaram morder os punhos para não rir. Cachinhos Dourados não tentou esconder a sua risadinha.

– Não me diga! – disse Cachinhos, com um sorriso maroto.

Chapeuzinho Vermelho corou em um tom intenso de seu nome.

– Vovozinha, eu não acho que este seja um momento apropriado para...

– Foi por isso que eu fiz para ela aquela capa vermelha que ficou tão famosa – falou a Vovozinha, sem consciência do constrangimento da neta. – Era a única coisa que lhe servia por mais de uma semana! Ela costumava aparecer na minha casa com cestas vazias toda vez que eu ficava de cama. Nunca entendi por que a sua mãe as mandava para mim; então finalmente compreendi que, a caminho da minha casa, Chapéu comia todas as guloseimas que havia dentro das cestas.

Ninguém no pátio conseguiu esconder o riso depois de ouvir isso. Até Froggy deixou escapar um risinho abafado.

– Eu era uma comedora compulsiva! – Chapeuzinho declarou em sua defesa. – Tinha muitas coisas na cabeça naquela época. – Involuntariamente ela olhou para João. – Felizmente, como todas as minhas roupas, saí daquela fase.

– Sim, meu bem – disse a Vovozinha. – Ficamos todos gratos por isso... menos a loja de tecidos.

Vovozinha e a Velhinha passaram o tempo todo rasgando costuras

impressionantemente longas. O som fazia Chapeuzinho se encolher. Embora tivesse sido ideia dela, não suportava ver seus vestidos sendo desfeitos – ou ficar por perto para ouvir a Vovozinha compartilhar mais lembranças vergonhosas.

– Se vocês me permitem – disse Chapeuzinho, dirigindo-se para fora do pátio –, acho que vou deitar por um minuto. De repente a minha vida virou uma novela.

A notícia devia ter se espalhado pelo reino, porque, por volta do meio-dia, o pátio estava tomado por dezenas de construtores e carpinteiros, ansiosos por ajudar sua jovem rainha. O terceiro Porquinho foi o último a chegar, puxando atrás de si uma caixa de ferramentas com metade do seu tamanho.

– Eu bufei e resfoleguei e arrastei isso por todo o caminho desde a minha casa – ele contou aos outros. – É bem feito para mim, por ficar em dívida com a Rainha Chapeuzinho Vermelho.

João subiu em uma das cestas maiores para dirigir-se às pessoas.

– Bem-vindos e muito obrigado a todos! Receio que a tarefa seja grande e nosso tempo, curto. Portanto, perdoem-me por explicar com pressa. A rainha organizou uma pequena missão na esperança de salvar o que restou depois do retorno da Feiticeira. A missão envolve um navio especial, projetado para navegar através das nuvens e do mar, e ele deve ser construído em tempo recorde.

João atravessou o pátio em direção aos desenhos.

– Se vocês puderem se juntar em volta e dar uma olhada – instruiu ele. – Nossos materiais são escassos, mas acredito que, se seguirmos estes planos precisamente, poderemos construí-lo em uma questão de dias. Não vou discursar para vocês sobre a necessidade de este projeto permanecer em segredo absoluto; vou apenas repetir que o envolvimento de todos poderá finalmente livrar o mundo das garras da Feiticeira. Assim, se vocês puderem fazer a gentileza de nos ceder seu trabalho, sua força e sua devoção, começaremos imediatamente e poremos um fim a essa loucura de uma vez por todas.

Nenhum dos carpinteiros levantou objeções – as palavras de João os encorajou além do ponto do questionamento. Metade deles começou a desmanchar as cestas a fim de transformá-las em partes utilizáveis, enquanto os outros as enfileiravam e começavam a trabalhá-las para formar a proa do navio.

João estava radiante. Pela primeira vez em muito tempo encarregava-se de algo produtivo – e ele era um grande líder.

– Ele é realmente bom nesse tipo de coisa – Alex disse a Cachinhos Dourados.

– Muito bom – concordou Cachinhos, com um sorriso agrídico. – Ele não tem mais muitas oportunidades de ser um herói.

O rosto dela estava cheio de orgulho, porém, conforme observava João comandar os carpinteiros, o orgulho foi substituído por culpa. João fora um membro tão respeitado e valorizado da sociedade rubrochapeuziana – e jogara tudo para o alto

ao decidir ser um fugitivo junto com ela. Embora Cachinhos Dourados soubesse que tinha sido uma escolha, não pôde deixar de sentir-se um pouco responsável.

– Ai! – gritou Conner. Ele se juntara aos carpinteiros e ficava o tempo todo se espetando com farpas enquanto desmanchava as cestas. – Como vocês conseguem fazer isso com tanta facilidade?

O terceiro Porquinho ficou calado e simplesmente mostrou-lhe seus cascos.

– Saquei – disse Conner. – Sempre achei que os dedões eram supervalorizados.

O dia passou voando conforme os carpinteiros trabalhavam incansavelmente no navio. João estava ficando ansioso, pois sabia que ainda precisava encontrar o Mercador Viajante. Ele deixou Froggy e o terceiro Porquinho encarregados de supervisionar a construção depois de repassar os desenhos cuidadosamente, centímetro por centímetro.

– Isso vai ficar melhor do que eu imaginava! – disse Froggy, dando um pulinho alegre. – Que nome você dá a esta geringonça?

O terceiro Porquinho revirou os olhos.

– Isto é um martelo – disse ele.

– Então *isto* é um martelo! Interessante – disse Froggy, e examinou o objeto cuidadosamente. A despeito de tudo pelo que passara, no fundo ele ainda era um príncipe.

– Pensando melhor, talvez eu não devesse partir – disse João.

– Eles vão ficar bem – falou Cachinhos Dourados, e começou a arrastar João para longe dos carpinteiros. – Você é um excelente professor.

Cachinhos e João foram contidos antes que pudessem sair do pátio.

– Vocês dois! – Chapeuzinho chamou de uma janela aberta. Ela segurava um envelope branco recém-aberto. – Levem os gêmeos com vocês! Acabei de receber notícia de que fadas vêm inspecionar o muro desaparecido e não quero *aqueles* dois por aqui quando elas aparecerem!

– Ah, cara – disse Conner. – Eu queria ajudar com o navio!

– Então, definitivamente, você precisa partir – disse o terceiro Porquinho, arrancando um pedaço de cesta das suas mãos.

– Está bem – Cachinhos Dourados falou. – Eles podem nos ajudar a localizar o Mercador Viajante.

Alex e Conner tinham de admitir que estavam empolgados para participar da caçada.

– O que devo dizer às fadas quando elas virem toda essa construção em andamento? – perguntou Chapeuzinho.

Alex foi rápida em responder:

– Diga a elas que você decidiu combinar todas as suas cestas em uma única grande cesta.

Chapeuzinho enrugou a testa.

– E alguém vai acreditar que estou fazendo uma coisa dessas?

– Sim! – o pátio inteiro respondeu em uníssono. Até os carpinteiros e as duas idosas concordaram.

– Está bem – resmungou Chapeuzinho, e prontamente fechou a janela.

– Vamos precisar de mais um cavalo se os gêmeos vão viajar conosco – disse Cachinhos Dourados.

– Não se preocupe – Froggy falou. – Temos cavalos de sobra nos estábulos. Vocês podem escolher o que quiserem.

Entusiasmados, os gêmeos subiram para seus quartos e juntaram as coisas que achavam que precisariam na busca pelo Mercador Viajante. Depois encontraram João e Cachinhos Dourados nos estábulos do castelo, onde o casal carregava com suprimentos o lombo de Mingau, a mal-afamada égua de Cachinhos Dourados.

Mingau olhava inquieta para todos os demais cavalos. Cachinhos Dourados não estava exagerando: sua égua realmente não gostava de outros animais da mesma espécie. Quando os gêmeos também olharam em volta para os pôneis perfeitamente tratados, não foi difícil entender por quê. Enquanto Mingau estivera pelo mundo, fugindo da lei com sua dona, aqueles cavalos haviam passado sua vida em estábulos confortáveis – não admirava que não se dessem bem.

– Que cavalo vamos escolher? – perguntou Alex.

– Hum... *aquele ali* – disse Conner, e apontou para um garanhão castanho, bem no fundo dos estábulos.

– Por que aquele? – Alex indagou.

– Porque é o único que não tem laços de fita na crina – disse Conner.

– Aquele é o Fivelas – um cavaliço contou aos gêmeos. – Vocês têm certeza de que querem aquele? Ele pode ser um pouco agressivo.

Conner deu uma volta pelo estábulo para se certificar.

– Positivo – disse. – Todos os outros estariam melhor na seção de bonecas de uma loja de brinquedos.

– Como queira – disse o cavaliço. – Mas depois não diga que eu não avisei. – Ele jogou por cima do cavalo uma sela com as maiores fivelas de prata que os gêmeos já tinham visto.

– É por isso que vocês o chamam de Fivelas? – perguntou Alex.

– Em parte – disse o cavaliço. – Vocês vão ver.

Alguns minutos depois, João, Cachinhos Dourados e os gêmeos partiram. João e Cachinhos Dourados foram na frente, enquanto Alex e Conner, montados em Fivelas, seguiram alguns metros atrás. Não foi preciso muito tempo para entenderem por que o cavalo recebera aquele nome – ele pinoteava agressivamente a cada poucos metros e relinchava ruidosamente sempre que fazia isso. Claramente, as fivelas de

prata eram as únicas suficientemente fortes para manter a sela em cima do cavalo.

– Como é que se desliga esta coisa?! – gritou Conner, agarrando as rédeas o mais forte que conseguiu.

– Acho que estou ficando enjoada! – disse Alex. Seus braços envolviam as costelas do irmão com força.

Cachinhos Dourados deu meia-volta com Mingau para ficar de frente para Fivelas.

– Mingau, diga ao exibido para parar – ela pediu. Mingau relinchou em desaprovação para Fivelas, que imediatamente parou de pinotear.

Mingau revirou os olhos para o garanhão. Fivelas bufou para Mingau quase em flerte. Aquilo deixou os gêmeos pouco à vontade – obviamente havia uma história entre os cavalos, uma história que eles não estavam interessados em conhecer.

Os gêmeos seguiram Mingau para fora do Reino da Chapeuzinho Vermelho e para dentro de uma floresta que ficava ao longo da fronteira do Reino Encantado com o Reino das Fadas. João e Cachinhos Dourados agiam com especial cautela – a Feiticeira transformara o mundo inteiro na Floresta dos Anões.

Antes que os quatro percebessem, a noite já havia caído sobre eles, e o grupo montou um pequeno acampamento à margem do caminho. Alex e Conner estenderam alguns cobertores no chão para dormir.

– Este desconforto é quase confortador – disse Conner depois de se esticar no chão duro. – Acho que realmente estava sentindo falta de dormir em florestas estranhas.

– Vá se acostumando – disse Alex. – Temos um bocado de aventuras à nossa frente.

– É verdade – concordou Conner. – Mas pelo menos temos amigos dessa vez.

Diferentemente do irmão, Alex não conseguiu dormir. Depois de rolar e se agitar, ela se levantou e foi sentar-se ao lado de Cachinhos Dourados, que afiava a espada junto a uma minúscula fogueira. Ela estava de vigia enquanto os outros dormiam.

– Você é diferente de qualquer outra mulher que já conheci – disse Alex.

– Por quê?

– Você é tão confiante e autossuficiente! Tantas garotas, especialmente no meu mundo, são muito inseguras e ciumentas. Nós confiamos umas nas outras, mas ao mesmo tempo somos mesquinhas. Seria bom ter mais mulheres como você para admirar.

Cachinhos Dourados ficou triste ao ouvir isso.

– Eu já fui todas essas coisas – disse ela. – Mas, depois que me tornei uma fugitiva, aprendi que uma vida gasta criando inimigos não vale a pena ser vivida. Ter aliados é a melhor vantagem do mundo. O ciúme é apenas um lembrete das frustrações que você tem consigo mesma. Quem tem tempo para se concentrar

apenas nisso?

– Isso foi forte. – Alex sorriu. – Gostaria que as meninas da escola pudessem ouvir isso.

– Leve uma espada para a escola. Confie em mim: essas meninas vão deixá-la em paz.

– Ah, eu não poderia fazer isso. A violência não é bem-vista no meu mundo. Não é como aqui; ela não é *necessária*.

Cachinhos Dourados gostou da maneira como aquilo soou.

– Então descubra qual é a sua espada. Descubra sua própria vantagem e use-a com orgulho. Derrote aquelas meninas no jogo delas: pareça perfeitamente contente com a vida. Mas não esqueça que eu sou uma fugitiva procurada, portanto posso não ser a melhor pessoa para dar conselhos.

Alex deu risada. Aquele fora um dos melhores conselhos que já escutara, mesmo tendo sido dado por uma delinquente.

Todos já estavam acordados ao nascer do sol. Para passar o tempo durante a busca, João e Cachinhos Dourados contaram aos gêmeos tudo sobre suas aventuras no último ano.

– Eu sabia que Dourada podia lutar, mas não tinha ideia da guerreira que ela é – disse João. – Lá estava eu no Reino do Canto, cercado por vinte soldados. Acabara de ser pego roubando um pão de uma padaria. Não tinha o meu machado comigo, uma espada, nada! Totalmente indefeso! Então, como uma bala de canhão, Dourada e Mingau irromperam pelas portas, e Dourada lutou contra todos os soldados sozinha!

– Sem essa! – Conner duvidou.

– Ele está exagerando; havia apenas uma dúzia de soldados – disse Cachinhos Dourados, com um modesto encolher de ombros.

– Onde você aprendeu a lutar, Cachinhos? – perguntou Conner. – Você poderia me ensinar? Eu sempre quis ser um bom espadachim.

– Quando eu era mais jovem, me dei conta de que ninguém iria lutar por mim, então escolhi uma espada e aprendi sozinha – contou Cachinhos Dourados. – Posso mostrar alguns truques, se você quiser.

– Fantástico! – Conner falou. – Eu tenho uma baita coordenação entre mão e olho! Tenho a segunda melhor pontuação no Pac-Man do fliperama.

João e Cachinhos Dourados não tinham a menor ideia se aquilo devia ser considerado impressionante.

– João também não é tão ruim assim, sabem – vangloriou-se Cachinhos Dourados. – Uma vez ele me salvou de um trio de ogros! Eu estava amarrada sobre um grande caldeirão fervente. Eles teriam me transformado em sopa se João não tivesse chegado a tempo!

João soltou uma risada indiferente.

– Eu só os distraí por tempo suficiente para você desatar os nós – disse ele. – Ela cuidou deles assim que se viu livre.

– Mas é a intenção que conta – falou Cachinhos Dourados e envolveu-lhe o pescoço.

O grupo de busca-ao-Mercador viajou para cima e para baixo por todos os caminhos que encontrou, atrás de qualquer sinal dele.

– Ele deveria estar nesta área – disse João. – Foi onde o encontrei quando era criança. Chamam-no de Mercador Viajante, mas ele nunca vai muito longe.

– Espere um segundo – disse Cachinhos Dourados. Ela desmontou de Mingau e examinou o caminho de terra. Havia no chão dois conjuntos idênticos de pegadas de ave, que se estendiam por uma boa distância à frente e para trás do grupo.

– Que espécie de ave caminha uma distância tão grande? – perguntou Cachinhos Dourados.

Os olhos de João se iluminaram. Os gêmeos não sabiam o que era, mas compreenderam que eles estavam fazendo progresso. Cachinhos Dourados montou de novo em Mingau, e o grupo avançou pelo caminho tão depressa quanto os cavalos eram capazes de galopar, seguindo os rastros floresta adentro.

Por fim eles descobriram uma velha carroça coberta parada à margem do caminho. Uma pequena chaminé se projetava da cobertura do veículo. A mula da carroça descansava amarrada a uma árvore próxima.

– Vejam as pegadas! – disse Alex e apontou para o chão. As pegadas de ave levavam diretamente para a parte de trás da carroça. Em volta das suas rodas havia projeções no formato de pés de ave, e a carroça deixava aquelas pegadas enquanto viajava pelo caminho! Era um meio incrivelmente engenhoso de encobrir os próprios rastros.

– Mercador? – João chamou. – É você aí dentro?

De início tudo permaneceu em silêncio. Depois um apressado arrastar de pés veio de dentro da carroça, fazendo-a balançar de um lado a outro. A metade superior da porta do veículo se abriu bruscamente, e o Mercador Viajante espiou para fora.

– Amigo ou inimigo? – perguntou ele. Era um homem idoso, com uma longa barba grisalha, roupas esfarrapadas e um olho estrábico. Tinha envelhecido um pouco desde a última vez que os gêmeos o viram, mas ainda era tão excêntrico quanto antes.

– Amigos! – Conner exclamou alegremente. – Velhos amigos, na verdade! Está lembrado de nós?

O Mercador estudou aqueles rostos.

– Meu menino, eu me lembro de cada negócio que fiz – disse. – Mas a minha mente foi ficando cansada com a velhice, e os rostos a eles ligados se perderam em minha memória.

João, Cachinhos Dourados e os gêmeos desmontaram de seus cavalos e se aproximaram para que ele pudesse vê-los melhor.

– Você nos ajudou a escapar do Território dos Duendes e Trolls um ano atrás – disse Alex. – Nós o conhecemos nas masmorras, e você trocou sua liberdade pela nossa. Você nos contou sobre o Feitiço do Desejo.

O Mercador cofiou a barba, removendo dela algumas migalhas. Devia estar no meio de uma refeição.

– Ah, sim – disse ele, com um olho apertado. – Admito um pouquinho de familiaridade passando por mim. Eu desejaria ter uma lembrança sua – falou para Cachinhos Dourados; então voltou-se para João: – Mas você... eu acho que me lembro de *você*.

– Muito tempo se passou desde que estivemos cara a cara – disse João. – Talvez você se lembre de um rapazinho com quem trocou feijões mágicos por uma vaca?

Os olhos e a boca do Mercador se escancararam de prazer.

– Ora, quero me danar como um bode sem pernas! – falou, e bateu as mãos uma na outra. – Se não é João, o meu freguês favorito!

João balançou a cabeça alegremente para ele.

– Sou eu, meu velho! É bom vê-lo outra vez!

– Entre, meu menino! – disse o Mercador, e abriu a metade inferior da porta da carroça. – Acabo de preparar um pudim de faisão!

Ele desapareceu dentro da carroça, e os outros entenderam aquilo como um convite para segui-lo.

A pequena carroça era muito apertada. Uma cama havia sido empurrada para o fundo; no centro havia uma mesa pequenina; e o interior era forrado de armários, prateleiras e gaiolas. Cantis, vassouras, baldes, estantes, punhais e mais coisas estavam em exposição nas prateleiras e nos armários. Os gêmeos sabiam que os objetos muito provavelmente tinham valor apenas artificioso e aguardavam para ser negociados. Gansos, patos e porcos se achavam trancados nas gaiolas – sem dúvida o Mercador lucrara nos negócios recentes.

– Sentem-se, sentem-se – disse ele.

João, Cachinhos Dourados e os gêmeos apertaram-se em volta da mesa. O Mercador entregou a cada qual um prato de pudim de faisão (pedaços diversos de aves ainda penadas que boiavam em um caldo misterioso) e um filão de pão amanhecido. Alex e Conner tiveram de tampar o nariz para não vomitar.

– Então, o que o traz a estas minhas vizinhanças, xará? – o Mercador perguntou a João, dando um tapinha em suas costas.

– Na verdade, estávamos à sua procura – disse João.

– E a que devo a honra de ser o objeto de tal missão?

Conner teve de repetir a sentença na cabeça para entender o que o Mercador

perguntara. João olhou cautelosamente para os outros antes de confessar ao homem:

– Eu estava me perguntando: será que você teria mais alguns feijões mágicos? Como aqueles que me deu quando eu era menino?

O olho bom do Mercador percorreu a carroça. Ele ficou surpreso com o pedido.

– Por que você iria precisar de *mais* feijões mágicos? Certamente o primeiro lote lhe proporcionou aventura suficiente para uma vida inteira.

– De fato proporcionou – disse João. – Mas não estamos atrás de aventura, e sim de um meio de voltar ao castelo do gigante. O pé de feijão foi removido, e pensamos em cultivar mais um.

O olho bom do Mercador estudou o rosto de cada um deles.

– Mas por que vocês precisariam revisitar o castelo do gigante em tempos como estes?

O grupo trocou olhares sobre a mesa. Alex decidiu que não havia tempo para fazer rodeios e foi direto ao ponto:

– Você já ouviu falar da Varinha Prodigiosa?

– A Varinha Prodigiosa? – repetiu o Mercador.

Conner começou a explicar:

– É uma varinha construída com os seis bens mais preciosos das seis pessoas mais odiadas do mundo.

O Mercador ergueu uma mão para silenciá-lo.

– Meu jovem, eu sei o que é a Varinha Prodigiosa há mais tempo do que você tem de vida – disse ele. – Apenas acho difícil de entender por que *isso* estaria no topo da sua agenda, estando as coisas como estão.

– Esse é exatamente o ponto, senhor Mercador... se é que posso chamá-lo de senhor Mercador – disse Alex. – Queremos construí-la para arrumar as coisas. Estamos tentando deter a Feiticeira, e esse é o único meio que conhecemos.

Um silêncio envolveu a carroça. Todos estavam tensos, questionando a decisão de Alex de despejar assim a verdade. Será que revelar o segredo os deixaria mais perto de obter os feijões mágicos?

O Mercador recostou-se em sua cadeira e cofiou a barba, olhando alternadamente para Alex e Conner.

– Agora me lembro de vocês – disse suavemente. – Não me lembro do lugar exato ou de quando, mas me lembro da face de dois juvenzinhos em uma busca extraordinária. Eles eram muito ambiciosos em sua perseguição, porém completamente desprendidos em sua tentativa: não estavam atrás de glória, mas, antes, de harmonia. Decidi ajudá-los porque sabia que algum dia nossos caminhos se cruzariam de novo.

Os gêmeos não sabiam o que dizer. O fato de ele tê-los salvado fora tão altruístico que ainda os fazia sentir-se humildes.

– Acho que sua intuição estava certa – disse Conner. – Só que agora estamos tentando salvar o mundo.

O Mercador observou-os por um momento mais. Então levantou-se e se dirigiu a um dos armários. Revirou-o por algum tempo, retirando pratos e taças de formatos estranhos e ferramentas e dispositivos antes de finalmente remover um saquinho marrom.

O Mercador despejou o conteúdo do saquinho sobre a mesa, e os gêmeos se viram diante de três feijões. Eram redondos e largos como como feijões-de-lima, porém pretos – e pulavam animadamente sobre a mesa.

– Feijões mágicos! – disse João, excitado. – Você ainda tem alguns!

– São os últimos sob minha posse – disse o Mercador. – Também não são fáceis de encontrar. Os feijões mágicos são colhidos de uma planta que cresce em terra fertilizada com estrume de unicórnio e regada com as lágrimas de uma bruxa. É meu presente para vocês.

Todos se endireitaram na cadeira.

– Tem certeza? – disse Cachinhos. – Viemos preparados para pagar por eles.

Ela puxou um punhado de diamantes da lateral de sua bota.

– Dourada, onde você conseguiu isso? – perguntou João.

– Roubei da Chapeuzinho quando ela não estava olhando. Não vão lhe fazer falta – disse Cachinhos Dourados. – Eu presumi que teríamos de fazer algum tipo de barganha.

O Mercador recolheu os feijões, colocou-os de volta no saquinho e entregou-os a João.

– Considerem isto a minha pequena contribuição para pessoas corajosas o bastante para confrontar a perversa Feiticeira.

– Isso foi fácil – disse Conner. Ele mal podia acreditar na sorte que tiveram até agora. – Talvez construir essa varinha não vá ser tão difícil, afinal.

– Há perigos em profusão por encontrar, eu receio – disse o Mercador. – Eu sei. Tentei construí-la eu mesmo quando era jovem.

– Tentou? – perguntou Alex, incapaz de conter a surpresa. – Então isso significa que é real?

– Ah, sim, é muito real, posso assegurar. De modo muito semelhante ao Feitiço do Desejo, atrás do qual vocês estiveram antes; muitos tolos tentaram criá-la e morreram tentando. Foi durante a minha própria perseguição que me tornei o mercador que vocês veem hoje. Descobri que vender quinquilharias era mais lucrativo.

– Então você sabe o que devemos esperar? – perguntou Conner.

– Só posso imaginar – disse o Mercador. – Apenas lembrem-se de que até os lugares mais amenos vão surpreendê-los com o que está à espreita nas sombras. E

estes feijões não são exceção! Embora o gigante esteja morto, ainda haverá perigos aguardando por vocês no castelo dele.

Conner engoliu em seco audivelmente.

– Você se importaria em especificar? – perguntou ele.

– Meu jovem, se fosse da minha natureza ser específico, eu não seria capaz de olhar em duas direções ao mesmo tempo – disse o Mercador, e seu olho bom se fixou em Conner.

– Bem, não podemos lhe agradecer o suficiente – disse João. – A bondade é uma coisa rara de se encontrar na floresta.

– Sou eu que deveria agradecer-lhe – disse o Mercador. – Depois de dar a você aqueles feijões, minhas vendas dispararam! Você me proporcionou a minha carreira, xará! Você sempre será como um filho para mim, João.

Conner pigarreou.

– O tipo de filho que você engana em uma transação e manda para uma aventura que quase o mata? – perguntou.

O Mercador repensou as suas palavras.

– Como um sobrinho, então – retificou-se. Ele olhou através da porta da carroça para o céu que escurecia ao entardecer. – Para onde foi o tempo? Vocês precisam me desculpar agora. Preciso partir antes do pôr do sol. Nunca fico mais do que um dia no mesmo lugar. Por causa do negócio, por causa do nome. – Ele piscou com o olho bom, embora ninguém pudesse dizer a quem se dirigia. – Boa sorte, amigos.

João, Cachinhos Dourados e os gêmeos saíram da carroça e encontraram seus cavalos. O Mercador atrelou sua mula e partiu para dentro da floresta bem quando o sol começou a se pôr. Alex e Conner se perguntaram que circunstância especial seria necessária para que seu caminho se cruzasse com o dele outra vez.

– O que você acha que ele quis dizer quando falou que existem outros perigos nos aguardando no castelo do gigante? – Conner perguntou. – O gigante não deixou para trás uma viúva louca ou coisa assim, deixou?

– Faz tanto tempo desde que estive lá... – disse João, montando em Mingau. – O gigante era a única coisa assustadora de que me lembro. Isso, é claro, e o canto da harpa de ouro.

Os gêmeos e Cachinhos Dourados montaram em seus cavalos, e os quatro partiram na direção oposta à do Mercador, para o Reino da Chapeuzinho Vermelho. Eles cavalgaram a noite inteira e chegaram na tarde seguinte para verificar que um progresso surpreendente fora feito no navio voador.

Chapeuzinho, Froggy e o terceiro Porquinho se achavam amontoados em volta dos desenhos.

– Vocês encontraram o Mercador? – Froggy perguntou assim que os viu.

Conner ergueu o saquinho de feijões mágicos.

– A primeira de muitas vitórias, espero! – disse ele. – A propósito, Froggy, depois de ver o que aquele cara comeu, eu nunca mais vou azucriná-lo por causa do chá de folha de lírio-d’água!

– Isto está ficando incrível! – disse Alex. Mais da metade do navio parecia pronta.

– Deverá estar completo depois de amanhã – disse o terceiro Porquinho.

João hesitou antes de fazer seu próprio elogio:

– Ele parece tão *maior* do que propunham meus planos!

– Sim, quanto a isso... – disse Froggy, com uma risada defensiva.

– A Rainha Chapeuzinho Vermelho fez algumas alterações no projeto – o terceiro Porquinho falou.

– Alterações? – disse João, e olhou para Chapeuzinho.

– Bem, eu calculei que, como iria viajar com vocês, precisaria dos meus próprios aposentos – Chapeuzinho disse sem rodeios. – Acrescentei um convés inferior para mim e para as minhas coisas. Mas não se preocupe, há espaço à vontade para o resto de vocês no convés superior.

João suspirou e esfregou os olhos. Cachinhos Dourados parecia estar prestes a estrangular alguém, e os gêmeos decidiram pedir licença e sair antes que ela o fizesse. Enquanto subiam a escada para os quartos, os dois ainda ouviram Cachinhos Dourados discutir com Chapeuzinho.

O sol estava quase se pondo, e Alex e Conner caíram no sono no instante em que fizeram contato com suas camas. Sabiam que os dias que viriam pela frente seriam difíceis; no entanto a Varinha Prodigiosa fora finalmente confirmada como uma ferramenta real e capaz de derrotar a Feiticeira, então eles se concentraram nisso e deixaram a sensação de triunfo relaxá-los até dormir.

Cerca de uma hora depois da meia-noite, Conner acordou com uma sensação perturbadora. Não conseguia afastar a impressão de que estava sendo observado. Seus olhos palpitararam e se abriram, e, quando eles lentamente entraram em foco, seu coração deu um pulso. Plantada ao pé da sua cama, olhando-o atentamente, havia uma mulher.

Era linda e transparente. Tinha longos cabelos ondulantes, com uma única rosa atrás da orelha. Usava uma camisola comprida por baixo de um robe amarrado na cintura. Embora Conner tivesse certeza de que nunca a vira antes, ela lhe parecia estranhamente familiar.

– Q-q-q-quem é você? – Conner gaguejou.

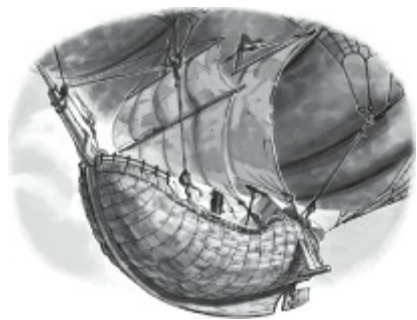
A mulher não lhe respondeu. Ela deslizou até a janela e apontou para a terra a distância. Então voltou a olhar para ele com uma expressão grave.

– O q-q-q-que você quer? – Conner murmurou.

A mulher não disse nada. Ela manteve o olhar sombrio e lentamente desapareceu.

O queixo de Conner caiu. Não havia como negar: ele havia visto um – ou uma –

fantasma.



CAPÍTULO 16

O voo do *Vovozinha*

Alex não conseguia encontrar o irmão em lugar algum.

– Você viu Conner? – perguntou a Froggy. – Ele não apareceu para tomar café da manhã e não está no pátio.

– Não o vejo desde ontem – disse Froggy. – Você procurou no quarto dele? Talvez tenha se sentido mal.

Alex esperou que não fosse esse o caso, pois era a véspera da expedição. Subiu a escada até o quarto de Conner para ver como ele estava, rezando para que não estivesse doente.

– Conner? – disse Alex, e bateu à porta. – Você está aí?

Não houve resposta, então ela girou a maçaneta e empurrou a porta sem pedir licença. Conner se achava sentado na cama muito reto, o olhar parado, perdido em pensamentos. Um pequeno fio de baba escorria do canto de sua boca.

– Você está se sentindo bem? – Alex perguntou.

– O quê? – disse Conner, com um pulo. Não tinha notado que a porta se abrira.

– Você não parece bem – constatou Alex. – Está doente?

Conner teve de pensar a respeito.

– Não – ele decidiu. – Pelo menos acho que não. – Seu olhar se perdeu outra vez na janela do quarto.

– Então, qual é o problema? Parece que você viu um...

O rosto de Conner voltou-se bruscamente para a irmã. Ele parecia absolutamente horrorizado e não fez nenhum ruído. A figura de linguagem de Alex acidentalmente revelara a verdade.

– Espere um segundo – disse ela. – Você realmente viu um fantasma?

Os olhos de Conner correram bruscamente pelo quarto. Ele não sabia como explicar.

– Aconteceu na noite passada: eu acordei, e ela estava ali, olhando para mim! – Conner proclamou enquanto fazia gestos bombásticos.

– Quem estava olhando para você? – perguntou Alex.

– Um fantasma! Estava *bem ali*!

– Eu estava sendo sarcástica! Você está me dizendo que viu um fantasma de verdade?

– Sim! – Conner pôs a mão no rosto. – Quero dizer... ela era transparente, quieta e desapareceu completamente. Todos os sinais apontam para isso!

– Você tem certeza de que não era um sonho?

– Você precisa acordar de um sonho. E eu estou totalmente acordado desde que aconteceu! Fiquei assustado demais para me mexer.

Alex tentou encontrar alguma explicação lógica, porém não conseguiu. A histeria do irmão tornava difícil duvidar dele.

– Quem sabe este castelo seja assombrado? – ela sugeriu.

– Quem iria assombrar um castelo novo? É como guardar ressentimento contra um bebê! Foi tão estranho... Ela esperou até que eu a visse. E, depois que a vi, foi até a janela e simplesmente apontou para fora. Foi a coisa mais arrepiante de todas.

– E você não tem ideia de quem ela era?

– Nem uma pista – ele disse, e sacudiu a cabeça. – Mas o mais estranho é que ela parecia familiar. Eu poderia jurar que já a vi.

Alex sentou-se na cama de Conner. Seus dias já eram repletos de mistérios; a última coisa de que precisavam era acrescentar a visão de um fantasma à mistura. Um momento depois, a aia de Chapeuzinho bateu na porta aberta e enfiou a cabeça no quarto.

– Aí estão vocês – disse ela. – Sua Majestade está procurando vocês dois. Quer vê-los em seus aposentos.

A aia foi embora apressadamente assim que acabou de transmitir a mensagem.

– Se eu fosse você, não mencionaria o fantasma a ninguém – disse Alex. – Acho que todos estão suficientemente bem servidos com as coisas como estão.

Conner não poderia concordar mais.

– Confie em mim; a última coisa que quero que as pessoas saibam é que estou vendo gente morta.

Alex permaneceu sentada junto ao irmão até que ele ganhou coragem para sair da cama. Conner se vestiu, e os gêmeos atravessaram o castelo para encontrar Chapeuzinho em seus aposentos.

O novo quarto da Rainha Chapeuzinho Vermelho era duas vezes maior do que a casa alugada dos Bailey. Havia um candelabro de diamantes pendurado no teto; móveis grandes, coloridos e almofadados guarneciam o quarto; e a maior cama de quatro colunas que os gêmeos já tinham visto – suficientemente grande para dez

peessoas dormirem confortavelmente – estava sobre uma plataforma, no fundo do aposento.

– Iu-hu, estamos aqui! – gritou Chapeuzinho do vão de uma porta lateral.

Os gêmeos seguiram a voz dela e se viram adentrando um longo *hall* de espelhos. Era quase tão grande quanto o quarto. O *hall* era incrivelmente iluminado e possuía diversos candelabros, piso de madeira e salgueiros pintados nas paredes.

– Isso é lindo, Chapeuzinho! – disse Alex. – É seu salão de baile?

– Salão de baile? – disse Chapeuzinho, com uma risada. – Céus, não. Este é o meu quarto de vestir.

Os gêmeos precisaram examinar o lugar de novo. A cada dois espelhos havia uma grande cômoda embutida na parede. Uma coleção de arcas de ouro forrava o lado oposto da sala. Milhares e milhares de roupas e acessórios deveriam estar guardados ali.

Chapeuzinho encontrava-se sobre uma banquetta, diante de um espelho, com um grande casaco de pele cinzento em volta dos ombros. A aia tirava medidas e colocava alfinetes ao longo das laterais do casaco, ajustando-o perfeitamente à esbelta rainha.

– Belo casaco – Conner elogiou.

– Obrigada! – disse Chapeuzinho. – É para nossa viagem. Imaginei que poderia fazer frio no céu, especialmente nas Montanhas Setentrionais, onde vive a Rainha da Neve. Vocês trouxeram um casaco apropriado?

Alex e Conner sacudiram negativamente a cabeça.

– Por sorte eu sou prevenida – falou Chapeuzinho. – Mande fazer casacos para vocês com o material que sobrou.

A aia jogou dois casacos de pele para os gêmeos, que os experimentaram. Não eram tão elegantes quanto o que Chapeuzinho experimentava, mas lhes serviu perfeitamente. Os gêmeos não podiam negar que era um gesto muito gentil da parte de Chapeuzinho – ela os surpreendia constantemente.

– Obrigada, Chapeuzinho – disse Alex.

Conner olhou desconfiado para o casaco.

– O que é isso? – disse ele. – Ou devo perguntar: o que *era* isso?

– Era o tapete da biblioteca – disse Chapeuzinho.

Alex e Conner de repente se sentiram muito desconfortáveis.

– Você quer dizer que estamos vestindo o *Grande Lobo Mau*? – perguntou Conner.

– Sim – Chapeuzinho afirmou sem um pingo de remorso. – Ele era macio, não era?

Os gêmeos ficaram muito tensos, como se aquilo que vestiam ainda estivesse vivo.

– Não sei o que dizer... Muito obrigada por pensar em nós – disse Alex, os dentes cerrados.

– Sem problemas – Chapeuzinho falou, descendo da banquetta. – Agora venham ajustar esses casacos direito. Salvar o mundo não é desculpa para usar roupas que não caem bem.

Alex foi a primeira a subir na banquetta e ter o casaco ajustado pela aia.

– Por falar em coisas que costumavam estar vivas – Conner começou –, estive pensando: será que alguém já morreu neste castelo?

Alex lançou-lhe um olhar penetrante. Conner não a fitou nos olhos.

– Não, graças aos céus! – disse Chapeuzinho. – Que pergunta é essa?

Conner encolheu os ombros inocentemente.

– Nada, não. Mas... se alguém tivesse morrido, você ao menos saberia?

Chapeuzinho olhou para ele de um jeito peculiar.

– Você está planejando ser o primeiro? – perguntou ela.

– É claro que não – disse Conner. – Só estava curioso. Esqueça que perguntei isso.

A aia terminou de colocar alfinetes no casaco de Alex; Conner era o próximo. Cachinhos Dourados entrou no quarto de vestir alguns instantes depois. Seus olhos precisaram se ajustar à luz.

– Onde estou? – Cachinhos Dourados indagou, protegendo o rosto dos candelabros.

– Você está no meu quarto de vestir – disse Chapeuzinho, revirando os olhos antes de sussurrar aos gêmeos: – Pobrezinha, vive como um animal há tanto tempo que não é mais capaz sequer de reconhecer um.

– Por um momento pensei que tivesse pisado no sol – disse Cachinhos Dourados. – O navio está quase pronto, e logo vamos começar a carregá-lo. Precisamos de uma arca. Froggy disse que eu poderia encontrar uma aqui.

– Disse, é? – falou Chapeuzinho, um pouco irritada porque Froggy mandara Cachinhos Dourados a seu quarto. – Ele estava enganado, receio. Todas as arcas estão cheias.

Cachinhos Dourados ignorou-a. Ela viu a fileira de arcas no fundo do aposento e dirigiu-se a uma delas.

– Perfeita! – disse Cachinhos, abrindo-a e despejando dela uma pilha de sapatos de salto alto.

– O quê!? Eu preciso disso! – indignou-se Chapeuzinho.

– Bem, *nós* precisamos disso agora – disse Cachinhos Dourados, começando a arrastar a arca vazia para fora do quarto de vestir.

– Para quê? – Chapeuzinho indagou.

– Vamos enchê-la de suprimentos – Cachinhos Dourados informou. – Armas,

lanternas, cordas: coisas de que *realmente* precisamos para a viagem. Seus sapatos simplesmente terão de ficar desabrigados por enquanto.

Cachinhos arrastou a arca para longe deles. Chapeuzinho acompanhou-a com os olhos por algum tempo, com uma expressão intrigada.

– Às vezes, quando falo com ela, sinto não como se estivesse falando com outra mulher, mas com uma espécie totalmente diferente.

Naquela tarde os gêmeos decidiram plantar os feijões mágicos junto com João. Ele achou que seria melhor plantá-los no mesmo solo em que plantara o pé de feijão anterior; assim, os três atravessaram a aldeia rumo à sua antiga casa, bem nos limites do povoado. João carregava uma pá sobre o ombro e segurava o saquinho de feijões mágicos firmemente na mão.

– O navio está progredindo esplendidamente – disse. – Os homens estão dando os toques finais. Estará pronto ao pôr do sol!

– Quando partimos? – perguntou Conner.

– Hoje, à meia-noite – João informou.

Os gêmeos ficaram meio empolgados e meio nervosos ao ouvir isso.

– Temos cinco lugares em que precisamos parar... seis, se incluirmos aquele onde a Feiticeira guarda seu bem mais precioso, seja qual for esse lugar – Alex contou. – Aonde iremos primeiro?

– É importante que o percurso não seja previsível – disse João. – Eu calculo que, lá pela segunda ou terceira parada, a notícia de nossa pequena escapada terá chegado aos ouvidos da Feiticeira. Precisamos mantê-la com dúvida sobre para onde nos dirigimos. Devemos começar pela Rainha da Neve, abrindo nossa aventura com estardalhaço. Depois, seguiremos para o sul, para a propriedade da madrasta malvada. A essa altura o pé de feijão deverá ter crescido, então voltaremos para subir até o castelo do gigante. Depois nos dirigiremos para o nordeste, para coletar pedaços do espelho da Rainha Diabólica, e finalmente para o sul outra vez, para as joias da Bruxa do Mar.

– Ora, é só isso? – Conner falou sarcasticamente.

– Com sorte descobriremos qual é o bem mais precioso para Ezmia antes de chegarmos à Bruxa do Mar – disse Alex.

– Sim, com sorte – Conner repetiu.

Eles caminharam um pouco mais, e a velha casa de João apareceu a distância – ambas as casas. A cabana de madeira onde João vivia com a mãe quando eles eram pobres ficava em frente a uma grande e elegante mansão, que construíram depois de adquirir as riquezas do gigante.

João parou de andar quando viu suas velhas residências.

– O que há de errado? – perguntou Alex, olhando para trás.

– Nada – ele disse mansamente. – É só que realmente faz muito tempo que eu não

volto aqui.

– Nós sabemos como você se sente – disse Conner. – Alex e eu costumávamos voltar andando da escola e passávamos pela nossa velha casa. Aquilo nos deixava tão tristes...

– Mas é exatamente por isso – disse João, nostálgico, e um pequeno sorriso surgiu em seu rosto. – Eu esperava ficar triste, eu esperava que isso me fizesse sentir deprimido, mas sinto justamente o contrário. Na minha memória, cada minuto que passei aqui foi um minuto de saudade ou preocupação com Cachinhos Dourados. Acho que eu não poderia considerar como lar nenhum lugar sem ela.

Ele seguiu em frente com um andar alegremente saltitante, dando palmadinhas nas costas dos gêmeos ao passar por eles. Alex sorriu para si, pois sabia o quanto Cachinhos Dourados ficaria feliz em ouvir isso.

João caminhou até a beira de um grande buraco, no qual o pé de feijão anterior havia crescido.

– Vou plantar os feijões aqui – disse ele. Cavou outro buraco, pequeno dessa vez, e jogou dentro os três feijões mágicos. – O último pé de feijão levou menos de um dia para crescer.

– Não seria melhor que alguém ficasse de olho nele enquanto estamos longe? Para ter certeza de que nada vai atrapalhar seu crescimento... – disse Alex.

João pensou por um momento e falou antes de se afastar na direção da mansão:

– Conheço alguém perfeito para essa tarefa.

Antes que ele chegasse à enorme casa, duas janelas se abriram de repente. Atrás delas estava a linda e dourada harpa mágica. Ela cantou com uma voz de soprano, acompanhada pelas cordas conectadas às suas costas:

*Oh, mais um dia chegou, bem ou mal,
Ontem agora é passado afinal,
Enquanto, ó sol, devagar vens e vais
À janela espero há tempo demais... João!*

– Olá, Harper! – João falou alegremente ao ver a velha amiga.

– Oh, santa virtude! – disse a harpa, completamente deslumbrada. – É realmente você, ou meus olhos me enganam?!

– Estou mesmo aqui, Harper – disse João, envergonhado. – Desculpe não ter escrito nem visitado. Eu não podia arriscar ser visto.

A harpa instantaneamente irrompeu em uma canção triunfante:

*Oh, João, meu João, o João voltou
Desta harpa o coração quase quebrou,
Mas eis que este coração se alegrou*

Pois João, meu João, por fim voltou.

Os gêmeos não puderam deixar de aplaudi-la – ela era uma grande artista solo.

– Eu me lembro de vocês dois! – disse a harpa. – Faz uma eternidade que os vi pela última vez!

– Faz um ano – disse Conner.

– Só? – a harpa perguntou, perplexa. – Eu poderia jurar que foram décadas! O tempo passa tão devagar quando você não tem nada para olhar, a não ser grama e uma velha choupana, e só tem esquilos como companhia.

Um dos olhos da harpa começou a tremer. Alex e Conner já haviam sentido pena dela quando João ainda vivia na casa – não eram capazes de imaginar o que o isolamento completo tinha sido para a harpa.

As cordas da harpa tocaram os primeiros acordes de uma balada triste:

*Que vida triste e solitária é a minha,
Triste e solitária qual sementinha,
Triste folha no inverno a fenecer,
Quão solitária, ninguém pode crer!*

Alex e Conner aplaudiram-na de novo, porém não tão vigorosamente dessa vez.

– Mas você parece muito bem! – disse Conner numa tentativa de quebrar a triste tensão.

– Sinto muito por você estar tão solitária, Harper. Sinto de verdade. Se fosse seguro voltar para visitá-la, eu teria voltado – disse João.

– Está tudo esquecido, querido – a harpa falou. – Hoje é um dia feliz! Você veio para casa, afinal! Sinto dizer-lhe que a casa está um caos absoluto por dentro. Eu a teria arrumado se soubesse que você estava voltando para casa... e se eu tivesse pernas.

– Eu não estou voltando para casa – disse João. – Estamos só de passagem.

– Ah, entendo – disse a harpa. Suas cordas tocaram uma pequena melodia triste para acompanhar seu desalento.

– Mas gostaríamos de saber se você poderia fazer-nos um favor – João falou.

O ritmo da harpa se acelerou quando suas esperanças aumentaram.

– Um favor? – ela perguntou, e seus olhos palpitararam. – Qual é o pedido, meu menino? Haverá uma festa na qual quer que eu toque? Uma celebração em que quer que eu faça uma serenata? Um funeral no qual quer que eu cante uma ária de adeus?

– Não exatamente – disse João, encabulado. – Acabei de plantar alguns feijões mágicos. Você se importaria em ficar de olho no pé de feijão que vai crescer por alguns dias, enquanto estivermos longe?

Os acordes cheios de esperanças da harpa interromperam-se abruptamente.

– Como disse? – ela indagou, e seus olhos passaram a tremer mais severamente.

– Estávamos esperando que você pudesse ficar de olho no pé de feijão – Conner reiterou.

As narinas da harpa se dilataram, e a sobrancelha acima do olho que tremia ergueu-se até quase tocar a linha dos cabelos.

– Eu me apresentei para reis e rainhas e aristocratas! – disse ela, horrivelmente insultada. – E você está me pedindo para *olhar uma planta crescer*?!

Os três recuaram alguns passos.

– Você tem alguma coisa melhor para fazer? – perguntou Conner. Ele não estava ajudando nem um pouco. As cordas da harpa começaram a tocar um tema rápido e colérico.

– Harper, você está ciente do que está acontecendo no mundo? – perguntou João.

– A não ser que esteja acontecendo bem na frente desta casa, não ouvi nada a respeito – disse a harpa, e cruzou os braços.

João suspirou e massageou o pescoço, sem saber por onde começar.

– Bem, eu não quero preocupá-la, mas o mundo está passando por uma pequena crise – disse ele. – Estamos partindo em uma viagem que poderá restaurá-lo, ou assim esperamos. Então, se você puder ficar de olho no pé de feijão enquanto ele cresce, nós ficaríamos profundamente agradecidos.

A harpa bufou e desviou o olhar.

– Suponho que esta seja a minha vida agora – falou dramaticamente. – A antiga e renomada artista da realeza e dos ricos não passa de uma *babá de plantas*. Deus, quão baixo cheguei!

Um sorriso esperto apareceu no rosto de João quando lhe veio uma ideia.

– Em troca – ele começou –, vou mudá-la para o Castelo da Chapeuzinho Vermelho. Você poderá se apresentar durante o dia inteiro para a rainha e todos os seus servos.

Conner abafou uma risada com as mãos, mal disfarçando-a de tosse. A harpa tentou ao máximo esconder seu interesse, porém aquela obviamente era a proposta mais empolgante que recebia nos últimos dez anos. Uma sinfonia de júbilo vinha de suas cordas.

– Eu preciso considerar – ela disse, com meio sorriso, mas todos já sabiam a resposta. – Vou informá-los da minha decisão quando vocês voltarem, mas por ora ficarei de olho no seu pé de feijão. Agora, se me desculpam, preciso praticar minhas escalas!

A harpa rapidamente fechou as janelas para trabalhar em seus exercícios vocais.

– Parabéns – disse Conner, e deu uma palmadinha nas costas de João.

– Além de salvá-la do gigante, você provavelmente a deixou realizada! – disse Alex.

João riu consigo mesmo e falou:

– Não sei se me sinto pior por Harper, por deixá-la sozinha por tanto tempo, ou por Chapeuzinho, por mandar Harper para viver com ela.

Os gêmeos riram, e os três se dirigiram de volta ao castelo.



Os gêmeos embalaram suas coisas e encontraram os outros no pátio à meia-noite. Conner estava apavorado demais para ficar sozinho, portanto não deixou Alex ficar fora de sua vista. Ele tinha medo de que, caso ficasse sozinho, o fantasma lhe fizesse outra visita.

O navio voador progredira muito em relação aos esboços feitos na biblioteca. O enorme vaso, feito de pedaços de madeira entrelaçados, enchia o pátio inteiro – parecia uma enorme cesta em forma de navio. Os carpinteiros haviam virado o navio de lado e agora fixavam o balão e as velas em seu topo.

– Ah, Vovozinha! O balão e as velas estão fabulosos! – disse Chapeuzinho. Ela estava certa; embora ainda não o tivessem visto inflado, os gêmeos não podiam negar que Vovozinha e Velhinha costuraram um balão impressionantemente resistente. De fato, o balão parecia mais robusto que o navio.

– Ah, obrigada, meu bem – disse Vovozinha. – Estamos muito honradas em fazer parte.

– Quem é que fez uma arte? – perguntou Velhinha.

Depois que acabaram de prender o balão e as velas, os carpinteiros acenderam um grande objeto parecido com uma lâmpada, no centro do navio. Cuidadosamente, sob os comandos de João, o balão e as velas se encheram de ar quente, e o navio foi colocado na posição vertical.

Cachinhos Dourados arrastou até o navio a arca que enchera de suprimentos. Quando subiu a bordo, ficou surpresa ao descobrir que o convés inteiro fora ocupado com dúzias de outras arcas e baús.

– O que é tudo isso? – Cachinhos Dourados gritou para as pessoas lá embaixo.

– São os suprimentos da Rainha Chapeuzinho – informou o terceiro Porquinho.

– Que suprimentos? – disse Cachinhos Dourados, com um olhar irritado.

– Ora, relaxe, Cachinhos! – Chapeuzinho gritou para ela. – Eu não tinha certeza de quanto tempo ficaríamos fora, portanto me assegurei de trazer algumas opções de guarda-roupa.

Cachinhos Dourados engoliu sua frustração e certificou-se de que tudo estive devidamente amarrado para o lançamento. Froggy não levava nada para o navio, exceto por uma considerável pilha dos seus livros favoritos.

– Uma coisinha para passar o tempo – disse ele. – Todos são bem-vindos para usufruir.

Estava ficando tarde, e a expectativa aumentava. Os gêmeos e João juntaram-se a Froggy e Cachinhos Dourados a bordo do navio.

– Onde está Chapeuzinho? – João perguntou depois de contar as cabeças.

– Só um segundo, só um segundo – disse Chapeuzinho. Ela voltara correndo a seus aposentos para trocar de roupa pela terceira vez naquela noite; queria estar perfeita para a viagem inaugural. Retornando ao navio, trazia uma cesta pendurada no braço no lugar da bolsa e puxou de lá uma luxuosa garrafa de champanhe. Chapeuzinho pigarreou e falou: – Eu gostaria de fazer um pronunciamento. *Você se importa?*

Antes que João pudesse responder, ela subiu nas costas do terceiro Porquinho para ter uma visão melhor de todos os carpinteiros presentes.

– Seja rápida, Chapeuzinho, temos de estar o mais longe possível ao nascer do sol – Cachinhos Dourados gritou.

Chapeuzinho dispensou-a com um aceno de mão, como se ela fosse um inseto pairando no ar.

– Eu queria agradecer igualmente a todos os homens, mulheres e porcos por seu trabalho incansável e ininterrupto para construir este navio. Vocês deixaram seu reino e sua rainha muito orgulhosos. É uma honra estar entre cidadãos com a sua *coragem, força, bravura e moral!* – disse Chapeuzinho, e o pátio irrompeu em aplausos. – O lançamento não seria apropriado sem um batismo apropriado – ela prosseguiu, levantando a garrafa. – Eu quero dedicar este navio à minha avó. Que ele seja conhecido para sempre como o *Vovozinha*.

Ela bateu a garrafa contra a lateral do navio, e esta se partiu em uma explosão borbulhante. Vovozinha sorriu, tocada pela homenagem da neta.

Chapeuzinho enxugou a mão no terceiro Porquinho.

– Agora alguém limpe isto, por favor – ordenou e finalmente subiu a bordo do navio.

– Segurem-se todos para a decolagem! – João bradou. Ele puxou uma alavanca próxima à chama, que aumentou de tamanho quatro vezes. Cachinhos Dourados e os gêmeos agarraram-se à amurada. Froggy assumiu o grande timão; ele engoliu em seco, e suas finas pernas de sapo tremeram, mas estava pronto.

O *Vovozinha*, como Chapeuzinho acabara de batizá-lo, ergueu-se suavemente do pátio, cada vez mais alto. Os carpinteiros abaixo deram vivas. Os gêmeos prenderam a respiração, torcendo para que nada desse errado em sua primeira ascensão. Em pouco tempo já se erguiam além do topo das torres mais altas do castelo e para o céu aberto da noite.

– Nós conseguimos! Nós conseguimos! – Alex e Conner gritaram. – Estamos voando! Estamos voando!

Era tão tranquilo e sereno. Uma brisa fresca passou por eles, enquanto o Reino da

Chapeuzinho Vermelho ficava cada vez menor.

Froggy virou o timão delicadamente, e as velas posicionaram o navio em direção ao norte. Os gêmeos não podiam conter sorrisos orgulhosos, compartilhados pelos outros. Sua visão se tornara realidade, e seu voo começara oficialmente.



CAPÍTULO 17

A Rainha da Neve

O *Vovozinha* navegou em um ritmo constante pelo céu noturno. O grupo voava havia poucas horas agora, e a empolgação inicial fora substituída pela expectativa da jornada que se seguiria. Eles se encontravam em algum lugar acima do Reino do Norte; as nevadas Montanhas Setentrionais ficaram visíveis no horizonte.

Quanto mais para longe seguiam, mais frio fazia. Os gêmeos ficaram muito agradecidos por Chapeuzinho ter lhes dado os casacos de pele – a despeito de a quem pertencera a pele.

Froggy ainda segurava o timão. Parecia uma criança – empolgado demais para soltá-lo. Chapeuzinho se debruçou na amurada que dava para o leste. Ela constantemente olhava por cima do próprio ombro, como se quisesse fazer uma pergunta a alguém.

– Você está bem, meu amor? – perguntou Froggy.

– Sim, querido. Vou ficar ótima – disse Chapeuzinho. – Fico pensando em coisas para minha aia fazer e esqueço que ela não está aqui. Tinha esquecido como é viver sem *ajuda*.

João e Cachinhos Dourados encontravam-se sentados perto da proa do navio. Cachinhos Dourados afiava sua espada, e João, seu machado, quando os gêmeos se juntaram a eles.

– Então, o que vocês podem nos contar sobre a Rainha da Neve? – perguntou Conner. – Em uma escala de gatinho a tigre, de que tipo de perigo estamos falando?

– É difícil dizer – João falou. – A Rainha da Neve está afastada do público há muito tempo. Ninguém a vê há décadas.

– Sério? – perguntou Alex, sempre ansiosa por uma boa história. – Não estou muito familiarizada com ela.

João entrou a todo vapor no modo contador de histórias, narrando dramaticamente

os eventos que fizeram da Rainha da Neve um nome famoso:

– Muitos anos atrás, a Rainha da Neve era apenas uma bruxa do tempo que vivia no meio das montanhas. Ela fez amizade com o rei do Reino do Norte ao conceder-lhe desejos e ganhou sua confiança ao fazer profecias sobre o território. O rei a nomeou sua conselheira real, mas ela era má e planejou secretamente tomar o reino para si. Por fim derrubou o rei e aprisionou o reino inteiro em um inverno perene. Todas as árvores e plantas, a maior parte dos animais e algumas pessoas morreram, incapazes de sobreviver ao frio.

– E o que aconteceu? – perguntou Conner.

– O sábio Príncipe Branco, avô de Branca de Neve, reuniu um exército para derrubar a Rainha da Neve – explicou João. – Eles tomaram de volta o reino e condenaram a perversa Rainha da Neve a viver o resto de seus dias no meio das Montanhas Setentrionais.

– O que foi feito dela? – Alex indagou.

– Algumas pessoas dizem que ela começou um exército de homens de neve e que está aguardando o momento certo para colocá-lo em ação. Outras dizem que ela ficou tão enlouquecida depois de perder o reino, que chorou até seus olhos congelarem e então derreterem. Ninguém tem certeza, porque ninguém voltou a vê-la, mas sua ira gelada ainda causa calafrios na espinha das pessoas sempre que seu nome é mencionado – disse João.

– Então, como as pessoas sabem que ela está viva? – perguntou Alex.

– Ah, mas ela está viva, acreditem – disse Cachinhos Dourados. – A Rainha da Neve envia nevascas vingativas por todo o reino quando está se sentindo especialmente zangada; só para que as pessoas saibam que ela continua por aí.

Alex e Conner engoliram em seco ao mesmo tempo.

– E o cetro de que precisamos – disse Conner –, estou achando que vamos ter de roubá-lo, certo? Ela não vai entregá-lo de boa vontade.

Em resposta, João e Cachinhos Dourados simplesmente continuaram afiando suas armas.

– Por falar em frio – disse Cachinhos Dourados, e fez um gesto para Chapeuzinho, que fitava os quatro havia algum tempo. Chapeuzinho rapidamente se afastou deles, envergonhada por ter sido pega.

Uma semana atrás, ela tinha certeza de que estava apaixonada por Froggy. Entretanto, assim que João reapareceu, todos os antigos sentimentos que nutria por ele começaram lentamente a voltar. Ela tentou lutar contra eles, disse a si mesma que era apenas sua cabeça pregando peças em seu coração, mas esta noite, observando-o enquanto ele contava aos gêmeos sobre a Rainha da Neve, Chapeuzinho não pôde negar que aqueles sentimentos haviam definitivamente reemergido.

Froggy, a despeito de seu estado atual, era perfeito para ela, e todas as pessoas que Chapeuzinho conhecia concordavam. Ela o amava com todo o coração – mas não era assim que se sentia também a respeito de João? Poderia estar apaixonada por duas pessoas ao mesmo tempo? Ou pior: poderia estar apaixonada por uma delas somente em negação ao que sentia pela outra?

Mas qual era qual? O que seria preciso para ela ter certeza? Pensar todas essas coisas estava dando dor de cabeça a Chapeuzinho.

– Parece que as coisas estão a ponto de ficar difíceis para nós – Froggy disse a Chapeuzinho.

– Como disse? – Chapeuzinho perguntou em choque, aterrorizada por ele ser capaz de ler sua mente.

Froggy pigarreou para chamar a atenção de João e Cachinhos Dourados.

– Eu não queria ser um desmancha-prazeres, mas acredito que podemos estar nos dirigindo para uma morte certa, a não ser que façamos alguma coisa a respeito.

Todos se viraram para a frente do navio. O *Vovozinha* se dirigia diretamente para os agudos picos nevados das Montanhas Setentrionais – e, a não ser que ganhasse altitude depressa, iria colidir.

Chapeuzinho suspirou consigo mesma, aliviada por Froggy não se referir a seus pensamentos, mas o alívio se transformou em uma série de gritos quando ela se deu conta do que estava acontecendo.

João pulou e puxou a alavanca da chama, que cresceu; o *Vovozinha* subiu, mas não o suficiente. Os picos da montanha chegavam mais perto e certamente iriam fazer um buraco no navio. João puxou a alavanca com toda a força, porém a chama já se achava em seu máximo. O *Vovozinha* não estava subindo.

– Ah, não! – disse Alex.

– O que nós vamos fazer? – perguntou Conner.

Cachinhos Dourados correu os olhos pelo convés. Dirigiu-se rapidamente até as arcas e os baús que Chapeuzinho insistira em trazer e, com a espada, cortou as cordas que os seguravam. Um por um, Cachinhos passou a jogar as arcas e os baús para fora do navio.

– O que você está fazendo? Ficou maluca?! – gritou Chapeuzinho. Ela correu para seus amados itens e jogou-se sobre eles.

– Não me tente a jogar você também! – disse Cachinhos.

– São as minhas coisas! Você não pode simplesmente jogá-las fora! Eu preciso delas! – Chapeuzinho berrou. Cada uma agarrou uma alça de um baú, e as duas jogaram cabo de guerra com ele. Cachinhos Dourados conseguiu levá-lo até a amurada do navio, mas Chapeuzinho se recusava a soltá-lo.

– Chapeuzinho, você precisa me escutar – disse Cachinhos, olhando-a bem nos olhos. – Você tem bagagem demais! Precisa deixar pra lá, ou nós vamos entrar em

choque!

Chapeuzinho paralisou. Teria Cachinhos Dourados ouvido seus pensamentos anteriores? Ela estava pensando alto sem se dar conta?

– Chapeuzinho, nós não podemos continuar com tudo isso nos sobrecarregando! Você entende? – Cachinhos implorou.

– Eu tenho de deixar pra lá? – Chapeuzinho disse consigo mesma. – Eu tenho de deixar pra lá... – Ela olhou para João, para o baú, de novo para João e lentamente deixou o baú escorregar de suas mãos e cair. Observou enquanto ele caía, até não avistá-lo mais.

Cachinhos Dourados não perdeu tempo. Resolutamente (quase resolutamente demais) passou a erguer todas as arcas e baús de Chapeuzinho e jogá-los por sobre a amurada do navio. João e os gêmeos juntaram-se a ela. Quanto mais coisas eles jogavam para fora, mais alto o *Vovozinha* subia.

– Quase... quase... – disse Froggy. Suas mãos verdes estavam quase brancas, tal era a força com que ele agarrava o timão. Estava fazendo o melhor que podia para contornar os picos agudos, porém ainda havia um – e era excepcionalmente alto.

Só restava um baú do qual se livrar. Foi necessária toda a força de João, de Cachinhos Dourados e dos gêmeos para empurrá-lo por cima da amurada. Eles o arremessaram bem a tempo, e o *Vovozinha* deslizou sobre o pico da montanha, a centímetros da borda dentada.

João, Cachinhos Dourados e os gêmeos deixaram-se cair no convés – o coração deles batia disparado, e eles respiravam pesadamente. Chapeuzinho continuava debruçada na amurada, os olhos fixos no solo, tentando ver onde suas coisas haviam caído, mas o navio se encontrava alto demais para isso.

– Eu preciso deixar pra lá... – Chapeuzinho fungava silenciosamente consigo mesma. – Eu preciso deixar pra lá.

Depois de alguns instantes, os quatro recobram o fôlego e puseram-se de pé. Chapeuzinho estava devastada; ela enxugou as lágrimas pequeninas que se formaram no canto dos olhos.

– Eu sinto tanto por termos tido de jogar fora todas as suas roupas... – disse Alex.

– Roupas? – disse Chapeuzinho. – Ah, não eram as minhas roupas; eram apenas os meus chapéus e joias. As minhas roupas estão nos baús lá embaixo.

Todos olharam para Chapeuzinho como se ela fosse responsável por tudo o que há de errado no mundo.

– Este navio tem uma prancha?! – Cachinhos Dourados gritou antes de pular em cima de Chapeuzinho. João e os gêmeos tiveram de segurá-la.

– Minha querida, para sua segurança, acho que é melhor você ir para a cama – Froggy disse a Chapeuzinho, que não discutiu. Ela desceu os degraus que levavam

ao convés inferior.

O *Vovozinha* oscilava graciosamente acima das pedregosas Montanhas Setentrionais. O sol se erguera horas atrás, porém ninguém enxergava através do céu nublado, pesado. A terra abaixo parecia ameaçadora. Não havia árvores nem aldeias, só neve. Os gêmeos não conseguiam imaginar nada capaz de viver tão longe ao norte – nada, a não ser uma Rainha da Neve.

O vento subitamente ganhou força, e o navio balançou mais forte do que nunca. O frio se tornara quase insuportável, e Alex e Conner se encolheram ainda mais em seus casacos.

– Estamos chegando mais perto – disse João. – Olhem!

Ele apontou para o céu escuro na distância. As luzes brilhantes da aurora boreal giravam em um redemoinho, acima de uma serra de picos montanhosos particularmente dentados.

– Nós a encontramos! Ela deve estar bem embaixo daquelas luzes – disse Cachinhos Dourados.

– Charlie, vamos pousar o *Vovozinha* gentilmente naquele lugar – disse João, gesticulando para uma cama de neve da qual eles se aproximavam. Froggy assentiu e virou o navio naquela direção. João abaixou a alavanca da chama, e o navio desceu, acomodando-se na neve.

A cabeça de Chapeuzinho emergiu do convés inferior.

– Já chegamos? – ela perguntou, com um grande bocejo; acabara de acordar.

– Faremos o resto do percurso a pé – disse João. – Um enorme navio pairando acima de seu refúgio poderia chamar a atenção da bruxa.

Cachinhos Dourados abriu a arca que trouxera para o navio. Ela e João passaram a esconder no corpo tantas armas quanto conseguiram: punhais nas botas, facas nos cintos, cordas em volta da cintura. Cada um pegou uma lanterna, e eles também entregaram uma para os gêmeos.

– Vocês têm certeza de que estão prontos para isso? – João perguntou. Ele foi muito metódico e pragmático, mas os gêmeos perceberam uma hesitação paternal em sua voz.

Alex e Conner respiraram fundo e assentiram.

– Estamos prontos – disseram em uníssono.

– Acho que não trouxe nenhum sapato de salto para neve; talvez tenha de ficar de fora dessa vez – disse Chapeuzinho.

– Excelente – disse João. Fora a melhor coisa que ouvira naquele dia inteiro. – Charlie, você deveria ficar também. Se não retornarmos em um dia, saia à nossa procura.

– Sim, senhor – disse Froggy.

João olhou para Cachinhos Dourados e os gêmeos e os convocou:

– Muito bem. Sigam-me.

Eles desembarcaram e seguiram na direção da aurora boreal. Foi difícil para Alex e Conner acompanhar João e Cachinhos Dourados – em parte porque era difícil caminhar na neve e em parte porque os irmãos não eram acostumados a viajar por lugares inóspitos como João e Cachinhos.

Enquanto prosseguiam mais ao norte, o vento se tornava cada vez mais intenso; quase os derrubava e fazia sons penetrantes, como gritos – gritos da Rainha da Neve. Talvez fosse parte daquela nevasca furiosa de que tinham sido alertados.

Depois de muito tempo viajando a pé, os gêmeos olharam para cima e viram a aurora boreal girando bem acima deles. João os liderou até uma pequena abertura entre duas enormes geleiras, e os ventos implacáveis foram bloqueados. Era como caminhar em um corredor estreito e sem teto.

– Acho que é por aqui – disse João a seus seguidores.

Eles caminharam entre as geleiras, penetrando cada vez mais nas montanhas do refúgio da Rainha da Neve. A abertura entre as geleiras ziguezagueava ao longo das montanhas como um labirinto gelado, torcendo-se e virando a cada poucos metros. Alex e Conner já não sabiam dizer em que direção andavam. Estavam com medo de se perder, porém viram Cachinhos Dourados raspar a geleira com um punhal conforme seguiam, a fim de marcar o caminho de volta.

Os quatro começaram a ouvir vozes ecoando pelo labirinto. João fez sinal para que eles ficassem tão silenciosos quanto possível enquanto prosseguiam.

O grupo viu-se adentrando uma cratera no meio das montanhas. Um rio congelado circundava o fundo como um piso nevado, e uma queda d'água, também congelada, caía da montanha acima. Vários pilares de gelo cercavam o rio.

Tudo era branco, portanto, de início, foi difícil para os quatro distinguir o que viam. E, quando seus olhos começaram a entrar em foco, Alex teve de sufocar um grito. Na base da cascata congelada, o gelo fluía para uma gigantesca cadeira sobre a qual a própria Rainha da Neve estava sentada. Eles se achavam no limite de uma gelada sala do trono.

Assim que a viram, João e Cachinhos Dourados pularam para trás de um pilar de gelo, enquanto os gêmeos se esconderam atrás de outro.

A Rainha da Neve era uma mulher alta e vestia uma grande túnica de pele branca, com uma coroa em forma de floco de neve e um pano enrolado em torno dos olhos. De tão pálida e castigada pelo frio, sua pele era praticamente azul. Ela tinha uma mandíbula muito forte e pequenos dentes pontudos. Segurava um longo cetro de estalactite em uma mão, e a outra era acariciada por alguma coisa enorme e fofa ajoelhada diante dela... *um urso polar*. O animal se confundia a tal ponto com o resto da cratera que os gêmeos mal repararam nele.

– Urso! – Cachinhos Dourados arquejou. Era a primeira vez que os gêmeos a

viam com medo de algo.

– Você tem medo de ursos? – Alex sussurrou.

Cachinhos Dourados balançou positivamente a cabeça, e seus olhos não se desgrudaram do animal.

– Desde quando eu era uma menina e entrei na casa dos Três Ursos por engano – disse ela.

O urso polar acariciava gentilmente a mão da Rainha da Neve – um servo fiel e obediente.

– Quantas pessoas há lá fora? – a Rainha da Neve perguntou a ele com a voz rouca. Um dos rumores que João contara aos gêmeos era verdade: ela era cega.

– Milhares e milhares vieram hoje, Majestade – disse o urso polar em uma voz profunda e rosnada.

– Para que elas vieram? – perguntou a Rainha da Neve.

– Para se curvar e se humilhar a seus pés e testemunhar sua beleza – falou o urso polar.

Um sorriso sarcástico surgiu no rosto da Rainha da Neve, e um riso lento, matraqueado, veio de dentro dela.

– Eu ainda controlo os reinos vizinhos? – a Rainha da Neve indagou.

– Todos eles, Majestade – respondeu o urso. – O mundo inteiro está coberto por sua ira nevada; exatamente como era antes.

O sorriso da Rainha da Neve ficou mais largo.

– Que presentes meu exército tem hoje para mim? – perguntou.

– Vou chamá-los, Majestade.

O urso polar soltou um rugido retumbante. Alguns instantes depois, outro urso apareceu. Ele trazia duas longas varas com muitos pares de botas amarrados a elas. Erguia-as e baixava-as alternadamente até o chão enquanto andava, dando à Rainha da Neve a ilusão de que dúzias de soldados marchavam cratera adentro.

– Meu fiel exército retornou – disse a Rainha da Neve, satisfeita. – O que me trouxeram dessa vez?

– Pedras preciosas, minha Rainha – disse o segundo urso polar. Ele pôs as varas de lado e cuidadosamente deixou cair um punhado de pedras comuns nas mãos dela.

– Rubis, diamantes e safiras: as favoritas de Vossa Majestade.

A Rainha da Neve ficou sem fôlego.

– Estas são as maiores pedras preciosas que já segurei! Vocês deixaram sua rainha muito orgulhosa.

Os ursos polares se entreolharam, aliviados por terem levado a cabo mais um embuste. O segundo urso recolheu as varas e saiu andando na direção oposta à queda-d'água, as botas marchando com ele.

– Tudo em que ela acredita é mentira! – Conner sussurrou à irmã.

– Me pergunto há quanto tempo esses ursos polares a estão enganando – Alex sussurrou de volta.

– Ei! – João chamou a atenção dos gêmeos. – Eu vou distrair o urso. Vocês três, peguem o cetro.

Todos eles assentiram com a cabeça.

João pegou um pedaço de gelo e o atirou para o outro lado da cratera. O urso polar virou bruscamente a cabeça na direção do ruído. Ele fechou a cara e esperou que aquilo se repetisse; então, como o ruído não se repetiu, olhou novamente para a Rainha da Neve.

João atirou um pedaço de gelo ainda maior na mesma direção – o urso polar olhou e farejou o ar. O animal soltou um rosnado grave e mostrou os dentes – sabia que tinham companhia.

– O que foi isso? – a Rainha da Neve perguntou.

– Nada, Majestade – disse o urso. – Por favor, me dê licença um momento. – O urso polar foi averiguar o som e desapareceu atrás dos pilares, do outro lado da cratera.

– Eu vou mantê-lo ocupado – João murmurou para Cachinhos Dourados e os gêmeos e foi atrás do urso.

A Rainha da Neve encontrava-se totalmente sozinha. Era a chance deles.

– Eu digo para simplesmente irmos até lá e a agarrarmos – sugeriu Conner.

– Não, vou tentar roubá-lo sozinha primeiro – disse Cachinhos Dourados. – Fiquem de vigia. Assobiem se virem alguma coisa.

Cachinhos Dourados pisou cautelosamente no lago congelado e foi até o trono da Rainha da Neve. Como se poderia esperar de uma ladra mestra, ela era muito ágil, mal fazendo ruído.

Cachinhos já se achava a meio caminho. Os gêmeos cruzaram os dedos; de tão concentrados nela, esqueceram de ficar de olho no resto da cratera. Bem quando Cachinhos estava a uma curta distância da Rainha da Neve, um pequeno pedaço de gelo se esmagou ruidosamente sob seu pé.

– Quem está aí? – a Rainha da Neve gritou e ergueu o seu cetro.

Subitamente o urso polar reapareceu de trás dos pilares e avançou sobre Cachinhos Dourados. Com um golpe violento ele a arremessou no chão, e ela escorregou até o centro do lago congelado.

– Cachinhos Dourados! – gritou João, também emergindo detrás dos pilares. Ele correu para o urso polar, erguendo seu machado.

Tendo-o escutado, a Rainha da Neve apontou o cetro diretamente para ele. Um forte clarão gelado lançou-se da ponta, atingindo João, que voou através da cratera até bater em um pilar. Ele se levantou com dificuldade, porém logo foi atingido por outra rajada gelada da Rainha da Neve – dessa vez uma camada de gelo espesso

prende suas mãos e seu peito ao pilar. João lutou com todas as forças, mas estava grudado.

Embora fosse cega, a Rainha da Neve aparentemente tinha uma audição impecável.

– Quem se atreve a invadir o meu *palácio*?! – ela indagou.

Cachinhos Dourados continuava no chão, hiperventilando e com taquicardia, aterrorizada com o urso polar à sua frente. A Rainha da Neve deslizou até ela.

– Deixem-na em paz! – João gritou do outro lado da cratera, lutando desesperadamente para se livrar do pilar.

A Rainha da Neve ergueu o cetro na direção de Cachinhos Dourados. No entanto, nesse momento uma bola de neve gigante vinda do nada a atingiu exatamente no rosto.

– Ei, abominável mulher das neves! Aqui! – Conner berrou.

A Rainha da Neve soltou um gemido furioso, e os gêmeos puderam ver sua respiração no ar frio. O urso polar rugiu e lançou-se na direção dos irmãos, porém sua ama o deteve.

– Não, você fica aqui – ela ordenou. – Quero matá-los eu mesma!

Sem perder um segundo, Alex e Conner saíram em disparada. A Rainha da Neve foi atrás, seguindo o som de seus passos. Os dois correram para trás da cascata congelada e se viram adentrando uma grande caverna.

O urso polar caminhou lentamente até Cachinhos Dourados. Seus dentes afiados estavam expostos, e baba escorria de sua boca.

– Ninguém perturba a Rainha da Neve e vive para contar a história! – rosnou o urso polar.

– Dourada, levante-se! – gritou João. – Você precisa se levantar!

– Eu-eu-eu não posso! – ela choramingou, deslizando para longe do urso, que se aproximava tão depressa quanto podia.

– Qual é o problema? – perguntou o urso polar. – Estou perto demais?

– Na verdade – disse Cachinhos Dourados –, eu tenho você exatamente onde quero!

Ela sacou a espada e atingiu o lago congelado o mais forte que pôde. Uma grande rachadura se abriu como um raio através do lago até o urso polar. O gelo sob os pés do animal cedeu, e ele caiu dentro da água congelante.

– Essa é a minha garota! – João gritou orgulhosamente. – É isso aí!

Cachinhos Dourados se levantou e recobrou o fôlego. Era muito raro seu coração disparar daquele jeito. Cautelosa, olhou para o buraco no gelo à espera de que o urso polar emergisse, mas a água congelou de novo antes que ele tivesse a chance.

Ela então correu para João. Enfiou a mão na bota, tirou de lá alguns fósforos e riscou-os em seu cinto; depois segurou as pequenas chamas contra o gelo que o

prendia.

– Temos de nos apressar! – Cachinhos Dourados falou. – Os gêmeos estão em perigo!

Alex e Conner corriam pela caverna com a Rainha da Neve seguindo-os de perto. Eles se desviavam com dificuldade das rajadas de gelo que ela lançava.

– Voltem aqui! – a bruxa demandou.

Enormes estalactites e estalagmites se projetavam do teto e do chão da caverna – era como se os gêmeos tivessem descoberto os dentes da montanha. Havia pouquíssima luz, porém o gelo era extremamente refletidor; Alex e Conner se viam em qualquer lugar para o qual olhavam.

A situação ficou ainda pior: os irmãos deram de cara com o segundo urso polar. Ele estava diante de uma comprida mesa de gelo e examinava uma coleção de acessórios de cena: panelas e frigideiras, sinos e apitos, pedaços de metal e blocos de madeira – tudo de que os ursos precisavam para manter os ouvidos da Rainha da Neve acreditando em sua farsa.

O urso polar olhou com desprezo para os gêmeos, que dispararam na direção oposta.

– Como vocês se atrevem a entrar em meu palácio? – gritou a Rainha da Neve, explodindo em pedaços algumas estalactites próximas aos gêmeos.

– Você não está em um palácio! Os ursos estão mentindo para você! – Alex gritou de volta.

– Você vive nas montanhas! Você não conquistou nada! – Conner acrescentou.

– Eles mentem, Minha Rainha – proclamou o urso polar. – Jamais faríamos uma coisa dessas... à sua esquerda, Minha Rainha!

A Rainha da Neve apontou o cetro para a esquerda, e um raio gelado atingiu a estalactite exatamente à esquerda de Alex e Conner. Por sorte o urso polar confundira um reflexo com os gêmeos reais.

– À sua direita, Minha Rainha! – bradou o urso polar, agindo como os olhos dela.

A Rainha da Neve explodiu a estalactite logo à direita dos irmãos, errando por poucos centímetros.

– Conner, detesto dizer isso, mas acho que seria inteligente se nós...

– ...nos separássemos? – Conner terminou a frase da irmã.

Eles se separaram e correram em direções diferentes. Parecia que havia dúzias de Alexes e Conneres correndo pela caverna agora.

– À sua frente, Minha Rainha! – gritou o urso polar. A Rainha da Neve seguia as instruções do animal e disparava rajadas geladas em todas as direções.

– À sua direita! Atrás de você! À sua esquerda! À sua frente! Atrás de você de novo! Ao seu lado! – o urso polar orientava. Alex e Conner corriam em círculos em volta dos dois. A Rainha da Neve iria explodir a caverna inteira se não tomasse

cuidado. – Agora ao seu lado! Vire ao contrário! Tem um bem atrás de você! Ele está fugindo! Depressa, à sua esquerda!

A Rainha da Neve disparou uma forte rajada à sua esquerda, e a caverna ficou em silêncio.

– Bem? – rosnou a Rainha da Neve. – Onde estão eles?!

Alex e Conner olharam para trás – o urso polar estava dentro de um bloco de gelo. Em suas tentativas de atingir os gêmeos, a Rainha da Neve atingira o urso.

Absolutamente frustrada, ela berrou tão alto que a caverna inteira começou a tremer. Os gêmeos olharam para cima e avistaram uma avalanche vindo em sua direção.

Conner mergulhou para trás de uma estalagmite, e Alex se escondeu embaixo da mesa de gelo. A avalanche atravessou a caverna impetuosamente e engoliu a Rainha da Neve. Ouviu-se um grito antes de a neve se assentar e a caverna cair em um silêncio mortal.

Alex esticou a cabeça acima da mesa. A Rainha da Neve encontrava-se caída no chão, coberta por um monte de neve. Sua coroa tinha sido derrubada, e o cetro deveria estar caído por perto.

Alex caminhou cautelosamente até ela. Estaria morta? Podia ouvi-la se aproximando?

A garota se inclinou para pegar o cetro. Bem no momento em que seus dedos o envolveram, a Rainha da Neve agarrou o braço de Alex e a puxou para perto. O pano escorregou dos olhos da bruxa, e Alex viu-se olhando para duas luzes brilhantes.

– Dos quatro viajantes, um não retornará... – a Rainha da Neve falou com uma voz áspera. Então as luzes esmaeceram, e nada restou além de órbitas vazias. A mão que envolvia o braço de Alex ficou flácida, e a mulher caiu inconsciente.

Alex não entendeu o que acabara de acontecer. Teria a Rainha da Neve feito uma profecia?

– Você o pegou! – Conner disse empolgadamente e correu até a irmã. Estava coberto de neve, mas pulava de alegria.

– Sim, eu o peguei – disse Alex, ainda sem saber como processar o que a Rainha da Neve lhe dissera.

João e Cachinhos Dourados irromperam na caverna. Eles ficaram muito aliviados ao ver os gêmeos. Deram uma olhada para o urso polar congelado e para a Rainha da Neve soterrada e riram.

João deu uma cotovelada gaiata em Cachinhos Dourados e falou:

– E você estava preocupada que eles estivessem em perigo.

– João, cuidado! – gritou Conner. João se esquivou bem a tempo de não ser rasgado pelas garras do outro urso polar. O animal conseguira sair do lago congelado

e agora se achava atrás deles – encharcado e furioso. Ele saltou sobre João e Cachinhos Dourados, pronto para despedaçá-los.

Alex apontou o cetro para o urso, e um raio gelado atingiu-o no peito, congelando-o em pleno ar antes que desabasse.

– Bem, acho que estou pronto para encerrar este dia de neve – disse Conner.

– Vamos sair daqui antes que os ursos descongelem – Cachinhos Dourados falou.

O grupo encontrou a abertura nas geleiras pela qual havia entrado e, seguindo as marcas que Cachinhos Dourados fizera, retornou aos ventos implacáveis. Os quatro caminharam em direção ao sul até encontrar o *Vovozinha* no mesmo lugar em que o haviam deixado.

– Vocês voltaram! Vocês voltaram! – disse Froggy, e literalmente pulou de alegria enquanto eles subiam a bordo do navio. – Bem, e como foi? Conseguiram o cetro?

Alex mostrou-lhe o cetro da Rainha da Neve.

– Rapaz, temos uma história para você! – disse ela.

Mas antes que Alex pudesse começar, Chapeuzinho emergiu do convés inferior.

– Ah, que bom, vocês voltaram! Vocês não vão acreditar no que aconteceu comigo enquanto estavam longe! – ela falou.

– *Nós* não vamos acreditar no que aconteceu com *você*? – Conner perguntou, curioso por saber o que poderia superar o fato de eles terem derrotado ursos polares e a Rainha da Neve.

Chapeuzinho embalava algo nos braços como um bebê. Quando ela se aproximou dos outros, eles puderam ver que era peludo e tinha quatro patas.

– Eu arranjei um cachorrinho! – disse Chapeuzinho, e mostrou-lhes alegremente o animalzinho, que dormia.

– Onde você arranjou um cachorrinho? – Alex perguntou.

– Eu fiquei um pouco impaciente enquanto esperava vocês voltarem... Ah, estou vendo que vocês conseguiram o cetro! Muito bom! Enfim, saí para caminhar e encontrei este menino perambulando sozinho pela neve! Ele estava desprotegido, com fome, e era adorável, então decidi adotá-lo!

Ninguém sabia o que dizer. De fato, nada que dissessem sobre o resgate do cetro teria sido tão interessante para ela quanto o *cachorrinho* em seus braços.

– Você já deu um nome a ele? – perguntou Conner.

– Eu o chamei de Claudius – Chapeuzinho informou. – Dei o nome em homenagem a um dos personagens da minha peça favorita, *Omelete*.

Froggy bateu na testa com a mão aberta.

– *Hamlet*, minha querida – ele corrigiu.

– Sim, isso aí – disse ela. – Mas vou grafar o nome com “dábliu”. Não vai ficar divino? Clawdius, com “dábliu”! Entenderam?

Todos concordaram como se estivessem lidando com uma criança de três anos –

exceto Cachinhos Dourados. Ela lançava punhais para Chapeuzinho com o olhar.

– Você provavelmente não entendeu – disse a rainha, e explicou melhor: – Se você escrever com “dábliu”, a palavra *claw* passa a fazer parte do nome, como uma garra de animal. *Claw* é *garra* em inglês. Entendeu agora? Repita comigo, Cachinhos: *Clawdius*.

Cachinhos Dourados olhou para o cachorrinho, depois voltou a fitar Chapeuzinho e sorriu.

– Ele é uma gracinha. Parabéns.

Os outros a encararam, surpresos. Nunca tinham visto Cachinhos Dourados se controlar tão facilmente.

– Obrigada – disse Chapeuzinho. Ela desceu os degraus de volta ao convés inferior, embalando seu bichinho de estimação.

– Ah, que patinhas graciosas você tem, Clawdius! Ah, que olhinhos preciosos você tem! Ah, que orelhinhas pontudas você tem...

Cachinhos Dourados começou a descarregar todas as suas armas, rindo baixinho enquanto fazia isso.

– Aquilo foi generoso da sua parte – Conner disse para ela.

– O que é tão divertido? – perguntou João.

– Chapeuzinho pode se preparar para um duro despertar – Cachinhos Dourados falou.

– Oh, céus – disse Froggy. – Por quê?

Um sorriso maroto surgiu no rosto de Cachinhos Dourados.

– Eu reconheceria um daqueles em qualquer lugar: aquilo não é um cachorrinho, é um *filhote de lobo*.



CAPÍTULO 18

A madrasta malvada

Chapeuzinho estava insuportavelmente grudada a seu novo bichinho. Os outros tentavam descansar no convés inferior depois do encontro com a Rainha da Neve, porém os ruídos de Chapeuzinho, que brincava com Clawdus, os deixavam agitados na cama.

– Pega, Clawdus! – Chapeuzinho o encorajava estridentemente. – Vamos, garoto! Pegue o bastão! Traga para a mamãe!

Desde que eles decidiram que seria melhor voar furtivamente à noite, todos a bordo se esforçavam para se ajustar aos horários das viagens, dormindo sempre que possível – e Chapeuzinho não estava ajudando em nada.

Um forte ruído metálico veio do convés superior, fazendo todos pular de susto.

– Agora chega! – disse Cachinhos Dourados, saltando do seu catre. Ela subiu correndo a escada até o convés superior e ficou mortificada com o que viu: *Chapeuzinho estava usando o cetro de gelo para brincar com Clawdus.*

– Você está completamente maluca?! – gritou Cachinhos Dourados, arrancando o cetro da boca do filhote.

– O que é que tem? Ele gosta! – disse Chapeuzinho.

Os gêmeos, que ouviam a conversa das duas com toda a clareza, ficaram receosos de que aqueles poderiam ser os últimos momentos de Chapeuzinho.

– Você realmente não está fazendo nada para conter meu impulso de jogá-la junto com esse vira-lata para fora do navio! – Cachinhos Dourados ameaçou.

Chapeuzinho a ignorou. Cantarolou alguma música e sentou-se do outro lado do convés. Clawdus enrodilhou-se no colo de Chapeuzinho e dormiu enquanto ela acariciava seu espesso pelo cinzento.

– Sempre achei que a maternidade me cairia bem – disse Chapeuzinho. – Não é maravilhoso como nós dois nos ligamos depressa? Quais são as chances de um pobre cão perdido numa terra de ninguém ser salvo por uma rainha fabulosa? Sinto

como se estivéssemos vivendo em uma história!

Cachinhos Dourados chegou a seu limite. Era hora de estourar a bolha de Chapeuzinho.

– Ele trata você como se fosse mãe dele porque ele *realmente pensa que você é mãe dele* – disse Cachinhos Dourados. – Ele criou laço com o seu casaco, Chapeuzinho, e não com você! Clawdus é um lobo!

– O quê? – disse Chapeuzinho, e riu como se aquilo fosse a coisa mais absurda que já havia escutado. – Isso é ridículo! Não há como Clawdus ser um... – sua voz sumiu aos poucos. Ela olhou para Clawdus, que sugava um dos botões do seu casaco, desapontado porque nenhum leite saía de lá.

De repente Chapeuzinho se deu conta da familiaridade dos dentes, das orelhas, do focinho, do pelo do animal – ela já tinha visto aquilo antes, só que em escala maior.

Um grito lancinante irrompeu do fundo da garganta da rainha.

– LOBO! – Chapeuzinho levantou-se em um pulo e jogou Clawdus no chão. – Afaste-o de mim! Afaste-o de mim!

João, Froggy e os gêmeos subiram para o convés superior quando ouviram os gritos. Eles ficaram com medo de que Cachinhos Dourados tivesse finalmente perdido a paciência e tentado assassinar Chapeuzinho, porém Cachinhos se achava apoiada na amurada, com um largo sorriso no rosto, assistindo à perseguição de Clawdus a Chapeuzinho pelo convés.

– Não fiquem aí parados! Me ajudem! – Chapeuzinho gritou para João e os gêmeos. Ela corria em círculos, e Clawdus latia alegremente achando que era uma brincadeira nova.

– Querida, por favor, acalme-se! – disse Froggy. – Ele é só um pequenino...

– Ele é um assassino sedento de sangue! – berrou Chapeuzinho. – Olhe só para ele! Provavelmente está planejando me matar quando eu estiver dormindo!

– Ele não é o único – disse Cachinhos.

– Afaste-se de mim, sua besta feroz! – Chapeuzinho gritou por cima do ombro para o lobinho. Os gêmeos acharam aquela escolha de palavras um tanto exagerada. O animal não parecia nem um pouco ameaçador, especialmente porque agora perseguia a própria cauda.

– Talvez você possa criá-lo para ser *desferoz*, meu amor – sugeriu Froggy.

– Cite um exemplo em que esse método funcionou! – gritou Chapeuzinho. Froggy ficou sem resposta. – Isso é porque você pode tirar o lobo da selvageria, mas não pode tirar a selvageria do lobo!

Chapeuzinho subiu na amurada, e Clawdus começou a pular na tentativa de juntar-se a ela. Porém logo se cansou de saltar pela afeição de Chapeuzinho e sentou-se no chão, logo abaixo dela, com as patas desproporcionalmente grandes à sua frente.

– Não olhe para mim desse jeito – disse Chapeuzinho. – Não posso ser sua mãe se estou constantemente preocupada, com medo de que você vá me retalhar até a morte, posso?

Um singular e triste ganido escapou do filhote, que a olhou de lado.

– Eu tenho uma história com lobos, você sabe – disse Chapeuzinho. – Um quase devorou a mim e à minha avó quando eu era uma menininha! Um muro foi construído em volta do meu reino para manter longe indivíduos como você. Você entende a inconveniência, não é?

Tendo de algum modo entendido a jovem rainha, Clawdius choramingou. Infeliz, sentindo como se tivesse sido abandonado pela segunda vez, ele se aproximou de Froggy.

– Vamos, vamos, amiguinho – disse o homem-sapo e pegou o lobinho no colo. – Nós encontraremos um bom lar para você, não se preocupe.

Chapeuzinho permaneceu em cima da amurada durante a maior parte do dia, apavorada demais para sair de lá.

Naquela noite, assim que o sol se pôs, João acendeu a chama do navio, e Froggy o dirigiu ao sul, através das nuvens do Reino do Norte, rumo a seu próximo destino: a propriedade da madrasta malvada de Cinderela.

Ao longo da madrugada, João e Froggy assumiram turnos no controle do *Vovozinha*. Os gêmeos tentaram dormir, mas foi difícil com o navio se agitando no céu – e com Chapeuzinho falando enquanto dormia.

– Ah, que pelo macio você tem, pequeno Clawdius – dizia ela, e acariciava um cão imaginário na cama. – Ah, que dentinhos nada ameaçadores você tem... Ah, que ossos fortes que não crescem você tem... Ah, que delicada dietazinha de frutas e verduras você tem...

Cachinhos Dourados conseguira bloquear todos os ruídos, envolvendo a cabeça com um travesseiro. Alex não teve tanta sorte. Não só Chapeuzinho falava dormindo, como também havia o medo do que a Rainha da Neve lhe dissera na caverna.

Dos quatro viajantes, um não retornará. O que significava isso? Estaria ela se referindo aos gêmeos, a João e a Cachinhos Dourados? Estaria ela dizendo a Alex que um deles iria morrer? Teria ela realmente feito uma profecia, ou apenas queria impressionar a menina?

A garota se perguntou se alguém já havia literalmente morrido de preocupação, porque, em caso negativo, ela provavelmente seria a primeira. Seus pensamentos eram esmagadores, e Alex finalmente desistiu da ideia de dormir. Levantou-se do catre e descobriu que o irmão tinha feito o mesmo. Ela subiu ao convés superior e encontrou-o encostado na amurada que dava para o leste. Conner segurava uma pena, e havia vários pergaminhos espalhados à sua frente.

Fazia silêncio lá fora. Somente o ruído das velas ao vento do *Vovozinha* e o do bruxuleio da chama central eram ouvidos.

– Você também não consegue dormir? – Alex perguntou.

– Acho que nem alguém em coma conseguiria dormir com tudo aquilo.

– O que você está fazendo? – Alex apontou para a pena e os pergaminhos. – Espero que não seja nenhuma lição de casa. Acho que eles deixarão você entregar atrasado um ou dois trabalhos, dadas as circunstâncias.

– Não, só estou escrevendo. Tomando nota de todas as coisas que vimos e dos lugares onde estivemos até agora. Não quero esquecer nada. Posso querer escrever alguns contos depois. Os ursos polares servos da Rainha da Neve, Chapeuzinho e seu lobo de estimação, *pudim de faisão*... Isso tudo dá um bom material.

– Isso é ótimo. Espero que você chegue a usá-lo... – Alex falou sem pensar. Conner parou de escrever e respirou fundo.

– Alex, nós vamos salvar a mamãe – ele disse com firmeza.

Alex não sabia o que dizer.

– Espero que sim...

– Não, eu preciso ouvir você dizer isso. Não seremos capazes de fazer isso, a não ser que ambos acreditemos.

Alex se contagiou com a confiança que enxergou nos olhos do irmão.

– Nós vamos salvar a mamãe – disse ela, dessa vez acreditando plenamente.

Conner sorriu.

– Bom – ele falou. – Obrigado por isso.

– O que o está deixando tão confiante? Normalmente sou eu quem faço os discursos de encorajamento, mas você vem levantando meu moral desde que chegamos aqui.

– Quais são nossas opções? Se eu posso escolher entre estar cheio de dúvidas e cheio de esperanças, prefiro estar cheio de esperanças. Dá menos trabalho ser positivo.

Alex sorriu para o irmão.

– É uma boa maneira de ver as coisas.

– Além disso – Conner acrescentou –, você sabe, uma vez que salvemos a vida da mamãe, ela nunca mais terá como nos dizer “não”!

Alex riu e cobriu a boca, tendo esquecido por um instante que o resto do navio estava dormindo.

– Ok, *agora* você está sendo otimista demais! – ela brincou.

Os gêmeos ficaram pensativos. Conner tinha razão; era muito mais fácil ser otimista do que encher a cabeça de dúvidas.

Uma brisa fria atravessou de repente o navio, e os dois sentiram um arrepio na espinha.

– Você sentiu isso? – Alex perguntou.

– Sim, o que está acontecendo?

Alex olhou para trás e perdeu o fôlego.

– Conner, olhe! – Ela virou o irmão na direção que estava olhando.

Deslizando lentamente na direção dos gêmeos estava o fantasma da mulher que Conner vira no castelo de Chapeuzinho. Havia nela algo de majestoso, régio e, ao mesmo tempo, assustador.

– É o fantasma! – sussurrou Conner. – Aquele de que falei!

O olhar do fantasma tornava-se mais grave à medida que ele se aproximava.

– Fale alguma coisa! – Alex deu uma cotovelada no irmão.

– Falar o quê? Eu não falo fantasmês!

O espírito parou na frente dos dois, flutuando a uma pequena altura. Nunca piscava nem desviava o olhar dos gêmeos. Quem quer que fosse, era um espírito muito sério.

– Quem é você? – Alex chilreou.

O fantasma continuou calado como sempre.

– O que você quer conosco? – guinchou Conner.

O fantasma ergueu a mão e simplesmente apontou para a distância. Quando o *Vovozinha* passou por uma nuvem fraca e um véu de névoa o envolveu, o fantasma desapareceu.

O coração dos gêmeos estava disparado.

– O que era aquilo? – perguntou Alex.

– Eu gostaria de saber – disse Conner. – Por que ela está me seguindo?

Alex pensou a respeito. O espírito lhe parecera bem familiar, mas ela não fazia ideia do motivo.

– Ela está tentando nos dizer alguma coisa.



Logo antes do nascer do sol, o *Vovozinha* pousou na zona rural do Reino Encantado. Por sorte, apenas algumas vacas que pastavam testemunharam a descida do grande navio – e elas não estavam nem um pouco interessadas nele.

Os gêmeos guardaram para si o segundo aparecimento do fantasma, pois não queriam causar mais preocupações.

– Então, qual é o nosso plano? – Conner perguntou aos outros. – Como vamos descobrir e roubar o bem mais precioso da madrastra?

Cachinhos Dourados e João se entreolharam e encolheram os ombros. Froggy deu um passo à frente, limpou a garganta com um pequeno coxar e falou:

– Se me permitem, acredito que poderei ser de grande utilidade na organização deste esquema; afinal, eu *sou* do Reino Encantado.

– Com certeza – disse Alex, fazendo um gesto para o sapo tomar a palavra.
– A madrasta – declarou Froggy, com um dedo erguido como se fosse dar-lhes uma aula de história – sempre foi obcecada por títulos e posição social. Lembram-se de quão desesperadamente ela queria que uma das suas filhas se casasse com meu irmão? Se quisermos entrar em sua casa e descobrir qual é o seu bem mais precioso, teremos de fazer isso de uma maneira muito formal. E eu acho que sei exatamente como.

Froggy voltou-se para Chapeuzinho.

– Eu? – ela perguntou. – O que tenho a ver com isso?

– Você é uma rainha, minha querida – disse Froggy. – A madrasta nunca resistirá à oportunidade de ter alguém da realeza em sua casa.

Chapeuzinho revirou os olhos e cruzou os braços.

– Ah, *agora* eu sou uma rainha? *Agora* vocês todos respeitam a minha posição?

– Precisamente – disse Froggy. – Vá até a casa da madrasta e solicite uma reunião com ela. Dê uma olhada em volta e embolse o que você perceber que ela mais valoriza.

– Solicito uma reunião para quê? – perguntou Chapeuzinho. – Sobre o que eu poderia precisar falar com ela?

Conner foi rápido em sugerir uma resposta:

– Diga-lhe que você está planejando construir uma casa de campo e que Cinderela lhe sugeriu que olhasse a casa dela para se inspirar.

Alex deu uma palmadinha no ombro do irmão.

– Boa! – disse ela.

Chapeuzinho olhou de um lado a outro. Eles podiam ver que ela processava a ideia.

– Sim, é uma ideia muito boa... uma ideia esplêndida, de fato! Eu sempre quis uma casa de campo, na verdade. Isso pode não ser uma mentira muito grande, afinal – disse Chapeuzinho, batendo palmas alegremente. – Eu vou sozinha?

Froggy olhou para os outros.

– Receio que todos aqui pareceriam um pouco suspeitos – disse ele.

– Nós podemos ir com você, Chapeuzinho – disse Alex. – Faremos de conta que somos seus primos.

Chapeuzinho olhou para os gêmeos de cima a baixo, e seu rosto se contraiu em desaprovação.

– Podemos ser primos em segundo grau? Nossas estruturas ósseas são tão diferentes que ninguém iria acreditar.

Um punhal voou pelo ar e cravou-se na parede a alguns centímetros da cabeça de Chapeuzinho. Ela gritou e caiu no chão. Todos se voltaram para Cachinhos Dourados. Seu braço ainda estava esticado.

– Desculpe, escorregou – disse Cachinhos, com uma encolhida de ombros.

Depois que se recuperou do “acidente” causado por Cachinhos Dourados, Chapeuzinho se vestiu para a missão do dia. Colocou uma tiara vermelha e um vestido extremamente fofo, também vermelho. Aparentemente ela estava guardando esse traje para uma ocasião especial da viagem e decidiu que aquele seria o melhor lugar para exibi-lo.

João e Cachinhos Dourados ficaram no navio. Froggy escoltou Chapeuzinho e os gêmeos pelos campos do Reino Encantado; ele usava um dos cachecóis de Chapeuzinho em volta da cabeça para esconder a pele de anfíbio. Chapeuzinho reclamou de seus sapatos durante todo o caminho, mas, como os gêmeos já haviam se acostumado aos seus queixumes, aquilo não os incomodou.

Grandes propriedades, dignas de livros de histórias, começaram a aparecer às margens do caminho enquanto eles adentravam cada vez mais o reino. Algumas eram feitas de tijolos; outras, cobertas de hera; e muitas possuíam pontudos tetos de palha, exatamente como o chalé da avó dos gêmeos. Mais adiante, a distância, os quatro distinguiram o topo das torres do palácio de Cinderela. Era a vizinhança mais agradável que Alex e Conner haviam atravessado no mundo dos contos de fadas.

– Estou ficando tão empolgada com a ideia de planejar minha casa de campo! – disse Chapeuzinho.

Os gêmeos reviraram os olhos. Ao menos Chapeuzinho não tinha um disfarce para detonar.

– O que é aquilo? – Conner perguntou, e apontou para a frente.

Uma grande exposição separava-se do caminho por um portão. O grupo chegou perto do portão e olhou para dentro. Havia uma abóbora em decomposição, muito grande e velha – era como se um Jack da Lanterna tivesse sido deixado do lado de fora por tempo demais depois do Dia das Bruxas.

– Leia isso! – disse Alex enquanto apontava para uma placa fincada no chão.

RESTOS DA ABÓBORA REAL

ESTES SÃO OS RESTOS
DA CARRUAGEM QUE
TRANSPORTOU A
RAINHA CINDERELA
AO RENOMADO BAILE
NA NOITE EM QUE ELA CONHECEU
O REI ENCANTADO.
A ABÓBORA FOI MAGICAMENTE
TRANSFORMADA EM CARRUAGEM

PELA FADA MADRINHA,
MAS À MEIA-NOITE
O ENCANTAMENTO FOI QUEBRADO,
E A ABÓBORA VOLTOU À SUA FORMA ORIGINAL.
ELA DESCANSA AQUI DESDE
A LENDÁRIA FUGA DE CINDERELA.

– Nossa avó *tinha* de estar por trás do mais famoso toque de recolher da história, não é? – Conner disse à irmã.

Chapeuzinho apertou os olhos diante da abóbora podre.

– Ela lavava o chão, viajava numa abóbora e era amiga de ratos... e de algum modo Cinderela é o paradigma para todas as outras rainhas – disse consigo mesma. – Nunca vou entender isso.

– Isso significa que estamos muito perto – disse Froggy. – A propriedade da madrasta deve ficar logo à frente. Eu não quero que ela me reconheça, então vou esperar aqui. Boa sorte para vocês!

Chapeuzinho mandou-lhe um beijo no ar e, junto com os gêmeos, continuou pelo caminho. Depois de alguns minutos eles chegaram à propriedade da madrasta – e não era o que estavam esperando.

Se os gêmeos não soubessem das coisas, teriam pensado que a propriedade estava abandonada. A casa ficava no topo de uma colina e precisava desesperadamente de reparos. Era muito escura, com janelas altas, uma torre e frontões pontiagudos. Todas as janelas pediam para ser lavadas, a maior parte delas estava quebrada. Metade dos degraus que levavam à porta da frente havia cedido.

Tudo na propriedade encontrava-se ou morto ou demasiadamente crescido. Ela era envolta por uma alta cerca de ferro. Dois guardas uniformizados vigiavam a única entrada.

– Opa! – disse Conner. – Isso pode ser mais complicado do que pensamos.

O trio caminhou até os guardas muito amistosamente, à maneira “não somos ladrões”.

– Desculpe – Alex disse a um dos guardas. – É aqui que mora a madrasta da Cinderela?

Com uma expressão irritada, o guarda deu uma olhadela para o outro.

– Esta é a residência de *Lady Iris* e suas filhas – disse. – E, sim, ela é a madrasta da rainha.

– Por que é tão protegida? – perguntou Conner.

O outro guarda fez uma careta para ele.

– Você não é desta vizinhança, é? *Lady Iris* não é muito benquista por aqui. A cerca é para sua proteção contra pessoas que vandalizam a casa. *Lady Iris* nem se

importa mais em consertar as coisas... Não faz sentido.

Alex olhou para a casa, o coração pesado. Mesmo sabendo quão miseravelmente a mulher tratara Cinderela, não pôde deixar de sentir pena dela. Uma das janelas se achava aberta, e Alex viu as cortinas brancas se mexer – alguém na casa os observava.

– Podemos vê-la? – ela perguntou.

– O que você disse? Ver Lady Iris? – o guarda indagou, com uma risada rude. – Não, receio que não. Lady Iris nunca recebe visitas.

– Podem ir agora, voltem ao lugar de onde vieram – disse o outro vigia.

Conner cutucou Chapeuzinho – era a deixa dela. A rainha pigarreou e ergueu seus grandes olhos brilhantes para os guardas.

– Cavalheiros, sei que é difícil me reconhecer sem uma capa apropriada sobre os ombros, mas vou lhes dar mais uma chance antes que a minha paciência acabe de vez – disse ela, com um sorriso arrogante.

Os guardas não falaram nada. Não a reconheceram em absoluto. Chapeuzinho ficou frustrada, e suas bochechas adquiriram um tom cor-de-rosa.

– Eu sou a Rainha Chapeuzinho Vermelho, do Reino da Chapeuzinho Vermelho.

Um guarda ergueu uma sobrancelha e a olhou de esguelha.

– Se você é Chapeuzinho Vermelho, onde estão seu cajado e seus carneiros? – ele perguntou, meio rindo enquanto falava.

– Essa é a Pequena Bo Peep! – Chapeuzinho gritou e bateu o pé. Os gêmeos também estavam ficando frustrados. Aquele contratempo não fazia parte dos planos.

– Deixe-os entrar – disse uma voz frágil vinda de uma das janelas da casa.

Os guardas se surpreenderam com a ordem. Claramente isso nunca havia acontecido.

– Está bem, a *lady* disse que vocês podem entrar – disse o guarda. Ele abriu o rangente portão às suas costas, e Chapeuzinho e os gêmeos o atravessaram. Subiram cautelosamente os degraus da frente, e Conner bateu à porta com a enorme aldrava em forma de pá. Os três ouviram sussurros frenéticos e passos apressados do lado de dentro. Foi preciso um momento até que alguém abrisse a porta.

A grande porta se abriu, e duas desajeitadas mulheres espiaram cautelosamente detrás dela.

– Olá? – disse Alex. – Podemos entrar?

As duas mulheres decidiram que Chapeuzinho e os gêmeos não representavam uma ameaça e saíram de trás da porta. Eram ambas muito feias e gorduchas (embora uma fosse mais baixa e mais pesada que a outra); cada qual tinha cabelos castanhos e crespos e lábios finos. Faziam o tipo de mulher que tinha potencial para ser bonita, mas se tornou desleixada com o passar dos anos.

Elas manuseavam nervosamente os vestidos rendados – como se tivessem se

aprontado às pressas. Alex cutucou Conner; os dois sabiam, sem sombra de dúvida, que estavam diante das meias-irmãs feias de Cinderela.

– Por favor, entrem – disse a mais alta das duas, fazendo um gesto exageradamente dramático.

Os gêmeos e Chapeuzinho deram um passo para dentro do vestibulo da casa. Uma grande escadaria se curvava para cima e sobre eles. A casa inteira era uma bagunça só. Os pisos estavam sujos, as janelas, empoeiradas, e um cheiro repugnante pairava no ar. Alex e Conner se perguntaram se Cinderela fora a última pessoa a limpar a casa.

– Desculpem pela bagunça – disse a irmã mais baixa. – Nós não estávamos esperando visitas.

– Chocante – Chapeuzinho sussurrou.

– Não se preocupe – disse Alex. – A casa só é muito... *morada*.

Um rangido alto veio do andar de cima.

– Meninas, meninas, não sejam rudes – disse uma voz. – Apresentem-se.

Chapeuzinho e os gêmeos olharam para cima e viram, em pé, no topo da escada, a madrasta malvada em pessoa. Era muito magra, e os cabelos, arrumados em um coque impressionantemente alto, estavam ficando brancos. Sua maquiagem estava toda borrada e lambuzada, como se ela tivesse se arrumado às pressas. A madrasta usava uma bengala e começou a descer a escada vacilantemente.

– Bem-vindos ao nosso lar! Eu sou Lady Iris, e estas são a minhas filhas, Petunia e Rosemary – disse ela, e a mais alta fez uma mesura, seguida pela mais baixa. A escada rangia tão alto sob seus pés que era difícil ouvir o que Lady Iris dizia.

– Olá, Lady Iris – disse Chapeuzinho. – Eu sou a Rainha Chapeuzinho Vermelho, e estes são meus primos em segundo grau, Hamlet e Ophelia.

Os gêmeos se encolheram ao som dos pseudônimos.

– Prazer – disse Conner, lançando um olhar irado a Chapeuzinho.

A madrasta balançou a cabeça cordialmente, mas seus olhos continham muitas perguntas.

– Sim, eu a reconheci da celebração do primeiro aniversário da Princesa Esperança, no palácio – disse Lady Iris.

– Ah, sim, é claro! – respondeu Chapeuzinho, surpresa por compartilhar a lembrança. – Eu também me lembro de vê-la lá!

– Nós não ficamos por muito tempo – Lady Iris começou a explicar. – É difícil sair de casa quando as pessoas vão e assobiam aonde quer que você vá. – Ela riu, apesar de ninguém ter achado engraçado. – Não quer juntar-se a nós na sala de estar, Majestade?

Chapeuzinho e os gêmeos seguiram a madrasta e suas filhas à sala vizinha. As meias-irmãs tentaram ajeitar a casa enquanto andavam, mas o lixo era tanto que os

gêmeos não entendiam por que elas se davam ao trabalho.

A sala de estar possuía paredes azuis e assentos brancos. Pareceria um luminoso céu azul se não fosse a espessa camada de sujeira que a cobria; como estava, assemelhava-se mais a um dia nublado. Eles sentaram-se, e a poeira encheu o ar. Conner fez o seu melhor para segurar a tosse.

– Desculpem-nos pelo estado em que se encontra a casa – disse Lady Iris. – Minhas meninas e eu somos inúteis quando se trata de tarefas domésticas, e é difícil encontrar ajuda quando se tem uma história como a nossa.

– Eu imagino – disse Conner.

– Então, o que a traz à nossa humilde morada, Majestade? – perguntou Lady Iris.

Chapeuzinho não sabia por onde começar. Dizer que queria construir uma casa de campo que se parecesse com aquela seria uma mentira óbvia.

– Bem, eu... eu... eu... – disse Chapeuzinho. – Ophelia? Por que você não explica?

Chapeuzinho e Conner se voltaram para Alex, jogando-a na berlinda. Alex olhou para a madrastra enquanto uma mentira se formava em sua cabeça, mas foi distraída por diversas pinturas de animais que forravam as paredes.

– Que lindas pinturas! – disse, mudando de assunto. – Quem as fez?

A boca de Petunia se escancarou; ela não estava acostumada a ser elogiada.

– *Eu* pintei esses quadros – disse ela com grandes olhos excitados.

– Petunia é uma pintora muito talentosa – gabou-se Lady Iris. – Ela faz principalmente retratos de animais, mas tem trabalhado em paisagens. – Sua voz era suave e sonhadora, como a de uma vendedora.

– Eu gosto de animais – Petunia disse entusiasmadamente, muito feliz por falar de si mesma. – Normalmente pinto os que vejo da minha janela... Às vezes são de estimação, às vezes são pestes... E os animais também sempre gostaram de mim; tenho algo de confiável, acho. Seja como for, isso me dá alguma coisa para fazer.

Chapeuzinho e os gêmeos concordaram polidamente.

– Bem, é *exatamente* por isso que estou aqui! – disse Chapeuzinho. – Recentemente eu adotei um *lo*... perdão, um cachorro, e estava com a esperança de que você pudesse pintar um retrato dele para mim.

Alex e Conner ficaram de certa forma aliviados e, ao mesmo tempo, espantados com a improvisação de Chapeuzinho. O lábio inferior de Petunia tremeu.

– Jura? – perguntou ela. – Eu adoraria!

– EU GOSTO DE COZINHAR! – berrou Rosemary, desesperada por um pouco de atenção. A explosão fez os outros pular em seus assentos. – Desculpem, eu não queria gritar! É só que gosto de cozinhar e adoraria cozinhar para vocês, se me permitirem...

– Rosemary é uma cozinheira excepcional – falou Lady Iris. – Ela prepara todas

as nossas refeições.

– Bem, alguém tem de fazer isso, senão morreríamos de fome – disse Rosemary com uma risada, embora aquilo não fosse engraçado. Rir da própria miséria deveria ser uma característica familiar.

As meias-irmãs se achavam tão excitadas por exhibir seus talentos que mal conseguiam parar quietas na cadeira. Lady Iris, no entanto, ainda olhava com ceticismo para os três visitantes.

– O que você costuma cozinhar? – Conner perguntou a Rosemary.

– Rosemary, por que você não prepara uma fornada dos seus biscoitos de cogumelos para os nossos convidados? E, Petunia, por que você não vai até o seu quarto e pega outras amostras de suas pinturas para mostrar à Vossa Majestade? – sugeriu Lady Iris.

As meias-irmãs se levantaram rapidamente e colidiram uma com a outra antes de sair correndo em direções opostas. Eles puderam ouvir os degraus rangendo enquanto Petunia subia para seu quarto. Rosemary desapareceu atrás da porta de vaivém que dava na cozinha – por uma fração de segundo os gêmeos avistaram as pilhas de pratos sujos lá dentro.

Assim que as filhas saíram, Lady Iris abandonou o tom cordial e fixou um olhar desconfiado em Chapeuzinho e nos gêmeos.

– Você tem filhas tão adoráveis – disse Chapeuzinho com um sorriso apertado.

– Poupe os elogios – a madrastra disse secamente. – Eu moro nesta casa com minhas filhas há anos: sei que Petunia é uma péssima pintora e Rosemary é uma cozinheira ainda pior. Por que vocês vieram aqui hoje, *de verdade*?

Eles não lhe responderam. Chapeuzinho e os gêmeos não precisaram olhar uns para os outros para saber que exibiam os mesmos olhos arregalados.

– Entendo – Lady Iris falou diante da não resposta. – Então vocês vieram para zombar de uma velha e suas filhas, não é? Vieram para rir das ovelhas negras do reino? Como se atrevem, especialmente em um momento como este?

Lady Iris levantou-se com esforço para escoltá-los para fora.

– Vou mostrar-lhes a porta – disse.

– Por que você fez aquilo? – Alex perguntou de repente.

Lady Iris voltou-se para ela.

– Como disse?

– Aposto que essa não é uma pergunta que você ouve com muita frequência, mas eu sempre me indaguei por que você foi tão cruel com Cinderela – disse Alex. – Por que você a detesta tanto?

– Alex, em que isso está ajudando a nossa causa? – Conner sussurrou para a irmã, que o dispensou com um aceno.

Lady Iris olhou para Alex em busca de algum motivo malicioso por trás da

pergunta, porém a garota não tinha qualquer inclinação maliciosa em seu ser. A madrasta caminhou até uma pequena lareira, a um canto da sala; um retrato muito empoeirado se achava pendurado acima dela. Lady Iris tomou um grande fôlego e soprou a poeira da pintura. Era de um homem muito atraente e respeitável, com cabelo castanho e barba cheia.

– Quem é esse? – perguntou Alex.

– O meu falecido marido – explicou Lady Iris. Ela o observou, de costas para os gêmeos. – Parece-lhes familiar?

A semelhança era tão evidente que eles não precisaram pensar duas vezes: Cinderela era a imagem escarrada do pai.

– Ela sempre foi a cara do pai, sem tirar nem pôr – disse Lady Iris. – Ele a apelidou de gata borralheira quando ela começou a andar, porque ela adorava brincar na lareira. Cobria-se de tanta fuligem e cinzas que ficava irreconhecível. Quando o pai morreu, tornou-se insuportável para mim olhá-la no rosto. Forcei-a a fazer incontáveis tarefas domésticas que cobriam de sujeira suas feições, para que deixasse de ser uma lembrança constante do que eu havia perdido. Agora, o rosto que passei tantos anos tentando esconder é um dos mais conhecidos do mundo.

A madrasta acariciou lentamente a aliança que ainda usava na mão esquerda. Chapeuzinho olhou para os gêmeos de esguelha. Os três estavam pensando a mesma coisa: *havia encontrado o seu bem mais precioso*.

– Então você não a odeia – Alex pensou em voz alta. – Não era inveja, era coração partido.

Lady Iris baixou a cabeça.

– Eu sou duas vezes viúva, mas não sou nem metade da mulher que Cinderela é – disse. – Quando o modo como a tratei foi revelado ao resto do reino e minhas filhas e eu nos tornamos odiadas por todos, Cinderela mandou construir a cerca e pôs os guardas em volta da casa para nos proteger. Ela nos visitou e *nos* pediu desculpa. Dá para acreditar nisso? Depois de tudo o que lhe fizemos, ela se sentiu culpada pelo que o seu casamento com o Príncipe Chance fizera *conosco*.

– Em sua defesa, parece que a história foi um pouco exagerada – Conner falou. – Suas filhas não são feias, por exemplo; elas apenas têm uma aparência comum.

A madrasta sentou-se novamente diante dos três.

– De fato – disse –, o reino sempre adorou zombar de nós. Ouvi o boato de que, depois do baile, quando o príncipe nos visitou, as minhas meninas tentaram cortar parte dos próprios pés para fazê-los caber no sapatinho de cristal. Um completo absurdo!

Lady Iris olhou para eles com a expressão vazia – ela não tinha mais nada a lhes contar.

– Bem, então era isso que vocês queriam? A confissão inútil de uma velha?

– Não querendo pôr sal na ferida, mas esse ódio é realmente a razão por que estamos aqui – disse Conner. – Isso vai parecer loucura, mas estamos em uma missão...

– Conner, eu não acho que seja uma boa ideia contar... – Alex tentou dizer.

– Por que não? A essa altura não temos nada a perder – ele falou e continuou com a explicação: – Nós achamos que descobrimos um meio de derrotar a Feiticeira. Ele exige que partamos em uma espécie de caça ao tesouro. E seu anel é um dos itens de que precisamos.

– Como disse? – perguntou a madrastra, scandalizada com o pedido.

– A vida da sua neta está em perigo – disse Alex. – Você não quer ajudá-la?

Lady Iris desviou o olhar para esconder a vergonha em seus olhos. Evidentemente aquele era um assunto amargo para ela.

– Avó não é um título do qual eu me considere merecedora. Uma avó é a mãe da mãe de uma criança, e eu nunca fui uma mãe para Cinderela.

A sala ficou em silêncio. A madrastra precisou se acalmar depois da emotiva declaração.

– Bem, não é tarde demais – disse Chapeuzinho. – Nos dar seu anel seria um ato de grande nobreza. Seria a coisa mais *cindereliana* que você poderia fazer. Sua situação na comunidade pode mudar quando as pessoas descobrirem que você nos ajudou.

Dito isso, os gêmeos puderam ver uma centelha se acender nos olhos de Lady Iris. Sabiam que, se falassem um pouco mais com ela, seriam capazes de convencê-la. Infelizmente, a porta da cozinha se abriu, e Rosemary trouxe uma bandeja com seus biscoitos de cogumelos, interrompendo a conversa.

– Quem quer biscoitos? – ela perguntou alegremente. A energia da sala havia se transformado completamente desde que saíra, e Rosemary não entendeu por quê.

Lady Iris levantou-se outra vez.

– Você terá de embrulhá-los, Rosemary. Nossos convidados já estão de saída.

– De saída? – disse Petunia, entrando na sala com uma porção de retratos embaixo dos braços. – Mas eu acabei de encontrar minhas melhores pinturas.

– Não, sua mãe está certa. É melhor irmos andando – disse Chapeuzinho. – Depois de pensar melhor, acho que vou acabar me livrando do meu cachorro. Tenho uma suspeita de que ele pode ser um lobo. *É uma longa história*. Entraremos em contato se eu adquirir outro bichinho de estimação.

A expressão das meias-irmãs se turvou em desapontamento. Petunia jogou os retratos no chão, enquanto Rosemary retornou à cozinha e jogou os biscoitos em um saco pardo.

– Aqui – disse Rosemary, com uma enorme carranca, enfiando o saco no peito de Conner. – Coma logo. Eles estragam depois da primeira hora.

Lady Iris acompanhou Chapeuzinho e os gêmeos pelo vestíbulo até a porta da frente. Alex e Conner trocaram olhadelas, cada um esperando que o outro fizesse algo. Alex achou que o método do irmão de lidar com ela poderia ser a única opção.

Lady Iris abriu a porta para os seus visitantes, porém os impediu de sair.

– Esperem – disse aos gêmeos quando estes passaram por ela. Então tirou a aliança do dedo e a colocou na mão de Alex. – Certifiquem-se de contar a Cinderela que eu a dei a vocês.

Chapeuzinho e os gêmeos não podiam acreditar no que viam, o espírito nas alturas.

– Nós contaremos! – Alex prometeu.

– Obrigado! – disse Conner.

– Eu mesma vou fazer uma declaração para que as pessoas saibam que você não é a velha megera que todos pensam! – disse Chapeuzinho, abraçando-a.

A madrasta forçou um sorriso.

– Infelizmente, alguns pecados são perdoados, e outros jamais são esquecidos – disse ela. – Receio que o único lugar onde poderíamos viver livres de julgamento seria outro mundo. Mas um dia, muito depois que eu me for, espero que Cinderela possa contar à sua filha que fiz algo para ajudá-la.

– Ela contará – disse Alex. – Obrigada.

Lady Iris fez uma pequena mesura, não totalmente certa de que tinha tomado a decisão correta. Ela fechou a porta atrás dos três, e Alex e Conner pularam de alegria. Chapeuzinho e os gêmeos passaram pelos guardas, que não entenderam por que eles estavam tão felizes depois de passar uma tarde *naquela* casa.

Os três seguiram pelo caminho e encontraram Froggy, que os esperava ao lado dos Restos da Abóbora Real.

– E aí? – perguntou ele. – Como foi?

Alex abriu a mão e mostrou-lhe o anel.

– Nós conseguimos! Nós conseguimos! Nós conseguimos! – gritou Conner. – Estamos com o anel!

Um sorriso incrivelmente largo se abriu no rosto de Froggy. Ele ergueu os dois e os girou no ar.

– Parabéns, crianças! – disse, e Conner lançou-lhe um olhar. – Desculpem, *jovens adultos*.

Quieta, Chapeuzinho aguardava seus próprios elogios, mas não veio nenhum.

– Eu também não me saí nada mal! – ela finalmente falou.

– É claro que não, minha querida – disse Froggy e deu-lhe um beijo de longe no rosto. – Agora voltemos ao *Vovozinha* para compartilhar a vitória com os outros.

Froggy liderou o caminho de volta pela zona rural até o navio voador. Cachinhos Dourados ficou empolgada ao ouvir sobre o sucesso deles, mas João não estava em

lugar algum.

– Ele foi à aldeia para buscar suprimentos – Cachinhos Dourados explicou. – Vai voltar logo, mas, nesse meio-tempo, vamos ver se a Varinha Prodigiosa é tudo o que dizem ser.

Eles colocaram o cetro de gelo da Rainha da Neve no centro do convés inferior. Alex ainda segurava o anel da madrasta tão apertadamente que ele afundou na palma de sua mão.

– Como isso funciona? – ela perguntou. – É como o Feitiço do Desejo? Precisamos de todos os itens juntos para que algo aconteça?

Conner encolheu os ombros.

– Vamos conferir – disse.

Alex cuidadosamente colocou o anel no chão, ao lado do cetro. Os cinco aguardaram impacientemente que alguma coisa – qualquer coisa – acontecesse. A expectativa mexeu até mesmo com Clawdus, que observava de longe, enrodilhado em um canto.

– Bem? – disse Chapeuzinho.

– Shhh! – Cachinhos Dourados a silenciou.

O anel começou a tremer. O cetro também começou a se mexer. De repente o anel se ligou magicamente à ponta do cetro, como se tivesse sido atraído magneticamente.

O convés vibrou. Alex e Conner se abraçaram. Clawdus latiu alegremente para eles, embora não soubesse muito bem o motivo da celebração. Era um fato pequeno, porém o mais significativo até agora. Todos os esforços não tinham sido em vão – *eles estavam construindo a varinha!*

Descendo a escada, João emergiu no convés inferior um segundo depois. Acabara de voltar de sua excursão à aldeia e carregava uma sacola cheia de verduras e pão.

– João! A varinha está funcionando! – disse Conner. – Espere... o que há de errado?

Mergulhados na celebração, os demais não notaram a expressão preocupada de João.

– João, o que aconteceu? – perguntou Cachinhos Dourados.

– Enquanto eu estava na aldeia ouvi uma notícia perturbadora – disse ele. A sala ficou muito silenciosa.

– Qual? – perguntou Froggy.

– A Feiticeira atacou o Reino do Canto. Ela derrubou a torre de Rapunzel.

Alex e Chapeuzinho perderam o fôlego. A grande boca de Froggy se escancarou. Conner ainda esperava ouvir mais.

– E daí? – perguntou ele. – É só uma torre. Qual é o grande problema?

Ele olhou para a irmã e viu lágrimas escorrendo pelo rosto dela.

– Será que perdi alguma coisa? – Conner perguntou. – Poderia ter sido muito pior. Felizmente ninguém morreu.

Froggy pigarreou, a emoção crescendo dentro de si.

– De modo muito parecido com o muro dos rubrochapeuzianos, a torre é sagrada para o povo do Reino do Canto – explicou. – Ela representa a rainha e a origem do país. Simboliza sua história e seu espírito.

Alex enxugou as lágrimas e se indagou: por que Ezmia estava escolhendo destruir as coisas que eram *simbolicamente* valiosas para os reinos? Por que ela estava atacando o espírito das pessoas, entre todas as coisas?

– Eu acabo de me dar conta de uma coisa – ela compreendeu. – Tudo o que Ezmia fez, a torre, o muro, as plantas, os raptos, é um ataque ao espírito das pessoas. A Feiticeira não quer infortúnios: ela quer *almas*.



CAPÍTULO 19

O castelo no céu

O *Vovozinha* navegou através do céu noturno do Reino Encantado, determinado a chegar ao Reino da Chapeuzinho Vermelho antes de o sol nascer. Embora a notícia sobre a Torre de Rapunzel tivesse deixado a todos com um humor sombrio, o sucesso parcial na construção da Varinha Prodigiosa os mantinha em movimento.

João e Froggy rolaram um barril de óleo pelo convés e o carregaram para debaixo da chama do navio. Cachinhos Dourados encontrava-se ao timão e pilotava cuidadosamente o *Vovozinha* entre as nuvens. Chapeuzinho evitava Clawdius tanto quanto possível.

Os gêmeos se encontravam na parte da frente do navio e olhavam a terra se mover lá embaixo. Os dois se perguntaram se teriam voado acima do lugar onde sua mãe estava.

– É surpreendente como o mundo parece diferente visto daqui – João disse alegremente, colocando-se entre os gêmeos. – Lembro-me de pensar isso quando escalei o pé de feijão. Pouquíssimas pessoas têm a oportunidade de ver o mundo de um ponto de vista diferente.

Chapeuzinho, que os escutava, intrometeu-se na conversa:

– Sei exatamente o que você quer dizer. Depois que se começa a olhar para as pessoas de cima para baixo, é difícil voltar a vê-las de outro jeito.

Os gêmeos e João reviraram os olhos. Chapeuzinho demonstrara, no decorrer da viagem, grande potencial para reingressar no mundo real, mas ainda tinha um longo caminho a percorrer.

– Não, Chapeuzinho – disse João. – O que quis dizer é que isso realmente põe o mundo em perspectiva. Sua vida inteira pode se dar entre duas ruas, e então você se dá conta de que essas ruas são apenas veias minúsculas no corpo do mundo. Isso faz você se sentir muito pequeno.

A cabeça de Chapeuzinho balançava para cima e para baixo enquanto

acompanhava o que ele dizia. Por um segundo, os gêmeos pensaram que ela tinha entendido o que João queria dizer.

– Oh, céus – disse Chapeuzinho, balançando negativamente a cabeça. – Não acredito que alguma coisa jamais pudesse me fazer sentir *desse jeito*.

João e os gêmeos não esconderam sua exasperação com a jovem rainha e se afastaram lentamente. Chapeuzinho encostou-se à amurada e deixou escapar um suspiro, sem entender por que era tão desafiador identificar-se com eles.

Froggy juntou-se a ela na frente do navio, pois não queria que ela se sentisse completamente isolada. Enquanto os outros constantemente se aborreciam com as declarações fúteis de Chapeuzinho e com sua falta de empatia, o amor de Froggy só aumentava. Ele vivera escondido durante anos porque tinha medo da forma como o mundo trataria um príncipe transformado em sapo, porém Chapeuzinho era o tipo de pessoa que nunca perdia a confiança, não importava o que qualquer um lhe dissesse. Era a característica que ele mais admirava nela.

– Você está bem, meu amor? – perguntou Froggy.

– Sim, obrigada – disse Chapeuzinho, e olhou com um ar cansado para a terra abaixo deles.

Froggy levou o distanciamento dela para o lado pessoal.

– *Nós* estamos bem, querida? Sei que ter João e Cachinhos Dourados por perto é estressante para você, mas, se houvesse alguma coisa além da companhia deles que a incomodasse, você me contaria, certo?

Chapeuzinho ainda não entendera muito bem o que a incomodava. Vinha sendo uma pedra no sapato dela desde que eles partiram.

– Sim, é claro, querido – ela falou simplesmente, porém nenhum dos dois acreditava nisso.

A boca de Froggy sorriu, mas seus olhos continuaram inexpressivos.

– Muito bem – disse ele, e a deixou em paz.

Embora ela tivesse insistido que poderia lidar com a situação, Froggy sabia que a presença de João era um grande peso para Chapeuzinho. Não era uma mulher difícil de ler – e os longos olhares que lançava a João, do outro lado do navio, os suspiros prolongados quando ninguém estava olhando e o fato de ela ignorar Froggy cada vez mais conforme seguiam viagem não passavam despercebidos. Não era preciso ser um gênio para entender o motivo da confusão de Chapeuzinho.

Infelizmente para Froggy, seu coração humano-que-virou-anfíbio pertencia inteiramente a Chapeuzinho, e ele esperava que o dela ainda lhe pertencesse por baixo de toda aquela intranquilidade. Até que Chapeuzinho lhe dissesse outra coisa, ele permaneceria fiel à sua afeição por ela.

– Olhem lá na frente! – Chapeuzinho gritou para os outros. – É o meu reino! Ah, como ele parece adorável visto daqui de cima! É uma pena que o tempo esteja tão

fechado.

– Não me parece que isso seja só tempo fechado – disse Cachinhos Dourados, do timão. Nuvens espessas rodeavam o reino como um turbilhão. Quando eles navegaram mais para perto, distinguiram um alto pé de feijão penetrando no vórtice das nuvens.

Ninguém nunca vira uma coisa assim... exceto João.

– O que significa isso? – Froggy perguntou.

– Significa que o pé de feijão está pronto – disse João, com um sorriso ávido.

Conner colocou a mão sobre o ombro da irmã. *Assim como eles.*

A tripulação começou a descer o *Vovozinha* na direção do pé de feijão. O sol começou a subir, e as antigas casas de João apareceram. Só havia uma coisa errada – o *Vovozinha* se deslocava depressa demais.

– Firme... firme... – João disse para Cachinhos Dourados. – Charlie, recolha todas as velas! Segurem-se todos! Este vai ser um pouso agitado!

Froggy puxou com força as cordas do navio e recolheu as velas de forma segura. Alex e Conner se agarraram a Clawdius e à amurada, João e Cachinhos se agarraram ao timão, e Chapeuzinho se agarrou a Froggy.

– Todo mundo dobrando os joelhos! – disse João, e todos seguiram sua instrução. O *Vovozinha* deslizou para baixo, rumando diretamente à mansão de João. As janelas da frente da mansão se abriram, e os gêmeos viram a harpa mágica saudar alegremente o novo dia, sem se dar conta do navio voador que avançava em sua direção.

*Oh, chega o dia e anelante cá estou eu,
Com passarinhos a sonhar um sonho meu,
Logo para bem longe levada eu serei,
E no castelo de Chapeuzinho estarei...
AAAAAAH!*

O *Vovozinha* atingiu o chão e continuou batendo seguidamente na terra relvada. Pedacos de terra voaram pelos ares, e o navio deixou um largo sulco no solo até finalmente se deter a palmos de distância da mansão.

A boca e os olhos da harpa estavam muito abertos, e, embora fosse feita de ouro sólido, os gêmeos podiam jurar que ela empalidecera.

– Bom dia, Harper! – gritou João, com uma risada vexada.

A harpa ficou tão aturdida que uma de suas cordas arrebentou. Os gêmeos não podiam culpá-la. Depois de anos olhando o nada, ela de repente testemunhou a queda ruidosa de um navio voador em seu jardim.

– O que, em nome da Mamãe Ganso, está acontecendo?! – gritou a harpa.

– Estávamos viajando, como eu lhe contei – disse João, descendo do *Vovozinha*. – Cheguei a mencionar que estávamos viajando em um navio voador?

– Você deixou de fora esse pequeno detalhe – disse a harpa, começando a recuperar a sensibilidade no corpo de ouro.

– Obrigado por ficar de olho no pé de feijão. Ele parece ótimo! – João falou.

– Não há de quê. Você ficará contente em saber que pensei melhor e resolvi aceitar sua oferta de ser levada para o castelo da Chapeuzinho Vermelho. No entanto, espero que você me conceda alguns dias para que minhas cordas se recuperem do susto que acaba de me dar. Não quero que minha primeira balada no castelo seja depressiva.

– O quê? O que você disse? – Chapeuzinho perguntou, ainda no navio. – Será que ouvi você dizer alguma coisa sobre ser levada para o meu castelo?

Alex e Conner se entreolharam – aquilo seria embaraçoso.

– Sim. João prometeu me mudar se eu vigiasse o pé de feijão.

– Ele prometeu?! – Chapeuzinho falou entre dentes. – Esta viagem está ficando cada vez melhor, não está?

– Ah, sim, venho praticando há dias! Faz tanto tempo que tive um público apropriado para o qual me apresentar! – disse a harpa. – Depois de passar mais de um século com aquele gigante horroroso, será um prazer enorme cantar canções que não sejam sobre comer carneiros e pisotear aldeias.

Os outros desembarcaram do navio e juntaram-se a João na frente da mansão.

– Ei, Harper – disse Conner. – Quando você estava lá em cima chegou a notar se o gigante tinha algum item favorito?

– Não que eu me lembre – disse a harpa. – Não entendo por que vocês querem voltar àquele lugar horrível.

João inspecionou o pé de feijão. Deu uma volta completa em torno da base e examinou-o de cima a baixo, chutando-o em diferentes pontos enquanto fazia isso.

– Ele está pronto! – gritou para os demais. – Vou escalá-lo e voltar o mais depressa que puder.

– Como disse? – Cachinhos Dourados perguntou, as sobrancelhas erguidas. – Você realmente acha que vai sem mim?

– Ele deve estar de brincadeira se acha que não vamos junto – Conner disse a Alex.

João não tivera a intenção de ofender ninguém.

– Desculpem, eu não tinha certeza se todos iriam topar.

– Não é todo dia que se tem a oportunidade de ver um castelo nas nuvens – disse Froggy. – Conte comigo também.

– Muito bem, então – João falou. – Eu vou na frente. Contudo é importante que todos vocês escalem exatamente como eu escalar e pisem exatamente onde eu pisar.

É mais difícil do que parece.

Cachinhos Dourados pegou uma corda comprida e amarrou-a em volta da cintura de João, depois em volta da sua própria, da de Froggy e da dos gêmeos. Quando foi amarrá-la em volta da cintura de Chapeuzinho, a rainha impediu-a nervosamente de fazê-lo.

– O que você acha que está fazendo? – Chapeuzinho indagou.

– É só por segurança – disse Cachinhos Dourados. – Para o caso de um de nós cair.

– Cair? Lá de cima? – disse Chapeuzinho, e apontou para o caule interminável. – Isso é provável?

– Tão provável quanto ao escalar qualquer outra coisa, imagino – Cachinhos falou. – Além do que, isso vai me desencorajar de jogá-la lá de cima.

Chapeuzinho olhou para o pé de feijão de cima a baixo com grandes olhos assustados.

– Quer saber de uma coisa? Acho que vou abrir mão da minha participação dessa vez. Estou exausta depois do meu encontro com a madrastra e quero conservar as minhas forças para nossa próxima parada.

– Como queira – disse Cachinhos, e prontamente cortou a corda depois de amarrá-la firmemente em volta de Alex.

– Você tem certeza, Chapeuzinho? O gigante morreu muito tempo atrás – disse João. – Não há nada com o que se preocupar.

– E aquilo que disse o Mercador? – Alex lembrou. – Ele falou que haveria outros perigos à nossa espera.

– O homem estava comendo *pudim de faisão* – disse Conner. – Você realmente quer acreditar nele?

– Bem pensado – disse Alex.

Chapeuzinho fingiu ponderar aquilo por um momento, mas já estava decidida de fato.

– Ainda acho que serei mais útil ficando com o navio – sentenciou ela.

– Por mim, tudo bem – João falou. – Então, se estamos todos prontos, vamos escalar.

João pôs as mãos sobre a folha mais próxima e içou-se por cima dela. A escalada começara. Ele se divertia com aquilo mais do que gostaria de admitir, e liderou alegremente os outros acima do pé de feijão, rumo ao céu.

Ele e Cachinhos Dourados mais uma vez estabeleceram um ritmo ágil para Froggy e os gêmeos – embora Froggy pulasse em direção ao topo mais do que escalasse. Os gêmeos estavam contentes em ser os últimos; teriam a menor responsabilidade caso alguém caísse.

– Me digam como é o castelo! Vai que eu preciso reconstruir alguma coisa no

futuro... – Chapeuzinho gritou para eles.

João estava certo; a escalada do pé de feijão era perigosa. Ele não possuía os galhos robustos de uma árvore, e, assim, as hastes das folhas eram tudo o que os aventureiros tinham para se agarrar e para pisar. Passado algum tempo, os gêmeos sentiram-se gratos por Chapeuzinho ter optado por ficar em terra firme – já era difícil o bastante sem ela.

Eles faziam um ótimo tempo na subida, e João olhou para trás para parabenizar seus companheiros escaladores.

– Vocês estão indo muito bem. Mas, o que quer que façam, não olhem...

– *AHHHHHH!* – gritou Froggy.

– ...para baixo – João concluiu.

– Desculpe, não vou cometer esse erro de novo! – Froggy assegurou, tremendo um pouco enquanto o grupo retomava a subida. Os gêmeos não sabiam a que altitude se achavam nem queriam saber – a ignorância era uma bênção naquele contexto.

Depois de algumas paradas aqui e ali, os escaladores chegaram perto do topo do pé de feijão por volta do meio-dia. Os gêmeos tinham o corpo doído, e torciam para que a viagem de volta fosse mais fácil.

– Esta coisa está ficando cada vez mais difícil de escalar – disse Conner.

– E o fato de o ar ficar cada vez mais rarefeito não ajuda em nada – Alex completou.

– Deveríamos começar a usar calças *fuseau* – comentou Conner. – Nós dois ficaríamos muito bem com elas depois de todo esse exercício.

Tudo ficou nebuloso quando o grupo chegou ao topo. Todos sentiram a umidade fria das nuvens contra a pele, até que finalmente emergiram acima delas. Era como se tivessem vindo à tona em um mundo completamente diferente; por quilômetros e quilômetros, um mar de fofas nuvens os cercava. Eles sentiram-se mais próximos do sol, cujos raios iluminavam esse mundo com perfeição.

– É lindo! – disse Cachinhos Dourados. Os gêmeos nunca a tinham visto tão comovida.

– Extraordinário! – Froggy concordou, quase sem fôlego, tamanha sua emoção. – Eu já tinha lido muitas descrições, mas elas nunca são tão boas quanto ver com os próprios olhos.

O topo do pé de feijão enroscava-se no céu aberto, acima deles. Todos aguardaram instruções.

– Opa! – disse Conner, e apontou ao longe. – Olhem só para aquilo!

Acima do horizonte avistava-se um enorme castelo de aparência medieval. Feito de enormes tijolos de pedra, possuía diversas torres e uma gigantesca porta de madeira.

– É o castelo do gigante? – Alex perguntou.

– Suponho que sim – disse Conner. – A não ser que Mary Poppins tenha se mudado para esta vizinhança.

– Quem? – perguntou Froggy.

– Deixa pra lá – disse Conner.

Com cuidado, João pôs um pé sobre uma das nuvens. O pé afundou, mas finalmente se deteve. João deu o primeiro passo cambaleante, e os demais ficaram sem fôlego.

– Ah, meu Deus! – Alex gritou, e cobriu a boca.

– Nem pensar! – Conner exclamou.

João não cabia em si de alegria por voltar a pisar numa nuvem, mas assumiu uma expressão séria antes de se virar para os outros.

– Desçam do pé de feijão com muito cuidado e pisem na nuvem, mas não ponham o peso sobre elas antes de terem certeza de que pararam de afundar. Sejam gentis. Se vocês se moverem depressa demais, cairão diretamente através da nuvem.

Cachinhos Dourados foi a primeira, seguida por Froggy, e os gêmeos juntaram-se a eles logo depois – era como caminhar sobre uma areia movediça e fofa. A cada passo Alex e Conner aguardavam que os pés finalmente parassem de afundar, sem nunca saber em que ponto parariam, ou se parariam. Às vezes as pernas afundavam até os tornozelos; outras vezes, até os joelhos.

– Esta é a coisa mais bizarra que já fiz! – Conner afirmou. – Ou, pelo menos, está perto do topo da lista.

Os cruzados das nuvens dirigiram-se ao castelo. Para o alívio de todos, avistaram um caminho pedregoso que seguia em curva pelas nuvens até a entrada da construção. Ficaram gratos por caminhar sobre algo sólido de novo e removeram a corda que os mantinha unidos.

– Às vezes eu realmente desejo poder desligar meu cérebro – disse Alex. – Fico tentando descobrir uma teoria que explique como estamos caminhando por uma estrada no céu, mas nada me ocorre.

Conner pigarreou.

– Para citar uma menina que conheço: “A minha análise mais apurada, científica e tecnologicamente, é que isso é pura magia” – disse ele.

Alex deu risada.

– Como você se lembra disso?

– De todas as coisas que você já disse, essa é a minha favorita.

O grupo estava levando muito mais tempo do que havia previsto para chegar ao castelo. Não importava quanto andassem, o castelo não parecia ficar mais perto.

– Ele está se afastando de nós? – Conner perguntou.

– Não – disse João. – Ele só parece se afastar porque é gigantesco.

Depois do que pareceram quilômetros de estrada pedregosa, eles finalmente se

viram cara a cara com o castelo do gigante. Ele seria grande em uma escala normal, porém, parados na frente da porta de madeira, João, Cachinhos Dourados, Froggy e os gêmeos pareciam um bando de camundongos.

– Ele certamente é *bem grande*, mas que *localização*, hein! – Conner disse, e deu uma risadinha consigo mesmo. Ninguém riu com ele: estavam todos pasmos ante a magnitude do castelo.

– Você se lembra do que nos contou sobre sentir-se pequeno, João? – Alex perguntou. – Acho que, se Chapeuzinho visse isso, entenderia o que você estava falando.

– Sou grato por ela não estar aqui – disse Froggy. – Ou ela poderia tentar recriá-lo de alguma forma.

Eles continuaram olhando para cima por mais um minuto, contemplando a imponente estrutura.

– Bem, não podemos ficar aqui plantados o dia inteiro. Vamos entrar – Cachinhos Dourados tomou a iniciativa.

– E como fazemos para entrar? – perguntou Alex.

– Existe alguma campainha que Froggy alcance pulando? – Conner indagou.

– Teremos de rastejar. *Sigam-me* – disse João. Ele se pôs de gatinhas e se espremeu entre a porta e o chão, mal cabendo no espaço. – Isso era mais fácil quando eu era um menino.

Os demais o seguiram por baixo da porta, todos movendo-se desconfortavelmente pelo diminuto espaço. Já do outro lado, puseram-se de pé e viram-se em um *hall* do tamanho de um campo de futebol. Cada pedra que formava o piso era do tamanho de uma piscina. Uma escadaria elevava-se acima deles como uma dúzia de arranha-céus encadeados, cada qual mais alto que o seguinte.

– Que cheiro horrível é esse? – Alex perguntou, cobrindo o nariz com a blusa.

Cachinhos Dourados ouviu um forte *crec!* embaixo da sua bota e olhou para o chão. Espalhados pelo piso havia centenas e centenas de esqueletos de aves; pertenciam a aves de tamanho normal, mas eram grandes mesmo assim – os gêmeos presumiram que eram os restos de falcões e águias. Talvez os pássaros tivessem voado perto demais do castelo e ficado presos em alguma coisa.

– O gigante gostava de aves? – Conner perguntou a João.

– Não que eu me lembre. Vamos andando. Fiquem de olho em algo a que o gigante possa ter dado valor acima de tudo.

João conduziu o grupo à direita, e eles entraram em uma enorme sala de jantar. Sob uma mesa e cadeiras gigantescas havia um tapete que poderia acarpetar uma dúzia de casas comuns. Um grande retrato pendurado na parede os pegou de surpresa: era uma pintura *da harpa mágica*.

– Eu diria que o gigante gostava um bocado da harpa – disse Froggy.

– Sim, ele *com certeza* gostava – acrescentou Cachinhos Dourados, examinando a totalidade da sala. O retrato era apenas uma entre diversas obras de arte inspiradas na harpa mágica. Havia estátuas e esculturas dela em exibição por todo o aposento; pinturas a óleo e a dedo cobriam as paredes. Até o espaldar das cadeiras tinha a silhueta da harpa.

– Será que mais alguém está pensando o que eu estou pensando? – perguntou Conner.

– *Harper* era o bem mais precioso do gigante? – Alex indagou.

Ninguém queria acreditar que eles tinham viajado tanto por nada, mas, conforme olhavam em volta da sala de jantar do gigante e descobriam cada vez mais obras de arte inspiradas na harpa, foi ficando difícil encontrar uma teoria alternativa.

– Sei que ele a amava muito... Só queria ter me lembrado de tudo isso – disse João. – Lembro-me de caminhar através desta mesma sala e de ouvir um *psiu*. Olhei para cima e vi a harpa em cima da mesa. Ela olhou para mim e disse: “Ei, garoto, me tire daqui, por favor. Estou ficando louca de pedra neste lugar”. Eu a levei, e, quando o gigante notou que ela se fora, veio atrás de mim.

– Pelo menos agora sabemos como convencer Chapeuzinho a levar Harper para o castelo – Conner observou. – É só dizer a ela que Harper era a última moda em decoração de gigante. Quem sabe ela será a epítome do *fee fi fo fu feng shui*!

Os gêmeos riram, mas a risada foi cortada por um forte tinido que reverberou na sala.

– O que foi isso? – Cachinhos perguntou.

O tinido soou novamente, porém muito mais alto dessa vez.

– João, você não disse que o gigante estava morto? – perguntou Froggy, ajustando a gravata nervosamente.

– E está – disse João. – E ele não tinha nenhuma família.

Conner voltou-se para a direção de onde eles tinham vindo e ficou completamente imóvel.

– E-e-ei, João – chilreou. – O gigante tinha algum *bichinho de estimação*?

Todos se viraram e congelaram. Bem atrás deles havia um gato do tamanho de uma casa.

– Miau! – fez o gato, tão alto que todos tiveram de tapar os ouvidos. O bichano era obeso, com pelo cinzento, listras pretas e patas brancas. Ele piscou lentamente os grandes olhos verdes e os fitou de um modo sedutoramente letal. Havia uma fita vermelha em seu pescoço, e, pendurado nela, um guizo do tamanho de uma cabeça.

– Acho que agora sabemos de onde vieram todos aqueles esqueletos de aves – Alex disse baixinho.

Um som grave e alto tomou a sala quando o gato começou a ronronar. Ele lambeu os lábios, seus olhos cresceram, e suas pupilas longilíneas encolheram. Cachinhos

Dourados sacou a espada, e João pegou o machado.

– Ninguém se mexe – disse João. – Quando eu disser *três*, vamos todos correr para baixo da mesa e nos separar para tentar confundi-lo. Prontos? Um... dois... *três*!

Os cinco mergulharam para baixo da mesa e se separaram. O gato pulou no encalço deles, tentando agarrar quantos pudesse. Eles correram desordenadamente sob a mesa e as cadeiras, esquivando-se das garras que vinham de todas as direções.

– É por isso que eu prefiro cachorros! – gritou Conner.

O gato estava tão excitado que não sabia por quem começar. Por fim ficou mais fascinado por Froggy, que, entre todos, era o que mais se parecia com um brinquedo gigante de gato. O homem-sapo pulou de um lado a outro como um maníaco, escapando por pouco das garras e dos dentes ameaçadores do bichano.

– Alguém me ajude! – gritou Froggy.

João agarrou a cauda do gato – os gêmeos não sabiam o que ele esperava conseguir com isso, porque imediatamente saiu voando pelo ar, rodopiando, agarrando-se desesperadamente pela própria vida. A barriga do gato balançou quase tão perigosamente quanto suas garras e derrubou os gêmeos ao passar por eles.

Cachinhos Dourados avistou uma grande faca sobre a mesa. Ela escalou a perna de uma cadeira, pulou do assento e agarrou-se ao tampo. Então içou-se para cima da mesa e correu até a grande faca – mas era pesada demais.

O gato sacudiu a cauda violentamente, e João foi lançado ao outro lado da sala. Froggy gritava como nunca os gêmeos o tinham ouvido gritar. Ele não havia sido ferido, mas suas roupas estavam retalhadas. O gato encurralou Froggy e se agachou, pronto para saltar.

– O sapo, não! O sapo, não! – Froggy tentou persuadir o felino gigante. – O meu gosto é ruim, confie em mim!

Cachinhos Dourados assobiou de cima da mesa.

– Aqui, gatinho, gatinho! – gritou. Ela conseguira virar a faca de lado e refletia luz ao outro lado da sala. O gato deixou Froggy e começou a perseguir o reflexo.

Alex e Conner se ajudaram a pôr-se de pé.

– Você está bem? – ele perguntou.

– Sim, vou ficar bem – ela disse.

– Alex! Conner! Charlie! Tenho um plano e vou precisar de uma mãozinha! – João gritou. Ele se encontrava na frente de um armário do gigante. – Vamos abrir isto e prender o gato dentro!

Os gêmeos correram até lá e o ajudaram a abrir as portas do grande armário.

– O que vou fazer? – perguntou Froggy, completamente sem fôlego.

– Plante-se na frente do armário – disse João. – Quando o gato avançar para matá-lo, pule fora do caminho!

– Ah, graças aos céus – disse Froggy ironicamente. – Por um minuto pensei que isso seria *perigoso*!

O gato rapidamente se cansou de perseguir o reflexo. Olhou para cima e viu Cachinhos Dourados na mesa – agora era ela que o felino queria.

– Ah, não – disse Cachinhos a si mesma. O gato correu em sua direção, pulando para cima do tampo de um salto. Cachinhos Dourados mergulhou embaixo da toalha da mesa e começou a se mover de um lado a outro como um bicho sob um tapete, o que deixou o gato maluco.

– Miau – ele gemeu enquanto tentava agarrá-la por cima da toalha. – Miau.

– Ei, bigodes! – Froggy gritou. – Está a fim de umas pernas de rã? – Ele executou alguns passos de dança humilhantes para atrair a atenção do gato.

– Miau? – o gato ponderou. – Miau – ele decidiu, e pulou da mesa na direção do sapo.

– Agora, Charlie! – bradou João.

Horrorizados, os gêmeos assistiram a tudo como se estivesse acontecendo em câmara lenta. O gato disparara contra Froggy, pronto para cravar as presas e garras nele. Porém o homem-sapo pulou fora do caminho do bichano no último segundo, evitando por muito pouco as garras distendidas. O gato bateu violentamente no fundo do armário, e João e os gêmeos fecharam as portas. Froggy uniu-se aos três, e, juntos, lutaram contra o gato, tentando mantê-lo do lado de dentro.

Um gemido forte veio do alto da mesa; Cachinhos Dourados empurrou uma colher gigante para além da beirada, e o objeto caiu no chão com um ruído surdo. Cachinhos usou o pé da mesa como um poste de corpo de bombeiros para chegar ao chão. Os gêmeos correram para ela e a ajudaram a carregar a colher até o armário. Os cinco enfiaram a colher entre os puxadores, e o gato foi preso – *provisoriamente*.

– *Grraaaaaur!* – ele rosnou enfurecidamente no armário. – *Grraaaaaur!*

– Vamos dar o fora daqui! – João ordenou. – A colher não vai segurá-lo lá dentro por muito tempo!

Os cinco dispararam como loucos de volta ao *hall* de entrada. O gato se chocava violentamente contra as portas do armário, entortando ligeiramente a colher a cada empurrão.

João e Cachinhos correram até a porta a toda velocidade, atirando-se ao chão em perfeita sincronia e deslizando por baixo dela. Conner tentou copiá-los, porém só conseguiu tropeçar e teve de passar por baixo da porta do jeito trivial, com a irmã e Froggy.

Uma vez do lado de fora, os cinco dispararam pelo caminho pedregoso.

– O gato não vai nos seguir do lado de fora, vai? – Conner perguntou aos outros enquanto corriam.

Todos olharam para trás, rezando para não ver o gato emergindo do castelo. O que

eles não tinham notado até então era uma gigantesca portinhola para gato recortada na porta do castelo – e um gato furioso com a cabeça enfiada nela.

– Essa não! – Conner gritou.

O gato se lançou no encalço dos invasores como um torpedo gordo e peludo. Felizmente, seu peso o desacelerou, e ele precisou de algum tempo para alcançá-los.

O caminho pedregoso terminou, e o grupo de cinco seguiu cautelosamente – quase letargicamente – pelas nuvens. O gato receou pisar nelas, mas estava determinado demais para parar agora. Por sorte, caminhar sobre as nuvens era tão problemático para ele quanto para os cinco; ainda assim o bichano tentava alcançar quem estivesse mais perto.

– Temos de descer! – gritou Cachinhos Dourados. – Todo mundo rastejando pelo resto do caminho até o pé de feijão!

Todos agacharam e foram encobertos pelas nuvens. Não podiam ver para onde rastejavam – mas o gato também não os via. Ele tentou tirá-los aos golpes, jogando para o ar grandes pedaços de nuvem, contudo não encontrou ninguém.

Um por um, João, Cachinhos Dourados, Froggy e os gêmeos encontraram o pé de feijão e começaram a descida de volta ao chão. Nem mesmo se preocuparam com cordas dessa vez – na verdade, praticamente se jogavam pé de feijão abaixo. Pulando de folha em folha eles chegavam cada vez mais perto do solo.

– O gato não vai nos seguir até lá embaixo, vai? – Conner perguntou, e, no mesmo instante, o gato enfiou a enorme cabeça através das nuvens acima.

– Miau! – disse o felino, encantado por finalmente encontrá-los.

– DEUS, EU ODEIO ESSE GATO DESGRAÇADO! – berrou Conner.

O gato agora descia o pé de feijão – parecia um elefante descendo por uma corda esticada. Receoso da altura, movia-se em um ritmo preguiçosamente cauteloso. Claramente ele não tinha pensado muito em seu plano.

Cachinhos Dourados começou a cortar as folhas do pé de feijão pelas quais eles já tinham passado, tornando a perseguição mais difícil para o gato.

– Que diabos...? – uma voz gritou para os cinco lá de baixo. Chapeuzinho observava enquanto seus amigos eram perseguidos por um gato enorme. – Estou realmente vendo isso ou bati a cabeça quando aterricamos?

– Você está realmente vendo isso, minha querida! – gritou Froggy.

Clawdius também estava ficando maluco. Ele latia para o gato colossal no céu e lutava contra a cordinha que o prendia. O lobinho deixou o enorme gato muito nervoso, que paralisou no pé de feijão.

– Chapeuzinho! Você precisa derrubar o pé de feijão! – gritou João.

– Como disse? – perguntou Chapeuzinho.

– Você precisa derrubá-lo antes que o gato chegue ao chão! Deve haver um machado na minha cabana. Pegue-o e comece a cortar!

Chapeuzinho olhou em volta à procura de alguém que pudesse fazer isso por ela, mas não havia ninguém.

– Chapeuzinho, precisamos de você! – disse Alex.

Chapeuzinho reuniu toda a determinação que possuía.

– Vou fazer isso! – gritou. Ela correu até a cabana, porém voltou rapidamente um momento depois. – Espere: qual é o machado mesmo?

Cachinhos Dourados bateu a mão aberta na testa.

– Aquele que se parece com este! – disse João, erguendo o seu próprio.

– Entendi! – disse Chapeuzinho, e correu de novo para a cabana. Retornou arrastando um grande machado, que parecia pesar mais do que ela própria.

– Agora derrube o pé de feijão! – gritou João.

Chapeuzinho balançou a cabeça, ergueu o machado – o que exigiu toda a força que tinha –, tomou impulso e desfechou um golpe na direção da planta descomunal. No entanto, errou por vários centímetros, e o impulso a fez girar e cair no chão.

– Vamos, Chapeuzinho! Você consegue! – Alex incentivou.

– Nós acreditamos em você, querida! – gritou Froggy.

Chapeuzinho olhou para seu reflexo no machado e ajeitou um cacho que saíra do lugar. Então desferiu outro golpe e dessa vez atingiu o pé de feijão, porém não provocou mais do que um minúsculo talho no caule.

– Eu acertei! Eu acertei! – disse Chapeuzinho, dando pulinhos de orgulho.

– Você vai precisar acertar com mil vezes mais força do que isso! – Cachinhos Dourados gritou.

O gato se agitou ao ver os cinco chegando mais e mais perto do chão. Ele retomou a descida, movendo-se mais rápido do que nunca, os olhos verdes e brilhantes fixos nas potenciais presas. Chapeuzinho desferiu outro golpe, deixando uma marca pouca coisa maior do que a anterior.

– Eu não consigo! – ela disse entre fungadelas.

– Você consegue, Chapeuzinho! Faça isso pelo seu país! Faça isso pela sua vovozinha! Faça isso por mim! – encorajou-a Froggy.

– FAÇA DE CONTA QUE O PÉ DE FEIJÃO É A CACHINHOS DOURADOS! – Conner bradou.

Todos no pé de feijão ficaram paralisados e se viraram para Conner.

Chapeuzinho olhou para o machado mais determinada do que nunca – Conner matara a charada. Com um único e confiante golpe, cuja força foi praticamente inumana, a rainha decepou toda a base do pé de feijão.

Os cinco ficaram chocados, mas não tanto quanto a própria Chapeuzinho. Até o gato pareceu surpreso.

O pé de feijão começou a oscilar.

– Todo mundo para este lado do pé de feijão! – gritou João, e todos foram para o

lado do caule que não iria atingir o solo.

O pé de feijão começou a cair lentamente... então mais depressa, e mais depressa, e mais depressa... O gato, no entanto, ainda não estava pronto para dar sua missão por encerrada. Ele cravou uma pata dianteira na planta e uma pata traseira nas nuvens acima, segurando o pé de feijão no lugar.

– E agora? – gritou Alex.

Clawdius arrebentou a cordinha que o prendia ao convés do *Vovozinha*, correu até a base do pé de feijão e começou a latir para o gato gigantesco pendurado no céu.

– Grrraaaaaur! – berrou o gato, apavorado. Com um salto enorme ele soltou o pé de feijão e desapareceu no mundo das nuvens acima.

– Madeeeeeiraaaaaaa! – gritou João.

O pé de feijão desabou tal qual um chicote gigante. Ele colidiu com a mansão, partindo-a ao meio como uma faca a um bolo de aniversário.

João, Cachinhos Dourados, Froggy e os gêmeos olharam uns para os outros – estavam surpresos por terem sobrevivido à provação. Houve um momento de silêncio antes de eles ouvirem um grito de gelar o sangue. Todos olharam na direção da mansão – por poucos centímetros, o pé de feijão não acertara a harpa.

– Esta é a segunda vez que eu quase morro hoje, e ainda não é nem lusco-fusco! – ela gritou.

O grupo desceu do pé de feijão e sacudiu a poeira do corpo. Froggy deu um enorme abraço em Chapeuzinho.

– Você salvou nossa vida! – disse ele, girando-a no ar.

Cachinhos Dourados evitou olhar nos olhos de Chapeuzinho.

– Mandou bem – falou relutantemente, afastando-se depressa.

Os gêmeos deitaram-se na grama e recuperaram o fôlego. As nuvens começaram a se afastar, agora que o pé de feijão se fora, revelando um lindo céu azul.

– Eu *nunca mais* quero fazer isso – disse Conner.

– *Nunca mais* – Alex concordou.

João andou até a mansão recém-destruída.

– Ei, Harper – disse com uma hesitação envergonhada na voz. – Tenho uma boa e uma má notícia. A boa é que você ainda está inteira! A má é que você vem com a gente.



CAPÍTULO 20

O reflexo

– Deixem-me entender direito – disse a harpa mágica. – Vocês estão em uma *missão* para reunir os bens mais preciosos das pessoas mais odiadas do mundo a fim de construir uma poderosa *varinha mágica* que, assim esperam, vá derrubar a Feiticeira? E por acaso um desses bens sou *eu*?

Conner encolheu os ombros.

– É isso aí – disse ele. – Embora soe pouco convincente quando dito desse jeito.

Foram necessários os esforços de João, Froggy e Conner para carregar a harpa de ouro maciço ao convés inferior do *Vovozinha*. Depois que a puseram lá, os homens, junto com as mulheres do navio, cercaram a harpa e lhe contaram tudo sobre a missão e sua recém-descoberta relevância para ela.

– Eu não entendo. Como posso ser parte daquela varinha? – a harpa perguntou e fez um gesto para o cetro de gelo que Cachinhos Dourados lhe mostrara momentos antes.

Froggy teve de concordar com ela:

– Eu também não vejo como você se encaixa nisso. Você é muito grande para ser parte de uma varinha.

– O quê?! – a harpa disparou.

– Peço desculpas – disse Froggy. – Eu só quis dizer que tudo o mais são pequenos itens materiais. Nós ainda não temos... bem, o que quer que você seja.

– O que quer que eu seja?! – a harpa berrou. – Essa é boa, ainda mais vinda de um *homem-sapo gigante*!

Froggy deu um passo para trás e retirou-se da conversa completamente.

– E se nós cortarmos um dos dedos dela ou coisa assim? – Conner sugeriu.

– O quê?! – gritou a harpa.

– Conner, isso é selvageria! – disse Alex, e bateu no ombro dele. – Por que você diria uma coisa dessas?

– Foi só uma ideia – disse ele.

– Mas o que aconteceria se ela entrasse em contato com a varinha? – perguntou Cachinhos Dourados. – Ela encolheria? A varinha se fundiria com ela de algum modo? Ela morreria?

A harpa ficou ensandecida e tentou desesperadamente pular para fora do navio, mas era pesada demais para se erguer sozinha.

– Harper, acalme-se – João falou ao instrumento excessivamente agitado. – Ninguém vai machucá-la.

– Mas eu ainda sou uma prisioneira, não sou? – disse a harpa. Suas cordas tocaram os primeiros acordes de uma balada dramática.

*Logo depois que por fim me entusiasmei,
O mundo cruel me enganou e abandonou;
Sem esperança agora de liberdade,
Nem estrela para pedir felicidade,
Nascida para ser cativa até morrer,
E não há mais ninguém para me socorrer...*

– Já basta, Harper – disse Cachinhos Dourados. – Você não é nossa prisioneira. Só vamos mantê-la por perto por algum tempo até decidirmos o que fazer. Então você será livre para viver sua excitante vida de ver a grama crescer e entreter as pessoas contra a vontade delas.

A harpa apertou os olhos para Cachinhos, ergueu uma sobrancelha de ouro e disse:

– Então *é você* a garota com quem João fugiu, hein? Não admira que ele não possa ser visto em público com você; eu também não quereria.

Os dois gêmeos soltaram *ooohs*. João e Froggy tiveram de segurar Cachinhos. Uma risada esganiçada irrompeu da boca de Chapeuzinho, que deu um tapa na própria coxa.

– Se querem saber, acho que ter Harper no castelo não vai ser uma coisa tão ruim, afinal – disse ela.

Ao anoitecer daquele dia, os tripulantes acenderam a chama do *Vovozinha* e rumaram para nordeste. A próxima parada seria nas ruínas do velho castelo abandonado para buscar o Espelho Mágico da Rainha Diabólica. Alex e Conner dormiram durante a maior parte do trajeto – a jornada para cima e para baixo do pé de feijão cobrara seu tributo, e, de tão cansados, os gêmeos conseguiram dormir mesmo com Chapeuzinho falando enquanto dormia e com as canções de autocomiseração da harpa.

No dia seguinte, os gêmeos acordaram logo antes do nascer do sol. Quando

subiram ao convés superior, Chapeuzinho já estava lá. Ela embalava Clawdus novamente, e o lobinho dormia profundamente em seus braços.

– Reconciliados? – perguntou Conner, e ela assentiu alegremente.

– Pensei muito comigo mesma – Chapeuzinho explicou. – Se não fosse por Clawdus, um gato gigante e comedor de gente estaria causando grandes estragos no meu reino agora mesmo. Ele não é um assassino, afinal! Pelo contrário: ele é um salvador!

– Então o fato dele ser um lobo não a incomoda mais? – perguntou Alex. Ela ainda não falava “chapeuzinês” fluentemente.

– Nem um pouco. Que tipo de mãe eu seria se deixasse uma coisa boba como espécie ficar no caminho do amor? Afinal de contas eu namoro um sapo gigante! Simplesmente vou criar Clawdus para ser um animal afetuoso e compassivo. Se nunca um lobo foi capaz de possuir essas qualidades antes, então Clawdus será o primeiro. Mas, se ele tentar me comer, a mamãe vai ganhar um casaco novo.

Eles anuíram com falsos sorrisos e a deixaram com seu bichinho de estimação.

Os gêmeos foram até a frente do navio e olharam para a terra abaixo – e o que viram os deixou horrorizados. Todo o Reino do Leste havia sido devorado por espinheiros e trepadeiras. As plantas se enrolavam em volta de cada edifício. Embora aquilo lhes tivesse sido dito inúmeras vezes, Alex e Conner jamais poderiam ter imaginado o que viam agora.

– É bem como disse a raposa, na Floresta dos Anões – Alex falou. – O reino inteiro está coberto!

– Acho que até agora não tinha me dado conta de quão poderosa é a Feiticeira – disse Conner, engolindo em seco. – Isso realmente aumenta os riscos, não é?

Os espinheiros e as trepadeiras diminuía à medida que o *Vovozinha* avançava para o nordeste. O terreno infestado foi substituído pelas terras secas e desertas pelas quais a região era conhecida, e logo as ruínas do velho castelo abandonado puderam ser avistadas.

O que antes fora uma estrutura imponente era agora apenas uma enorme pilha de tijolos de pedra e pedaços de madeira.

João, Cachinhos Dourados, Froggy e Chapeuzinho juntaram-se aos gêmeos na proa do navio e estremeceram. Era como ver os restos de um grande monstro que eles próprios haviam matado; entretanto, em vez de uma carcaça, eles tinham a sensação de estar se aproximando de um corpo adormecido. Alguma coisa no castelo parecia muito viva.

O *Vovozinha* pousou gentilmente ao lado do fosso.

– Quanto do espelho precisamos recolher? – Conner perguntou aos outros. – Precisamos apenas de um pedaço ou da coisa inteira?

– Vai levar um tempão para recolher cada pedaço, se for este o caso – respondeu

Alex.

Cachinhos Dourados retirou a varinha de debaixo de seu catre, guardada ali por segurança.

– Vamos levá-la conosco – disse ela.

Os seis viajantes saíram do *Vovozinha* e dirigiram-se ao castelo destruído.

– A Feiticeira já morou aqui – disse Alex. – Vocês não acham que alguma parte dela perdurou, acham?

Conner olhou para a terra morta que os cercava.

– Não acho que nenhuma vida tenha sobrevivido por aqui – ele falou. – Só estamos amedrontados por causa do que aconteceu um ano atrás. Não existe nada naquele monte de lixo, exceto entulho de castelo destruído.

Um a um, Froggy ajudou os demais a atravessar o fosso. Uma vez do outro lado eles pararam e olharam com desânimo para os escombros.

– Como vamos entrar? – perguntou Conner.

Ninguém tinha uma resposta. Aparentemente não existia um meio prático de adentrar as ruínas. Eles contornaram os escombros por alguns minutos, à procura de uma entrada.

– Aqui! – gritou Chapeuzinho. – Encontrei um jeito de entrar. – Os outros correram até a rainha, que apontou para uma pequena abertura entre dois blocos de pedra a qual levava mais para o fundo das ruínas.

Froggy tentou rastejar pelo buraco.

– Não passaremos por ele – disse ele. – É muito estreito.

– Os gêmeos passam – disse Cachinhos Dourados.

– Você quer que entremos sozinhos? – Alex perguntou.

– Pode ser o único jeito – disse João, olhando para os escombros em volta. – Não vejo outra saída.

Os gêmeos trocaram uma olhadela ansiosa. Cachinhos pôs as mãos sobre os ombros de ambos.

– Nós não estaríamos aqui se não fosse por vocês dois – disse ela. – Vocês mesmos disseram: não há nada aqui com o que se preocupar. Entrem e tentem recolher o máximo de pedaços do Espelho Mágico. Estaremos aqui fora. Levem isto com vocês.

Cachinhos Dourados entregou a varinha a Conner. Ele a pendurou numa alça do cinto que prendia o seu jeans.

– Estamos contando com vocês – disse Chapeuzinho, recebendo olhares de reprovação. – Quero dizer... vocês podem fazer isso!

– Tenham cuidado, crianças – disse Froggy. – Tentem não tirar nada do lugar enquanto estiverem lá dentro. As pedras se assentaram, e vocês não vão querer que elas desmoronem mais.

Froggy pareceu tão preocupado que os gêmeos nem sequer se importaram por ele tê-los chamado de crianças. Alex e Conner subiram até a abertura e se espremeram entre as pedras, raspando os flancos ao fazê-lo. O interior era como um percurso de obstáculos feito de escombros. Os dois passaram cuidadosamente por cima, por baixo e por dentro de pedaços quebrados de madeira e de pedra. Em qualquer lugar para o qual olhavam havia um pedaço do castelo que despertava uma lembrança não muito feliz de sua última visita: uma viga de madeira, uma porta de cela, um corrimão de escada, uma eventual cadeira ou mesa esmagada.

Eles se aprofundaram nos destroços intermináveis e logo chegaram a um grande espaço livre. Presumiram ter chegado ao que antes era o grande vestíbulo do castelo – o lugar onde viram o Espelho Mágico ser despedaçado.

– Alex, este lugar inteiro está coberto de vidro – disse Conner. – Como vamos saber quais pedaços vieram do quê?

Ao redor, eles só viam cacos espalhados pelo chão e por todos os montes de entulho. Alguns fragmentos eram maiores que os outros, e os gêmeos podiam ver seu reflexo neles, porém era impossível determinar quais pertenciam ao Espelho Mágico e quais pertenciam a janelas ou a alguma outra coisa.

– Olhe! – disse Alex e catou um pedaço pequeno. – É parte do Espelho da Verdade. – Ela olhou entusiasmadamente para dentro do fragmento, e o pequeno reflexo se transformou – aquela Alex usava um longo vestido dourado e tinha um par de enormes e brilhantes asas nas costas.

– Deixe-me ver – disse Conner e olhou para dentro do pedacinho de vidro na mão da irmã. Seu reflexo também mudou – o Conner do espelho vestia um conjunto dourado e tinha um gigantesco par de asas brilhantes.

Conner pôs a língua para fora.

– Que horror, tire essa coisa da minha frente!

Alex colocou o vidro no bolso. Imaginou que nos próximos dias poderia precisar de um lembrete de quem ela era.

– Como vamos selecionar o que precisamos no meio disso tudo? – perguntou Alex.

Conner tirou a varinha mágica do cinto. Ergueu-a, e pequenos sons rascantes vieram de todos os lados dos destroços. Pouco a pouco pedaços de vidro se aproximaram da varinha, puxados magneticamente por uma força mágica.

– Eu acho que tenho uma ideia – disse Conner. Ele colocou a varinha no centro do piso e rapidamente puxou Alex para trás de um grande pedaço de madeira. Os dois observaram enquanto pedacinhos minúsculos de vidro voaram de todos os lados das ruínas e se juntaram à varinha. Ela parecia coberta de lantejoulas prateadas.

– Incrível! – disse Conner, indo pegar a varinha. – Ela quase parece futurística, não é?

De repente os gêmeos foram tomados por uma sensação inquietante. Os dois a sentiram ao mesmo tempo e, sabendo disso, viraram-se um para o outro.

– Conner, você está sentindo isso?

– Sim, o que está acontecendo?

– Sinto que alguém está nos observando.

Conner olhou para o entulho em volta.

– Como poderia haver alguma coisa aqui além de nós? – ele perguntou.

Algo começou a se mover ao redor deles, por entre as pilhas de entulho. Os dois captaram a coisa com o canto dos olhos, mas ela desapareceu antes que pudessem olhá-la diretamente.

– Conner! Olhe para o espelho! – Alex arquejou.

Deslizando graciosamente nos fragmentos de vidro maiores que circundavam os irmãos havia o reflexo de uma mulher jovem. Era bonita, usava um longo vestido branco e tinha cabelos compridos, negros e brilhantes. A imagem os rodeava jocosamente, dando risadinhas consigo mesma. Alex e Conner sentiram como se estivessem em um aquário invertido, onde *eles* eram a atração.

– Olá – disse o reflexo, e sorriu. A voz da mulher era suave, convidativa e ecoava de cada pedaço de espelho através do qual a figura se movia. – Quem são vocês?

Havia nela algo de incrivelmente familiar. Os gêmeos estavam certos de já a terem visto antes.

– Eu sou Alex, e este é meu irmão, Conner. – Alex deu um passo mais para perto do reflexo, que disparou para o outro lado e apareceu no vidro atrás dos irmãos.

– Que nomes engraçados – disse o reflexo. – Vocês viram *Mira*?

Conner agarrou o braço de Alex.

– Ah, meu Deus! Alex, é...

– Ele está sempre se escondendo de mim! – disse o reflexo, e rodopiou dentro dos pedaços de espelho. – Mira? Ei, Miiiiiiiiira?! Onde está você?

A mulher parou em um grande caco de vidro, e Alex chegou mais perto.

– Evly? É você? – ela perguntou ao reflexo, que a encarou instantaneamente ao som do seu nome.

– Como você sabe o meu nome? – Evly perguntou, com um grande e curioso sorriso. – Já nos encontramos antes? – Então sua expressão curiosa se apagou, e ela começou a reconhecê-los também.

– Sim, já nos encontramos – disse Conner. – No ano passado, neste castelo.

Alex olhou para os destroços, e veio-lhe um pensamento horrível.

– Você ficou presa no espelho esse tempo todo, não ficou? – ela perguntou.

– Você viu Mira? – Evly indagou, como se não tivesse ouvido Alex. – Não consigo encontrá-lo em lugar nenhum.

Alex sentiu o coração afundar.

– Ela foi presa, e isso está começando a afetá-la, exatamente como afetou Mira – sussurrou para o irmão.

– Miiiiiiiira? Onde está você? – Evly chamou musicalmente, flutuando através dos espelhos.

– Mira está morto, Evly – disse Alex. – Você não se lembra? Você tentou livrá-lo com o Feitiço do Desejo, mas era tarde demais.

Evly simplesmente fixou o olhar em Alex, como se estivesse decidindo se acreditava nela ou não. Então começou a circular os gêmeos mais freneticamente.

– Mira? Não tem mais graça. Por favor, saia agora – Evly pediu, a voz ficando mais desesperada a cada segundo. – Onde você está?

Para os gêmeos era difícil ver aquilo. Evly não estava apenas em negação; ela estava amaldiçoada.

– Evly, você se lembra de alguma coisa do que aconteceu com você? – perguntou Alex. – Você se lembra do Espelho Mágico? Você se lembra da Branca de Neve? Você se lembra de ser *a Rainha Diabólica*?

Os olhos de Evly se arregalaram, e ela engasgou ao som de seu velho apelido.

– Eu... eu... – gaguejou. À medida que as lembranças do que ela fora e do que fizera reemergiam em sua mente, seu reflexo gradualmente envelheceu e se transformou no da rainha que os gêmeos haviam conhecido.

– Eu me lembro... – disse a Rainha Diabólica, os olhos enchendo-se de lágrimas. – Eu me lembro de tudo... Ah, não, o que foi que fiz? Como vim parar aqui?

– Nós tentamos avisá-la, mas você não quis nos ouvir – disse Conner. – O espelho caiu em cima de você, e você desapareceu. Não havia nada que pudéssemos fazer.

Lágrimas rolaram pelo rosto da Rainha Diabólica enquanto sua mente se enchia com mais lembranças de sua vida cruel.

– Eu era um monstro – ela soluçou. A Rainha Diabólica desmoronou de aflição e dor, e seu reflexo surgiu em alguns pedaços de espelho próximos. – Eu envenenei minha própria filha... prejudiquei pessoas inocentes... raptei crianças.

Alex se ajoelhou perto dela. Desejou poder alcançá-la através do vidro para consolá-la.

– Mas não foi sua culpa – disse. – Você teve seu coração removido e transformado em pedra, está lembrada? Você não sabia o que estava fazendo.

A Rainha Diabólica assentiu com a cabeça.

– Era tão grande a minha dor... Eu não sabia mais o que fazer – disse ela. – A dor o enlouquece se for forte o bastante; ela o transforma em algo que você não é; ela o torna diabólico.

– Nós sabemos – disse Alex. – Mas tudo isso é passado.

– Vocês precisam me perdoar, crianças – implorou a Rainha Diabólica. – Perdão é

o que todos nós precisamos para esquecer o passado, ainda que não o mereçamos.

Alex e Conner balançaram positivamente a cabeça para ela, dispostos a fazer qualquer coisa para lhe proporcionar algum consolo.

– É claro – Alex falou. – Nós a perdoamos.

A Rainha Diabólica sorriu para os dois por trás de suas lágrimas de vergonha.

– Obrigada – disse. – Receio que jamais perdoarei a mim mesma, no entanto. Passei a vida inteira tentando livrar Mira de sua prisão e agora estou condenada a passar a eternidade aqui dentro, sem ele. Eu não seria capaz de pensar em um castigo pior.

– Nós podemos tentar livrá-la se você quiser – disse Conner. – Estamos construindo uma varinha mágica... uma varinha mágica poderosa. Talvez possamos usá-la para tirar você daí.

A Rainha Diabólica enxugou as lágrimas e negou com a cabeça.

– Não, deixem-me assim – disse ela. – Eu mereço este destino... Eu mereço estar aqui dentro...

Sua cabeça se inclinou, e ela olhou para os gêmeos como se alguém estivesse sussurrando algo sobre eles em seu ouvido.

– Vocês estão em uma missão, não estão?

– Sim, como você sabia? – perguntou Alex.

– Posso ver muitas coisas aqui de dentro. Posso refletir sobre o mundo de modos que nunca pude antes. Vejo um grande navio do lado de fora das ruínas deste castelo... Vejo um reino aprisionado por plantas... Vejo todo um mundo com medo... Vejo... *Eu vejo Ezmia!* – A Rainha Diabólica estremeceu ao pensar na antiga mestra. – Mas como pode ser? Pensei que ela estivesse morta.

– Você não a matou – disse Alex, lamentando ser ela a lhe dar a notícia.

– E agora ela está se apoderando do mundo – Conner completou.

A Rainha Diabólica cobriu a boca.

– Ah, não. Eu criei o mais forte veneno que pude. Ele exterminou a vida do lado de fora do castelo por quilômetros... mas evidentemente não foi forte o bastante.

Conner ajoelhou-se ao lado da irmã.

– Estamos tentando detê-la. E, para isso, precisamos saber qual é o bem mais precioso dela. Por acaso você sabe o que poderia ser?

O reflexo pensou naquilo.

– O bem mais precioso de Ezmia sempre foi ela mesma, e eu não preciso de intuição mágica para saber disso.

– Puxa – disse Conner. – Isso vai ser difícil de conseguir.

A Rainha Diabólica ficou muito quieta conforme mais uma percepção perturbadora lhe vinha à mente.

– Alguém está seguindo vocês...

- Aqui dentro? – perguntou Conner.
- Não, pela terra, enquanto vocês viajam.
- Quem? A Feiticeira? – Alex indagou.

A Rainha Diabólica olhou ao longe como se tentasse enxergar algo muito distante.

- Não, não é uma pessoa, nem uma coisa, mas uma entidade.

– O fantasma! – disse Conner. – Estávamos nos perguntando qual é a dele! Você pode nos dizer quem é?

- Eles a chamam de Dama do Leste.

Os gêmeos ficaram pasmos ao saber o nome do fantasma. Eles tentaram lembrar se já tinham ouvido falar da Dama do Leste.

– O Leste! – disse Conner. – Todas as vezes em que a vi, ela apontou para o leste! Era isso que ela estava apontando na minha janela, no castelo de Chapeuzinho! E foi a direção que ela apontou no navio!

– Vocês têm de partir agora – disse a Rainha Diabólica. – A Feiticeira fica mais forte enquanto conversamos. Ela planeja atacar de novo e muito em breve. Vocês precisam se apressar se querem derrotá-la!

– Mas... – começou Alex, porém o reflexo da Rainha Diabólica voltou as costas para eles.

– Receio não poder ajudá-los mais, crianças – disse a Rainha Diabólica. – Sinto que estou desaparecendo a cada segundo que passa...

– Espere! Por favor, você precisa nos contar mais! Quem é a Dama do Leste e por que ela está nos seguindo? – Alex implorou.

– Onde Ezmia vai atacar a seguir? – perguntou Conner, mas a Rainha Diabólica os ignorou. – Alô? Você pode nos ouvir?

A Rainha Diabólica voltou-se para os irmãos, porém seu reflexo havia se transformado novamente no de uma alegre e sorridente Evly.

– Algum de vocês viu Mira? – perguntou ela, com uma risada. – Não consigo encontrá-lo em lugar algum!

Alex e Conner suspiraram, sem esperança. Eles sabiam que haviam obtido toda a informação possível do reflexo. Não queriam deixar Evly lá, mas tinham consciência de que não demoraria para que o Espelho Mágico levasse sua alma completamente, como levara a de Mira.

– Adeus, Evly – Alex disse tristemente. Os gêmeos se dirigiram para fora das ruínas do castelo, enquanto Evly continuava sua interminável busca pelo amor havia muito perdido:

- Mira? Ei, Miiiiiiiiira?! Aonde você foi?



CAPÍTULO 21

A bruxa do mar

Os outros se entusiasmaram com o retorno triunfante dos gêmeos.

– Muito bom! – disse Froggy, e deu-lhes palmadinhas nas costas, com um sorriso aliviado.

– Nós sabíamos que vocês conseguiriam – disse Cachinhos Dourados, piscando para os dois.

Chapeuzinho tomou a varinha de Conner – estava hipnotizada pelo objeto.

– É tão brilhante! – disse ela, embora os gêmeos não soubessem se estava impressionada pelo feito tanto quanto pelo fato de que eles haviam retornado com *mais* uma coisa na qual ela podia se ver.

– Deu tudo certo lá dentro? – João perguntou. Alex e Conner se entreolharam e silenciaram. Depois de alguns segundos, Conner falou:

– Não exatamente. Nós vimos a Rainha Diabólica.

– Ela ficou presa no Espelho Mágico desde que usou o Feitiço do Desejo – disse Alex.

Todos ficaram tão chocados quanto os gêmeos haviam ficado.

– Que horrível! – Cachinhos Dourados falou a si mesma.

– Não há esperança de tirá-la de lá agora, imagino – disse João.

Conner balançou negativamente a cabeça.

– Ela não quer ser salva. Acha que merece estar lá dentro. Seja como for, não resta muito dela para salvar.

– Bem, falando como uma das vítimas que ela raptou e quase entregou aos lobos, não tenho muita certeza se sinto pena dela – Chapeuzinho confessou.

– Há mais notícias ruins – disse Alex. – Nós perguntamos a ela sobre a Feiticeira... Ela provavelmente a conheceu melhor do que qualquer um.

– E o que ela disse? – Froggy perguntou, e todos eles se inclinaram mais para perto, a fim de ouvir a resposta.

– Ela disse que o bem mais precioso de Ezmia é *ela mesma* – Alex falou.

João, Cachinhos Dourados e Froggy se entreolharam com a mesma expressão exasperada.

– Isso não faz nenhum sentido – Froggy contestou. – Como coisas vivas podem fazer parte da varinha? Eu entendo que a harpa possa ser considerada um item precioso, mas a própria Feiticeira, não!

Chapeuzinho apertou os lábios e soltou um prolongado *hummm* enquanto pensava no assunto.

– Acho que a Rainha Diabólica está enganada. Tenho experiência nessa coisa de amar a si mesmo, mas essa autoadmiração vem de algo. Por exemplo, se você tirar de mim a minha beleza ou a minha incrível habilidade para combinar vestidos com tiaras, eu não me valorizaria tanto quanto agora.

Os outros não sabiam como entender aquela manifestação. Chapeuzinho ou era muito coerente ou era nada coerente; raramente havia um meio-termo.

– O que você está dizendo, Chapeuzinho? – Cachinhos Dourados perguntou.

– Estou dizendo que não é *a* mulher em si que temos de obter. Nós precisamos descobrir o que a Feiticeira mais aprecia nela mesma e lhe tirar isso.

Todos pensaram por um momento e lentamente moveram a cabeça em concordância mútua. Foi a primeira vez que eles ficaram felizes por Chapeuzinho exigir acompanhá-los na viagem.

– Isso foi tão perspicaz, Chapeuzinho! – disse Conner. – Fútil, mas perspicaz!

– Mas como coletamos isso? – perguntou João.

Ninguém teve uma resposta imediata. Qual era a qualidade que Ezmia prezava acima de tudo? Havia muitas coisas que ela obviamente apreciava. Sua beleza? Seu poder? Sua crueldade? Ou, talvez, uma combinação das três coisas? E, o que quer que fosse, como eles iriam lhe tomar isso?

– Bem, nós sabíamos que seria um desafio – disse Cachinhos Dourados, e soltou um suspiro.

Os seis seguiram por cima do fosso e retornaram ao *Vovozinha*. Encontraram a harpa furiosa, mas cordas tocando um acorde irado enquanto ela espichava o beijo, amuada.

– Harper? Qual é o problema? – perguntou João.

– Aquela *coisa* fez xixi em mim! – exclamou a harpa, apontando para Clawdus, que estava agachado desavergonhadamente a um canto do convés inferior.

– A culpa é minha; esqueci de passear com ele antes de sair! – disse Chapeuzinho. – Desculpa! Mamãe em treinamento. – Ela pegou o lobinho no colo e o carregou para fora do navio.

A tripulação aguardou até o anoitecer para acender a chama do navio e partir rumo ao sul.

– Próxima parada: Baía das Sereias! – bradou João.
– A Bruxa do Mar vive na baía? – perguntou Conner.
– Segundo o que li, ela vive em águas oceânicas logo depois da baía – Froggy informou.

– Como vamos encontrá-la? – perguntou Cachinhos.
– Eu sou um bom nadador, acreditem ou não – disse Froggy. – Posso examinar o fundo do oceano e relatar a vocês. Teremos de ser cuidadosos quando estivermos lá; a Bruxa do Mar é conhecida por ser muito dissimulada em suas negociações.

– Então teremos de ser mais espertos que ela – disse Alex. – Se as joias são seus bens mais preciosos, temos de lhe oferecer alguma coisa em troca.

– Qual é o item mais valioso que temos em nossa posse? – perguntou Conner. – O que temos para negociar com ela?

– A harpa? – disse Chapeuzinho um pouco esperançosamente.

– Não, nós precisamos ficar com a harpa até descobrirmos como incorporá-la à varinha – disse João.

O rosto de Cachinhos se iluminou de repente, como se uma lâmpada de verdade tivesse aparecido acima de sua cabeça.

– Acho que estamos nos esquecendo de uma coisa que temos que é ainda mais valiosa – disse ela.

– E o que é? – perguntou Alex. Todos olharam para Cachinhos, completamente intrigados.

– Chapeuzinho – ela falou. – Temos uma rainha de verdade em nosso navio.

Os cinco imediatamente se viraram para Chapeuzinho. Como era de esperar, a jovem rainha ficou horrorizada com a ideia.

– Vocês querem *me* negociar com a Bruxa do Mar, como se eu fosse um tipo de gado? Absolutamente não! Fora de questão!

– É uma boa opção – disse João, defendendo a ideia de Cachinhos Dourados.

Chapeuzinho grunhiu, e suas narinas se dilataram.

– Agora você me escute, *caçador de gigantes* – disse ela, e apontou o dedo para todos eles. – Até agora eu construí um navio para nós, perdi metade do meu guarda-roupa, adotei um animal assassino, me enfiei na propriedade da madrasta malvada e forneci algo de belo aos olhos durante esta aventura. Se me perguntarem, já fui além do que uma rainha normal faria! Vocês estão vendo Cinderela voar mais de mil metros acima da terra? Não! Branca de Neve está arriscando sua vida por um bem maior? Não! Rapunzel está trançando seus cabelos para restaurar a paz e a harmonia? Não!

Todos ficaram cabisbaixos. Não podiam discutir, mas também não tinham muito em mãos.

– Então eu vou – disse Cachinhos Dourados.

– O quê? – João ofegou.

– Vou fingir que sou Chapeuzinho – disse Cachinhos Dourados. – Vocês podem me trocar pelas joias, e a Bruxa do Mar nunca vai perceber.

– Com toda a certeza nós não vamos fazer isso! – protestou João, ultrajado com a simples sugestão.

– É o melhor jeito – disse Cachinhos. – Depois que vocês pegarem as joias, faltará só mais um bem para completar a varinha mágica. E, depois que derrotarem a Feiticeira, poderão voltar para me buscar; enquanto isso vou manter o disfarce e deixar a Bruxa do Mar feliz.

João balançava a cabeça. Ele não podia imaginar abandonar nas mãos de alguém tão horrível a mulher que amava acima de tudo.

– Ah, João – disse Cachinhos, lisonjeada pelo quão perturbado ele ficara. – Você sabe que sou capaz de manipular uma velha bruxinha do mar. Já estive metida em situações piores.

João a puxou para si, olhando-a profundamente nos olhos.

– E se, por alguma razão, não pudermos voltar para buscá-la?

Entendendo o que ele queria dizer, Cachinhos Dourados desviou os olhos para o chão.

– Se eu ficar ansiosa, encontrarei um jeito de escapar – disse ela, e devolveu o olhar amoroso dele. – Você tem de confiar em mim.

Era um incrível sacrifício, e ninguém poderia demovê-la da ideia.

– Chapeuzinho, eu nunca imaginei que diria isso, mas preciso pedir um vestido emprestado – disse Cachinhos.

– Duvido que qualquer coisa minha sirva em você – Chapeuzinho falou.

Froggy pigarreou.

– Querida, não seja rude – disse ele.

– Bem... tenho certeza de que posso dar um jeito – Chapeuzinho entregou os pontos. Ela agarrou a mão de Cachinhos Dourados e a arrastou ao convés inferior para brincar de disfarce.

João caminhou até o timão e olhou para o horizonte; seus pensamentos estavam em outro lugar que não o navio. Froggy começou a brincar de cabo de guerra com Clawdius, e Alex e Conner sentaram-se no piso do convés, perto da popa do *Vovozinha*.

Alex descansou a cabeça em cima da mão e olhou para longe; ela tinha suas próprias reservas a respeito do plano.

– O que você está pensando? – perguntou Conner. – Parece perturbada.

Alex suspirou.

– Só estou um pouco preocupada com a ideia de deixar Cachinhos Dourados com a Bruxa do Mar.

– Eu sei, mas o que mais podemos fazer? É uma grande ideia.

– É, pode ser. – Havia algo que incomodava Alex, e ela sentiu que era hora de contar para o irmão antes que sua cabeça explodisse. – Conner, quando estávamos nas Montanhas Setentrionais, a Rainha da Neve me disse uma coisa; não pensei muito nisso antes, mas está realmente começando a me preocupar agora.

– O que ela falou?

– Ela disse: “Dos quatro viajantes, um não retornará”. Achei que era uma bobagem qualquer... quero dizer, uma avalanche havia acabado de cair sobre a mulher, mas agora me pergunto se não era uma profecia. Me pergunto se ela estava falando de Cachinhos Dourados.

– Mas nós somos seis viajantes. Sete se incluirmos o vira-lata, e oito com a harpa.

– Eu sei, não faz sentido. – Alex esfregou os olhos cansados. – Mas ainda estou preocupada com a possibilidade de que haja alguma verdade nisso. Realmente tivemos sorte até agora, mas e se um de nós não sobreviver a esta viagem?

Conner a surpreendeu com sua reação – ele não correspondeu ao medo da irmã; em vez disso encarou o sentimento com uma calma que lembrou-lhe o pai.

– Alex, nós sabíamos no que estávamos nos metendo – disse Conner. – Só porque você e eu encabeçamos esta missão, isso não significa que será nossa culpa se algo der errado. Estamos todos tentando salvar o mundo, e, por mais terrível que isso soe, se um de nós ficar para trás no processo... Eu não posso pensar em um jeito melhor de morrer do que sendo um herói.

Ela deixou um longo e exasperado suspiro escapar.

– Existem destinos piores, imagino – disse Alex. – Mas eu odiaria perder alguém por qualquer razão que fosse. Não sei se poderia viver comigo mesma.

– Então só precisamos fazer as coisas dar certo.

Em menos de uma hora, Chapeuzinho subiu do convés inferior, com um sorriso orgulhoso no rosto.

– Hu-hum! – ela pigarreou, conseguindo a atenção dos demais. – Senhora, lobo e senhores: eu gostaria de apresentar-lhes minha última criação. Ela pode ser uma rude-fugitiva-comedora-de-mingau durante o dia, mas esta noite eu a transformei na nova e melhorada Cachinhos Dourados!

Cachinhos subiu os degraus atrás de Chapeuzinho. Ela vestia um dos corpetes da rainha e um longo vestido vermelho, uma capa com capuz e luvas combinando. Chapeuzinho inclusive arrumara seu cabelo em um penteado estiloso, semelhante ao dela própria, e passara um pouco de *blush*. Não havia dúvida: Cachinhos Dourados estava estonteante.

– Dourada... – balbuciou João. – Você está... você está... *deslumbrante*. – Ele parecia um adolescente apaixonado.

– Obrigada – disse Cachinhos, e ruborizou-se. Ela não tinha muitas oportunidades

de ficar bonita para ele.

– De nada – disse Chapeuzinho, e balançou o corpo alegremente. – O corpete é um pouco pequeno para ela. Pobrezinha, sua cintura não é tão esbelta quanto a minha.

– Isso é porque há três punhais aqui embaixo – disse Cachinhos. Ela teve dificuldade para se equilibrar sobre o par de saltos de Chapeuzinho. – Não sei como você consegue andar com estes sapatos; eles são impossíveis.

– Eu também não sei como você consegue andar com eles; foram feitos para pés com metade do tamanho dos seus. Só estou brincando, Cachinhos, guarde essa faca! – disse Chapeuzinho, correndo para o outro lado do navio.

Lá embaixo a harpa, entediada, começou a tocar uma melodia suave para si mesma, que pôde ser ouvida no convés superior. João agarrou a cintura de Cachinhos Dourados.

– Vamos dançar? – ele perguntou.

– Ah, João. – Cachinhos Dourados riu.

– Vamos, quando foi a última vez que nós dançamos?

– Acredito que a última vez envolveu uma bruxa jogando pedras quentes em seus pés.

João deu uma risadinha e começou a girar com ela pelo convés. Sob o céu estrelado da noite eles dançaram à música da harpa, olhando nos olhos um do outro.

– Você me daria a honra? – Froggy perguntou a Chapeuzinho, oferecendo-lhe a mão com uma mesura exagerada.

– Ficaria encantada! – disse Chapeuzinho. Eles não dançaram tão suavemente quanto João e Cachinhos; Chapeuzinho ficava pisando nos grandes pés palmados de Froggy, mas os casais desfrutaram o momento ao máximo. Os gêmeos sorriam enquanto assistiam à cena, pois sabiam que era algo de que se lembrariam para sempre.



Faltavam poucos minutos para o alvorecer, e o *Vovozinha* ainda se achava muito longe da Baía das Sereias.

– Nós não vamos conseguir chegar à baía antes de o sol nascer – disse João, atrás do timão. – Precisamos pousar o navio antes que sejamos pegos.

– Podemos viajar o resto do caminho pela água – disse Cachinhos Dourados. – Pousamos no Rio Sonolento e então navegamos por ele até a baía.

– Genial! – disse Froggy.

– Muito bom – disse João. – Preparem o navio para um pouso na água!

Cachinhos Dourados assumiu o timão. Froggy se encarregou das cordas das velas e recolheu-as às laterais do balão. João puxou a alavanca sob a chama do navio, e

esta diminuiu. O *Vovozinha* começou a descer. Cachinhos o alinhou ao largo rio que corria nas terras abaixo. Os gêmeos não sabiam o que esperar. Um pouso na água seria mais violento ou mais fácil?

Poucos instantes depois eles tiveram a resposta. O navio mergulhou na água, parando abrupta e dolorosamente, quase submergindo por completo com o impacto. O convés e a tripulação ficaram encharcados.

Conner cuspiu um bocado de água.

– Ainda bem que isso foi fácil – disse sarcasticamente.

– Eu caí de lado e não consigo me levantar! – gritou a harpa desde o convés inferior. – O lobo está lambendo o meu rosto! Será que alguém pode me ajudar antes que ele tenha outras ideias?

Froggy pulou os degraus abaixo para ajudá-la. Chapeuzinho torceu o vestido molhado por cima da amurada do navio; ela não estava desfrutando a vida naquele momento.

O navio velejou tranquilamente pelo rio, enquanto o sol subia cada vez mais no céu. Não muito tempo depois, a Baía das Sereias surgiu à frente. O navio estava a ponto de passar do rio à baía quando sofreu outra parada brusca, que derrubou a todos no piso do convés.

João levantou-se rapidamente e correu para a proa, a fim de olhar para além da amurada.

– O navio está encalhado no delta! – informou. Os gêmeos juntaram-se a ele e verificaram a cena por conta própria: o *Vovozinha* encontrava-se a poucos metros de mergulhar totalmente na baía, porém encalhara em um canal muito estreito.

– Ótimo! – resmungou Conner. – E agora?

Bem quando os outros estavam prestes a entrar em pânico, algo muito colorido chamou a atenção de Alex.

– Olhem! – disse ela, apontando animadamente para a água. A coisa passou nadando por baixo do navio e desapareceu.

– Para onde foi? – João perguntou.

– Alex! Conner! João! – Froggy gritou da parte de trás do navio. – Deem uma olhada nisso!

Os três se juntaram a ele na popa do navio e olharam para o rio. Por causa das ondulações da água era difícil distinguir o que acontecia, mas Alex e Conner imediatamente compreenderam do que se tratava. Dezenas de sereias haviam se reunido atrás do *Vovozinha* e lentamente empurravam o navio através do delta.

Elas tinham a pele pálida e caudas longas e coloridas que combinavam com seus lindos cabelos compridos – exatamente como os gêmeos se lembravam. O navio começou a se mover pouco a pouco pelo canal, graças ao esforço das sereias.

– Ora, diabos me levem! – disse Froggy, maravilhado com o que testemunhava.

O *Vovozinha* avançou de pouquinho em pouquinho, espremendo-se no canal e finalmente mergulhando na baía.

– Isso foi muito gentil da parte delas – disse Alex.

– Por que estão nos ajudando? – perguntou Conner.

Cachinhos Dourados assobiou detrás do timão.

– Por falar em mistérios, o que é *aquilo*? – Ela acenou com a cabeça para algo à frente do navio.

A distância, pairando majestosamente no ar nevoento da baía, havia uma grande aglomeração de espuma do mar. Formava a silhueta de uma sereia e cintilava à luz do sol, rejuvenescendo constantemente.

Alex agarrou o braço de Conner.

– É a Alma da Espuma do Mar! – ela disse.

– Como é? – perguntou Froggy.

– É a Pequena Sereia – Conner explicou aos outros. – Ou pelo menos era. Me pergunto o que ela está fazendo aqui.

– Você acha que ela sabe que vamos visitar a Bruxa do Mar? – perguntou Alex.

O *Vovozinha* navegou mais para perto da espuma, que agora pairava bem na frente do navio.

– Olá, Alex. Olá, Conner – disse a Alma da Espuma do Mar. Os outros ficaram chocados ao ouvirem-na falar.

Chapeuzinho esfregou os olhos – não acreditava no que via.

– Esse monte de bolha é amigo de vocês? – ela perguntou aos gêmeos como se fizesse um mau juízo do caráter deles.

– O que você está fazendo aqui? – Alex perguntou à Alma da Espuma do Mar.

– Vim falar com vocês.

– Você está tentando nos impedir de visitar a Bruxa do Mar, não está? – disse Conner.

– Pelo contrário, eu vim para ajudá-los. Posso ser o maior caso admonitório do mundo quando se trata da Bruxa do Mar, mas vim para lhes oferecer ajuda. Eu ouvi falar de sua missão. Todas nós ouvimos.

A alma fez um gesto para a água, onde todas as sereias se reuniam agora. A baía parecia um colorido tanque de carpas chinesas.

– Quem lhe contou sobre a nossa missão? – perguntou Alex.

– Ninguém me contou; eu ouvi os seus pensamentos – disse a Alma da Espuma do Mar.

– Pensei que você só podia ouvir e sentir pensamentos dentro ou perto da água – Conner falou, tendo se lembrado do que havia aprendido no último encontro que tiveram.

– Quando a neve derrete, desce as montanhas e é despejada nos rios que seguem

para o mar, traz consigo os pensamentos daqueles que viajaram por ela.

Conner assobiou e disse:

– Privacidade para quê, né?

– Como você pode nos ajudar? – Alex perguntou. – Pode nos levar até a Bruxa do Mar?

– Não posso deixar a baía – disse a Alma da Espuma do Mar. – Mas pedi a uma velha amiga que os acompanhe até as profundezas do oceano, onde reside a Bruxa do Mar.

– Isso seria sensacional! Obrigado! – disse Conner. – Quem é a sua amiga? É sólida, pelo menos?

– Muito – disse a Alma da Espuma do Mar.

De repente ouviu-se um gigantesco *tchibum!* na baía, e uma tartaruga marinha de proporções épicas emergiu da água. Era tão grande quanto o *Vovozinha*. A tripulação inteira ficou embasbacada, e os olhos de todos adquiriram o tamanho de uma bola de tênis.

Conner inclinou-se para Froggy e sussurrou:

– Nunca pensei que veria um réptil tão grande quanto você.

– A Grande Tartaruga do Mar é muito velha – disse a Alma da Espuma do Mar. – Ela não ouve muito bem, mas vai acompanhá-los até a Bruxa do Mar.

– Quão distante é o refúgio dela? – João perguntou.

– Um dia de jornada até o fundo do oceano – disse a Alma da Espuma do Mar. – Mas a Grande Tartaruga do Mar pode levá-los até lá em um quarto desse tempo.

– Como nós vamos respirar? – perguntou Cachinhos Dourados.

A Alma da Espuma do Mar estendeu as mãos, e seis conchas de vieiras apareceram. Cada qual tinha uma faixa de alga em volta e parecia uma máscara cirúrgica oceânica. A Alma da Espuma do Mar as entregou aos homens e às mulheres a bordo do navio.

– Elas os suprirão de ar enquanto vocês estiverem embaixo d'água.

– Tem alguma na cor rosa? – Chapeuzinho quis saber.

Froggy passou adiante sua concha.

– Eu estarei bem – disse. – Ser um sapo tem as suas vantagens, vocês sabem. – Ele respirou fundo, e sua garganta se expandiu em uma grande bolha.

– Legal! – Conner deu uma risadinha e cutucou a bolha.

A Alma da Espuma do Mar balançou a cabeça para a Grande Tartaruga do Mar.

– Está na hora – instruiu.

A tartaruga flutuou na direção do navio e gentilmente colocou sua nadadeira dianteira sobre a proa, formando uma espécie de ponte levadiça. João e Froggy se armaram com adagas e cordas, depois guiaram os demais sobre a nadadeira da tartaruga, até seu casco. Eles se reuniram na frente do casco, e cada um se segurou

firmente na borda.

– Boa sorte. Que os espíritos do mar estejam com vocês – disse a Alma da Espuma do Mar, e então desapareceu.

A tartaruga flutuou para longe do *Vovozinha* e submergiu gradualmente. Todos soltaram leves uivos, pois a água era mais fria do que esperavam.

Era muito estranho respirar com as conchas. Eles inalavam ar normalmente, porém um rasto de minúsculas bolhas agitava-se acima da cabeça toda vez que exalavam. Era como se estivessem mergulhando com cilindros mágicos de oxigênio; e, como num mergulho normal, havia muito o que ver.

Todo o fundo da baía era coberto por plantas e corais coloridos. Sereias e peixes de todas as cores e tamanhos nadavam por ele como se fosse uma vasta cidade submarina, e seus corpos reluziam à luz ondulante do sol. Foi uma linda visão, e os gêmeos se asseguraram de captar cada momento.

Logo eles deixaram a baía, e a Grande Tartaruga do Mar mergulhou no oceano infinito. O fundo deste não era nem de longe tão colorido quanto o da baía; ao contrário, era muito despojado, sem nada, a não ser pelas pedras e algas espalhadas.

Um enorme desfiladeiro submarino surgiu à frente dos viajantes, e a tartaruga mergulhou dentro dele. O desfiladeiro possuía bordas irregulares e rochas cortantes nas laterais, e seu fundo era coberto de fantasmagóricas conchas e carapaças vazias – como um cemitério submarino. Todos souberam que estavam perto.

A tartaruga atravessou o desfiladeiro, e os gêmeos avistaram a larga entrada de uma caverna submersa. A caverna era rodeada por pequenas luzes convidativas e decorativas. Entretanto, conforme se aproximaram, Alex e Conner se deram conta de que as luzes eram, na verdade, as antenas brilhantes de um cardume de peixes-pescadores que cercavam a entrada da caverna. Eram aterrorizantes, com seus enormes dentes afiados projetados para fora da boca e grandes espinhos nas costas – eram os monstros do mar.

Os peixes-pescadores olharam furiosamente para o grupo quando a tartaruga entrou na caverna. E, para desconforto de todos, o interior desta era repleto dos peixes de aparência assustadora, que os fitavam por trás de estalagmites e estalactites. Suas antenas forneciam a única iluminação da caverna.

Presas em redes e gaiolas de pedra espalhadas por toda a caverna havia outras criaturas do mar. Peixes-espada, cavalos-marinhos, polvos, peixes-boi e baleias, todos observavam sombriamente a tartaruga que passava, esperando que ela não tivesse o mesmo destino. Os peixes-pescadores vigiavam as criaturas como guardas de prisão.

A tartaruga chegou à entrada de um longo túnel. Como se os gêmeos não tivessem visto o bastante para ter pesadelos por anos, o túnel era guardado por um grupo de grandes tubarões-brancos. Eles se demoravam na água de maneira estranha e

assustadora, olhando sinistramente para a tartaruga e seus passageiros.

A tartaruga marinha gemeu para os tubarões. Nada aconteceu. Ela gemeu de novo, e os tubarões se separaram lentamente, deixando-a entrar no túnel. Assim que ela passou eles se viraram friamente; um movimento ameaçador, e os tubarões teriam alimento para uma semana.

Os viajantes seguiram pelo túnel por algum tempo e então emergiram em uma caverna dentro da caverna. Para sua surpresa, a nova caverna era repleta de ar.

– Nós podemos respirar aqui embaixo! – disse Alex, e todos tiraram a máscara.

– A Bruxa do Mar tem de atrair também os clientes humanos – disse Froggy, a garganta desinchada.

Todos desceram da tartaruga e, em fila indiana, atravessaram o piso. Tremiam terrivelmente – seus corpos não sabiam a que temperatura ficar.

– Boa tartaruga, fique! – disse Conner à Grande Tartaruga do Mar.

Ela apertou os olhos e então cuspiu um jato d'água no rosto do garoto.

– Desculpe, eu não quis dar uma de arrogante.

– Oh, céus! – Chapeuzinho arquejou, e lágrimas encheram-lhe os olhos. – Olhem para cima!

Ela apontou para uma das visões mais horripilantes que os gêmeos já haviam tido. Dúzias de sereias se achavam penduradas de ponta-cabeça ao longo do teto; estavam todas fracas e alquebradas; algumas respiravam pesadamente, enquanto outras não respiravam; algumas eram apenas esqueletos, e outras estavam prestes a se transformar em um.

– O que elas estão fazendo lá em cima? – perguntou Alex, cobrindo a boca, horrorizada. Ela queria salvá-las, porém sabia que isso não seria possível, ao menos não hoje.

– Provavelmente são clientes da Bruxa do Mar que não conseguiram quitar suas barganhas – disse Froggy.

João tinha os olhos arregalados e a cara branca, apavorado com a possibilidade de deixar Cachinhos Dourados para sofrer nas mesmas condições. Cachinhos lhe implorou que se ativesse ao plano, a despeito do que tinham visto, muito embora todos pudessem perceber que ela mesma estava hesitante.

O grupo adentrou ainda mais a caverna. A caixa torácica de uma baleia fazia as vezes de uma grande escadaria e levava a mais uma caverna menor. Carcaças de águas-vivas cobriam a entrada como uma cortina. Uma grande plataforma rochosa na base das costelas funcionava como um pequeno palco – a Bruxa do Mar parecia gostar de ver seus clientes de cima.

– Você está pronta para isso? – Conner perguntou a Cachinhos Dourados.

Ela assentiu com a cabeça, reunindo toda a bravura de que era capaz. João beijou-a como se fosse a última vez. A manifestação apaixonada normalmente teria feito os

gêmeos desviar o olhar, mas todos eles compartilharam a relutância de João de dizer adeus à mulher que amava.

– Eu te amo – ele sussurrou ao ouvido dela.

– Eu também – Cachinhos disse, e piscou para ele.

A equipe se acotovelou para reiterar seu curso de ação.

– Muito bem, nós somos piratas impiedosos que raptaram a Rainha Chapeuzinho Vermelho – disse Froggy, e fez um gesto para os gêmeos. – Eu fui amaldiçoado a viver o resto de minha vida como um sapo, e vocês foram amaldiçoados a permanecer adolescentes para sempre.

Os gêmeos assentiram.

– Aye-aye, capitão – disse Conner e bateu continência.

– Que divertido! É como representar uma pecinha! – disse Chapeuzinho, batendo palmas empolgadamente. – Quem eu vou ser?

– Você vai se esconder junto comigo – disse João. – Seremos reservas, para o caso de eles terem problemas. Vamos nos esconder ali. – João puxou a jovem rainha para trás de uma grande pedra. – É sempre bom ter reservas.

– Vamos tornar isso um pouco mais verossímil – disse Froggy, tirando a corda do seu ombro e amarrando-a frouxamente em torno de Cachinhos Dourados, que agora parecia genuinamente uma prisioneira. – Vamos lá?

Os quatro subiram para a plataforma rochosa, e João e Chapeuzinho ficaram escondidos atrás da grande pedra.

– Olá? – Froggy gritou para as costelas de baleia. – Bruxa do Mar? Viemos fazer uma troca!

A expectativa de todos fez o tempo passar de um modo incrivelmente lento enquanto esperavam que a Bruxa do Mar aparecesse. Quando eles já se perguntavam se ela mostraria a cara afinal, ouviram horríveis ruídos rascantes vindos de detrás da cortina de águas-vivas. Uma série de passos pesados – *muitos passos* – soou através da caverna, como se uma aranha gigante se aproximasse.

A Bruxa do Mar apareceu na cortina de águas-vivas. Sua pele era turquesa-pálido e escamada. Folhas de alga altas e cortantes cresciam em sua cabeça como cabelos. Sua cara era larga, com grossos lábios turquesa e olhos pretos e redondos como os de um inseto. Usava um vestido de conchas escuras, sobre o qual cresciam diversos mexilhões e pólipos. Ela caminhava sobre seis pernas, e um par de pinças de caranguejo espreitava de debaixo do vestido, como se ela fosse em parte crustáceo.

A bruxa trazia nos braços uma rechonchuda sépia, que afagava como se fosse um bichinho viscoso de estimação.

– Clientes – sibilou a Bruxa do Mar em uma voz serpentina. – Bem-vindos, companheiros vertebrados, a meu submundo submarino.

Os gêmeos tremiam tanto de frio que a Bruxa do Mar não notou que também o

faziam por medo.

– Tirem-me daqui! – Cachinhos Dourados gritou, representando o papel de uma Chapeuzinho cativa. – Este lugar fede demais! Eu quero ir para casa! Eu quero voltar para o meu castelo!

– E quem nós temos aqui? – inquiriu a Bruxa do Mar, interessada pela escolha de palavras.

– Nós lhe trouxemos a Rainha... – Froggy começou, mas Cachinhos Dourados o interrompeu:

– Eu me apresento sozinha, obrigada! – disse ela, impressionantemente bem no papel. – Sou a Rainha Chapeuzinho Vermelho, do Reino da Chapeuzinho Vermelho! E, se você não me soltar imediatamente, vou mandar meus soldados nadar até aqui e fazer tinta de todos vocês!

A Bruxa do Mar arregalou os olhos. Não só estava acreditando naquilo como estava intrigada.

– Uma rainha capturada, verdade? – perguntou ela. – E pelo que vocês querem trocá-la?

– Nós viemos atrás de suas joias – disse Froggy.

A Bruxa do Mar soltou uma longa, sibilante gargalhada, que poderia ter saído de um gato agonizante.

– Vocês me insultam com sua oferta – disse ela. – Proponho-lhes um trato; eu lhes dou uma de minhas pérolas em troca da rainha.

Ela colocou mansamente a mão sobre o colar de pérolas que envolvia seu pescoço. As pérolas eram todas negras e tinham diferentes tamanhos e matizes.

– Bruxa, por favor! – disse Conner. – Nós temos uma rainha, viva e respirando! Nós é que deveríamos exigir mais!

A Bruxa do Mar o fitou – ela não gostava de ser derrotada em seu próprio jogo.

– Vocês não passam de um grande sapo e duas crianças. Contem-me como arranjaram uma rainha.

Conner riu um tanto asperamente demais.

– Nós só parecemos um sapo e duas crianças porque fomos amaldiçoados a viver assim por toda a eternidade! – Ele apontou para a irmã. – Essa *menina* era um homem de um metro e oitenta com o peito mais peludo de todos os reinos!

Alex fechou os olhos e reuniu toda a sua capacidade de fingir para apoiar a história ridícula do irmão.

– Grrr, sinto falta do meu corpo de homem – disse em sua melhor imitação de uma voz de pirata.

A Bruxa do Mar olhou para eles de um jeito peculiar – ela atentara a cada palavra que disseram até então.

– Eu estava em meu navio real quando eles me raptaram e me trouxeram para cá!

– gritou Cachinhos Dourados, tentando dar autenticidade à história.

– Negócio fechado, Bruxa do Mar? – Froggy demandou. – Ou devemos levá-la de volta à terra firme e vendê-la aos ogros?

A Bruxa do Mar pensou a respeito, acariciando a sépia enquanto o fazia.

– Muito bem – disse ela. – Negócio fechado.

A bruxa desceu as costelas de baleia na direção do grupo. Os quatro puderam ver melhor o colar de pérolas negras, e o coração deles palpitou com a consciência de que era exatamente daquilo que precisavam. Porém os olhos dos gêmeos caíram sobre um anel familiar que ela usava; era de prata e tinha dois diamantes, um azul e um rosa.

Alex e Conner alternaram olhares entre si e o anel. Seria apenas uma coincidência, ou os dois mundos haviam colidido mais do que sabiam?

– Esse anel! – Alex arquejou. – Onde você o arranjou?

Desconfiada, a Bruxa do Mar olhou para o anel e depois para Alex.

– No mesmo lugar que todas as minhas joias – sibilou ela. – De pessoas como *você* e de criaturas como *elas*. – Com a cabeça, fez um movimento brusco em direção à sala onde tinham visto as sereias penduradas no teto. – Vocês querem fechar negócio ou não?

– Sim! – disse Froggy, trazendo os gêmeos de volta ao assunto principal.

Um sorriso ardiloso se abriu no rosto da Bruxa do Mar.

– Me entreguem a rainha primeiro, e eu lhes darei as joias – disse ela.

– Boa tentativa – disse Conner. – Entregue-nos as joias, e nós lhe entregaremos a rainha.

A tensão entre eles aumentou.

– Como queiram – disse a Bruxa do Mar, com uma carranca. Ela ergueu os braços, e dois caranguejos rastejaram para fora de seu vestido. Eles recolheram todas as joias que ela usava, então desceram à plataforma e caminharam até os gêmeos, parando na frente deles.

Froggy desamarrou Cachinhos Dourados e a empurrou plataforma acima, na direção da Bruxa do Mar. Uma comprida serpente do mar, listrada de branco e preto, deslizou para fora do vestido da bruxa e na direção de Cachinhos.

– No três, faremos a troca – disse a Bruxa do Mar. – Um... dois... *três*.

Os gêmeos tiraram as joias dos caranguejos, e a serpente se enrolou em Cachinhos Dourados como uma corda viva. Alex e Conner embolsaram as pérolas e as outras joias. Estavam felizes porque a troca fora feita, porém não queriam deixar Cachinhos Dourados para trás de maneira nenhuma.

– Isso foi esplêndido – disse Froggy, inclinando a cabeça e lentamente recuando da plataforma. – Foi um prazer fazer negócio com você...

– Não tão depressa! – sibilou a Bruxa do Mar. Os caranguejos pularam para o

outro lado de Froggy e dos gêmeos, bloqueando a saída. – Vocês acham que eu iria deixá-los partir sem verificar se a troca foi honesta?

A Bruxa do Mar puxou de dentro do vestido um baiacu seco. Quebrou um dos espinhos do peixe e picou o dedo de Cachinhos Dourados com ele. Em seguida ergueu a sépia até o dedo que sangrava; uma língua emergiu dos tentáculos do molusco e provou o sangue.

Froggy e os gêmeos estavam tão ansiosos que eram capazes de ouvir a batida do coração uns dos outros. Não haviam planejado aquilo. A sépia ficou azul-brilhante. A Bruxa do Mar fechou a carranca e, com uma das suas pinças, jogou Cachinhos Dourados no chão.

– Mentirosos! A minha sépia ficou azul! Ela não provou sangue real!

– Oh-oh – disse Alex.

Os caranguejos pularam sobre os gêmeos. A Bruxa do Mar lançou a sépia, que atingiu Froggy e enrolou os tentáculos em volta do rosto dele. Os três lutaram freneticamente contra as criaturas do mar que os atacaram, mas de nada adiantou.

Os caranguejos beliscaram e cutucaram os gêmeos, arranhando-os e tirando-lhes sangue. Então João correu para o lado dos gêmeos e, com dois golpes rápidos de machado, partiu os caranguejos ao meio.

– Hummmmmm! Hummmmmm! – Froggy murmurou sob a sépia.

Chapeuzinho correu para ajudar Froggy. A rainha deu uma boa olhada na sépia e então, não querendo encostar nela, tirou um sapato e começou a bater no molusco com ele.

– Não está ajudando, querida – murmurou Froggy. Chapeuzinho praticamente só atingira a cabeça do homem-sapo.

Do outro lado da caverna, Cachinhos Dourados puxou um dos braços e o livrou da serpente, agarrando a cabeça desta; então, com um movimento brusco, arrancou a serpente de seu corpo. Lívida por vê-la fugir tão facilmente, a Bruxa do Mar esticou as pernas e ficou duas vezes mais alta. Em seguida arrancou na direção de Cachinhos Dourados, suas pinças estalando como tiros.

– Dourada! Atrás de você! – gritou João.

Cachinhos girou a serpente no ar, estalando-a como se esta fosse um chicote, e enfrentou a Bruxa do Mar tal qual uma domadora de leões; ela pulava e dava cambalhotas no chão, evitando por pouco os beliscões letais. Os gêmeos tiveram de cobrir os olhos, temerosos de testemunhar a realização da profecia da Rainha da Neve.

Chapeuzinho deu uma sapatada final na sépia, e a tentacular criatura caiu no chão. João correu até o molusco e o chutou para longe; a sépia voou através da caverna e atingiu em cheio a cara da Bruxa do Mar, enrolando-a apertadamente. Eles ouviram o grito alto e abafado da bruxa, que lutava para se livrar – prisioneira de seu próprio

bichinho de estimação.

– Vamos dar o fora daqui! – João berrou.

Cachinhos Dourados pulou da plataforma, deu um salto mortal no ar e aterrissou perto dos demais. O grupo disparou pela caverna, em direção ao lugar onde deixara a Grande Tartaruga do Mar. Pegaram suas conchas de vieiras e as prenderam no rosto; então pularam às costas da tartaruga e se seguraram.

– Vamos, tartaruga, vamos! – gritou Conner. A Grande Tartaruga do Mar provavelmente não o escutou, mas percebeu claramente pelas expressões de pânico que precisava levá-los embora depressa.

Ela mergulhou na água e nadou o mais rápido que pôde pelo túnel. Passou à disparada pelo grupo de tubarões antes que estes percebessem que havia algo errado e depois por todos os peixes-pescadores que o grupo vira ao entrar na caverna. As nadadeiras dos peixes começaram a se mover mais depressa enquanto eles flutuavam na água; percebiam que alguma coisa não estava certa, mas aguardaram ordens para intervir.

A tartaruga nadou através do desfiladeiro mais depressa do que uma tartaruga jamais nadou. Por um momento os gêmeos sentiram-se aliviados – mais uma vez haviam escapado da morte por muito pouco. No entanto, um som estridente reverberou pelo oceano, provocando ondulações na água; parecia um grito – a Bruxa do Mar devia ter se libertado da sépia.

Conner olhou para trás e precisou piscar duas vezes para ter certeza do que via. O exército de peixes-pescadores e de tubarões da Bruxa do Mar irrompeu no desfiladeiro, dirigindo-se ao grupo como um enxame de vespas submarinas. Não levou muito tempo para que o enxame aterrorizante os alcançasse.

Alguns tubarões miraram na tartaruga. João foi rápido em esmurrar o nariz de um que tentou morder a nadadeira da Grande Tartaruga do Mar. Froggy chutou outro, que colidiu com um terceiro – era como uma perseguição submarina de carros. Um momento depois, porém, as criaturas da Bruxa do Mar já cercavam a tartaruga novamente. Eles precisavam de um milagre para escapar.

De repente uma série de borrões coloridos passou pela Grande Tartaruga do Mar e levou os peixes-pescadores e os tubarões consigo. Os gêmeos se entreolharam, perguntando-se se tinham visto a mesma coisa. Mais borrões coloridos passaram por eles, eliminando as criaturas que tentavam ferir a tartaruga. As sereias haviam chegado para o resgate.

Alex e Conner viram centenas delas disparar pelo oceano e dar conta dos peixes nocivos – era como se eles estivessem se movendo através de uma chuva de meteoros coloridos. Algumas sereias traziam lanças e escudos; outras dividiam redes. Os gêmeos se viram no meio de uma grande batalha subaquática.

A tartaruga e seus passageiros finalmente retornaram à baía. Eles avistaram o

casco do *Vovozinha*. A Grande Tartaruga do Mar emergiu ao lado da embarcação, e Froggy rapidamente levou a todos das costas da tartaruga para o convés do navio.

– Obrigada! – Alex disse para a tartaruga gigante. Ela inclinou levemente a cabeça para a garota e então desapareceu sob a água.

Alex e Conner desceram correndo ao convés inferior.

– Onde é o incêndio? – perguntou a harpa, mas eles a ignoraram.

Alex e Conner retiraram a Varinha Prodigiosa de debaixo do catre de Cachinhos Dourados; puseram-na no chão e despejaram todas as joias da Bruxa do Mar a seu lado. As pérolas negras instantaneamente se enrolaram na base do cetro, criando um cabo.

– Está funcionando! Nós conseguimos! – disse Conner, mas sua irmã não se juntou a ele na celebração. – Alex, o que há de errado?

Alex olhava para o chão, para uma joia que não se conectara à varinha. Ela pegou o anel com os diamantes azul e rosa que estivera na posse da Bruxa do Mar.

– É o anel! – disse ela. – É o anel que Bob comprou para mamãe!

– Como você sabe que é o mesmo anel, e não um parecido?

– Eu sou uma menina de treze anos; reconheço um anel quando vejo um!

– Isso significa que *Bob* está na Terra de Histórias?

Eles ouviram passos ruidosos que desciam velozmente os degraus desde o convés superior; era João.

– Ei, vocês dois! – disse ele. – Nós precisamos de uma mãozinha aqui em cima!

Os gêmeos guardaram a varinha e juntaram-se aos demais no convés superior.

Bem quando eles pensavam estar seguros, peixes-pescadores começaram a saltar da água e cair no navio. As criaturas tentavam atacar os tornozelos das pessoas com suas mandíbulas poderosas. Alex e Conner imitaram Chapeuzinho, que chutava os peixes hediondos por cima da amurada. Cachinhos Dourados pegou sua espada e começou um repulsivo jogo de beisebol com os peixes que voavam da água.

João e Froggy soltaram as velas e acenderam a chama do balão no máximo, a fim de fazê-lo voar.

– Temos de sair da água o mais depressa possível! – gritou João.

O *Vovozinha* começou a subir cada vez mais sobre a baía.

– Estamos escapando! – Chapeuzinho comemorou, ainda chutando peixes indesejáveis para fora do convés.

O navio ganhava altitude a uma velocidade constante. No entanto, quando os tripulantes iam finalmente suspirar de alívio, um peixe-pescador que Chapeuzinho e os gêmeos haviam deixado passar saltou para o alto e, com os seus dentes enormes, rasgou o balão e as velas do *Vovozinha*.

O navio começou a descer, girando descontroladamente. As velas dilaceradas agiam mais como um paraquedas flácido do que como um balão. Eles não sabiam

dizer em que direção caíam – não era na da baía, mas da terra, em algum lugar ao longe.

Todos gritavam e se agarravam a qualquer coisa ou qualquer um, para evitar ser lançados para fora do navio. Os gêmeos encontraram as mãos um do outro no meio do caos e se abraçaram, convencidos de que aqueles eram seus últimos momentos de vida.

Com um gigantesco baque, o *Vovozinha* atingiu o chão. Tudo ficou confuso e indistinto daí em diante... Alex e Conner ouviram Clawdius latindo... Ouviram a harpa gritando... Ouviram Chapeuzinho e Froggy gemendo... Viram João e Cachinhos Dourados tentando ficar em pé...

Olharam para fora do navio, para a terra em volta, e divisaram rochas gigantescas que rodeavam o horizonte. Duas figuras se moviam em sua direção – uma era pequena e robusta, a outra era alta e desengonçada. Ambas tinham grandes orelhas e cara feia e se inclinaram para os gêmeos, inspecionando-os.

– Ora... ora... ora... – disse uma voz áspera. – O que temos aqui?

Antes de perderem a consciência completamente, os irmãos se deram conta de um fato horripilante: haviam caído no Território dos Duendes e Trolls.



CAPÍTULO 22

Trollbella, rainha dos Duetrolls

Uma suave oscilação fez os gêmeos voltar a si. Eles abriram os olhos e se viram em uma carroça gradeada que viajava por um longo e escuro túnel, entrando cada vez mais nas profundezas da terra. A carroça era puxada por um jumento e conduzida por um troll baixo, gordo e com grandes orelhas de morcego.

– Já era tempo de vocês dois acordarem! – disse a harpa. Ela se achava na mesma carroça que os gêmeos.

– O que aconteceu? – perguntou Conner, esfregando a cabeça. Ele e a irmã estavam doloridos, contundidos e feridos por causa da queda.

– Nosso navio caiu, e fomos raptados por duendes e trolls! – exclamou a harpa. – Em outras palavras, estamos tendo um péssimo dia!

– Nós fomos raptados por trolls? – disse Alex. – Não! Isto não pode estar acontecendo de novo!

– Onde estão os outros? – Conner perguntou.

– Estão na carroça atrás de nós – disse a harpa. – Ninguém ficou seriamente ferido, graças aos céus. Cachinhos Dourados deslocou o ombro, mas já o colocou no lugar. Chapeuzinho está chorando há horas por causa de um arranhão na bochecha.

Os gêmeos olharam para trás. João, Cachinhos Dourados, Froggy e Chapeuzinho se espremiavam em outra carroça gradeada, conduzida por um duende. Cachinhos apertava o pulso para testar os reflexos da mão. Chapeuzinho soluçava no ombro de Froggy; tinha um pequeno arranhão na bochecha, logo abaixo do olho esquerdo.

– Vai levar semanas para sarar! – ela choramingou. – Vou ficar parecendo uma camponesa!

– O troll pegou tudo o que tinha de valor e pôs *lá dentro* – disse a harpa, e apontou para uma bolsa que a criatura trazia pendurada no ombro. Alex e Conner podiam ver o machado de João, a espada de Cachinhos Dourados e a ponta da

varinha.

– Vamos ser escravos agora? – Conner perguntou em voz alta e frustrada, para que o troll o ouvisse.

O troll soltou uma risada alta e resmungou:

– Eu bem que gostaria. Não temos mais escravos. Vocês podem se preparar para algo muito pior.

Logo as carroças passavam sob um arco de pedra do qual os gêmeos se lembravam de sua última visita ao reino subterrâneo. Havia duas estátuas embaixo dele, a de um troll e a de um duende, e em letras que antes diziam:

SEJA UM DUENDE, SEJA UM TROLL,
OU TENHA MEDO

Agora se lia:

BEM-VINDOS, AMIGOS!

Os gêmeos esfregaram os olhos para ter certeza de que estavam enxergando direito.

– Hã? – disse Conner. – Você está lendo o que estou lendo ou tive uma concussão?

A carroça passou pelo arco e por um longo túnel. Alex e Conner esperavam cair no grande salão comum que já haviam visitado, porém tudo estava completamente diferente. Em vez de estar repleto de duendes e trolls sendo servidos por escravos humanos, o aposento era puro silêncio. Todas as mesas e cadeiras de pedra haviam sido removidas, e duendes e trolls se achavam em posição de sentido e formavam filas perfeitas.

– Isso é estranho – disse Conner. – É como se fosse um campo de treinamento para novos recrutas ou algo assim.

Os duendes e trolls enfileiravam-se de frente para um trono de pedra, todos à espera de seu líder. Não eram tão feios quanto os gêmeos se lembravam, e o cheiro de sua higiene sofrível não era tão forte. Teriam eles finalmente aprendido a se cuidar?

As carroças viraram uma esquina e desceram outro túnel – o qual levava às masmorras, se os gêmeos bem lembravam. Entretanto, eles ficaram chocados ao descobrir que as masmorras também haviam mudado. As celas individuais tinham sido removidas, e agora existia um único grande espaço com móveis e tochas. Mais ou menos uma dúzia de humanos circulava por ali. Não eram os escravos alquebrados e extenuados que os gêmeos tinham visto da última vez, porém formavam um grupo entediado e inquieto – que bocejava e girava os polegares.

O troll e o duende arrancaram os gêmeos e os demais cativos das carroças e os empurraram para o salão. Então conduziram as carroças para fora, levando consigo a harpa e a bolsa com a Varinha Prodígiosa.

– Não deixem que eles me levem! – gritou a harpa. – Eles vão me derreter e me transformar em brincos de nariz!

Infelizmente, não havia nada que os viajantes pudessem fazer. Um grande portão fechou-se atrás das carroças quando o troll com a harpa mágica saiu. João, Cachinhos Dourados, Chapeuzinho, Froggy e os gêmeos ficaram presos com os outros humanos.

– Temos de pegar a harpa e a varinha de volta – disse João. Ele pôs as mãos no portão e sacudiu-o o mais forte que pôde, sem sucesso.

Os gêmeos não pareciam nem de longe tão estressados quanto os demais.

– Não se preocupem. Se conseguimos escapar deste lugar da última vez, podemos fazer isso de novo – disse Conner, mais uma vez a voz do otimismo.

– As coisas aqui parecem muito mais civilizadas agora – disse Alex. Ela foi até uma mulher e educadamente tocou seu ombro.

– Com licença? Olá, meu nome é Alex Bailey. Você poderia me dizer o que estamos fazendo aqui?

– Eu não sei o que *você* está fazendo aqui, mas *eu* fui raptada quando, por acidente, entrei no Território dos Duendes e Trolls.

– Há quanto tempo você é escrava? – perguntou Conner.

– Escrava? – disse Chapeuzinho, e imediatamente lágrimas lhe vieram aos olhos. Ela ficara tão perturbada com o arranhão em seu rosto que a ficha da realidade em que se achava ainda não caíra completamente. – Pessoas da realeza não podem ser escravas! Por que a minha vida é a história da Cinderela ao contrário?!

A mulher ficou ainda mais irritada com aquela conversa.

– Eu não sou uma escrava! – disse ela, insultada por eles pensarem uma coisa dessas. – Eles apenas nos fazem dançar para a rainha como castigo por estarmos em sua propriedade sem permissão.

– Eles fazem vocês dançar? – Alex perguntou. Ela não sabia se tinha entendido direito.

– A Rainha Troll adora ver pessoas dançando – disse a mulher. – Assim, todas as noites, depois de jantar, ela faz os prisioneiros e os cidadãos dançar uns com os outros.

– Como é que é?! Você disse *Rainha Troll*? – Conner indagou. – O que aconteceu com os reis?

– Não me pergunte, só estou aqui há uma semana – a mulher falou e se afastou, obviamente não querendo ser incomodada com outras perguntas.

Os gêmeos correram os olhos pelos outros prisioneiros.

– Alex? Conner? – disse uma voz próxima. Sentado no chão, no fundo do salão, estava um rosto familiar que os gêmeos jamais esperariam ver naquele lugar.

– Doutor Bob! – Alex exclamou.

Alex e Conner ficaram em estado de choque e não podiam se mexer. Bob levantou-se e correu até os dois, dando-lhes um longo abraço, com os olhos lacrimosos.

– Eu pensei que estava vendo coisas! – disse Bob. – Mas são vocês... são realmente vocês!

A cabeça dos gêmeos se encheu de perguntas, porém eles tentaram se ater ao essencial.

– Bob, o que você está fazendo aqui? – perguntou Conner.

– Como você conseguiu entrar no mundo dos contos de fadas? – indagou Alex.

Bob soltou um suspiro prolongado.

– Eu tive uma aventura e tanto – ele disse. – Estava na sua casa quando a Mamãe Ganso e os soldados perceberam que vocês haviam desaparecido. Uma porta apareceu do nada na sala de estar, e sua avó surgiu. Enquanto a Mamãe Ganso explicava a ela o que tinha acontecido, eu escapuli pela porta e cá estou desde então.

– Há quanto tempo você está aqui? – Alex perguntou.

– Há cerca de uma semana, acho, talvez um ou dois dias a mais.

As sobrancelhas de Conner subiram até o topo da testa, e ele disse:

– Você está nesta masmorra há uma semana?!

– Ah, não, eu já andei por todo o continente dos contos de fadas – Bob falou. – Estou no Território dos Duendes e Trolls há um ou dois dias.

Alex juntou as mãos alegremente.

– Então era mesmo o seu anel que a Bruxa do Mar estava usando!

– Por que você esteve com a Bruxa do Mar, Bob? – Conner perguntou.

Bob olhou para os gêmeos alternadamente, assustado só de ouvir o nome da vilã.

– O que vocês dois estavam fazendo com a Bruxa do Mar?

– Estamos meio que tentando salvar o mundo... É uma longa história. Mas como você foi da casa alugada para o fundo de um oceano encantado?!

– Quando cheguei ao mundo dos contos de fadas, imediatamente comecei a procurar por vocês e por sua mãe. Perguntei a cada aldeão, a cada lavrador e a cada criatura com que cruzei. Ninguém sabia de quem eu estava falando. Acabei me perdendo nos bosques... Estava gelado, e havia neve no chão.

– Parece que você está falando do Reino do Norte – disse Alex. – Por favor, continue.

– Como eu disse, estava gelado, e escureceu. Uma enorme família de ursos negros me cercou; achei que seria comido vivo! Mas então a coisa mais incrível aconteceu!

Uma série de arcas e baús choveu do céu e caiu em cima dos ursos!

Os gêmeos olharam para Cachinhos Dourados e Chapeuzinho com o canto dos olhos – elas compartilhavam a mesma expressão perplexa.

– Não sei de onde eles vieram, mas felizmente estavam cheios de casacos elegantes, de echarpes e de joias – disse Bob. – Me envolvi nas roupas e consegui sobreviver à noite fria!

– Fantástico! – disse Chapeuzinho entre os dentes. Não havia sido um desperdício de pertences tão grande, afinal, porém ela ainda estava amarga por ter sido obrigada a jogá-los amurada afora.

Bob continuou a narrar animadamente sua viagem para os gêmeos:

– Eu ainda os procurei por aquela terra durante alguns dias, sem sorte. Fui parar em uma aldeia na costa e consegui negociar as joias e as roupas com um marinheiro em troca de um barco pequeno. Esperava ter mais sorte viajando por água, então fui de porto em porto, mas não encontrei nem sinal de vocês ou de sua mãe.

“Naveguei sob uma enorme tempestade e fui jogado na água. Estava a ponto de me afogar, quando os hediondos peixes-pescadores da Bruxa do Mar me salvaram... ou pelo menos pensei que haviam me salvado. Eles me levaram para a caverna dela e me puseram com os outros animais que serviriam para alimentar os tubarões da bruxa. Notei que o ponto fraco dela eram as joias e me lembrei de que estava com o anel de sua mãe no bolso. Dei o anel à Bruxa do Mar em troca da minha liberdade!

“Então fui lançado na praia e andei sem destino por uns dois dias, antes de os trolls me acharem. Cá estou eu agora, miraculosamente falando com vocês dois!”

Os gêmeos ficaram abismados. Fitavam-no como dois idiotas, com olhos arregalados e bocas abertas.

– Essa é uma história incrível, Bob – Alex falou quase num sussurro.

– Você passou por tudo isso pela mamãe? – perguntou Conner.

– É claro – disse Bob. – Eu iria até o fim do mundo se fosse preciso... *de qualquer mundo*. Mas não só pela sua mãe, por vocês também.

Alex e Conner ficaram comovidos – até aquele momento não tinham se dado conta de quanto Bob os amava e, agora, lentamente percebiam quanto o amavam também.

– E quem seria este bravo homem? – Froggy perguntou aos gêmeos.

– Este é o doutor Bob – disse Conner. – Ele é nosso... bem, ele é nosso *padrasto*.

O som daquelas palavras fez Bob abrir um sorriso de orelha a orelha – ele encontrara sua família, afinal.

– Um médico! Graças aos céus – disse Chapeuzinho, interrompendo o momento sentimental. Ela mostrou-lhe o arranhão no rosto. – Em uma escala de temporário a permanente, qual é a gravidade, doutor? Vou ter de incluir isto em meus retratos? – A rainha se preparou para o pior.

Bob não sabia bem o que lhe responder.

– Eu diria que isso vai sarar em um ou dois dias – disse finalmente, e então voltou-se para os quatro adultos que cercavam os gêmeos. – Quem forma sua comitiva, meninos?

– Ah, desculpe, Bob – disse Alex. – Este é João. Cachinhos Dourados, Froggy e Chapeuzinho.

– Rainha Chapeuzinho Vermelho, do Reino da Chapeuzinho Vermelho – acrescentou Chapeuzinho.

Bob fez um aceno amistoso com a cabeça.

– Muito prazer – disse. – Vocês já localizaram a sua mãe?

Os gêmeos sacudiram a cabeça em negativa.

– Ela foi raptada por uma Feiticeira – Alex contou com pesar. – Mas ainda não sabemos onde está.

– A Feiticeira? – Bob perguntou. – Aquela de quem todo mundo está falando?

Conner anuiu com pesar.

– Infelizmente – falou.

Bob começou a andar de um lado para o outro. Ele parecia tão preocupado quanto os gêmeos quando estes receberam a notícia.

– Temos de descobrir um meio de salvá-la – disse o médico.

– Não se preocupe. É o que estivemos fazendo esse tempo todo – Conner falou. – Estamos em uma missão, embora ela tenha sido meio que suspensa temporariamente.

O portão se abriu com um rangido, e um troll que carregava um chicote entrou no salão de prisioneiros.

– Ele não vai nos açoitar, vai? – perguntou Chapeuzinho, e se escondeu atrás de Froggy.

– Não se souber o que é bom para ele – disse Cachinhos Dourados.

O troll limpou a garganta catarrenta e dirigiu a palavra aos prisioneiros:

– A rainha está quase terminando de jantar. É o momento de vocês se juntarem a nós para a hora dançante.

A contragosto, os prisioneiros seguiram um ao outro através do portão e pelo túnel acima, até o grande salão comum. Bob, os gêmeos e os demais ficaram tão perto uns dos outros quanto possível. Quando chegaram ao salão comum, todos os humanos foram colocados em um canto, contra a parede.

Um duende muito magro, com um cinto de metal, uma capa e um cajado, se posicionou na frente do salão.

– Aquele é Rigworm – Bob sussurrou aos gêmeos. – É o conselheiro da rainha.

– Curvem-se, duetrolls! – Rigworm guinchou, batendo seu cajado no chão. – A grande e imperial Rainha Trollbella se aproxima!

Alex e Conner viraram bruscamente a cabeça um para o outro.

– Rainha Trollbella?! – Alex sussurrou.

– Você deve estar de brincadeira – disse Conner.

Um momento depois o salão inteiro se curvava para a Rainha Trollbella. Ela tinha a idade dos gêmeos e era exatamente como eles se lembravam – baixinha, com um rosto redondo e um nariz-focinho engraçadinho. Trollbella parecia levar o título de rainha muito a sério.

Sobre a cabeça havia um gigantesco ornamento no formato de dois chifres, com fileiras de dentes entre eles (de cujas espécies ninguém sabia dizer). Em volta do pescoço ostentava uma redonda gola de rufos de fazer inveja à Rainha Elizabeth I da Inglaterra. Ela ainda usava um longo e rendado vestido castanho-avermelhado e, nos grandes pés, babuchas douradas.

Trollbella atravessou a multidão de duendes e trolls, regamente balançando a cabeça ao caminhar entre seus súditos. Sentou-se no trono de pedra, na parte dianteira do salão. Todos os duendes e trolls pareciam temê-la genuinamente; até Rigworm, em pé a seu lado, mostrava-se intimidado. Os gêmeos tiveram de admitir: Trollbella era mesmo bastante intimidadora.

– Como uma rainha troll é mais respeitada do que eu? – Chapeuzinho perguntou-se em voz alta, e Cachinhos Dourados a cutucou para que ficasse quieta.

– Obrigada, duetrolls! – bradou Trollbella. – Eu acabo de comer um jantar de lambari, sopa de fígado de porco e bolota de carvalho e estou pronta para ser entretida. Agora dançam para mim!

Rigworm bateu com o cajado no chão. Uma pequena banda de duendes e trolls rolou seus instrumentos até o salão e começou a tocar. Eles martelavam pianos de pedra, sopravam trompas feitas de chifres de verdade e tocavam violinos e violoncelos feitos de ossos e teias de aranha.

Os duendes e trolls que se achavam no centro do salão começaram a dançar em torno uns dos outros, em uma coreografia na qual evidentemente precisavam se concentrar muito – eles obviamente a haviam ensaiado exaustivamente. Rigworm os observava com atenção e contava os compassos consigo mesmo; os gêmeos imaginaram que deveria ter sido ele o coreógrafo.

Trollbella sorria e balançava a cabeça no ritmo da música.

– Dançam, duetrolls, dançam! – ela ordenava e batia palmas, deleitada.

À medida que a dança progredia, os duendes e trolls começaram a puxar os prisioneiros para a pista, girando-os e curvando-os como parte do bailado. Froggy foi puxado por um par de feias mulheres troll, que coravam e davam risadinhas enquanto dançavam com ele.

Chapeuzinho ficou rosada ao vê-las girar seu namorado. Um duende tentou agarrar a mão de Cachinhos Dourados, porém ela lhe dirigiu um olhar assustador que o afastou.

O troll que capturara os gêmeos carregou a harpa mágica até o salão e a colocou ao lado da banda. Alex e Conner notaram que ele ainda trazia pendurada no ombro a bolsa que continha a varinha.

– O que é *isso*?! – Trollbella perguntou, esperneando excitadamente no trono.

– Um presente, Minha Rainha – o troll disse, curvando-se para ela. – Nós o adquirimos esta tarde.

– Com “adquirimos”, ele quer dizer raptamos! – a harpa bradou.

– Alguém toque a mulher reluzente! – Trollbella ordenou. – Quero ouvir o som de suas cordas!

Um dos duendes da banda jogou o violino de lado e começou a tocar a harpa, que explodiu em gargalhada – aquilo lhe fazia cócegas.

– Uuuuu-hu-hu-hu, pare com isso! – ela gritou. – Isso faz cócegas! Uuuuu-huu! Seja delicado; faz muito tempo!

No centro do salão, os duendes e trolls pararam por um momento e observaram enquanto a harpa era tocada contra sua vontade.

Trollbella fechou a cara para eles e gritou do trono:

– Eu *disse* que vocês podiam parar de dançar?

Rigworm bateu o cajado no chão, e os duendes e trolls imediatamente retomaram a dança do ponto em que tinham parado.

O grupo de prisioneiros ficava cada vez menor à medida que mais e mais deles eram incorporados à dança. Conner se escondia atrás dos que restaram; ele não queria dançar e, mais do que isso, não queria que Trollbella o visse.

Conforme a dança prosseguiu, João, Cachinhos Dourados, Froggy, Chapeuzinho, Alex e Bob foram, um por um, acrescentados a ela e agora giravam pelo salão. Só sobrou Conner. Trollbella olhou em volta, satisfeita com toda aquela dança, e seu olhar finalmente pousou no jovem garoto. A Rainha Troll gritou. Sua boca se abriu, e seus olhos dobraram de tamanho.

– Parem a música! – ela ordenou, e a banda emudeceu de imediato. Trollbella agarrou o peito que cobria um coração disparado e arquejou: – O meu Butterboy voltou!

Conner se encolheu.

– Oi, Trollbella... – disse ele, e acenou desajeitadamente para ela.

Trollbella não cabia em si de excitação.

– Eu sabia que você voltaria para mim, Butterboy – falou suavemente, quase em transe. – Esperei tanto por este momento.

– Ah, bem, aqui estou eu – disse Conner, piscando desconfortavelmente.

Embora a música tivesse parado, uma sinfonia de mil instrumentos tocava na cabeça de Trollbella.

– Tragam-me o busto do Butterboy! – ela ordenou.

Um par de trolls puxou uma carroça muito pesada para o centro do salão. Na parte de trás do veículo havia um gigante busto de Conner, esculpido à perfeição em pedra.

– Aquilo sou *eu*?! – Conner perguntou, horrorizado ao ver a enorme réplica de si mesmo.

Trollbella saltou do trono e pôs uma mão na bochecha do busto.

– Eu mesma fiz. Fiquei olhando para ele todos esses dias em que ficamos separados – disse ela, sonhadora. – Mas você está tão diferente agora, Butterboy. Ficou mais alto, mais bonitão: você agora é o meu *Butterman*!

Trollbella caminhou até o Conner real como uma leoa se aproxima de seu macho. Seu coração praticamente pulava para fora do corpo. Ela lançou os braços em volta dele e o apertou com toda a força.

Conner olhou para a irmã.

– Socorro... – Seus lábios se mexeram, mas nenhum som saiu. Alex apenas encolheu os ombros. O que ela poderia fazer?

– Eu preciso de música lenta para dançar com o meu Butterboy! – Trollbella ordenou. – Agora, duetrolls, agora!

A banda começou a tocar uma melodia lenta e romântica. Trollbella dançou com Conner ao ritmo da música – ou melhor, ela o moveu em volta do salão.

– Trollbella, o que é um duetroll? – perguntou Conner.

– É como eu rebatizei meu povo depois que me tornei rainha. – Trollbella descansou a cabeça no peito de Conner enquanto eles dançavam. O ornamento em forma de chifres quase atingiu o olho do rapaz. – O Rei Duende não tinha herdeiro, então herdei ambos os tronos e os transformei em um só.

– O que aconteceu com o Rei Troll e o Rei Duende?

– Pedras caíram, e eles morreram – Trollbella disse simplesmente. – Foi uma tragédia, foi uma sujeira. São riscos ambientais quando se vive em um reino subterrâneo.

– Sinto muito – disse Conner, sem ter muita certeza se Trollbella estava triste com o incidente.

Ela encolheu os ombros alegremente.

– Enfim, eu sou rainha agora. E tenho sido uma ótima rainha para os meus duetrolls. Nós tivemos má reputação por muito tempo, e eu tentei restaurar nossa honra e classe; para isso, obriguei-os a tomar banho e a dançar.

– Você fez um bom trabalho.

– Mas eu fico tão solitária aqui embaixo... – Trollbella olhou-o nos olhos. – Sonho em me casar e começar a minha própria família duetroll. Ah, Butterboy, por favor, você não quer ser o meu *Butterking*?!

O salão inteiro silenciou diante da súbita e inesperada proposta. Alex bateu as

mãos no rosto.

– *King?* – exclamou Conner. – Você quer dizer rei? Eu? Dos duendes e trolls?

Trollbella o silenciou com o dedo indicador.

– Shhh, Butterboy – ela disse calmamente. – Sei que só estamos juntos há meros três minutos, mas nunca tive tanta certeza de algo na vida. É uma tremenda honra ser meu marido, eu sei, mas deixe a ideia assentar e aceite-a. Abrace-a. Ame-a.

Trollbella era tão mais poderosa agora que Conner ficou aterrorizado com o que ela poderia fazer com ele ou com seus amigos caso ele a rejeitasse.

– Trollbella, eu... eu... eu...

– Acredito que a palavra que você está procurando é *sim*.

Conner foi salvo por um súbito clarão violeta que tomou o salão. Uma grande ampulheta, coberta de trepadeiras e espinheiros, apareceu no centro da pista de dança. Areia roxa caía rapidamente do topo para a base – o que quer que contasse, iria acontecer em questão de segundos.

– O que é aquilo? – Conner indagou.

Trollbella revirou os olhos para a ampulheta.

– Ah, não se preocupe com aquilo, Butterboy – disse ela. – É só a Feiticeira.

– A Feiticeira?! – berrou Conner. – Por que a Feiticeira está mandando uma ampulheta para você?

Trollbella tentou descartar o assunto como se não fosse importante:

– Ela me visitou ontem. Tentou me convencer a lhe entregar meu reino. Aparentemente está tentando dominar o mundo ou coisa assim. Não prestei muita atenção; ela interrompeu a hora da dança.

– O que mais ela disse?

– Contou que o Império dos Elfos já se rendeu a ela. Os elfos ainda estão zangados porque não foram incluídos na primeiríssima Assembleia dos Felizes para Sempre. A Feiticeira imaginou que, como os duendes e trolls nunca foram incluídos, também iríamos nos render.

– Você se rendeu?

– É claro que não. Era hora da dança! Ninguém interrompe minha hora da dança.

– Ela ameaçou você com alguma coisa? – Era difícil tirar informações de Trollbella.

Ela pensou a respeito e então falou inexpressivamente:

– Hum, ela disse que eu tinha um ou dois dias para pensar ou iria causar horríveis destruições em meu reino.

– Bem, e você não ficou preocupada com isso?

– Eu vivo em um grande buraco com duendes e trolls. O que é pior do que isso?

Alex correu até a pequena rainha.

– Trollbella! Nós temos de tirar todo mundo daqui o mais depressa possível!

Foi quando a troll se deu conta de que Alex estava no salão. Ela não se lembrava por que não gostava da garota – mas o sentimento era mais forte do que nunca.

– Você? – Trollbella gritou, e então lançou um olhar de desaprovação para Conner. – Você ainda anda com ela, Butterboy?

– Ela é minha irmã! – Conner berrou. Aquilo nunca teve importância para Trollbella; qualquer outra garota era uma ameaça quando se tratava de seu Butterboy.

A areia roxa caía depressa.

– Temos de sair daqui antes que a Feiticeira ataque! – Alex declarou desesperadamente para o salão.

– O que você acha que a Feiticeira vai fazer?! – perguntou Froggy.

– Não tenho certeza, mas acho que sei – disse Alex. – E rezo para estar errada.

O último grão de areia roxa tombou na ampulheta. O tempo se esgotara. Um ribombar trovejante sacudiu o salão comum. Algo de monstruoso se aproximava.

– O que está acontecendo?! – gritou Chapeuzinho.

Ela se voltou para o túnel de entrada, e o salão inteiro a imitou. Um *tsunami* se precipitava sobre todos.

– Eu estava certa – Alex sussurrou para si mesma. – Ezmia vai inundar o reino!

Trolls, duendes e humanos gritaram ao ver a água se aproximar. Não havia tempo a perder. Eles tinham de fazer alguma coisa depressa, ou a torrente iria afogar o reino inteiro.

Alex correu para o troll que tinha a bolsa pendurada no ombro e a arrancou dele. Então correu na direção da onda, vasculhando a bolsa ao mesmo tempo. Encontrou a varinha e removeu dela todos os outros itens, varrendo-os para dentro da bolsa e ficando apenas com o cetro de gelo.

Ela apontou o cetro para a onda. Uma rajada enregelante projetou-se da ponta do objeto e adentrou a água. O *tsunami* perdeu velocidade até paralisar na forma de uma grande muralha de gelo, a poucos metros de Alex.

Os duendes e trolls aplaudiram e deram vivas.

– A Squishygirl nos salvou! – Trollbella disse demoradamente, os olhos arregalados.

– Você é um gênio! – Conner gritou para a irmã, orgulhoso. Ela olhou para ele, e os dois compartilharam um sorriso. No entanto, aquilo ainda não havia terminado.

A muralha de gelo começou a rachar e a estalar conforme mais água vinha do túnel.

– Precisamos cair fora daqui! – berrou Alex. – A muralha não vai conter a água para sempre!

Rigworm bateu o cajado no chão.

– Sigam-me para os túneis traseiros, todos vocês! – ele gritou, e os duetrolls

debandaram para fora do salão.

A banda abandonou os instrumentos, inclusive a harpa mágica, e disparou com os outros.

– Não me abandonem! – disse a harpa.

João e Froggy a ergueram sobre os ombros e seguiram os duetrolls para fora do salão, com Chapeuzinho logo atrás.

– Minhas desculpas, Majestade! – disse Cachinhos Dourados, e ergueu Trollbella como se esta fosse um bebê de brinquedo.

– Eu te amo, Butterboy! – Trollbella gritou para Conner enquanto Cachinhos Dourados a carregava para fora do aposento.

Alex e Conner ficaram para trás. Alex disparava o cetro a fim de reforçar a muralha de gelo, que inchava sob a pressão da água.

– Alex! Conner! – disse Bob. – Temos de sair daqui antes que seja tarde demais!

– Eles precisam de tempo para escapar! – disse Alex. – Preciso manter a muralha para que tenham uma chance! Vão! Salvem-se!

Alex segurava o cetro como se fosse um lança-chamas, congelando a água que deslizava lentamente cada vez mais para perto. Ela apertou o bastão com maior força, e uma rajada ainda mais poderosa foi disparada. Cada segundo contava.

Finalmente a pressão foi demais para o cetro, e a água precipitou-se na direção deles. Bob puxou os gêmeos para o túnel por onde os outros haviam saído, e os três correram para salvar a própria vida.

Subiram pelo túnel, com a água em seu encalço. Por sorte o Território dos Duendes e Trolls era como um formigueiro gigante – a água tinha outros lugares aos quais afluir –, porém o reino subterrâneo se encheu rapidamente, e a torrente cresceu às costas dos três. Eles correram tão depressa quanto suas pernas permitiam, mas a água os alcançou e os engolfou.

Bob e os gêmeos foram lançados da terra como do respiradouro de uma baleia. Aterrissaram sobre um gramado, em algum lugar fora do território. Estavam encharcados e tossiam para expulsar a água que haviam engolido.

Os gêmeos e Bob se levantaram e olharam em volta para descobrir onde estavam. Era um campo, à beira de uma floresta. Toda a raça de duendes e trolls se achava espalhada pelo lugar, com João, Cachinhos Dourados, Chapeuzinho, Froggy e a harpa dispersos entre eles. Todos gemiam e ofegavam e se agarravam aos entes queridos que, por muito pouco, não haviam perdido.

Parecia uma cena de noticiário depois de um desastre natural.

– Onde estamos? – perguntou Alex.

– Faz diferença? – disse Conner. – Estamos vivos.

Os gêmeos e seus amigos se reuniram no centro do campo.

– Aquilo que você fez lá embaixo foi muito corajoso – disse João, e pôs uma mão

agradecida sobre o ombro de Alex.

– Você salvou nossa vida, Alex – disse Cachinhos Dourados.

Trollbella caminhou até Alex; seu ornamento de cabeça fora arrancado, e suas tranças loiras estavam expostas.

– Você me salvou e a meus duetrolls, Squishygirl. Seremos eternamente gratos!

Tudo o que Alex conseguiu fazer foi balançar a cabeça, soterrada pela gratidão que recebia. Ela despejou a bolsa, e todos os pertences que o troll roubara caíram no chão. João pegou seu machado, e Cachinhos Dourados, sua espada. Alex observou enquanto a Varinha Prodigiosa se reconfigurava ao reunir os pedaços de espelho, o cetro, o anel da madrastra e as pérolas da Bruxa do Mar.

– Um reino inteiro foi devastado, mas parece que alguma coisa se salvou – disse Alex. Ela pegou o anel de compromisso de sua mãe e o entregou a Bob.

Aquilo lhes deu a esperança de que nem tudo estava perdido.

João liderou um grupo de duendes e trolls machos para dentro da floresta e retornou com lenha. Uma série de fogueiras foram acesas para que os sobreviventes pudessem passar a noite. Bob circulou entre eles e inspecionou todos os feridos, embora a anatomia dos duendes e trolls o confundisse – em alguns pés de quatro dedos –, na verdade não faltava dedo algum.

Naquela noite todos dormiram no chão. No dia seguinte descobriu-se o local da queda do *Vovozinha*, não muito longe do acampamento improvisado. Como os danos ao navio eram irreparáveis ele foi desmontado, e os pedaços de madeira trançada e de pano costurado foram usados para criar tendas.

Enquanto ajudava os duendes e trolls a desmanchar o navio, João encontrou Clawdus escondido nos destroços. Ele o levou ao acampamento e o entregou a Chapeuzinho.

– Ah, Clawdus! Aí está você! – ela disse alegremente. – Eu estava morrendo de preocupação! Pensei que você tivesse sido devorado por um... um... bem, um parente ou coisa assim!

Os viajantes montaram uma tenda para seu grupo de oito (nove, incluindo Clawdus). Trollbella insistiu em colocar sua tenda o mais perto possível da de Conner. Ela falava abertamente sobre o futuro casamento, embora o rapaz nunca tivesse respondido à sua proposta.

– Trollbella, você e todos os duetrolls acabaram de perder um reino – disse Conner. – Acho que você tem coisas mais importantes com que se preocupar.

– Você é tão sábio, Butterboy – disse Trollbella. – E algum dia dará um maravilhoso Butterking.

Trollbella era uma sem-teto, mas não uma sem-esperança.

À noite João, Cachinhos Dourados, Chapeuzinho, Froggy, Bob e os gêmeos sentaram-se em volta de uma fogueira. Sentiam-se muito desanimados depois de

testemunharem a tentativa da Feiticeira de matar um reino inteiro.

– Aonde vamos agora? – perguntou Cachinhos Dourados. – Já coletamos tudo, menos o que precisamos da Feiticeira.

– E ninguém tem nenhuma ideia de onde ela está? – Bob indagou.

– Não – disse João. – Mas, assim que soubermos, será nossa próxima parada.

Conner se cansou de ouvir as mesmas perguntas sem sentido.

– Vou dar uma caminhada – disse ele. – Preciso espairar.

– Vou com você – disse Alex. – Um pouco de ar vai nos fazer bem.

Os gêmeos caminharam por entre as árvores que margeavam o acampamento. Era bom ficar longe dos outros por um tempo e poder desabafar um ao outro.

– Ela é um monstro – Alex disse baixinho. – Acho que nunca odiei tanto alguém quanto odeio a Feiticeira.

– Eu nunca imaginei que uma pessoa fosse capaz de causar tanto dano – disse Conner. – Quando teremos as respostas de que precisamos para nos livrar dessa peste? Estou enjoado de tantas perguntas!

Alguma coisa começou a se mover entre árvores mais distantes. Os gêmeos se viraram e divisaram uma mulher fantasmagórica e familiar que flutuava na sua direção.

– É a Dama do Leste! – disse Alex.

O fantasma pairou na frente dos dois. Conner deu um passo zangado na direção do espírito. Ele não o temia mais; em vez disso ficou irritado com a aparição.

– O que você quer de nós? – o rapaz gritou.

O fantasma não lhe respondeu. Apenas olhou para os gêmeos em silêncio, como sempre fez.

– *Hablas inglés?* – Conner tentou com um sotaque horrível.

– Conner, eu não acho que ela fale espanhol – Alex repreendeu.

– O.QUE.VOCÊ.QUER? – berrou Conner.

O fantasma ergueu a mão e apontou para o leste.

– Sim, nós já entendemos, você é do leste! – disse ele. – Escute, Dama Fantasma, nós já temos problemas suficientes no momento. A não ser que você possa nos ajudar, por favor, vá assombrar outra pessoa.

O fantasma olhou para um e para outro e assentiu. Deu meia-volta e se afastou entre as árvores, mas parou para fitá-los de novo.

– Acho que ela quer que a sigamos – disse Alex. – Acho que ela quer ajudar.

O fantasma assentiu novamente e então flutuou para longe.

– Por que os fantasmas são tão passivo-agressivos? – Conner perguntou.

– Vamos segui-la – disse Alex, com uma encolhida de ombros. – O que temos a perder?

Conner olhou nervosamente para o fantasma.

– É melhor você não nos levar em uma caçada inútil.

Os gêmeos seguiram o espírito através das árvores, em direção ao leste. Não sabiam para onde ela os estava levando nem por quanto tempo se afastariam, porém esperavam encontrar as respostas de que precisavam nesse lugar misterioso.



Passava pouco do pôr do sol, e a harpa mágica tinha a tenda inteira para si. Os gêmeos haviam saído para uma caminhada; os demais viajantes estavam reunidos em volta da fogueira e conversavam tranquilamente.

Através de um rasgo na tenda, a harpa olhava para os duendes e trolls acampados no entorno. Muito embora a tivessem raptado e a forçado a tocar música, ela não podia deixar de sentir pena deles. Nenhuma criatura merecia ter seu lar destruído de maneira tão impiedosa. Harper desejou poder ajudar os gêmeos a deter a Feiticeira – exceto da maneira mais óbvia.

A Varinha Prodigiosa se achava sobre um toco de árvore, em frente à harpa, que vinha mantendo o máximo de distância possível do objeto. Cada vez que a via, uma sensação estranha e sedutora a tomava, como se fosse magneticamente atraída. A harpa sabia que deveria ser parte da varinha – só estava preocupada com o que isso lhe custaria.

– Que trágico – disse uma voz etérea na tenda. – Eu avisei a Rainha Troll, portanto ela só tem a si mesma para culpar.

A harpa se virou para verificar quem se insinuara na tenda e deu de cara com uma face que não via fazia mais de cem anos.

– Ezmia – disse a harpa.

– Olá, Gloria – a Feiticeira cumprimentou. – Muito tempo se passou desde a última vez que a vi. Você está maravilhosa, não envelheceu nem um dia! Imagino que essa seja uma das vantagens de ser feita de ouro.

A harpa não estava nem acanhada nem com medo. Sem que os outros soubessem, ela e a Feiticeira tinham uma história.

– Você deve saber – disse a harpa com mau humor. – Ou sua memória ficou tão estragada quanto sua alma? Foi você quem me transformou em instrumento.

– Então fui *eu*? – disse Ezmia, com um gesto jocoso para si mesma.

– O Músico se apaixonou por mim e a abandonou. Então você me transformou em um objeto e capturou a alma dele, forçando-me a viver pela eternidade sem o meu amor.

– Que cruel! – Ezmia zombou. – Soa como algo que eu faria, porém.

Se a harpa possuísse canais lacrimais, Ezmia teria feito lágrimas rolar pelo rosto de ouro de Harper.

– Por que você está aqui, Ezmia? Está contando todas as vidas que arruinou?

A Feiticeira sorriu malevolamente.

– Não, estou aqui para ver essa expressão no seu rosto. Esperei por mais de cem anos para ver esses olhos se encherem com a desolação de ver o mundo inteiro se esfarelar à sua volta. Porque, certa vez, você foi a responsável por colocar essa mesma expressão nos meus olhos.

– Você ainda me culpa pelo erro do Músico?

– Ah, por favor, vocês dois foram culpados. Você o deixou persegui-la, apesar de saber que aquilo partia meu coração. Você não imaginou que me magoar traria consequências porque, como o resto do mundo, pensava que eu era poderosa em habilidades, mas fraca de espírito.

– E agora, você está satisfeita? Agora que mostrou ao mundo o mal de que é capaz, você encontrou sua paz?

– Posso ainda não estar plenamente satisfeita, mas logo estarei. Tenho grandes planos para este mundo.

A harpa sacudiu a cabeça, quase sentindo pena da Feiticeira.

– Não, Ezmia, você nunca estará satisfeita. Você pensa que, ao roubar a felicidade das outras pessoas, encontrará a sua própria, porém as coisas não funcionam assim. Você procurará a felicidade durante toda a vida e nunca a encontrará, porque não saberia o que é felicidade nem se a esfregassem na sua cara.

Os olhos da Feiticeira se arregalaram de raiva. Seu cabelo começou a flutuar tal qual uma chama agressiva. A harpa podia tê-la enfurecido, mas Ezmia se deleitava com a sensação; ela sorriu quando seu espírito absorveu aquele sentimento e seu corpo ficou mais forte.

– Obrigada – disse a Feiticeira. – Tenho um grande dia amanhã e precisava desse reforço extra. Mais uma coisa antes que eu me vá: se eu de fato tiver de procurar a felicidade por todo o sempre, fico muito contente que você esteja por perto para assistir.

A Feiticeira desapareceu da tenda sem deixar sinal. Aquele comentário foi como uma faca no coração da harpa. Ela não podia suportar o pensamento de assistir enquanto a ira de Ezmia evoluía desenfreadamente.

A harpa olhou para a Varinha Prodigiosa e se ofereceu a ela. Estava pronta para sacrificar o que tivesse de sacrificar para que Ezmia não vencesse.



CAPÍTULO 23

O oitavo anão

Uma horrível tempestade avançava pela Floresta dos Anões. A chuva despencava em enorme quantidade, os trovões rugiam, e as árvores se dobravam sob os ventos violentos. Era como se a Mãe Natureza estivesse de luto. Os Sete Anões estavam aconchegados em seu chalé; jogavam cartas e saboreavam um chocolate quente à mesa enquanto esperavam a tempestade passar. Era quase meia-noite quando uma batida inesperada soou na porta.

Eles ficaram curiosos por saber quem os visitava tão tarde da noite e durante tamanha tempestade. De fato, a última pessoa a bater àquela porta fora a própria Rainha Branca de Neve, quando era apenas uma jovem princesa que tentava se esconder da Rainha Diabólica.

O Anão Mais Velho levantou-se da mesa e abriu a porta. E foi pego de surpresa quando a visita se revelou. Postado diante da porta, encharcado até os ossos e com um casaco escuro, estava o irmão mais novo dos Sete Anões.

– Olá – disse Rumpelstiltskin.

– Ora! – disse o Anão Mais Velho. Cento e vinte e sete anos haviam se passado desde que os anões tinham visto o irmão mais novo pela última vez.

– Rumpelstiltskin, é você? – indagou o Anão Mais Baixinho, levantando-se da mesa.

– Sou eu, irmão – disse Rumpelstiltskin. – Posso entrar?

O Mais Velho hesitou de início, porém, porque o tempo estava tão ruim, decidiu que seria cruel não deixar o irmão entrar. Rumpelstiltskin deu um passo para dentro do antigo lar, e o Mais Velho fechou a porta.

– Está um horror lá fora – disse Rumpelstiltskin, com calafrios. Todos os seus sete irmãos lhe fecharam a cara, pois ele não era bem-vindo. – Jogando com o velho baralho, hein? Sempre gostei muito de jogar cartas durante uma tempestade.

Alguns irmãos olharam para o chão; outros, para suas cartas, embora nenhum

deles estivesse jogando agora.

– Eu vi a fumaça na chaminé – disse Rumpelstiltskin. – Ela me guiou até aqui através da tempestade. Graças aos céus, pois, se não fosse isso, eu ainda estaria lá fora, embaixo da chuva.

– Por que você está aqui? – o Anão Maior perguntou.

Rumpelstiltskin olhou para as próprias mãos enquanto formava as palavras.

– Eu escapei enquanto a Feiticeira se ausentou. Tenho certeza de que vocês já sabem, mas ela está se apoderando do mundo.

O Anão Mais Velho soltou um murmúrio de desdém e sentou-se à mesa. Rumpelstiltskin sabia que aquilo fora dirigido a ele.

– A Feiticeira não foi muito clara quanto a seus planos para a Floresta dos Anões, pois aqui não há um governante a ser ameaçado, mas eu acho que ela planeja apagá-la do mapa completamente – disse ele. – Sou bastante próximo à Feiticeira, tão próximo quanto alguém pode ser, e estava esperando que, com sua permissão, eu pudesse pedir a ela que poupe vocês quando dominar o mundo.

– E por que você faria isso? – perguntou o Anão Mais Magro.

Rumpelstiltskin se magoou com a pergunta.

– Porque nós somos uma família – ele disse.

O Mais Velho jogou suas cartas sobre a mesa, enfurecido.

– Nós *éramos* uma família – falou. – Você abandonou esta família muito tempo atrás, quando decidiu que não éramos bons o bastante para você. E pelo que nos deixou? Para raptar crianças para fadas más? Para passar toda uma vida na prisão? Como você se atreve a se considerar um anão ou a pronunciar a palavra *família* sob este teto? A Mãe e o Pai teriam vergonha de você se estivessem vivos.

Rumpelstiltskin abaixou a cabeça.

– Eu era tão infeliz. Eu não sabia o que queria; só sabia que não era a vida de um mineiro.

– E então, você encontrou? – perguntou o Anão Mais Baixinho. – Correr de um lado a outro fazendo trabalhos humilhantes para a perversa Feiticeira é o que você sonhava?

Rumpelstiltskin fechou os olhos; ele tinha a esperança de que a conversa não chegasse a esse ponto.

– Eu sinto muito pela vergonha que causei a esta família – disse. – Acreditem em mim: não se passa um dia sem que eu deseje apagar o passado. Não existe nada que eu deseje mais do que me livrar de minha relação com ela, mas receio não poder, tudo por causa de um erro que cometi anos atrás.

O Anão Mais Velho embaralhou as cartas e falou:

– Bem, o erro foi *seu*, e não nosso. Não temos nada a ver com isso. Você pode dizer à Feiticeira que preferimos morrer a viver em um mundo dominado por ela.

Rumpelstiltskin olhou indagativamente para os outros irmãos, porém a resposta parecia ser unânime.

– Entendo – disse finalmente. – Bem, ao menos eu tentei.

Ele se dirigiu à porta e a abriu. Os fortes ventos de fora invadiram instantaneamente o chalé. Rumpelstiltskin olhou novamente para os irmãos antes de partir; ele tinha uma última coisa a dizer:

– Sinto muito por nunca ter podido ser o irmão que vocês queriam. Mas um dia eu acertarei as coisas entre nós. Um dia eu serei um irmão de quem vocês terão orgulho.

Rumpelstiltskin saiu para a tempestade e fechou a porta do chalé atrás de si. Sabia que aquela poderia ser a última coisa que lhes dizia.



CAPÍTULO 24

A Dama do Leste

Os gêmeos seguiram o fantasma por horas e horas em direção ao leste. Eles viajaram por uma série de florestas, sobre rios e através de colinas cobertas de grama. Ocasionalmente o fantasma olhava para trás, a fim de se certificar de que os gêmeos ainda o seguiam e aguardava que eles o alcançassem antes de prosseguir.

Por fim chegaram a um grande rio que demarcava a fronteira do Reino do Leste. Pelo menos foi o que os gêmeos presumiram, já que o outro lado estava consumido por espinheiros e trepadeiras.

– Ela é louca se pensa que vamos entrar lá – disse Conner.

A Dama do Leste flutuou corrente acima, até um grande bordo; então pairou junto às suas raízes até que os gêmeos a alcançassem. Ela apontou para o solo, e Alex e Conner viram, escondida na terra, uma pequena porta circular. Conner a abriu e descobriu uma escada que levava a um túnel estreito.

– É uma passagem secreta! – disse Alex.

– Devemos entrar? – Conner perguntou à fantasma.

A Dama do Leste balançou a cabeça afirmativamente. Ela se transformou em uma pequena esfera fantasmagórica e voou para dentro da passagem. Alex e Conner a seguiram, descendo com cuidado a escada. O túnel era escuro e sujo. A esfera emitia a única luz existente, e os gêmeos a seguiram como se ela fosse a Estrela do Norte conforme os guiava para o leste, por baixo da terra.

A terra que os cercava ficou úmida e lamacenta quando eles passaram para baixo do rio.

– Ela parece saber aonde está indo – comentou Conner.

– Esta deve ser uma entrada secreta para o Reino do Leste – disse Alex. – Algo me diz que somos os primeiros a passar por aqui em muito, muito tempo.

Não havia pegadas, nem roedores, nem mesmo um simples inseto à vista. Os

gêmeos caminharam através do túnel por quilômetros e quilômetros. Seus pés estavam cansados, doendo um pouquinho mais a cada passo.

– Ainda não chegamos? – Conner perguntou à esfera, porém não recebeu resposta. Finalmente o túnel terminou em outra escada.

Alex e Conner a subiram e espreitaram através da porta circular que a cobria antes de a empurrarem e sair.

Eles se viram em uma sala quadrada com o chão coberto de palha e espaçosas baias de madeira construídas ao longo das paredes.

– Parece que estamos em um estábulo – disse Conner.

– Então onde estão todos os cavalos? – perguntou Alex.

A esfera se transformou novamente na Dama do Leste e deslizou através do estábulo e de um par de portas abertas. Alex e Conner a seguiram de novo, espiando pelas portas antes de atravessá-las. Eles encontraram uma escada de pedra em espiral que se estendia muito para cima.

– Conner, acho que estamos no castelo da Bela Adormecida – disse Alex.

A Dama do Leste olhou zangadamente para eles do alto da escada.

– Estamos indo, estamos indo – avisou Conner.

Os gêmeos a seguiram pelos degraus de pedra, e finalmente chegaram a um dos pisos mais altos. Continuaram seguindo a Dama do Leste por um corredor com janelas de vitrais; as janelas, porém, eram escuras, como se algo as cobrisse pelo lado de fora.

Eles passaram por uma janela cuja vista estava desobstruída e olharam para o exterior, para o resto do castelo e para as terras que o cercavam. Alex agarrou o braço do irmão.

– Ah, meu Deus! – ela gritou, e cobriu a boca.

– Nossa – Conner disse baixinho.

O castelo achava-se a tal ponto consumido pelas plantas da Feiticeira que parecia ser ele mesmo uma grande planta. Os espinheiros e as trepadeiras haviam se enrolado em torno da construção, sem deixar nada livre. Os gêmeos avistaram soldados e servos e aldeões espalhados pela terra e envoltos por trepadeiras – pareciam presas de serpentes. Alguns encontravam-se cravados no chão, enquanto outros eram suspensos a centenas de metros do castelo, como ornamentos de uma monstruosa árvore de Natal.

– Você não vê isso todos os dias – Conner falou debilmente.

Os gêmeos voltaram-se para a Dama do Leste. Ela prosseguiu pelo corredor e desapareceu atrás de uma porta. Alex e Conner a abriram e entraram, porém o fantasma havia desaparecido. Eles olharam em volta do quarto, e uma grande e luxuosa cama com quatro colunas chamou-lhes a atenção – estavam nos aposentos do rei e da rainha.

– Quem são vocês? – uma voz profunda bradou. Sentado em uma cadeira, o Rei Chase se aquecia junto a uma lareira. Os gêmeos deram um pulo quando o viram.

– Não queríamos perturbá-lo! – disse Alex. – Não sabíamos que estávamos entrando em seus aposentos particulares.

O rei estudou-os com curiosidade.

– Como vocês entraram no castelo? – ele perguntou.

– Estávamos seguindo alguém – disse Alex.

– Quem?

Nenhum dos gêmeos tinha uma resposta.

– Bem, não sabemos quem ela é exatamente – Alex falou.

– Uma fantasma insistente, é o que ela é – Conner sussurrou, antes de se dirigir ao rei: – Ela nos trouxe através de um túnel secreto.

Os gêmeos esperavam que o rei os olhasse como se estivessem loucos, mas ele fez o oposto.

– Fantasma? – disse o Rei Chase. – Por acaso seria o espírito de uma mulher com uma flor no cabelo?

– Sim! – disse Alex. – Você sabe quem é ela?

O Rei Chase assentiu.

– Vocês provavelmente estavam seguindo o espírito da velha Rainha Bela. Ela vem assombrando este castelo há anos.

– Rainha Bela? – perguntou Conner, com uma expressão confusa. – Mas nós vimos sua esposa na semana passada, ela estava viva.

O Rei Chase apoiou a cabeça no espaldar da cadeira e soltou um longo suspiro de alívio.

– Fico feliz em ouvir isso. Eu não a vejo nem ouço falar dela desde que ela fugiu do castelo; ninguém foi capaz de entrar ou sair daqui depois que as plantas atacaram.

– Então há duas Rainhas Bela? – Conner indagou.

O Rei Chase levantou-se e caminhou até um retrato pendurado na parede. Era de uma linda mulher – inconfundivelmente a Dama do Leste quando viva.

– O fantasma é o espírito da Rainha Bela Primeira, avó da minha esposa, em homenagem a quem ela foi batizada – explicou o Rei Chase. – Minha mulher é a Rainha Bela Segunda, mas o mundo a conhece simplesmente como Bela Adormecida.

– É por isso que ela me pareceu tão familiar! – disse Conner. – Bela Adormecida é igualzinha à avó!

– O fantasma só se revela a pessoas que ela pensa que podem ajudar em um momento de necessidade – disse o Rei Chase, e olhou atentamente para os gêmeos.

– Eu bem sei: nunca teria beijado Bela Adormecida e quebrado a maldição do sono

se a Rainha Bela não tivesse me guiado até este castelo.

– Interessante – disse Alex, estudando o retrato.

Ao lado dele havia outra pintura da Rainha Bela, em pé, ao lado de um grande animal de algum tipo; o bicho tinha pelo espesso, grandes garras e uma juba como a de um leão.

“Espere um minuto... Bela!”, pensou Alex. “A Velha Rainha Bela é *a Bela de Bela e a Fera?*”

– Certíssimo – disse uma voz de mulher. Os gêmeos e o Rei Chase se voltaram e viram o fantasma da Velha Rainha Bela, que flutuava na direção deles. – Eu vim morar neste castelo quando era muito jovem. Eu devia quitar o débito do meu pai para com um rei condenado a viver como uma fera hedionda, mas, quando me apaixonei por ele, a maldição foi suspensa, e ele se tornou humano outra vez.

Os gêmeos paralisaram.

– Você pode falar? – perguntou Conner. – Teria sido bacana se você tivesse explicado isso na *primeira vez* em que quase me matou de susto!

– Peço desculpas pelos métodos que usei para trazê-los aqui. – disse Bela. – Só posso falar quando estou em meu velho lar.

Fascinada pela tradição, Alex pensou naquilo em silêncio, tentando tirar um sentido de tudo.

– Então duas maldições neste castelo foram quebradas por um ato de amor – disse Alex. – Que coincidência.

– Receio não haver coincidência alguma – disse Bela. – As maldições foram lançadas pela mesma pessoa. *Ezmia*.

Os gêmeos sacudiram a cabeça, incrédulos. Não esperavam essa reviravolta na história.

– Espere – disse Conner. – Foi Ezmia quem transformou o seu marido na fera?

O fantasma assentiu sombriamente.

– Sim. Vejam só, Ezmia se apaixonou pelo meu marido muito tempo antes de eu conhecê-lo. Quando ele não correspondeu a seu amor, ela o amaldiçoou; achava que ninguém jamais amaria uma fera.

– E então você quebrou a maldição, e, anos depois, ela amaldiçoou a sua neta? – perguntou Alex.

– Acho que ela não gosta do nome Bela – Conner disse, com um encolher de ombros.

– A Feiticeira amaldiçoou todas as gerações da minha família – Bela contou. – Ela enfeitiçou meu filho para que ele desejasse uma esposa que fiasse palha em ouro; o pobrezinho acabou encontrando uma donzela que alegava fazer isso, mas só porque havia tramado com Rumpelstiltskin.

– E Rumpelstiltskin trabalhava para Ezmia na época – Conner juntou as peças. –

Ele fiou a palha em ouro em troca de seu primogênito.

– Espere, há algo em comum nos ataques de Ezmia à sua família – disse Alex. – Todos eles envolvem uma roca. Mas por quê?

– Antes de eu morar com a fera no castelo, minhas irmãs e eu fiávamos na aldeia próxima – disse Bela. – Ezmia não podia suportar o fato de meu marido ter escolhido amar uma *fiandeira* em vez de uma grande fada como ela. Assim, forçou as rocas à minha família desde então.

– Isso exige um bocado de esforço – disse Conner. – Por que ela gastaria tanta energia amaldiçoando sua família por algo que aconteceu tanto tempo atrás?

Os gêmeos pensaram ver um sorrisinho no rosto do fantasma – eles estavam acompanhando perfeitamente a história.

– Porque a Feiticeira, acima de todas as coisas, valoriza seu *orgulho* – disse Bela. – E minha família sempre foi um lembrete de sua maior perda e de sua maior vergonha.

Alex e Conner sentiram o coração acelerar.

– Orgulho! – disse Alex. – É isso! É esse o bem mais precioso da Feiticeira!

– Foi por isso que você nos trouxe aqui, não foi? – Conner perguntou a Bela. – Você sabia o que precisávamos!

O fantasma da Velha Rainha Bela assentiu com a cabeça. O Rei Chase se achava tão envolvido com a história dela quanto os gêmeos – continuava aprendendo coisas sobre a família da qual fazia parte.

– Eu tenho uma pergunta – disse o rei. – É por isso que você ainda assombra este castelo? Para proteger sua família da Feiticeira?

O fantasma abaixou a cabeça em tristeza.

– Em seu plano para dominar o mundo, a Feiticeira aprisionou a alma do meu marido, assim como fez com sua avó – Bela disse para os gêmeos. – Vaguei pela terra com a esperança de que a alma dele fosse libertada e eu pudesse me reunir com ele do outro lado.

– E por que almas? – perguntou Conner. – Por que ela não coleciona selos ou antiguidades como uma pessoa normal?

– Temo não ter a resposta para essa pergunta – disse Bela. – Mas perguntei a alguém que se juntará a nós.

O fantasma da Velha Rainha Bela fez um gesto para a lareira. Outro espírito saiu da fumaça, era o fantasma de uma mulher baixinha e encurvada, que usava uma capa com capuz e caminhava com uma bengala. De tão enrugado, o rosto a fazia parecer uma tora. O nariz era incrivelmente pequeno, com uma enorme verruga ao lado.

Os gêmeos souberam de quem se tratava sem que fosse necessária nenhuma apresentação. Seu pai a descrevera perfeitamente no diário que os irmãos seguiram no ano anterior.

– Hagatha? – perguntou Alex. – É *você*?

– Sim? – disse Hagatha, e lentamente se aproximou dos quatro.

– Você sabe por que a Feiticeira está colecionando almas? – Conner perguntou cautelosamente.

– Sim. É o que ela precisa para criar um portal para o Outromundo.

– O quê?! – Alex ficou sem fôlego. – O que você quer dizer com “o Outromundo”?

– A Feiticeira nunca quis apenas *este* mundo, ela sempre planejou conquistar o Outromundo também – disse Hagatha. – É o seu lar, é o lugar onde nasceu. É o lugar onde sua família foi morta.

Os gêmeos não conseguiam acreditar no que ouviam. O desafio já era suficientemente grande; saber que a Feiticeira queria tomar também o mundo deles fez o estômago deles revirar. De repente, sua missão era salvar dois mundos. A catástrofe que a Feiticeira poderia causar no Outromundo não se comparava ao dano que causara aqui.

– Mas nossa avó é a única pessoa que pode viajar entre os mundos – disse Alex.

Hagatha e Bela trocaram um olhar cheio de remorso.

– Existe outro meio – disse Hagatha. – É algo que aprendi quando era uma jovem bruxa. Um feitiço tão forte que nunca achei que alguém seria suficientemente louco para tentá-lo... até conhecer Ezmia.

– E você o deu a ela? – Alex indagou.

– Eu a conheci quando ela ainda era uma fada de boa reputação. Ezmia tivera o coração partido inúmeras vezes e me perguntou se eu conhecia um jeito de criar um portal para o Outromundo; ela queria voltar à sua casa. E, sem pensar muito, eu cometi o maior erro da minha vida: eu lhe contei.

– O que era? – perguntou Conner.

Hagatha soltou um longo suspiro e disse:

– Para viajar ao Outromundo você precisa primeiro dominar os sete pecados capitais deste mundo aqui e conquistar seu passado, presente e futuro.

Era o feitiço de coleta mais intenso de que os gêmeos já tinham ouvido falar.

– Ela teve de dominar os sete pecados capitais? – perguntou Alex.

– E conquistar o passado, o presente e o futuro deste mundo? Como alguém faz isso? – Conner questionou.

– Por muito tempo Ezmia tentou fazer isso, e, infelizmente, parece que está muito perto de conseguir – disse Hagatha.

– Quais são mesmo os sete pecados capitais? – Conner perguntou à irmã.

Alex teve de pensar.

– Luxúria, inveja, orgulho, avareza, gula, preguiça e ira, acho.

Conner engoliu em seco e falou:

– Soa como a Feiticeira, sem dúvida. E você disse que ela está perto de conseguir, Hagatha?

O fantasma da velha bruxa balançou a cabeça afirmativamente.

– Ezmia aprisionou a alma de seus antigos amores para representar a sua *luxúria*. Ela despoja os outros da felicidade para representar a sua *inveja*. Ter Rumpelstiltskin sob o seu comando representa sua *preguiça*. E, conforme ela lentamente domina este mundo com *avareza* e *gula*, o mundo se expõe à sua *ira*, satisfazendo o *orgulho* dela.

– Mas como ela está conquistando o passado, o presente e o futuro deste mundo?

– Alex perguntou.

– Ao destruir os marcos históricos do reino, a Feiticeira conquista o *passado* – explicou Hagatha. – Ao forçar os governantes a entregar seus tronos, ela inegavelmente se apodera do *presente*. E, ao raptar o herdeiro de um trono do homem e o herdeiro de um trono da magia, ela domina o *futuro*.

Os gêmeos balançavam a cabeça enquanto acompanhavam a explicação. Olharam para o Rei Chase, porém ele estava tendo mais dificuldade do que eles para compreender aquilo tudo. Cada lance de Ezmia havia sido cuidadosamente calculado.

– A Princesa Esperança é a herdeira de um trono do homem – Conner comentou. – É por isso que Ezmia a raptou e tentou raptar Bela Adormecida quando esta era bebê!

– Mas quem é o herdeiro do trono da magia? – perguntou Alex.

– Foi *aí* que a Feiticeira cometeu seu maior erro – disse Hagatha, feliz por partilhar uma vantagem que eles tinham sobre a Feiticeira. – Ela raptou a pessoa errada.

De início, os gêmeos não entenderam o que ela quis dizer. Conner olhava para a irmã à medida que aquilo lentamente começava a fazer sentido. Alex notou que todos no quarto olhavam para ela.

– *Eu?* – a garota perguntou, apontando para si mesma. – Foi por isso que a Feiticeira quis me raptar? Ela pensa que eu sou algum tipo de herdeira da *magia*?

– Tecnicamente você é a única herdeira da Fada Madrinha – disse Conner.

– Você também é neto dela – Alex lembrou. – Deveria ser tão qualificado quanto eu, não acha?

Conner balançou a cabeça em negação.

– Vamos, Alex. Você sabe que eu nunca quis ser fada. Isso sempre foi uma coisa *sua*.

Sem querer acreditar, Alex balançou a cabeça e olhou para o chão.

– Não, tem de haver algum tipo de engano. Eu quero ser fada tanto quanto qualquer menina. Mas não posso ser a próxima Fada Madrinha.

– Os unicórnios não a reverenciaram quando você veio a este mundo pela primeira vez? – Bela perguntou.

– Bem, sim, mas o que isso tem a ver? – Alex quis saber.

– Os unicórnios só reverenciam aqueles cuja mágica é forte – disse Hagatha. – Ezmia sabia que, se houvesse alguém capaz de detê-la, seria outra mulher pertencente a ambos os mundos e com mágica no sangue.

– Foi por isso que a vovó fez tamanha onda para nos proteger – Conner concluiu. – Ela sabia que Ezmia iria atrás de você! Aposto que a vovó sabia que você seria sua sucessora desde que ativou o *Terra de Histórias*.

Alex tentou negar aquilo para si mesma, mas o que os outros diziam fazia sentido. Era uma realidade bem intensa para encarar – e um fardo ainda maior para suportar. Se a situação fosse diferente, aquela notícia teria sido a mais maravilhosa que já escutara; no entanto, eles estavam falando como se ela fosse a única pessoa capaz de derrotar a Feiticeira.

– Vocês precisam retornar aos demais – disse outra voz no quarto. Todos se viraram e avistaram um terceiro fantasma. Era o espírito de uma mulher jovem e bonita, porém tímida e arredia. Havia algo em sua presença e em sua voz que era muito familiar aos gêmeos, mas, com tantas coisas na cabeça, eles não conseguiam atinar exatamente quem ela lhes lembrava.

– Este quarto está ficando mais lotado a cada minuto – disse Conner. – Quem é você?

O novo fantasma levou um momento para responder, como se quisesse permanecer anônimo.

– Me chamavam de Gloria quando eu era viva – disse, mas logo mudou de assunto: – Vocês se afastaram há horas, e seus amigos estão preocupados. A Feiticeira planeja atacar novamente e em breve; vocês precisam voltar e terminar de construir a varinha.

– Espere. O que você sabe sobre a varinha? – perguntou Conner.

Gloria ficou quieta.

– Eu sei que vocês estão muito mais perto de completá-la do que pensam – ela falou suavemente, quase com tristeza. – Agora vocês precisam se apressar.

– Ela está certa – disse Bela, flutuando em direção à porta. – É hora de vocês voltarem ao acampamento dos duendes e trolls.

Os irmãos assentiram, pois não queriam dar a Bob e aos outros mais motivos de preocupação do que já tinham.

– Meninos – disse o Rei Chase antes que eles saíssem do quarto –, se vocês virem a minha esposa, por favor, digam-lhe que eu a amo.

– Não – Conner falou. – Você poderá dizer pessoalmente quando a vir.

Ele e o Rei Chase trocaram um sorriso esperançoso.

– Muito boa sorte a vocês dois! – desejou o rei.

Os gêmeos seguiram o fantasma da Velha Rainha Bela para fora do quarto. Ela os acompanhou pela escada em espiral abaixo, através dos estábulos e para dentro da passagem secreta. Alex e Conner percorreram o túnel o mais depressa possível, alcançando a outra escada na metade do tempo da ida.

Apressaram-se em meio às árvores, através dos rios e sobre as colinas e, quando o sol começou a aparecer, chegaram à floresta que margeava o acampamento. Os garotos se voltaram para o fantasma da Velha Rainha Bela.

– Obrigada – disse Alex. – Você nos ajudou muito.

Em silêncio, o fantasma inclinou a cabeça e desapareceu. Eles compreenderam que ela estava igualmente grata.

Os dois atravessaram o acampamento e encontraram Bob e Froggy, que estavam sentados junto à fogueira, do lado de fora da tenda.

– Essa foi a caminhada mais longa de todas! – Bob exclamou quando os viu. – Por onde vocês andaram?

– Estávamos morrendo de preocupação! – disse Froggy, levantando-se.

– Estivemos no Reino do Leste – Conner ofegou. – Temos muita coisa para contar, pessoal!

Alex olhou em volta.

– Aliás, onde está todo mundo?

Froggy e Bob se entreolharam. Os gêmeos instantaneamente souberam que algo de ruim havia acontecido enquanto estiveram fora.

– O que há de errado? – perguntou Conner.

Froggy não sabia como explicar.

– Venham ver vocês mesmos.

Ele levou os gêmeos para dentro da tenda. Lá os irmãos viram João ajoelhado tristemente no chão; Cachinhos Dourados encontrava-se de pé, ao seu lado, solidariamente massageando-lhe as costas. Sentada ao lado de João, Chapeuzinho apertava Clawdius nos braços.

– O que aconteceu? – perguntou Alex.

– É a harpa – disse Cachinhos. – Ela se foi.

– O que você quer dizer? – perguntou Conner.

– Ela agora é parte da varinha – João falou. – Nós entramos na tenda e a encontramos *assim*.

João segurava a Varinha Prodigiosa. Ela tinha agora um lustroso matiz dourado – o tom exato da harpa.

Chapeuzinho usou o casaco de Cachinhos Dourados como lenço para assoar o nariz.

– Pobrezinha – disse. – Suponho que ela tenha cantado sua última canção.

– Nunca pensei que iríamos perdê-la completamente para isso – João lamentou, lutando contra a emoção que subitamente o invadira. – Eu queria que tivéssemos tido mais tempo para pensar em um jeito melhor.

Alex e Conner se entreolharam, um sabia exatamente o que o outro estava pensando.

– *Gloria* – Conner sussurrou para Alex. – O nome da harpa era Gloria.

Alex olhou bem para seus amigos e deu um passo na direção deles, certa de que era o melhor momento para lhes contar o que ela e Conner souberam pelos espíritos.

– A perda da harpa não será em vão. Nós finalmente sabemos o que precisamos para derrotar a Feiticeira.



CAPÍTULO 25

Pedra, raiz e fúria

Os arcos e pilares de ouro do Palácio das Fadas mal podiam conter a ansiedade crescente entre eles. As sete fadas coloridas andavam em volta do salão principal, longe de seus respeitados pódios, e tentavam desesperadamente encontrar uma solução para a crise que viviam.

– Todo um território foi destruído! – disse Xanthous. As chamas em sua cabeça e em seus ombros se agitavam descontroladamente. – Precisamos encontrá-la!

– Cada recanto de cada reino já foi vasculhado duas vezes, e não há sequer sinal dela – disse Emerelda.

– Mas o que faríamos se a encontrássemos? – Skylene indagou. – Não somos páreo para a Feiticeira.

– Nossa mágica é inútil contra a dela – Rosette acrescentou. – E ela fica mais poderosa a cada dia.

– Mas nós temos de fazer alguma coisa. Qualquer coisa! – Xanthous falou. – O mundo está contando conosco!

Tangerina já estava cansada das queixas de Xanthous; até mesmo suas abelhas voavam em volta de sua colmeia, com os ferrões à mostra, irritadas.

– Por que você não pensa em alguma coisa para fazer? – ela reclamou. – Estamos todos tentando inventar uma solução praticável há dias; não é como se estivéssemos escondendo algo de você.

– Se não podemos inventar uma solução praticável, então sugiro que inventemos uma *impraticável* – Xanthous propôs sem entusiasmo. – Vamos enfrentá-la em seu próprio jogo. Quem se importa com nossos valores de fada?

As chamas em seus ombros se agitavam mais e mais conforme ele pensava nisso.

– O mundo sempre confiou em nós para lidar com os problemas de forma pacífica e compreensiva. Não podemos abandonar nossa ética agora; é justamente isso que a

Feiticeira *quer* – disse Emerelda. – Você não pode apagar um incêndio acrescentando mais chamas. Você, entre todas as pessoas, deveria saber disso, Xanthous.

– Então, se não podemos usar nossa magia para detê-la, vamos reunir todas as bruxas e bruxos da Floresta dos Anões e da Prisão Pinóquio e encarregá-los de derrotá-la! – Xanthous propôs.

Emerelda massageou a testa.

– Você quer deixar à solta as bruxas e os bruxos que *nós* prendemos?

As chamas de Xanthous diminuíram, e ele se curvou. Não precisou de mais detalhes para se dar conta de quão ruim era a ideia.

– Mais alguma ideia brilhante? – Tangerina perguntou.

Xanthous se virou para responder, porém não tinha nada a dizer. As fadas encontravam-se num beco sem saída.

– E se não encontrarmos nenhuma solução? – Coral perguntou em uma voz fraca, enquanto acalentava seu peixinho andante de estimação. – Vamos todos morrer se não conseguirmos detê-la?

A situação finalmente chegara a um ponto que os forçava a considerar as consequências de um fracasso. Emerelda olhou para as companheiras fadas, zangada com a súbita desesperança.

– Que vergonha! – disse ela, e andou em volta da sala, olhando bem nos olhos de cada fada por que passava. – Nós somos o *Conselho das Fadas*; se a nossa esperança está perdida, então toda a esperança do mundo está perdida. Não podemos nem por um instante ceder à ideia de fracasso. Enquanto restar um único coração nobre, sempre haverá um caminho para que o bem triunfe sobre o mal.

As outras fadas se entreolharam, inspiradas pelas palavras de Emerelda. Momentos como esse eram a razão por que Emerelda liderava o Conselho das Fadas.

Uma pequena chama roxa apareceu abruptamente no piso do salão principal; ela não parecia queimar nada além do ar à sua volta. Emerelda baixou os olhos para a chama e se afastou cautelosamente.

– Preparem-se – disse, e seus olhos verdes se arregalaram. – Temos companhia.

Com uma explosão gigantesca, a chama roxa transformou-se em crepitantes labaredas magenta, que cobriram a maior parte do salão. As fadas gritaram e se protegeram daquele inferno. Uma fração de segundo depois as chamas desapareceram, e a Feiticeira surgiu.

As fadas ficaram paralisadas de medo. Ezmia sabia como fazer uma entrada triunfal.

– É bom estar em casa! – Ezmia riu e olhou em volta, para os rostos apavorados daquelas que um dia haviam sido suas iguais. – Para quem achava que eu estava

morta, vocês não parecem felizes em me ver.

Emerelda foi a única fada suficientemente corajosa para se dirigir a ela:

– Por que você veio aqui, Ezmia?

A Feiticeira ignorou a pergunta.

– Ora, vejam – disse alegremente. Ela caminhou com pompa até uma cadeira de ouro esquecida, que fora empurrada a um canto do salão. – Meu antigo assento no Conselho das Fadas. Lembram-se daquele tempo?

– Você certamente mostrou sua verdadeira face desde então – disse Emerelda.

– Vocês agem como se não tivessem defeitos! – Ezmia escarneceu. – Eu consigo enxergar muito bem através dessa fachada patética da família perfeita e afetuosa. Sei quanto vocês podem ser maldosas quando ninguém está olhando. Eu me sentei neste lugar por todas as horas de todos os dias e tentei fazer do mundo um lugar melhor, exatamente como o resto de vocês. E por que fizeram de mim o alvo de sua crueldade? Por que *eu* fui tratada tão miseravelmente por pessoas que deveriam ser perfeitas?

– Porque você se tornou vingativa – disse Emerelda.

– Não – disse Ezmia, e sacudiu a cabeça. – Foi porque eu me tornei *melhor*. Eu era mais poderosa, mais talentosa e mais apreciada do que qualquer uma de vocês jamais poderia ser. Quando a Fada Madrinha me anunciou como sua herdeira, vocês agiram como se eu lhes tivesse feito algo horrível. Ela me colocou em um pedestal, e vocês me isolaram lá.

– À medida que sua habilidade cresceu, seu ego também aumentou – disse Emerelda. – Você achou que estava acima de nós; você até mesmo renunciou ao título de fada.

– Foram *vocês* que renunciaram *a mim*, muito tempo antes de eu fazê-lo – Ezmia falou, e a encarou furiosamente. – Vocês me ignoraram, me excluíram e me odiaram desde o minuto em que cheguei. O mundo pode estar convencido de que vocês não tiveram nada a ver com a minha mudança de rumo, mas eu sempre saberei a verdade. Vocês tornaram impossível que eu fosse outra coisa senão desdenhada.

A Feiticeira correu um dedo sobre o braço de sua velha cadeira, rememorando as lembranças dolorosas de seu tempo como fada.

– A coisa mais cruel que se pode fazer a alguém é forçá-lo a *sofrer* sozinho; e vocês me deixaram para sofrer sozinha muitas vezes – disse Ezmia. – Todas as vezes em que tive o coração partido, procurei-as com a esperança de receber alguma compaixão, mas vocês permitiram que o ciúme as impedisse de demonstrar qualquer simpatia. A verdade é que vocês tinham prazer em me ver sofrer, deleitavam-se com o fato de que alguma coisa me perturbava.

Emerelda surpreendeu a Feiticeira e as outras fadas com o que disse a seguir – ela não negou aquilo.

– Admito mesmo que fomos culpadas de ser menos do que perfeitas algumas vezes. No entanto, conforme crescemos com nossos erros, os seus erros, por outro lado, só fizeram crescer.

Ezmia bufou e bateu palmas lenta e ironicamente.

– *Touché* – disse ela. – Você conseguiu admitir que estavam erradas e me repreender ao mesmo tempo. É boa mesmo nessa coisa de liderança, Em. Não é de admirar que me substituíssem por você.

– Eu não fui uma substituta – disse Emerelda. – Você nunca foi o que este conselho precisava.

– Não, eu nunca fui o que este conselho *queria* – Ezmia falou agressivamente. – Escolheram você, Emerelda, porque você era mais bonita, e o mundo sempre prefere ouvir um rosto bonito a um comum. E, muito embora eu tivesse mudado minha aparência e me tornado bela com o tempo, ainda assim escolheram você em detrimento de mim porque você era mais fácil de controlar. Você era o fantoche da Fada Madrinha que eu nunca poderia ser.

Emerelda devolveu o olhar desdenhoso.

– Prefiro ser um brinquedo a uma tirana, Ezmia. Mas presumo que você não veio para falar do passado; portanto, o que a traz a nosso reino?

Um sorrisinho surgiu no rosto da Feiticeira, deleitada por extrair uma resposta da fada.

– A verdade é que já cansei de esperar que você e os outros governantes me entreguem seus reinos – disse ela, sentando-se em sua velha cadeira. – Decidi convidar a todos ao novo lar que estou construindo para mim e acabar com essa história de uma vez. Estou tão ansiosa por terminar tudo isso quanto vocês.

– Nenhum de nós irá a lugar algum com você – disse Xanthous, e suas chamas aumentaram.

Um sorriso malicioso surgiu no rosto da Feiticeira.

– Ah, sim, vocês irão. Não há opção.

Ela estalou os dedos, e o chão começou a tremer com a força de uma dúzia de terremotos. Todas as fadas se entreolharam, petrificadas diante do que avançava contra elas: trepadeiras emergiram do piso e as dominaram.

As fadas tentaram desesperadamente se livrar – lutaram contra as plantas com toda a força e com toda a sua mágica, porém foi inútil. As plantas eram fortes demais. Ezmia gargalhava enquanto assistia às trepadeiras se enrolar nos membros do Conselho das Fadas e os arrastar para dentro do solo.

Emerelda cravou as mãos no piso para evitar que as trepadeiras a levassem para longe.

– Você não vai vencer, Ezmia – ela ofegou.

– Ah, eu vou – disse a Feiticeira, olhando-a de cima com olhos sorridentes. – Veja

bem, estou finalmente construindo meu próprio pedestal. Mas agora, em vez de admiração, o estou construindo com pedra, raiz e *fúria*.



No Palácio Encantado, a atmosfera era mais sombria do que nunca. Todos os governantes haviam retornado a seus castelos depois do encontro da Assembleia dos Felizes para Sempre, exceto Bela Adormecida, que não tinha escolha senão ficar. Ela se sentou ao lado de Cinderela, nos aposentos da rainha, e, em silêncio, confortou a perturbada mãe.

– Já faz quase duas semanas que aquela mulher horrível tirou minha filha de mim – disse Cinderela. – Nunca pensei que poderia me sentir assim por dentro. Nunca pensei que poderia me sentir tão miserável...

Bela Adormecida enxugou as lágrimas que caíam dos olhos cansados da amiga.

– Você tem de permanecer forte, Cinderela. Nós temos de ser corajosos, pelo nosso povo.

Cinderela assoou o nariz.

– E quem será corajoso por nós em tempos como estes? – ela perguntou. – Quando o resto do mundo procura em nós força e orientação, a quem recorremos para restaurar nossa confiança?

Bela Adormecida tomou gentilmente a mão de Cinderela na sua.

– Nós temos de inspirar uns aos outros – disse ela.

Cinderela acariciou a mão da amiga e encostou a cabeça no ombro de Bela Adormecida. Alguém bateu à porta.

– Entre – disse Cinderela.

Sir Lampton adentrou os aposentos da rainha. Seu rosto estava tão melancólico que elas logo perceberam que o homem não trazia boas-novas.

– O que aconteceu, Sir Lampton? – perguntou Cinderela, preparando-se para o que quer que fosse.

– Mais notícias ruins, receio, Majestade. Acabo de receber uma carta de Sir Grant, do Reino do Norte. Aparentemente a Feiticeira atacou o território na noite passada, depois de investir contra o Território dos Duendes e Trolls. Os habitantes do norte acordaram esta manhã para descobrir que toda a sua safra havia sido envenenada.

– Bom Deus – disse Bela Adormecida, e pôs a mão sobre o peito. – Essa Feiticeira não tem alma?

– A Rainha Branca de Neve pediu para mandarmos o que pudermos – acrescentou Lampton.

– Sim, é claro – disse Cinderela. – Junte todos os alimentos de que não vamos precisar...

De súbito, a terra sob o palácio começou a tremer. Os aposentos de Cinderela trepidaram como se algo se movesse por dentro do palácio, em sua direção.

– Que diabos...?! – disse Lampton, olhando para o piso, que começou a rachar debaixo de seus pés. Ele sacou a espada, porém esta era inútil contra o que chegava.

Trepadeiras explodiram através do piso e deslizaram até a Rainha Cinderela e a Rainha Bela Adormecida, envolvendo-as e arrastando-as ao lugar de onde tinham vindo. Sir Lampton ainda tentou salvar as rainhas, mas tudo aconteceu depressa demais.

Ele olhou pelas rachaduras no piso; viu as trepadeiras carregar as duas mulheres, que gritaram ao longo dos vários pisos do palácio antes de entrar na terra, onde desapareceram de vista.

O chão começou a tremer de novo, não mais devido a alguma coisa que se achasse abaixo do palácio, mas a algo muito mais distante. Passando por cima das rachaduras, Lampton correu até uma janela a fim de verificar o que estava causando aquela agitação.

A quilômetros de distância, na parte setentrional do Reino Encantado, um colossal pilar feito de pedra, raízes e terra emergiu do solo e disparou para o céu. A terra se rachou e se desnivelou por quilômetros e quilômetros em volta dele. O pilar continuou a crescer, parando somente depois de atingir as nuvens.

No topo do pilar havia um gigantesco coliseu, construído com enormes e irregulares pedras em formato de ponta de flecha. Trepadeiras e espinheiros cresciam nas laterais do pilar, levando consigo os governantes que haviam sequestrado em todo o mundo.

No centro do coliseu, a Feiticeira sentou-se em sua velha cadeira do Conselho das Fadas como se fosse um trono. As plantas lá chegaram com seus prisioneiros e os prenderam às paredes, nas mais diversas alturas e ângulos. Reis, rainhas e fadas abduzidos agora eram prisioneiros da vingativa, terrosa teia de Ezmia.

Fiel à sua palavra, a Feiticeira construíra para si um pedestal feito das mais profundas partes da terra, alimentado pela mais profunda ira de sua alma.



CAPÍTULO 26

O bem mais precioso da Feiticeira

A terra começou a tremer sob o acampamento.

– O que está acontecendo? – Conner berrou.

– É a Feiticeira! – gritou Alex. – Ela está começando seu ataque final!

Como minúsculas explosões detonadas, buquês de trepadeiras diabólicas irromperam e se arrastaram através da terra, derrubando tendas e pessoas pelo caminho – pareciam *procurar* alguma coisa.

João e Cachinhos Dourados imediatamente sacaram as armas e começaram a cortar as plantas demoníacas, mas elas estavam em maior número.

– Socorro! – Os gêmeos ouviram um grito estridente às suas costas. Viraram-se e depararam-se com trepadeiras se enroscando em Chapeuzinho e tentando arrastá-la para dentro da terra. – Alguém me ajude!

João e Froggy correram até ela, jogaram-se no chão e lhe estenderam a mão. Chapeuzinho estava quase totalmente soterrada, com somente uma das mãos livre. A rainha olhou para João e depois para Froggy; se aqueles eram os últimos momentos da sua vida, precisava decidir aqui e agora com quem queria passá-los...

Chapeuzinho agarrou a mão de Froggy. Ele ficou chocado ao ver a mão dela procurar a sua.

– Você *me* escolheu... – disse o homem-sapo, olhando-a nos olhos. Ambos reconheceram a significância do momento.

– Sim, eu *escolho* você – Chapeuzinho falou, e um pequeno sorriso apareceu em seu rosto. Ela o puxou mais para perto e beijou seus viscosos lábios verdes, sem sentir nenhuma repulsa por sua aparência ou textura.

Então as trepadeiras escalaram Chapeuzinho e começaram a envolver Froggy também. João agarrou uma das pernas do homem-sapo, e Cachinhos Dourados, a outra. As trepadeiras eram fortes demais para que os dois livrassem Froggy e

Chapeuzinho, porém João e Cachinhos não desistiriam. As plantas, então, cresceram em volta do grupo inteiro, puxando os quatro em direção ao solo.

Alex e Conner estavam a caminho para ajudá-los quando ouviram outro grito:

– Butterboy! – Trollbella berrou do outro lado do acampamento. As trepadeiras haviam se enrolado nela e também a arrastavam para dentro do solo.

Conner bufou e olhou em volta.

– Alguém pode salvar Trollbella? – ele gritou, mas todos os duendes e trolls estavam com medo demais das plantas para chegar perto da rainha.

– Salve-me, Butterboy!

– Tá, tudo bem! Estou indo! – berrou Conner. Ele e Alex mudaram de rumo e correram em direção à jovem Rainha Troll.

Conner agarrou as mãos de Trollbella, e Alex agarrou os pés de Conner. Eles tentaram puxá-la, porém as trepadeiras eram fortes demais.

– Isso seria tão romântico se não fosse por essas plantas endemoniadas, Butterboy – Trollbella sussurrou ao ouvido de Conner.

As trepadeiras começaram a passar por cima de Trollbella e a subir em Conner, puxando-o com ela.

– Alex, você precisa me largar! – Conner berrou. – Você não pode deixar as trepadeiras te pegarem!

– Eu não vou te soltar, Conner! – Alex berrou de volta.

– Você precisa salvar o mundo dos contos de fadas, Alex! E também o Outromundo e a mamãe!

O aperto das mãos de Alex nos pés de Conner se intensificou.

– Eu não posso salvar nada sem você – ela disse.

– Sim, você pode! É o seu destino! Foi você quem nos trouxe pra cá, e é você quem vai nos tirar! Você ouviu os fantasmas: você é a herdeira da mágica! Precisa derrotar a Feiticeira para que este mundo possa continuar!

As trepadeiras já haviam enrolado Conner quase completamente. Alex sacudia a cabeça em negação.

– Eu não posso fazer isso sozinha! – disse, aterrorizada por perdê-lo.

– Sim, você pode – Conner falou. – Por favor, me desculpe por isso!

Conner chutou Alex, que foi obrigada a soltá-lo, e as trepadeiras o cobriram completamente, arrastando-o junto com Trollbella para dentro do solo e então desaparecendo.

– Conner! – Alex gritou, mas era inútil. Ele se fora.

Ela olhou para o outro lado do acampamento bem a tempo de ver as trepadeiras puxar Chapeuzinho, Froggy, João e Cachinhos Dourados para dentro da terra. Assim que arrastaram Trollbella, Chapeuzinho e aqueles que tentaram salvá-las, as trepadeiras desapareceram. *Elas tinham vindo buscar as rainhas.*

Alex pôs-se em pé e olhou em volta, chocada. Em questão de minutos, todos os seus amigos e o irmão lhe haviam sido arrebatados. A jovem não tinha escolha senão terminar a missão sozinha – agora tudo dependia dela.

Bob correu até Alex.

– Para onde eles foram levados?

Alex se perguntava o mesmo enquanto olhava para as grandes rachaduras que as trepadeiras haviam deixado no solo. Elas não se limitavam ao acampamento: estendiam-se também a distância, como se as plantas tivessem deixado marcas em seu caminho de ida e de volta.

– Preciso ir – disse Alex. Ela correu para a tenda e pegou a Varinha Prodigiosa, colocou-a na bolsa do troll e jogou esta por cima do ombro. Então correu para longe, acompanhando a rachadura como se fosse uma trilha.

– Aonde você está indo? – Bob perguntou, conforme corria atrás de Alex, mas ela não respondeu. – Alex?! – Ele tentou persegui-la, porém ela tinha um terço de sua idade e corria três vezes mais depressa.

Alex não parou de correr. Seus pés atingiam o chão em sincronia com as batidas de seu coração. Estava abastecida de adrenalina, mas também e principalmente de medo. Ela poderia jurar ter ouvido os gritos de Chapeuzinho e os brados de Conner conforme eram arrastados sob a terra.

A garota rezou para chegar à Feiticeira antes que esta tivesse a chance de fazer mal a seu irmão ou aos outros e desejou com todas as forças que, quando chegasse a Ezmia, tivesse um plano para tirar dela o seu bem mais precioso.

Alex precisava pensar em um jeito de roubar o orgulho de Ezmia, não apenas por um momento, mas para o resto da vida da ex-fada. O que poderia dizer ou fazer para atingi-la na alma? Como poderia causar uma cicatriz emocional tão profunda em Ezmia a ponto de seu orgulho nunca mais voltar por completo?

Poderia uma Feiticeira maligna se sentir atingida por algo que fosse feito ou dito por uma menina de treze anos? Por um século Ezmia aprisionara em potes a alma de reis, soldados e fadas – seria alguém como Alex capaz de deixar uma marca em uma pessoa como ela?

Então, de repente, Alex se deu conta de algo pela primeira vez – o que ela pensava ser uma desvantagem, na verdade, estava a seu favor. Era *porque* tinha treze anos que talvez fosse capaz de arranhar o ego da Feiticeira. Se Alex conseguisse lhe dizer o que reis e fadas nunca tiveram coragem, poderia provocar um efeito ainda maior nela.

No entanto, teria de escolher as palavras sabiamente e ir direto ao ponto; a Feiticeira não a escutaria por muito tempo. Aquilo precisava funcionar, pois Alex não tinha mais ideias nem tempo.

Depois de seguir as rachaduras por horas, já no Reino Encantado, Alex se pegou

olhando para cima, horrorizada com o novo lar da Feiticeira.



Por quilômetros e quilômetros sob a terra, as trepadeiras arrastaram a Rainha Chapeuzinho Vermelho, a Rainha Trollbella e as pessoas que haviam se agarrado a elas. No Reino Encantado, foram içadas pela lateral de um enorme pilar de terra até o ameaçador coliseu que ficava em seu topo. As trepadeiras então pregaram os novos prisioneiros às paredes.

Froggy foi pendurado de ponta-cabeça, ao lado de Chapeuzinho. João e Cachinhos Dourados haviam sido imobilizados juntos, cada qual com a mão da arma para trás. Conner examinou o coliseu e se entristeceu ao constatar que eles não estavam sozinhos.

Pendurados ao longo da parede, de cima para baixo, achavam-se a Rainha Branca de Neve e o Rei Chandler, a Rainha Cinderela e o Rei Chance, a Rainha Bela Adormecida e o Rei Chase, a Rainha Rapunzel e os membros do Conselho das Fadas. Agora, com a inclusão de Chapeuzinho e Trollbella, a Assembleia dos Felizes para Sempre inteira estava à mercê da Feiticeira.

– Ah, bom, estamos todos aqui – disse Ezmia após a chegada de Chapeuzinho e Trollbella.

A Feiticeira estava sentada imperialmente em seu trono de ouro. O cabelo e a capa fluíam a seu redor com mais agressividade do que nunca. De trás do trono, Rumpelstiltskin espiou pesarosamente os monarcas confinados.

Uma grande cratera fora aberta no piso, e, no centro dela, um pequeno fogo magenta queimava uma pilha de crânios como se fossem lenha. Seis potes de vidro turquesa se enfileiravam diante da Feiticeira – Conner sabia que sua avó estava presa em um deles. E, para seu horror, o garoto constatou que a avó não era o único membro da família aprisionado no coliseu.

Dentro de uma gaiola gigante pregada na parede à sua frente estava sua mãe. Ela embalava a Princesa Esperança, cujos gritos ecoavam por todo o lugar. A pequenina princesa, que podia ver sua mãe envolvida por trepadeiras, estendeu as mãos para ela através das barras da gaiola.

– Mama! – A Princesa Esperança chorava.

– Vai ficar tudo bem, querida – disse Cinderela, ela mesma torcendo para que isso fosse verdade.

O queixo de Charlotte caiu, e a pouca cor que restava em seu rosto se drenou assim que viu o filho.

– Conner? – ela disse sem emitir nenhum som, emocionada e ao mesmo tempo aterrorizada de vê-lo em um lugar tão horrível.

– Mamãe! – ele disse também silenciosamente.

– Onde está sua irmã? – ela perguntou.

Conner não sabia qual era a melhor resposta para lhe dar.

– Em segurança – decidiu dizer.

Ezmia ergueu-se do trono.

– Vamos dar início, o que acham? – Ela olhou em volta do coliseu, o dedo indicador pressionado contra os lábios como se fosse uma menininha numa confeitaria. – Começemos com o Reino Encantado.

As trepadeiras farfalharam. As plantas então levaram Cinderela e o Rei Chance até o chão em frente à cratera e os forçaram a ficar de joelhos.

– Seu monstro desalmado! – Cinderela gritou para a Feiticeira.

– Solte a nossa filha! – o Rei Chance demandou.

– Se você quer sua filha de volta, renuncie ao trono e entregue a mim seu reino – Ezmia falou como se fosse uma decisão simples de ser tomada.

– Você nunca terá o meu reino! – bradou o Rei Chance.

A Feiticeira olhou para ele por detrás dos longos cílios.

– Ótimo – disse. Ela estalou os dedos, e as trepadeiras se enfiaram na gaiola e puxaram a Princesa Esperança dos braços de Charlotte. A criança gritava; lágrimas escorriam por seu rosto aterrorizado. As plantas a suspenderam sobre as chamas da cratera.

– Não! – gritou Cinderela antes de implorar ao marido: – Faça isso, Chance, apenas faça!

O Rei Chance olhou para todos os outros reis e rainhas, e nenhum tentou convencê-lo de outra coisa. O mundo que eles tentaram proteger com honra e integridade havia muito se fora.

– Muito bem – disse o Rei Chance. – Eu renuncio a meu trono e a meu reino, Ezmia.

Assim que ele pronunciou essas palavras, a Feiticeira jogou a cabeça para trás, e uma gargalhada vitoriosa encheu o coliseu. As chamas na cratera aumentaram, e um rasto de espessa fumaça negra começou a tomar o céu.

– Então, foi tão difícil? – Ezmia perguntou, arreganhando a boca em um largo sorriso. Ela estalou os dedos, e as trepadeiras soltaram a Princesa Esperança nos braços da mãe. A família ficou reunida apenas por um momento antes de as plantas jogarem os três contra a parede novamente.

– Vamos seguir adiante com o Reino das Fadas – disse Ezmia, com um sorriso radiante.

As trepadeiras levaram as sete fadas até a borda da cratera.

– Você sabe o que dizer, Emerelda – Ezmia disse, e inspecionou as unhas sem pressa. – Seja rápida, para que possamos terminar com isso em uma hora decente... Ou você também quer ser *persuadida*?

As trepadeiras envolveram o pote que continha a alma da Fada Madrinha e o sustentaram acima do fogo; todas as fadas gritaram por sua liberdade.

– Se isso fará sua ira chegar ao fim mais cedo, muito bem. Eu lhe entrego o reino – Emerelda falou contra a vontade.

A chama na cratera cresceu ainda mais, e a fumaça negra engrossou. Ezmia fechou os olhos e absorveu o momento com todo o seu ser; seu corpo vibrava com o triunfo. Ela esperara séculos por aquilo, e finalmente estava acontecendo.

Um por um, a Feiticeira posicionou os monarcas diante de si e os forçou a entregar seus reinos. Com olhos lacrimosos e o coração pesado, Branca de Neve, Bela Adormecida, Rapunzel e Trollbella renunciaram. E, a cada capitulação, as chamas magenta subiam mais e mais alto, e a fumaça se condensava.

– Só tenho uma coisa a dizer antes que você me ponha de volta na parede – disse Trollbella, encarando Ezmia com olhos intensos. – Você interrompeu a minha dança e, por isso, *nunca* será perdoada.

A Feiticeira, assim como as demais pessoas no coliseu, olhou de um jeito estranho para a diminuta Rainha Troll, sem saber o que considerar daquela afirmação. Restava apenas um governante abdicar de seu trono.

– Por último, mas não menos importante, convoco ao chão a Rainha Chapeuzinho Vermelho, do Reino da Chapeuzinho Vermelho.

Chapeuzinho soltou um gritinho ao ouvir seu nome. Conforme as trepadeiras a conduziram até a frente da cratera, Froggy lutou desesperadamente contra as plantas que o prendiam.

– Rainha Chapeuzinho, você cede de bom grado seu reino a mim? – perguntou a Feiticeira, certa da submissão de Chapeuzinho.

Chapeuzinho olhou para Froggy e para João e Cachinhos Dourados em busca de força. Sabia que, com sua renúncia, a Feiticeira seria bem-sucedida em conquistar o mundo.

– Bem – falou –, eu não tenho certeza se estou em posição de fazer isso.

Todos os sinais de vitória desapareceram do rosto de Ezmia. Como se já não fosse impossivelmente alta, a tensão no coliseu cresceu ainda mais.

– Como é que é? – perguntou Ezmia, com uma expressão assustadora.

Chapeuzinho empalideceu.

– É simples – disse Chapeuzinho, cujas mãos tremiam enquanto falava. – Diferentemente de todos aqui, eu sou uma rainha *eleita*. Meu reino não me pertence necessariamente; ele pertence a todos os rubrochapeuzianos.

Conner, João, Froggy e Cachinhos Dourados sorriram para ela, radiantes e cheios de orgulho. Ainda que, com aquilo, Chapeuzinho não lhes conseguisse mais do que um minuto, era um minuto que não pertencia à Feiticeira.

Ezmia continuou a olhar assustadoramente para a rainha enquanto contemplava

seu próximo lance.

– Muito bem – disse ela. – Simplesmente vou mandar matar as pessoas de seu reino até que só reste você.

– Não! – Chapeuzinho gritou. – Eu menti! Eu sou a única com a verdadeira autoridade! Ele se chama Reino da Chapeuzinho Vermelho, e não República Rubrochapeuziana!

O sorriso perverso voltou à face da Feiticeira.

– Então eu sugiro que você continue.

Os olhos de Chapeuzinho se encheram de lágrimas; ela nunca pensou que, naquela jornada, seria roubado seu bem mais precioso: seu reino.

– Eu, Rainha Chapeuzinho Vermelho... – começou Chapeuzinho, porém sua voz foi sumindo.

– Sim, vamos logo com isso – Ezmia ordenou.

– Eu... eu... eu... – Chapeuzinho continuou com dificuldade. – Eu, de livre e espontânea vontade, entrego meu reino para...

– EI, EZMIA! – disse uma voz atrás de Chapeuzinho. Todos viraram o rosto e viram Alex na frente do coliseu. Ela estava ofegante e suada; acabara de escalar o pilar.

– Alex! – Charlotte arquejou.

A Feiticeira ficou furiosa por ter sido interrompida quando Chapeuzinho se achava tão perto de terminar a capitulação.

– Quem é *essa*?! – ela perguntou a Rumpelstiltskin.

– Eu não sei – disse o anão. – Nunca a vi antes.

Alex abriu caminho coliseu adentro. De tão cansada e sem fôlego, mal conseguia ficar em pé.

– Menininha, se eu fosse você, daria meia-volta, sairia correndo e me atiraria ao solo – berrou Ezmia. – Acredite em mim: seria muito menos doloroso do que o que estou prestes a fazer com...

– EU NÃO TENHO MEDO DE VOCÊ! – Alex gritou.

– O que você disse? – a Feiticeira indagou, inexpressiva.

Alex sabia que chegara o momento de deixar sua marca – e ela não tinha muito tempo para fazer isso.

– Eu disse que não tenho medo de você. Lidei com meninas iguais a você durante a minha vida inteira; você quer *tudo*, porque *nada* a deixa feliz! Você não é uma todo-poderosa e aterrorizante feiticeira, Ezmia: você é apenas uma *criança*! E, não importa quem você mate ou o que conquiste, as pessoas sempre terão pena e darão risada de você por isso!

O coliseu inteiro prendeu a respiração. O rosto de Ezmia manteve a expressão inalterada, porém todos compreenderam que ela fora inacreditavelmente ultrajada,

pois seu cabelo se agitava violentamente, e pequenas chamas ardiam em seus olhos.

A Feiticeira deixou o trono e caminhou lentamente até Alex, que enfiou a mão em sua bolsa – a garota sentiu a Varinha Prodígiosa se ativar a seu toque. Ela havia conseguido capturar o orgulho de Ezmia.

– Bem, espero que esse *showzinho* tenha valido a pena – disse Ezmia. – Porque foi a última coisa que você fez na vida. – A Feiticeira apontou o dedo para Alex, e, com um clarão violeta, a menina foi lançada para fora do coliseu.

– ALLLEEEXX! – Conner gritou.

Foi tudo tão rápido que Alex não soube o que aconteceu. A última coisa que ouviu foi o grito do irmão; a última coisa que viu foi um forte clarão, e então o coliseu passou a ficar cada vez menor enquanto ela voava para o alto.

Tudo – sua visão, sua audição, seus outros sentidos –, tudo se foi. Era como se Alex tivesse caído em um sono muito, muito profundo...



CAPÍTULO 27

O sonho

Alex abriu um olho de cada vez. Estava deitada no chão, sob um teto escuro; não sabia onde estava nem como fora parar lá. Ela levantou-se para olhar em volta.

Era uma caverna escura. A seu lado, no chão, havia uma lanterna. Alex a pegou e avançou pelo interior da caverna. Havia algo naquele lugar que ela achou muito confortador. A despeito da escuridão e do mistério, sabia que estava segura.

Mais adiante, Alex viu uma luz e caminhou na direção dela; duas grandes rochas se tornaram visíveis. No topo das rochas havia duas menininhas em pé e, ao lado dos rochedos, outras duas garotinhas. Ao se aproximar mais, ela pôde distinguir o que as quatro vestiam.

A primeira usava um suéter, uma saia e uma faixa na cabeça, exatamente como Alex. A segunda, uma camisola comprida e nenhum sapato. A terceira, um vestido rodado com um avental por cima. E a quarta, sapatos prateados e trancinhas nos cabelos.

Todas elas olhavam para Alex inexpressivamente, como se esperassem que ela dissesse algo.

– Quem são vocês? – Alex perguntou, com um sorriso.

– Você sabe quem somos – disse a menina de camisola.

Alex ergueu a lanterna e as observou melhor.

– Eu sei? De onde nos conhecemos?

– Você nos conhece, mas nós não a conhecemos – disse a menina com sapatos prateados; tinha uma adorável musicalidade na voz.

– Eu receio que não – disse Alex.

– Você vai descobrir se pensar um pouco sobre isso – disse, com um charmoso sotaque britânico, a menina de suéter.

– Vocês todas me parecem muito familiares – Alex admitiu. – É como se eu já as tivesse conhecido mesmo, ou visto em algum filme, ou lido sobre vocês... – Alex

arquejou. – Esperem um segundo... Vocês são quem eu penso que são?

As meninas compartilharam um sorriso divertido.

– Olá, eu sou Lúcia Pevensie – disse a menina de suéter, e fez uma reverência.

– Eu sou Alice – disse a menina de avental.

– Eu sou Dorothy Gale – disse a menina de trancinhas.

– E eu sou Wendy Darling, querida – falou a de camisola.

Alex não podia acreditar no que via.

– Mas vocês são as meninas sobre as quais eu cresci lendo. Eu costumava fazer de conta que era vocês. Tudo o que sempre quis foi ser uma de vocês e escapar para o meu próprio mundo mágico...

– Parece que você conseguiu o que queria – disse Alice.

Alex abaixou a cabeça e olhou para o chão. Alice estava certa, porém Alex já não conseguia ficar feliz com aquilo.

– Qual é o problema, meu bem? – perguntou Wendy.

Alex suspirou.

– Eu costumava pensar na Terra de Histórias como um paraíso; era meu refúgio. Mas uma Feiticeira má conquistou todos os reinos.

– Oh, céus – disse Lúcia. – Parece a Feiticeira Branca!

– Pior – disse Alice, colocando em termos que todas podiam entender: – Ela tem a ganância da Feiticeira Branca, a ira da Bruxa Má do Oeste, o mau gênio da Rainha de Copas e o desejo de vingança do Capitão Gancho.

Todas as meninas balançaram a cabeça em sinal de compaixão.

– Isso é horrível – disse Wendy.

– Ganância, e ira, e mau gênio... Oh, céus! – disse Dorothy. – Você pode derrotá-la?

– Eu gostaria – Alex falou, com uma risada.

– Aslam pode saltar sobre ela? – perguntou Lúcia.

– Não, infelizmente.

– Você pode dá-la de comer a um crocodilo? – perguntou Wendy.

– Não creio.

– Então, como você vai derrotá-la? – perguntou Alice.

– Meus amigos e eu estamos construindo uma poderosa varinha mágica – disse Alex. Muito animada, ela alcançou a bolsa para lhes mostrar, porém ela não estava mais em seu ombro. – Ah, não, cadê a minha varinha? Eu estava com ela um segundo atrás.

Ela moveu a lanterna de um lado a outro, vasculhando o chão da caverna à procura do lugar onde deixara a bolsa cair. As outras meninas riram daquilo. Alex olhou para elas e lentamente se deu conta do motivo por que achavam seus esforços tão divertidos.

– Isto é um sonho ou eu estou morta?

– É claro que é um sonho – disse Lúcia.

– Por que outra razão você acha que estamos aqui? – perguntou Alice.

– Espero que uma grande caverna não seja sua noção de paraíso – disse Dorothy. Alex ficou feliz em ouvir isso.

– A última coisa de que me lembro é ter sido atirada para fora do coliseu. Mas como eu sobrevivi à queda?

– Talvez sua varinha a tenha salvado – ponderou Lúcia.

– É claro! A varinha torna invencível quem quer que a esteja segurando! Ela estava na minha mão o tempo todo! A Feiticeira não me matou!

As meninas vibraram, mas então Dorothy silenciou.

– E agora você vai *matar* a Feiticeira com a varinha? – ela perguntou.

Alex não havia pensado nisso. Estivera tão preocupada em terminar de construir a varinha que não pensara no que faria *depois* disso. Como derrotaria a Feiticeira com a varinha? Teria de matá-la? Alex seria capaz de matar alguém? Ela sempre imaginara que João ou Cachinhos Dourados o fariam, se as coisas chegassem a esse ponto.

– Suponho que não tenho escolha – disse Alex.

– Eu recomendaria encontrar outro meio – disse Dorothy, com uma expressão triste. – Apesar de ter derretido a bruxa sem querer, eu me sinto horrível com isso desde então.

Aquilo mexeu com Alex mais do que ela deixou transparecer. Ela não queria ferir ninguém – mas como poderia deter Ezmia sem matá-la? Poderia Ezmia simplesmente encontrar outro jeito de enganar a morte, como fizera depois que Evly a envenenara?

– Eu não tenho necessariamente de *matar* Ezmia – Alex pensou em voz alta. – Só tenho de tirar dela seus *poderes*... e seus poderes vêm de um lugar de ódio e raiva... assim, se eu tirasse dela as razões que tornaram válido seu direito de ficar com raiva... ela ficaria sem poderes!

Alex começou a pular empolgadamente, contente por ter chegado a uma solução alternativa. As meninas bateram palmas.

– Violência nunca é a resposta – disse Wendy. – Eu sempre tento dizer isso a John e Michael quando eles estão brincando no quarto de brinquedos, mas aqueles dois nunca me dão ouvidos.

– Depois que descobrir como tirar dela o ódio e a raiva, você conta para mim? – perguntou Alice. – Eu gostaria de saber, para o caso de cruzar com a Rainha de Copas outra vez.

Alex ficou em silêncio enquanto as engrenagens de sua cabeça giravam.

– Acho que sei como fazer isso – disse finalmente, e seus olhos se moveram de um lado a outro. – E talvez nem precise da varinha...

– Então você acaba de terminar uma enorme jornada só para descobrir que o que precisava estava com você o tempo todo? – perguntou Dorothy. – Sei bem como é isso.

Alex pensou a respeito. A varinha podia não ter sido a solução, mas ainda assim foi útil; ainda assim salvou-lhe a vida. Também dera esperança a ela e a seus amigos, e, sem isso, eles teriam estado perdidos desde o início.

Ela olhou para as meninas e então em volta da caverna.

– Agora entendo o significado deste sonho. Lá no fundo eu sabia que jamais poderia matar a Feiticeira e estava procurando um outro meio. A caverna representa o meu questionamento, e vocês, a resposta; desde que era uma menininha, sempre pensei em vocês quando tinha um problema.

– E por que isso? – Alice perguntou.

– Acho que aprendi muita coisa com vocês – disse Alex. – Eu sempre quis ser tão amorosa quanto Wendy, ou tão curiosa quanto Alice, ou tão brava quanto Lúcia, ou tão aventureira quanto Dorothy; sempre via um pouquinho de mim mesma quando lia sobre cada uma de vocês.

Todas as meninas sorriram para ela.

– Ficamos felizes por ajudar – disse Lúcia.

– E sempre estaremos aqui, se você precisar de nós – disse Wendy.

Alex balançou a cabeça, grata.

– Há mais alguma coisa em que possamos ajudá-la? – perguntou Dorothy. – Já que estamos de bobeira em seu subconsciente mesmo...

– Na verdade, agora que mencionou, há algo que eu sempre quis saber se tivesse a oportunidade de perguntar – disse Alex, sem saber o que a fizera acreditar que algum dia teria a chance de fazer uma pergunta a personagens literários. – Depois de ver lugares mágicos maravilhosos como a Terra do Nunca, Oz, Nárnia e o País das Maravilhas, por que vocês quiseram voltar?

As meninas se entreolharam; ninguém nunca lhes fizera essa pergunta, ao menos na cabeça de Alex.

– Porque, não importa aonde vá ou o que veja, você sempre quer estar no lugar ao qual pertence – disse Lúcia.

– O seu lar é onde você se sente mais confortável e amada – disse Wendy.

– É uma parte de você – acrescentou Alice. – É onde está sua família.

– Não há lugar como o nosso lar – Dorothy falou, como se fosse a primeira vez que dizia aquelas palavras.

Alex gostou do que elas disseram, mas não sabia se concordava inteiramente.

– No entanto, eu me pergunto se *lar* não é o lugar de onde você *vem* – disse ela.

As meninas a olharam como se ela já tivesse respondido à própria pergunta. Alex pensou se aquela era a pergunta que ficara em sua mente o tempo todo.

– Alex? Alex? – disse uma voz familiar. Alex olhou ao redor da caverna, porém não sabia de onde vinha a voz.

– O que está acontecendo? – perguntou às meninas, mas elas haviam desaparecido.

– Alex! Você está ferida? Por favor, acorde! – a voz implorou, e, à medida que ela fazia isso, a caverna se desvanecia.

Alex acordou no chão; dessa vez estava ao ar livre. Viu o céu e o topo das árvores, bem como o rosto preocupado de um homem que começava a ficar calvo.

– Bob? – ela perguntou, e se sentou.

– Você está viva! – disse Bob, os olhos lacrimosos, e a abraçou. – É um milagre! Eu acabei de ver você cair do céu! Você pode estar em choque; deixe-me verificar sua pulsação!

Bob agarrou o pulso de Alex e conferiu seus batimentos cardíacos.

– Será que existe uma unidade de cuidado intensivo em algum lugar deste reino? – disse ele.

– Bob, eu estou ótima. *Olhe* – Alex falou. Sua mão ainda segurava a varinha. – É a Varinha Prodigiosa! Ela me salvou!

Bob a encarou como se ela estivesse falando outra língua.

– É errado eu ainda ficar surpreso com tudo isso?

Alex levantou-se. Ela divisou o pilar da Feiticeira a distância. O céu acima dele se enchia cada vez mais com a fumaça densa do fogo.

– Preciso voltar para lá – disse Alex.

– *Voltar* para lá? – perguntou Bob, perplexo. – Espere... Você está me dizendo que foi de lá que caiu?

– Sim, e agora preciso voltar. Mas não tenho tempo de ir a pé.

– Então como acha que vai chegar lá?

Alex olhou para a varinha e de novo para ele.

– Acho que tenho uma ideia – disse ela, e um sorriso malicioso apareceu em seu rosto.

Bob recuou.

– Eu não gosto do rumo que esta conversa tomou de repente – disse ele.



CAPÍTULO 28

A maior mágica de todas

A Feiticeira andava freneticamente de um lado a outro diante de seu trono. O cabelo oscilando ansiosamente.

– Diga de novo! – ela demandou.

– Mas eu já disse dez vezes – Chapeuzinho falou, ainda ajoelhada diante do fogo.

– Você vai dizer *cem vezes* se eu mandar!

Chapeuzinho fez o que lhe foi ordenado:

– Eu, Rainha Chapeuzinho Vermelho, do Reino da Chapeuzinho Vermelho, dou a você meu reino.

Ezmia olhou para o fogo e esperou uma mudança, porém ele continuou igual – exatamente tão alto e tão forte quanto antes. A Feiticeira bateu as mãos com força nos braços da cadeira.

– O que há de errado, Ezmia? – Rumpelstiltskin perguntou.

– Não está funcionando! Eu não entendo. Trabalhei nisso por séculos! Eu tenho *tudo* de que preciso!

Charlotte soluçava histericamente na gaiola.

– Sua horrível... horrível... horrível criatura. Como você pôde fazer aquilo com uma menina?

– Eu já disse para você calar a boca, mulher! – Ezmia berrou. Ela mal conseguia pensar.

Charlotte continuou soluçando e chorando mais alto, a despeito dos berros de Ezmia. Até onde Charlotte sabia, a filha estava morta e jamais voltaria. Conner encontrava-se em choque; no entanto, conforme ele observava a Feiticeira se debater, seu moral começou a subir.

Ezmia necessitava dos sete pecados capitais e do herdeiro da mágica para ativar o portal. Talvez Alex tivesse tido sucesso em tirar o orgulho da Feiticeira – talvez ela tivesse completado a varinha e estivesse viva!

– Aquela bruxa horrorosa, Hagatha, deve ter mentido para mim! – berrou Ezmia. – O fogo deveria crescer e se transformar em um portal para o Outromundo assim que eu conquistasse o passado, o presente e o futuro e dominasse os sete pecados capitais, luxúria, inveja, preguiça, avareza, gula, ira... e *orgulho*.

Uma expressão estranha surgiu em seu rosto enquanto pensava nos ingredientes do feitiço. Ela olhou para o ponto onde Alex se encontrava quando fora mandada ao céu. Um sorriso gigante apareceu de repente no rosto de Conner.

– Qual é o problema, Ezmia? – disse ele. – Será que uma menininha levou embora o seu *orgulho*?

A Feiticeira virou bruscamente a cabeça para ele, como uma águia que encontra sua presa.

– O que você acabou de dizer?

– Conner, o que você está fazendo? – Froggy sussurrou.

– Não a deixe mais zangada! – disse João.

Conner os ignorou.

– Eu disse que uma *menininha* levou embora o orgulho de Ezmia, a Feiticeira! – ele falou alto, para que todos no coliseu o ouvissem. – É por isso que você não consegue completar o feitiço!

Um murmúrio se espalhou entre os reis e as rainhas. Estaria Conner apenas zombando dela ou dizendo a verdade?

– Silêncio! – Ezmia ordenou. – Se vocês pensam que meu orgulho pode ser tomado de mim, estão insultando sua própria inteligência! Tragam-me o menino!

As trepadeiras prenderam Chapeuzinho novamente na parede e posicionaram Conner na frente do fogo.

– Não! – gritou Charlotte. – Não se atreva a feri-lo!

– Butterboy! – gritou Trollbella.

Conner não ficou com medo.

– Você vai me matar também?

– Na verdade, vou – disse a Feiticeira.

– Ah, muito bom! – Conner falou com desdém. – Que jeito de fazer você se sentir melhor, Ezmia! Matar outra criança inocente realmente mostra quanto você é *orgulhosa*! O que você vai fazer a seguir? Bater em focas bebês?

A Feiticeira já aguentara o suficiente.

– Alguma palavra final? – perguntou ela.

Conner teve de pensar a respeito; queria fazer valer tudo o que dissesse.

– Você é feia! E fede! E, no lugar de onde eu venho, todo mundo pensa que você é verde e tem chifres!

Ezmia ergueu a mão na direção do garoto, que se preparou para o pior.

– Ezmia! Olhe! – Rumpelstiltskin berrou e apontou para o céu.

Voando em direção ao coliseu havia um grande cavalo branco, com enormes asas. Quando o animal chegou mais perto e os prisioneiros puderam ver quem o conduzia, todos ficaram sem fôlego.

– Alex! – Conner gritou.

– Você está viva! – Charlotte berrou.

O cavalo pousou no centro do coliseu, e Alex saltou de seu lombo. Com um gesto decidido, ergueu a Varinha Prodigiosa e a apontou para a Feiticeira.

– Saudades de mim? – disse a garota.

A Feiticeira não acreditava no que via – seu dia não podia ficar pior. Ela fez um aceno com as mãos, e as trepadeiras começaram a arrastar Conner de volta à parede.

– Alex, não perca tempo! – bradou Conner enquanto era arrastado. – Acabe com ela! Mate-a de uma... – Ezmia fez outro aceno, e as trepadeiras taparam a boca do rapaz.

A Feiticeira olhou com o canto do olho para Charlotte, e, de repente, tudo ficou claro para ela: Charlotte não era a neta da Fada Madrinha, afinal. Ezmia caminhou lentamente até Alex, fitando-a de alto a baixo como se a garota fosse uma interessante obra de arte.

– Então você é a verdadeira neta da Fada Madrinha, hein? – Ezmia começou a andar em volta dela. Alex não abaixou a varinha; estava pronta para atacar se Ezmia desse algum sinal de que faria o mesmo. – É interessante que tenhamos tanto em comum. Somos do mesmo lugar, ambas temos magia no sangue, e possuímos a extraordinária habilidade...

– Nós não somos parecidas em nada! – Alex disparou. – Eu jamais seria capaz de fazer todas as coisas horríveis que você fez.

Um sorriso apareceu no rosto de Ezmia.

– É aí que você se engana. Veja, eu cheguei a este mundo exatamente como imagino que você chegou: cheia de empolgação e esperança. Eu queria fazer muitas coisas boas, ajudar as pessoas e dar tudo o que pudesse àqueles que precisavam de mim. Mas então aprendi uma lição muito dura: *o mundo nem sempre nos retribui*.

“Eu não sou um caso trágico do mundo; eu *sou* o mundo: cruel, injusto, não um conto de fadas. As pessoas não nascem heroínas ou vilãs; elas são criadas por aqueles que as cercam. E um dia, quando sua visão brilhante e enérgica da vida sofrer o primeiro golpe de realidade, quando o amargor e a raiva correrem em suas veias pela primeira vez, você descobrirá que é exatamente como eu, e isso a deixará apavorada.”

Alex meneou a cabeça e segurou a varinha com mais força ainda.

– Não, Ezmia, eu nunca serei como você. Porque eu prefiro não ter nada e ainda ter um grande coração a ter tudo e coração algum.

O coliseu ficou em completo silêncio. O cabelo de Ezmia se agitava

descontroladamente.

– Iééééé! – Conner gritou. – Está precisando de um pouquinho de unguento para essa queimadura, Ezmia?

Ezmia fez um aceno, e as trepadeiras cobriram a boca de Conner de novo.

– Você é corajosa com essa varinha na mão – ela disse a Alex. – Mas eu gostaria de vê-la me enfrentar sem ela.

Alex soube que esse era o momento – se quisesse derrotar a Feiticeira para sempre, essa seria sua única chance.

– Muito bem – disse a garota, e jogou a varinha no chão. – Eu não preciso dela.

O coliseu inteiro arquejou.

– Alex, você está louca? – Conner gritou por baixo das trepadeiras que lhe cobriam a boca. – Pegue a varinha! Pegue a varinha!

A Feiticeira gargalhou da imprudência de Alex.

– Sua menina estúpida! Você deve estar querendo morrer!

– Eu não preciso de uma varinha mágica para derrotá-la, Ezmia! – disse Alex. – Com magia de verdade no sangue ou não, eu sempre terei a mágica mais poderosa de todas dentro de mim: *compaixão*. E tenho o suficiente até mesmo para dividir com você.

– O quê? – disse a Feiticeira, divertindo-se com a insensatez da menina.

Alex respirou fundo e rezou para que aquilo que estava prestes a dizer fizesse Ezmia perder seus poderes para sempre.

– Ezmia, em nome de todos os que estão neste salão, eu lhe *peço desculpas* por tudo o que o mundo a fez passar e a *perdoar* por toda a devastação que você causou na tentativa de se curar. Sinto muito por sua família ter sido morta quando você era uma garotinha. Sinto muito por ninguém ter estado a seu lado para confortá-la quando você teve o coração partido inúmeras vezes. Sinto muito pelas fadas nunca terem lhe demonstrado a bondade que demonstram a todos. E sinto muito por você ter sentido que a *vingança* era o único jeito de juntar os pedaços e se recompor.

Todos olhavam de Alex para Ezmia e de Ezmia para Alex, como se assistissem a uma partida de tênis entre as duas. Conner cobriu os olhos, com medo de testemunhar a irmã sendo morta de verdade dessa vez.

A Feiticeira foi pega de surpresa pelas palavras de Alex – era a última coisa que esperava que saísse da boca da menina. Ezmia não sabia o que fazer, exceto rir. Ela jogou a cabeça para trás inúmeras vezes e deixou uma gargalhada maliciosa irromper de dentro de si.

– Desculpas não aceitas – disse finalmente, e apontou o dedo para Alex a fim de mandá-la pelos ares outra vez, porém nada aconteceu. Apontou o dedo de novo, e nada aconteceu. Tentou com a outra mão, e o resultado foi o mesmo.

O cabelo de Ezmia começou a desbotar, perdendo a cor magenta e adquirindo um

tom cinzento; um de cada vez, os cachos lhe caíam sobre o rosto. O fogo na cratera diminuiu até não restar nada além de crânios. As trepadeiras que envolviam o coliseu se contorceram como serpentes agonizantes, afrouxando-se e soltando as pessoas que elas seguravam contra a parede.

– Não! – gritou Ezmia. – Não, isso é impossível!

Perplexos, todos no salão observaram enquanto a mágica lentamente abandonava o corpo da Feiticeira, que começou a se transformar em uma mulher velha e decrépita, fraca demais para se manter sobre os próprios pés. *Ezima perdera seus poderes.*

Alex fechou os olhos e, pela primeira vez naquele dia, soltou o ar dos pulmões. Voltou-se para o irmão, que varria do corpo as trepadeiras flácidas. Ele, assim como todos os demais, olhou para ela com um orgulho capaz de derrubar o teto – se houvesse um. Uma menina de treze anos com uma faixa na cabeça fizera o que nenhum dos monarcas havia conseguido.

Conforme murchava, Ezmia caiu no chão e se arrastou de gatinhas. Ela soltou um riso cacarejante quando ergueu do chão a Varinha Prodigiosa.

– Alex, atrás de você! – Conner gritou.

Alex se virou e viu Ezmia apontando-lhe a varinha. Com o objeto mágico em mãos, seu corpo e sua mágica se restauraram. Seu cabelo se agitou, o fogo na cratera reacendeu, e as trepadeiras começaram a vibrar com vida e a arrastar as pessoas de volta para as paredes.

Sem tempo para pensar, Conner agarrou a espada de Cachinhos Dourados e correu na direção da irmã, decepando as plantas que tentavam agarrá-lo.

Ezmia olhou para Alex, com um sorriso perverso no rosto e nos olhos.

– Talvez eu estivesse errada – disse a Feiticeira. – Talvez eu tenha meu próprio felizes-para-sempre, afinal!

Alex petrificou-se até a alma. Não podia acreditar em quão depressa a situação se invertera – em questão de segundos, fora da vitória à derrota. Um forte clarão foi disparado da varinha em sua direção. Alex fechou os olhos sabendo que era o fim – era assim que ela morreria.

– Nãããão! – gritou Rumpelstiltskin. Ele saiu do nada e pulou na frente de Alex. A rajada atingiu-o no peito, derrubando-o no chão.

Ezmia observou em choque a rajada fatal, destinada a Alex, atingir a única pessoa que considerava sua amiga. Conner alcançou a Feiticeira e cortou a Varinha Prodigiosa ao meio. O objeto foi destruído; a mágica foi drenada do corpo de Ezmia, e os encantamentos que envolviam o coliseu desapareceram.

Alex atirou-se ao chão e segurou a cabeça de Rumpelstiltskin no colo. Conner deixou-se cair ao lado da irmã, mas não havia nada que eles pudessem fazer.

– Você salvou a minha vida! – Alex disse para o homenzinho. – Por que você fez

isso por mim?

Rumpelstiltskin arquejava, e seus olhos se tornavam mais pesados a cada segundo.

– Eu só queria que meus irmãos tivessem algo do qual se orgulhar – ele murmurou. Então sorriu para os gêmeos, fechou os olhos pela última vez e morreu nos braços de Alex.

– Ah, não – disse Conner. – Pobre carinha.

Uma pesada e ofegante respiração se fez ouvir. Os gêmeos se viraram para Ezmia, que se arrastava em sua direção. O corpo dela se deteriorava e definhava rapidamente.

– Parece que vocês venceram – a Feiticeira falou com dificuldade.

Alex e Conner se entreolharam, enojados. Seguravam o corpo do único amigo de Ezmia, e, ainda assim, tudo o que a preocupava era seu legado. Os dois a fitaram com os olhos mais apiedados que jamais olharam para ela.

– Não, Ezmia – disse Alex. – Ninguém vence quando há morte.

Ezmia rolou sobre as costas e olhou para o céu enfumaçado. Com um último e agonizante respiro, seu corpo definhou até não restar nada dela, exceto a lembrança do que fora. Sem nada que validasse a raiva que alimentava sua subsistência, o corpo e a alma da Feiticeira desapareceram – uma vítima da compaixão.

Os reis e as rainhas e as fadas sacudiram as plantas do corpo e se abraçaram, felizes. O pesadelo terminara, e os reinos estavam seguros outra vez.

Rei Chance e Cinderela seguraram a Princesa Esperança; Cinderela enxugou as lágrimas de alegria de seus olhos exaustos. Bela Adormecida não soltava o Rei Chase; era a primeira vez em semanas que eles se viam. Branca de Neve e o Rei Chandler ajudaram Rapunzel a remover todas as folhas do seu cabelo, o que era um trabalho para muitas mãos.

Chapeuzinho beijou repetidamente a grande cabeça de sapo de Froggy. João agarrou Cachinhos Dourados pela cintura e tentou lhe dar um beijo romântico, porém os reflexos de fugitiva dela a fizeram jogá-lo para longe.

Trollbella avançou até Conner.

– Ei, escute, Trollbella, eu me sinto muito lisonjeado, mas na verdade não estou interessado em... – ele começou, mas a Rainha Troll outra vez o silenciou com um indicador pressionado contra seus lábios.

– Não, Butterboy, deixe que eu falo. Eu sei que hoje foi um dia muito duro para você... Quase ver a Squishygirl morrer e escapar da morte por muito pouco... Eu só queria que você soubesse que não estou com pressa de me casar; seja por dois dias ou por duas semanas, eu o esperarei.

– Obrigado...? – disse Conner. Trollbella piscou para ele e se afastou; ela o deixara ainda mais confuso do que antes.

O Conselho das Fadas se dirigiu aos potes de vidro, na frente da cadeira de ouro e, um a um, abriu-os e libertou as almas que eles prendiam. Os gêmeos observaram enquanto as almas do Padeiro, do Serralheiro e do Soldado voaram alegremente e desapareceram no céu, livres afinal. Os espíritos do Rei e do Músico, porém, pairaram no ar, à espera de outros espíritos.

Então os fantasmas da Velha Rainha Bela e de Gloria flutuaram coliseu adentro, para seus amores havia muito perdidos. Os espíritos voaram em volta, por cima, por baixo e através uns dos outros, finalmente reunidos depois de séculos.

Gloria e o Músico olharam para os gêmeos e curvaram-se em agradecimento antes de desaparecer no céu com os demais espectros. O fantasma do Rei e o da Velha Rainha Bela olharam para baixo e acenaram amorosamente para Bela Adormecida e para o Rei Chase antes de também se esvaírem.

– Quem eram eles? – Bela Adormecida perguntou ao marido.

O Rei Chase olhou para o céu e sorriu.

– Bem, suponho que agora sejam nossos anjos da guarda.

Com seu machado, João partiu a tranca da gaiola de Charlotte, que correu para os filhos e jogou os braços em volta deles.

– Mamãe! – disseram os gêmeos em uníssono.

– Eu nunca estive tão orgulhosa na vida – ela exclamou entre lágrimas.

– Então somos duas – disse uma voz atrás dos três.

Os gêmeos se viraram e viram a avó. Ela acabara de ser libertada do pote e voltara à sua forma normal, isto é, sólida. Alex e Conner se levantaram e deram um enorme abraço na avó, gratos por finalmente poderem fazer isso.

A avó se inclinou e olhou orgulhosamente nos olhos dos netos.

– Vocês dois me surpreendem cada vez mais conforme ficam mais velhos – ela disse amorosamente. – Seu pai ficaria tão orgulhoso de vocês!

Alex e Conner sorriram um para o outro; sabiam que, onde quer que estivesse, o pai também estava sorrindo para eles.

O cavalo alado, a um canto do coliseu, relinchou alto.

– Ei, Alex, onde você arranjou um cavalo voador? – perguntou Conner.

O sorriso feliz de Alex se apagou de repente.

– Ah, não, eu me esqueci do Bob! – ela gritou. – Vovó, você pode transformá-lo de volta, por favor?

A Fada Madrinha deu risada. Ela retirou sua varinha de cristal de dentro da túnica e a apontou na direção do cavalo; um raio de luz brilhante saiu da ponta da varinha e girou em volta dele até se transformar em um dr. Bob normal.

Dr. Bob sacudiu a cabeça e se equilibrou, atordoado com a transformação.

– Bob, é você? – espantou-se Charlotte. – O que está fazendo aqui?

– Eu não poderia deixar *toda* a diversão para vocês, poderia?

Charlotte correu até ele e o beijou – os gêmeos desviaram o olhar.

– Você não vai acreditar no que ele enfrentou! – Conner disse à mãe. – Ele quase foi comido por ursos e tubarões e foi capturado pela Bruxa do Mar e...

– E nós vamos deixar que *ele* conte tudo – Alex falou, arrastando o irmão para longe. Ela pensou que seria melhor dar-lhes um pouco de privacidade.

Os gêmeos e a avó caminharam até a beira do coliseu e olharam para o Reino Encantado. O sol começou a se pôr, pintando o céu de um lindo tom rosado.

– Sinto muito por termos fugido de casa, vovó – disse Alex, tentando soar genuína e escondendo um sorriso ao mesmo tempo.

– Sim – riu Conner. – Eu me sinto *tão* mal por isso... – Ele nem mesmo tentou parecer sincero.

A avó balançou a cabeça e olhou para o céu, lutando ela própria para conter um sorriso.

– O que eu faço com vocês dois? Acho que umas aulinhas de magia vão lhes fazer bem; assim vocês param de afundar casas por aí.

– Eu tinha me esquecido totalmente disso! – disse Conner. – Desculpe por termos afundado seu chalé, vovó!

– Aulas de magia?! Jura? – perguntou Alex, os olhos arregalados, dando pulinhos.

– Acho que vocês merecem – disse a avó. – Desde que sua mãe não tenha nada contra.

– Depois de tudo isso, acho que ela nunca mais será capaz de nos dizer “não” – Conner falou.

– O que foi que você disse, Conner? – perguntou Charlotte. Ela e Bob se juntaram aos três na beira do coliseu.

– Ah, hum, é... – balbuciou Conner, e seu rosto ficou vermelho-vivo. – Eu só estava dizendo que, de agora em diante, você pode ter dificuldade em nos dizer “não”... porque nós salvamos sua vida e tal.

Charlotte apertou os olhos para ele.

– Eu *dei* a vida a vocês. Vocês nunca farão melhor do que isso.

Conner tentou se fazer de bobo.

– Eu só estava brincando – disse ele, embora obviamente houvesse um elemento de verdade naquilo.

A família de cinco avistou a vasta terra ao redor. Conforme se punha no leste, o sol pôs-se também sobre o reino da Feiticeira, e os gêmeos puderam sentir a Terra de Histórias suspirar de alívio. Ela era um paraíso outra vez.



CAPÍTULO 29

Para o bem ou para o mal

No dia seguinte, todos os reis e rainhas deixaram o Reino Encantado para celebrar a derrota da Feiticeira com seus respectivos povos. Chapeuzinho foi a única monarca que ficou para trás; no final da semana ela, Froggy, Cachinhos Dourados, João, Bob, Charlotte e os gêmeos compareceram ao funeral de Rumpelstiltskin.

A notícia do ato final e das últimas palavras do diminuto homem fora algo duro para os Sete Anões, que, por isso, certificaram-se de que a cerimônia fosse exatamente como Rumpelstiltskin teria desejado.

Foi uma pequena solenidade na Floresta dos Anões, no jardim da frente do chalé de seus irmãos. Os anões construíram um ataúde de vidro e de pedras preciosas provenientes de suas minas, exatamente como haviam feito para Branca de Neve. Rumpelstiltskin foi enterrado em um campo coberto de margaridas, não muito longe do chalé. Os anões contaram que ele passara muito tempo naquele local quando jovem e sabiam que teria ficado feliz em fazer daquele seu lugar de descanso final. No seu túmulo, lia-se:

AQUI JAZ
RUMPELSTILTSKIN

O OITAVO IRMÃO

DE UMA ORGULHOSA
FAMÍLIA DE ANÕES

Naquela noite, quando o grupo retornou ao Reino Encantado, o Rei Chance e a Rainha Cinderela ofereceram um jantar em homenagem aos gêmeos e aos demais viajantes do *Vóvozinha*. Conner estava sentado à mesa, no salão de banquetes,

quando um homem tomou a cadeira ao seulado e começou uma conversa:

– Eu estava aguardando ansiosamente por isto. Senti falta dos famosos jantares dos Encantado.

– Eu o conheço? – perguntou Conner, olhando de esguelha para o homem.

– Conner, sou eu, *Froggy*!

Conner sacudiu a cabeça e olhou para o homem de novo. Quase se esquecera de que Froggy era, na verdade, humano; não importava qual forma física tomasse, sempre tinha os mesmos olhos gentis.

– Sua avó me transformou assim que voltamos do funeral – disse Froggy. – O engraçado é que fiquei tão acostumado a ser um sapo que acabei esquecendo que ela precisava me transformar de volta em humano.

– Você sente falta de alguma coisa da vida de sapo?

– Eu sinto falta de alcançar os livros na prateleira de cima sem precisar de uma escada. Uma pessoa não se dá conta de como as pernas de um sapo podem ser úteis até perdê-las. – Um brilho divertido surgiu nos olhos de Froggy. – Por falar em leitura, tenho uma coisa para você. – Ele enfiou a mão atrás da lapela e tirou um rolo de pergaminhos. – Quando estávamos armando o acampamento para os trolls, encontrei isto nos destroços do *Vovozinha*.

– Minhas histórias! – disse Conner, pegando os papéis. – Pensei que as havia perdido para sempre!

– Devo admitir que gostei um bocado delas. Você tem um verdadeiro talento para contar histórias. No entanto, tenho alguns conselhos para você.

– Quais?

– Nunca deixe Chapeuzinho ler isto. Eu achei muito engenhosa a ideia de descrever todo mundo como troll, mas Chapeuzinho mandaria executá-lo se lesse a sua interpretação dela.

Conner riu e deu um soco de brincadeira no ombro do amigo.

– Não, eu estou falando sério – disse Froggy.

Conner engoliu em seco.

Os outros finalmente chegaram à mesa e tomaram seus assentos. João e Cachinhos Dourados olharam timidamente para toda a prataria, sem saber por onde começar. Quando entrou no salão, Chapeuzinho quase cegou a todos com a quantidade de joias que usava; mesmo para um jantar formal no Palácio Encantado, ela havia exagerado.

Bob sentou-se na frente de Conner; ele parecia inusitadamente tenso.

– O que há de errado, Bob? – Conner perguntou. – Até parece que você está prestes a operar o presidente.

Alex pigarreou para chamar a atenção de Conner.

– Ele vai pedir a mamãe em casamento esta noite – Alex articulou com os lábios,

sem emitir nenhum som, enquanto a mãe não estava olhando.

– Ah! – respondeu Conner, empolgado. Ele lançou a Bob uma nada sutil piscadela e um polegar para cima.

– Está tudo bem, Conner? – perguntou Charlotte.

– Hum... sim – disse o garoto. – Só estou realmente ansioso pelo jantar.

Alex revirou os olhos para o irmão, enquanto Charlotte estudou o filho desconfiadamente, com medo de que ele estivesse pegando um resfriado.

Um lacaios entregou para Cachinhos Dourados uma bandeja com um envelope endereçado a ela.

– Chegou uma carta, madame.

– Para *mim*? – disse Cachinhos. – O que poderia ser? – Ela abriu o envelope e leu o bilhete. Um sorriso divertido porém chocado lhe veio ao rosto: ela não sabia como se sentir com aquela notícia.

– O que é? – perguntou João.

– É um bilhete dos estábulos do Castelo da Chapeuzinho Vermelho. Mingau está *prenhe*.

João e os gêmeos não se contiveram; cada um gargalhava mais que o outro.

– Fivelas! – os irmãos disseram juntos.

– Eu sabia que tinha alguma coisa entre eles! – Conner falou.

O jantar teve início, e, prato após prato, os presentes foram servidos da melhor comida que os gêmeos já haviam experimentado. Pouco antes de a sobremesa ser oferecida, Bob bateu com uma colher em sua taça, atraindo a atenção de todos. Alex e Conner trocaram olhares animados – a hora chegara.

– Eu gostaria de agradecer a todos vocês por me receberem esta noite – disse Bob. – Sou razoavelmente novo no clã Bailey, e aprender sobre vocês todos e vir a este mundo foi... bem, foi a aventura da minha vida. E, já que estou em uma sala repleta das pessoas que protagonizaram as maiores histórias de amor jamais contadas, gostaria de aproveitar este momento ao máximo.

Charlotte olhou para os gêmeos, para um, depois para o outro, tentando descobrir se eles sabiam o que Bob estava tramando. De caso pensado, ambos evitaram os olhares da mãe; desejavam que Bob a surpreendesse por completo. Ele então caiu sobre um joelho e mostrou-lhe o anel.

– Charlotte, você quer se casar comigo e fazer de mim o homem mais feliz do mundo... de *ambos os mundos*?

Os olhos surpresos de Charlotte instantaneamente se encheram de lágrimas.

– Eu... eu... eu... – ela tentou dizer. Todos no salão de banquetes se achavam na beirada da cadeira. – Sim, não há nada que eu queira mais!

Bob colocou o anel no dedo de Charlotte e a abraçou. Alex começou a chorar, o que fez os olhos de Conner marejar, o que, por sua vez, fez os olhos de todos os

demais também se encher de lágrimas. Foi um momento pinturesco, mesmo para os padrões dos contos de fadas.

– Você deveria se casar no palácio – disse Cinderela, na ponta da mesa.

– O quê? – Charlotte não acreditou nos próprios ouvidos.

– Por favor, nós insistimos – disse Cinderela, e segurou a mão do Rei Chance. – Estávamos pensando em um modo de lhe agradecer por cuidar de Esperança. Seria um prazer para nós.

Aturdida com a oferta, Charlotte não sabia o que dizer.

– Isso é tão gentil, mas não sei se poderia...

– Mamãe – Alex a interrompeu. – Eu falo em nome de todas as mulheres que já viveram no Outromundo quando digo que você *não pode* recusar a oferta de ter um verdadeiro casamento de conto de fadas!

– Eu tenho de concordar, seria muito maneiro – disse Conner.

Charlotte encolheu os ombros; a decisão já havia sido tomada por ela.

– Bem, eu ficaria honrada, muito obrigada! Nós precisamos voltar a nossos empregos no Outromundo, mas suponho que podemos ter um casamento rápido com nossos amigos daqui e depois outro, com nossos amigos de lá.

Todos ergueram as taças para brindar a Charlotte e Bob.

– Que vocês vivam Felizes para Sempre – disse a Fada Madrinha.

Chapeuzinho bateu em sua taça e se levantou. Ninguém conseguia olhar diretamente para ela, por causa da luz que refletia em seus diamantes.

– Eu gostaria de dar a minha própria notícia maravilhosa. Depois de falar com as fadas e com os outros reis e rainhas, anuncio que a Assembleia dos Felizes para Sempre decidiu perdoar João e Cachinhos Dourados por todos os seus crimes e abrir mão dos mandados de prisão contra eles como forma de agradecimento por seus esforços audazes e valorosos para derrotar a Feiticeira.

O salão explodiu em aplausos e felicitações ao casal. No entanto, João e Cachinhos Dourados eram os menos empolgados.

– Maravilhoso – disse Cachinhos Dourados por detrás de um sorriso sofrido.

– Viva – disse João, erguendo relutantemente sua taça.

– Você pode se mudar para sua velha casa, João – disse Chapeuzinho. – O que vai ser realmente conveniente, porque eu decidi construir a minha casa de campo bem ao lado dela!

João e Cachinhos Dourados fizeram o melhor que puderam para dar a impressão de que ficaram felizes e empolgados com a novidade. Chapeuzinho falava sem parar sobre os encontros de casais que eles teriam com ela e Froggy e as atividades que fariam juntos agora que seriam vizinhos.

Cachinhos inclinou-se para João e falou:

– Bem, ao menos não vou mais precisar me sentir culpada por fazer você viver

uma vida de fora da lei.

– Acabaram-se as fugas de soldados, os encontros com ogros, as invasões furtivas a lojas para roubar comida, as noites de sono sob as estrelas em florestas perigosas... – disse João.

– É... *tentador* viver uma vida mais sossegada – Cachinhos Dourados disse sem muito entusiasmo. – Imagine só: nós dois vivendo o resto de nossa vida em sua mansão, vendo a grama crescer com Chapeuzinho e Charlie.

João e Cachinhos forçaram um sorriso, ambos pensando a mesma coisa: eles não podiam imaginar um destino pior.

Cachinhos Dourados sussurrou alguma coisa ao ouvido de João, e um grande sorriso apareceu em seu rosto. Os gêmeos se entreolharam, sabendo que os dois tramavam algo. Cachinhos se levantou e foi até Chapeuzinho; ternamente envolveu nos braços a antiga adversária e apertou-a em um grande abraço.

– O que significa isso? – perguntou Chapeuzinho.

– Eu só queria lhe agradecer – disse Cachinhos Dourados. – O que você fez por nós foi tão generoso; nunca seremos capazes de retribuir.

Chapeuzinho deu a impressão de que estava a ponto de chorar.

– Não há de quê, disponha sempre – ela falou. – E, muito embora nós duas tenhamos tentado matar uma à outra... eu a fiz entrar em uma casa com três ursos furiosos, você tentou me jogar em um poço sem fundo, essas coisinhas, né... eu ficaria muito contente se puséssemos de lado o passado e deixássemos nossa amizade florescer.

Cachinhos sorriu para ela.

– Acho que é uma ideia maravilhosa, Chapeuzinho. Agora, se você me dá licença, vou sair por um momento.

Cachinhos Dourados deu outro abraço em Chapeuzinho e retirou-se do salão de banquetes. A sobremesa foi finalmente servida, e Conner percorreu a mesa com os olhos para se certificar de que seu pedaço de bolo não era menor que o dos outros.

– Ei, isso não é justo! Chapeuzinho ganhou dois pedaços de... – Conner se interrompeu. Havia algo de diferente; ele estava conseguindo olhar para Chapeuzinho sem ser ofuscado. – Ei, Chapeuzinho, onde está o seu colar?

– Meu colar? – Ela levou a mão ao pescoço e gritou quando notou que o colar de diamantes não estava ali. – Isso não faz sentido! Como ele poderia ter sumido...
CACHINHOS DOURADOS!

Os gêmeos se voltaram para João. Ele limpou a boca com o guardanapo, tentando esconder um sorriso gigante.

Sir Lampton entrou correndo no salão. Nos últimos dias ele havia construído tal reputação de mensageiro de más notícias que o salão inteiro ficou em silêncio para ouvir o que tinha a dizer.

– Sim, Sir Lampton? – perguntou o Rei Chance.

– Perdoe minha intrusão, Majestade. Com o devido respeito, Vossa Majestade deu a Cachinhos Dourados permissão para pegar um dos cavalos do estábulo ou um dos animais acaba de ser roubado?

Todos os olhos se viraram rápida e bruscamente para João.

– Bem, essa é a minha deixa – disse ele, levantando-se da mesa. – Alex e Conner, foi maravilhoso vê-los de novo! E eu gostaria de agradecer a todos pela noite adorável e pelo maravilhoso jantar. Boa noite.

Tendo dito isso, João correu pelo salão e pulou pela janela mais próxima. Chapeuzinho ergueu-se em um pulo e correu até a janela; Froggy e os gêmeos a seguiram e espiaram o lado de fora.

Eles viram João escorregar pelo telhado inclinado e cair perfeitamente no lombo de um cavalo guiado por Cachinhos Dourados. Os dois acenaram para Chapeuzinho, Froggy e os irmãos – no pescoço de Cachinhos Dourados, o colar de Chapeuzinho brilhava à luz da lua.

– Aquele é o meu colar! – Chapeuzinho berrou. – Tragam-no de volta para mim imediatamente!

Cachinhos bateu a rédea com força, e ela e João cavalgaram noite adentro – dois alegres fugitivos outra vez.

Chapeuzinho esmurrou o peitoril da janela.

– Não posso acreditar que desperdicei um grama de generosidade com *aquela mulher*! Sir Lampton, quero que você reúna seus melhores homens e vá atrás dela imediatamente!

– Mas eu não trabalho para você – disse Lampton.

– Sem desculpas, Lampton! Encontre-os!

Lampton olhou para o Rei Chance e para Cinderela – ambos deram de ombros.

– Imediatamente, Rainha Chapeuzinho – disse Lampton, com um suspiro, e saiu.

Alex, Conner e Froggy não puderam deixar de sorrir ao verem seus amigos cavalgando pela noite. Por mais que aquilo afligisse Chapeuzinho, eles ficaram felizes por João e Cachinhos Dourados retornarem a seu hábitat.



O casamento de Charlotte e Bob ocorreu apenas dois dias depois. O palácio inteiro foi decorado com flores e gigantescos estandartes. Sinos badalaram por todo o reino. Seguindo a tradição Encantado, a avó dos gêmeos transformou o uniforme de enfermeira de Charlotte em um lindo vestido branco com véu.

Alex e Conner nunca a tinham visto tão bonita e ficaram com os olhos um pouco turvos por isso. Estavam muito felizes por sua mãe ter o casamento que merecia.

A cerimônia aconteceu no salão de baile; o lugar estava tão lotado que os gêmeos

pensaram que o Reino Encantado inteiro comparecera à festividade. A Fada Madrinha conduziu a cerimônia. Carregada pela mãe, a Princesa Esperança fez o papel de menina das flores. Conner foi o padrinho de Bob, e Alex, a dama de honra da mãe.

– Você, Charlotte, aceita este homem como seu marido? – perguntou a Fada Madrinha.

– Aceito – disse Charlotte.

– E você, Robert, aceita esta mulher como sua esposa?

– Aceito – disse Bob.

Os votos só foram interrompidos uma vez, quando Chapeuzinho assoou ruidosamente o nariz, dominada pela emoção da cerimônia e ainda transtornada pela perda de seu colar favorito.

– Pela autoridade que me foi concedida pela Assembleia dos Felizes para Sempre, eu os declaro marido e mulher – a Fada Madrinha anunciou alegremente. – Agora você pode beijar a noiva.

Os gêmeos viraram a cabeça para o outro lado, e a multidão deu vivas. Bob, Charlotte, Alex e Conner entraram em uma carruagem em forma de abóbora e circularam pelas ruas do Reino Encantado, acenando para os admiradores que lhes desejavam felicidades.

– Acho que esta família está começando bem – disse Conner.

Naquela noite, assim que as festividades terminaram, o Conselho das Fadas se reuniu com a Fada Madrinha, no Palácio Encantado. Tratava-se de uma missão oficial do conselho; a reunião era tão exclusiva que ninguém além das fadas tinha permissão de participar. A Fada Madrinha agitou sua varinha e fez aparecer uma porta que levava ao Outromundo; junto com as outras fadas, ela aguardou a chegada de Mamãe Ganso para dar início ao encontro.

Mamãe Ganso finalmente emergiu da porta, arrastando consigo sua cesta-mala de viagem e um muito desafiador e relutante Lester.

– Venha, Lester – disse ela. – Eu sei que você adora caça-níqueis, mas não podemos ficar em Las Vegas para sempre.

Se sua aparência era indicação de algo, Mamãe Ganso viajara um bocado na última semana. Ela usava um grande *sombrero* com a inscrição TIJUANA, um colorido *lei* havaiano em volta do pescoço, uma grande camiseta com os dizeres I LOVE NY e tamancos holandeses de madeira. Além disso, calçava uma enorme luva de espuma com o indicador levantado, na qual se lia: SOMOS o N° 1, obtida em algum jogo de futebol.

– Parece que você andou ocupada, VMG – disse Conner.

– Ei, C-Dog, só porque você e sua irmã salvaram o mundo, isso não lhe dá o direito de ser insolente – disparou Mamãe Ganso. – Eu estava com medo de que a

Feiticeira atravessasse para o Outromundo, então visitei todos os meus lugares favoritos antes que ela os destruísse.

Alex olhou para sua indumentária internacional.

– Vejo que você esteve no México, em Nova York, no Havaí e em um jogo de futebol, mas... de onde são os sapatos?

– Amsterdã – disse Mamãe Ganso. – Eles me adoram por lá.

– Eu não sabia que versinhos infantis eram populares em Amsterdã – disse Conner.

– E não são. Eles não me conhecem como Mamãe Ganso; têm seu próprio apelido para mim.

– E qual é? – perguntou Alex.

– Mamãe Pandemônio.

Os gêmeos só balançaram a cabeça; não queriam saber dos detalhes.

– Muito bem, vamos pôr essa galinha no forno! – disse Mamãe Ganso, e bateu palmas. Ela seguiu o Conselho das Fadas a uma sala de estar privativa.

– Já era hora de você aparecer – disse Tangerina.

– Cuide de sua cera de abelhas, Tangy – respondeu Mamãe Ganso. – Sério, suas abelhas estão espalhando aquela porcaria por todo o piso.

As fadas fecharam a porta. Naturalmente os gêmeos colaram os ouvidos nela e tentaram bisbilhotar o máximo possível.

– O mundo ainda está... estado de grande confusão e devastação... – Alex e Conner ouviam a intermitente voz de Emerelda. – Aos poucos estamos limpando o Reino do Norte... espinheiros e trepadeiras... finalmente livre da comida envenenada... o pilar de rocha e de terra de Ezmia precisa ser removido... e uma coisa que ainda não discutimos... envolve você, Fada Madrinha.

Os gêmeos se entreolharam; a curiosidade os consumia.

– Eu já volto – disse Conner. Alguns momentos depois ele retornou da cozinha do palácio com copos vazios; entregou um a Alex, e os dois os colocaram entre a porta e o ouvido. Agora escutavam com maior clareza o que as fadas estavam dizendo.

– Vocês entendem como isso será difícil para a minha família, não entendem? – Alex e Conner ouviram a avó dizer.

– Não estamos propondo isso como crueldade; estamos propondo isso como prevenção – disse Skylene.

– Se não fizermos alguma coisa, será apenas uma questão de tempo até que outra pessoa siga as pegadas da Feiticeira – Xanthous falou.

– No fim, a decisão é sua – afirmou Emerelda. – É o *seu* dom; *você* foi escolhida para ser a guardiã. Nós só podemos dizer o que pensamos ser melhor para os dois mundos.

Alex e Conner se entreolharam.

– Eu entendo – disse a Fada Madrinha. – Se vocês pensam que é a coisa certa a fazer, eu não posso ignorar. Só não sei como vou contar isso para meus netos.

– Leve o tempo que precisar – disse Emerelda.

Os gêmeos ouviram as fadas caminhar em direção à porta e dispararam pelo corredor, para não serem pegos.

A curiosidade os consumiu durante o resto do dia. Qual seria a notícia que sua avó teria dificuldade em lhes dar? Por que ela os afetava e à capacidade dela de se deslocar entre os dois mundos? A imaginação de Alex e Conner em nada os ajudava enquanto pensavam nas possibilidades. Por sorte eles não foram forçados a sofrer por muito tempo. Naquela noite, após o jantar, o Conselho das Fadas convocou a todos ao salão de baile para inteirá-los do que havia sido discutido na reunião.

– Levará algum tempo até que o mundo se recupere plenamente dos danos causados pela Feiticeira – disse Emerelda. – Ezmia pode ter desaparecido, mas o fato é que o que ela tentou fazer continua sendo uma possibilidade enquanto os dois mundos estiverem ligados.

– Então, o que você está dizendo? – disse Conner.

A Fada Madrinha fechou os olhos; não queria ver o rosto dos netos quando ouvissem a notícia.

– Para o bem maior de ambos os mundos, nós decidimos fechar o portal entre eles – disse Emerelda.

Alex sentiu como se houvessem lhe contado que seu pai morrera ou que sua mãe fora raptada de novo. Seu estômago se contorceu, e o coração disparou; ela sentiu a palma das mãos pegajosa, e o resto de seu corpo ficou dormente.

– O quê? – perguntou sem fôlego.

– Como isso é possível? – Conner indagou. Ele também estava tendo dificuldade para processar a notícia.

– É possível se usarmos nossa magia juntos – a avó contou pesarosamente.

– Então, o que isso quer dizer? – perguntou Conner. – Significa que nunca mais poderemos vê-la?

A avó balançou negativamente a cabeça, feliz por poder lhes oferecer um pequeno consolo.

– Eu consegui convencer as demais fadas a nos fornecer um meio de nos vermos.

– Ela agitou sua varinha, e dois longos espelhos retangulares com moldura dourada apareceram. – Poderemos nos ver por meio destes espelhos sempre que quisermos; só não seremos capazes de...

– Viajar entre os mundos? – perguntou Conner.

A avó fechou os olhos e assentiu com a cabeça.

Claramente era quase tão doloroso para ela contar-lhes aquilo quanto era para eles ouvirem. Alex sacudia a cabeça, e lágrimas começaram a escorrer pelo seu

rosto.

– Não, vovó – ela implorou. – Diga que não é verdade.

– Receio que seja, meu bem.

Descontrolada, Alex enterrou a cabeça no colo da mãe. Ela chorava tão amargamente que quase não fazia barulho, a não ser pelos profundos e espasmódicos suspiros. Charlotte tentou permanecer forte para os filhos, mas ela mesma estava com dificuldade para se manter firme – sabia o que a notícia significava para eles.

– E está tudo bem para você? – gritou Conner. Lágrimas escorriam também de seus olhos.

– Eu odeio isso tanto quanto vocês – disse a avó. – Mas nós não temos outra opção se queremos manter a segurança de ambos os mundos.

Conner só conseguiu pronunciar uma palavra de sua próxima pergunta:

– Quando? – Sua voz rachou conforme ele lutava contra a emoção.

– Amanhã ao entardecer – disse a avó, travando sua própria batalha emocional interior.

Alex não suportava ouvir mais nada. Ela saiu correndo do salão de baile e subiu a escada até seu quarto, as mãos cobrindo o rosto durante todo o tempo.

– Alex? – Charlotte chamou, mas de nada adiantou.

Alex fechou a porta e desabou no chão. Chorou por horas e horas. Enfrentara o medo de perder o mundo dos contos de fadas tantas vezes, e agora era real: ele lhe estava sendo tirado.

Justo agora que ela sabia o potencial que tinha para oferecer a esse mundo. Justo agora que descobrira que poderia ser a futura Fada Madrinha. Justo agora que seu futuro, antes incerto, se tornara seguro – tudo lhe estava sendo tirado.

Era como se a Terra de Histórias nunca tivesse sido mais do que um provocador brinquedo de gato pendurado diante dela e do irmão; todas as vezes que pensavam tê-lo agarrado, ele escapava de suas mãos. Alex chorou até que suas lágrimas secassem e não fosse mais possível chorar. Deitou-se na cama e rezou por um jeito de solucionar aquele pesadelo.

Uma batida leve soou à porta.

– Alex, posso entrar? – perguntou Charlotte.

– A-hã – disse Alex.

Charlotte entrou no quarto e sentou-se na cama, ao lado da devastada filha.

– É tão injusto, mamãe. Depois de tudo o que passamos... depois de tudo o que vimos... por que isso tem que ser tirado de nós?

Charlotte esfregou gentilmente a mão no joelho da filha, que se sentou e olhou para ela; Charlotte chorava tanto quanto ou mais do que Alex havia chorado.

– Por que você está chorando tanto, mamãe? Você não está perdendo nada.

Charlotte sorriu.

– Ah, estou, sim, meu bem. Um ano atrás, quando você e seu irmão voltaram deste lugar, eu soube que tinha perdido a minha menininha para sempre. Eu a vi ficar mais e mais triste conforme passava o tempo longe daqui e soube que não havia nada que eu pudesse fazer para ajudá-la, porque seu coração pertencia a outro lugar.

– Mamãe, o que você está dizendo? – perguntou Alex.

Charlotte pôs uma mão sobre o rosto de Alex e olhou para a filha por detrás das lágrimas que saíam de seus olhos.

– Estou dizendo que não vou deixar você abandonar o lugar ao qual pertence.



CAPÍTULO 30

O adeus

Na manhã seguinte Conner acordou com uma missão. Antes que qualquer pessoa despertasse, ele correu aos estábulos e arranhou uma carruagem para levá-lo ao campo. Manteve seu plano em total segredo, para que ninguém o impedisse de executá-lo. Não retornou até o começo da noite – e não retornou sozinho. A porta da carruagem se abriu, e três passageiros adicionais emergiram.

Conner trouxera consigo Lady Iris, Petunia e Rosemary. Depois de elas terem passado quase uma década de sofrimento pela constante perseguição pública, o garoto lhes ofereceu uma – a única, talvez – chance de refúgio, e, após ouvirem os relatos de Conner durante horas, as três isoladas mulheres finalmente resolveram agarrar a oportunidade.

Elas se abasteceram de todos os pertences pessoais que puderam. Lady Iris segurava a pintura de seu falecido marido; Rosemary, sua tigela favorita; e Petunia tinha uma pilha de retratos de animais enrolada embaixo do braço.

– Existe essa coisa chamada escola de culinária, que você vai adorar, Rosemary – Conner dizia, acrescentando outro item à lista de vantagens de sua dimensão. – E espere só até eu lhe apresentar o *Animal Planet*, Petunia.

Sir Lampton desceu os degraus de entrada do palácio e se dirigiu à carruagem.

– O que está acontecendo aqui? – ele perguntou a Conner.

Conner o puxou de lado para que as mulheres não o ouvissem.

– Vou levá-las conosco para o Outromundo.

– Você o quê?!

– Já expliquei tudo; elas levaram um tempinho para entender, mas querem ir. Lampton, elas são miseráveis aqui, não têm nada a ganhar se ficarem. Se vierem conosco, pelo menos terão uma chance de começar uma vida melhor.

– Mas por que você quer ajudá-las? Quer dizer, justo *elas*.

Conner suspirou e olhou para o chão.

– Porque nunca vou poder ajudar minha irmã. Alex não é como eu; ela vai viver triste pelo resto da vida sem este lugar. Se eu levar Lady Iris conosco, pelo menos haverá algo que valha a pena almejar.

Lampton não se convenceu por completo, mas admirou a generosidade do menino assim mesmo.

– Você é um bom homem, Conner Bailey. Todos estão reunidos no jardim para o último adeus. Por favor, acompanhe suas... *convidadas*.

Conner assentiu e guiou as mulheres pela lateral do castelo. O jardim Encantado era lar de delicadas rosas amarelas, de pereiras e de um labirinto de sebes. Um lindo lugar para um doloroso adeus.

Froggy, Chapeuzinho, Rei Chance, Cinderela e Mamãe Ganso já estavam reunidos no jardim. Cinderela teve de olhar duas vezes quando Conner se aproximou – ela realmente não esperava ver sua madrasta e suas meias-irmãs com ele.

– Madrasta? Rosemary? Petunia?

Por mais que soubessem que estavam indo para o palácio, Lady Iris e suas filhas, de certa maneira, esperavam não encontrá-la.

– Olá, Cinderela – disse Lady Iris.

– O que vocês estão fazendo aqui? – Cinderela perguntou. Ela viu todos os pertences que as três carregavam, e isso respondeu à sua pergunta.

A madrasta pensou por um momento sobre o que dizer a ela.

– Nós decidimos que seria melhor deixarmos o Reino Encantado.

– Entendo – disse Cinderela. Ela não discutiu, pois conhecia suas razões melhor do que ninguém. – Para onde vocês vão?

Lady Iris hesitou antes de falar:

– Quis o destino que fôssemos para o Outromundo. Acho que um novo começo fará bem às meninas e a mim. Poderemos viver em um lugar onde as pessoas não nos julgarão tão cruelmente, nem jogarão pedras na nossa casa, nem nos vaiarão quando sairmos dela.

A Cinderela coube somente concordar com a cabeça. Ela podia ter construído uma cerca em volta da propriedade da madrasta, mas jamais poderia eliminar toda a opressão que ela e as filhas enfrentavam diariamente.

– O que vocês vão fazer lá? – a rainha perguntou.

– O menino estava me contando de um lugar chamado Flórida, que talvez me interessasse – disse Lady Iris.

– Eu serei uma chef de cozinha – disse Rosemary.

– E eu farei alguma coisa que tenha a ver com animais – disse Petunia. – No Outromundo, há muito mais animais do que aqui. Aparentemente, existe essa criatura chamada *texugo do mel*, que, pelo que ouvi, é fascinante.

Cinderela ficou contente por elas, mas ainda sentia que estava perdendo a única

família que tinha além do marido e da filha.

– Estou tão feliz por vocês – disse ela, embora as três soubessem que não era bem assim.

– Estamos fazendo isso também por você, Cinderela – disse Lady Iris. – Agora você não terá nenhuma ovelha negra com a qual se preocupar. Jamais precisará contar à Princesa Esperança sobre nós, se assim preferir.

Cinderela balançou negativamente a cabeça.

– Mas eu planejo contar a ela tudo sobre vocês. Especialmente a parte em que sua avó ajudou um bando de corajosos marinheiros a derrotar a perversa Feiticeira que a tirara de nós.

Lady Iris não esperava que os gêmeos se lembrassem de seu pedido.

– Eles lhe contaram que eu ajudei?

– Eles não precisaram contar – disse Cinderela. Ela tirou do dedo anelar um anel que usava junto à aliança; era o anel de casamento de sua madrasta. – A varinha mágica da qual ele fazia parte foi destruída, mas eu o reconheci; qualquer menina reconheceria o anel de casamento da própria mãe. Imaginei que você iria querê-lo de volta.

Lady Iris olhou fixamente para o objeto.

– Eu não sei o que dizer – ela falou, tocada pelo gesto. A menina com a qual fora tão cruel demonstrava sua bondade mesmo agora. – Obrigada, Cinderela. Você continua a se tornar uma mulher muito melhor do que eu jamais poderia ser.

Cinderela sorriu e abraçou a madrasta e as meias-irmãs pela primeira e última vez. Chapeuzinho e Froggy deram sequência às despedidas.

– Vou sentir saudade de você, meu velho – Froggy disse a Conner, dando-lhe um enorme abraço.

– Também vou sentir saudade de você, cara – disse Conner. – E, só para você saber, sempre que pensar em você, vou me lembrar de um sapo gigante.

Froggy deu uma risadinha.

– Eu não gostaria que fosse de outro jeito.

Chapeuzinho beijou Conner na bochecha.

– Você é o menino mais fofo que conheço – disse ela. – Mas é verdade que eu raramente me relaciono socialmente com pessoas de idade ou classe social inferior.

– Ei, garoto – disse Mamãe Ganso, puxando Conner de lado. Ela enfiou uma ficha azul de pôquer na mão dele. – Se você algum dia estiver em Monte Carlo, vá até a mesa de roleta que fica no canto noroeste do cassino Lumière des Etoiles e aposte esta ficha no preto. – Ela piscou para ele e lhe deu uma palmadinha nas costas.

– Obrigado...? – disse Conner.

O Conselho das Fadas chegou alguns momentos depois. As fadas formaram um grande semicírculo no jardim para começar a selar o portal entre os mundos.

– Estamos apenas aguardando a Fada Madrinha e os demais – disse Emerelda. – Aqueles que vão deixar este mundo deem um passo à frente, por favor.

Conner, Lady Iris, Rosemary e Petunia avançaram devagar e pararam no centro do crescente formado pelo conselho.

– Aí vêm eles – disse Skylene.

Conner se virou e viu a avó, Charlotte, Bob e Alex caminhando desde o palácio. Bob carregava sob o braço um dos espelhos dourados que a Fada Madrinha convencera o Conselho das Fadas a aprovar. Conner evitou olhar para Alex, pois sabia que a inevitável expressão devastada no rosto da irmã o deixaria com o coração ainda mais partido.

Assim que chegou ao jardim, sua avó jogou os braços em volta dele e se despediu às lágrimas.

– Cuide-se, entendeu? – ela pediu.

– Eu te amo, vovó.

– E eu amo você, meu querido. – A Fada Madrinha enxugou as lágrimas de seu rosto. – Vamos nos falar pelo espelho todos os domingos à tarde. Não importa quão ocupado você esteja, não há desculpa para faltar! – Ela lhe apontou o dedo jocosamente.

– Estarei lá!

O sol começou a se pôr, e o céu escureceu.

– É chegada a hora – disse Emerelda. – Fada Madrinha, por favor, crie um portal para os nossos viajantes. Pela última vez.

Relutante, a Fada Madrinha assentiu. Ela se plantou na frente do conselho, cujos membros se deram as mãos. Um vento forte começou a se formar e a circular em torno deles quando o feitiço começou, soprando as pétalas das flores das pereiras tal qual uma tempestade.

A Fada Madrinha agitou sua varinha de cristal e a estalou como um chicote. Um grande rasgo vertical surgiu no ar, como se os mundos tivessem sido abertos na costura. Todos olharam com admiração. Conner pôde ver, do outro lado, a sala de estar da casa alugada.

– Está feito – disse a Fada Madrinha, voltando-se para as outras fadas. – Assim que o portal se fechar, a passagem será fechada para sempre.

O portal começou a se retrair lentamente. Charlotte e Bob juntaram-se a Conner e às mulheres no centro do semicírculo, porém Alex permaneceu atrás das fadas.

– Alex, venha, temos de ir! – Conner gritou.

Alex não se mexeu. Pela primeira vez, Conner notou que ela não vestia suas roupas normais, mas uma túnica azul que cintilava como o céu noturno – igual à da avó. Em seu cabelo havia uma tiara feita das mesmas flores brancas que a Fada Madrinha usava. Alex ainda segurava uma longa varinha de cristal – também igual à

da avó.

– Alex, por que você está vestida assim? – Conner indagou.

Os olhos de Alex instantaneamente marejaram. Ela olhou para a mãe e então para a avó em busca de apoio, e respirou fundo antes de dar a notícia ao irmão:

– Porque eu vou ficar.

Conner sentiu como se tivesse levado um chute no estômago.

– Você *o quê*?!

Alex sabia que aquele seria um dos momentos mais difíceis de sua vida, mas não esperava que fosse tão duro.

– Vou ficar com a vovó – ela falou. – Eu ia lhe contar hoje de manhã, mas você já tinha saído quando acordei.

Conner não podia acreditar no que ouvia – não queria acreditar. Ele se voltou para a mãe, na esperança de que ela pusesse algum juízo na cabeça da irmã.

– Mamãe, diga a Alex que ela está maluca se pensa que vai ficar aqui – disse ele. Entretanto, a mãe não repreendeu Alex, como Conner esperava; ela apenas fitou longamente a filha com olhos cheios de lágrimas.

– Ela está dizendo a verdade, Conner – Charlotte falou.

Conner olhou várias vezes para uma e para outra, balançando a cabeça.

– Não, isso não pode ser real. Por que você a deixaria fazer uma coisa dessas?

Charlotte pôs a mão no ombro do filho.

– Um dia, quando você tiver filhos, Conner, vai entender que o maior medo de um pai é o de não tomar as melhores decisões para suas crianças. Embora eu saiba que para sempre me arrependerei da decisão de deixá-la ficar, também sei que é a decisão certa. Você sabe tão bem quanto eu que sua irmã pertence a este lugar.

Conner sentiu como se tivesse caído numa armadilha. Ele olhou para a avó, mas não viu nos olhos dela nenhum sinal de outra resposta.

– Alex, e quanto à escola? – disse Conner. – E quanto a se formar? E quanto à faculdade? E quanto a começar nossas próprias famílias algum dia? Você vai simplesmente jogar para o alto todas essas coisas?

Alex enxugou as lágrimas do rosto, porém elas logo foram substituídas por novas.

– Não há nada que você possa dizer agora ou daqui a um ano que eu já não tenha pensado uma centena de vezes. Isso não é fácil para mim, Conner, mas eu sei que é o que tenho de fazer.

– Você quer dizer que planejou isso? – disse Conner, extremamente zangado por ela ter considerado algo tão drástico sem lhe contar.

– Eu pensei sobre isso todos os dias desde que voltamos deste mundo pela primeira vez. Nunca pensei que as condições seriam tão severas... mas isso estava até na profecia da Rainha da Neve, nós é que não nos demos conta. “Dos quatro viajantes, um não retornará.” Ela se referia a você, a mim, a mamãe e a Bob. Nós

éramos os quatro viajantes, não os tripulantes do *Vovozinha*.

– Você vai se arrepender disso – disse Conner. – Um dia vai olhar para trás e desejar que não tivesse abandonado a mim e a mamãe...

– Não, eu não vou – disse Alex. – Porque eu não poderia viver sem este mundo, agora que sei o que ele tem a me oferecer.

Conner sentiu como se estivesse em um pesadelo.

– Alex, eu nunca fui a nenhum lugar sem você. Nós não podemos viver em mundos separados!

– Você não entende, Conner? – disse Alex. – Nosso destino sempre foi viver em mundos separados. A mágica nos escolheu para sermos a ponte entre os dois mundos, e é por isso que há dois de nós. Sempre foi meu destino ficar aqui e ser a sucessora da vovó na mágica, e o seu sempre foi ficar no Outromundo para contar suas histórias. Você acha que o fato de ter se revelado um escritor tão bom é uma simples coincidência?

Cada fibra de Conner queria debater com ela; cada centímetro de seu ser queria rejeitar o que ela dizia – no entanto, ao ver a irmã entre as fadas, algo o fez sentir que tudo estava certo no mundo, muito embora esse mesmo mundo desmoronasse sobre ele.

Alex aproximou-se de Conner e lhe deu o maior abraço que jamais dera.

– Nós estaremos sempre juntos, Conner. Em nosso coração e em suas histórias. Sempre que você contar uma história de nossas aventuras na Terra de Histórias, eu estarei com você. E, quando isso não for o bastante, poderemos nos ver pelos espelhos.

Emerelda era a única que observava o portal.

– A passagem está se fechando! – ela advertiu. – Vocês têm de partir logo, antes que *todos* fiquem presos neste mundo.

Para cada lágrima que rolara pelo rosto de Conner havia uma dúzia que ele contivera. Sabia que agora não tinha mais volta – Alex estava decidida. Havia tanto a dizer e nenhum tempo. Para fazer valer seus últimos momentos com a irmã, Conner disse a única coisa que importava:

– Eu te amo, Alex. – Ele a abraçou.

– Eu também amo você, Conner. – Ambos sentiram as lágrimas do outro em seu pescoço.

Um a um, Lady Iris, Rosemary, Petunia e Bob passaram pela costura entre mundos e desapareceram. Charlotte deu um último abraço em Alex antes de atravessá-la, e Conner a seguiu. Ele ficou olhando para a irmã enquanto a passagem lentamente se fechava, e então o mundo dos contos de fadas desapareceu diante de seus olhos – agora os gêmeos estavam separados por dimensões, porém ambos finalmente se achavam *em casa*.

Alex tinha razão: Conner ainda podia senti-la em seu coração. Entretanto, por baixo da dor do adeus, havia a certeza persistente de que aquela despedida não duraria para sempre. A despeito do que as fadas haviam dito, Conner sabia que sua história com Alex estava longe de terminar.

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer a Rob Weisbach, Glenn Rigberg, Alla Plotkin, Erica Tarin, Meredith Fine, Lorrie Bartlett, Derek Kroeger, Liz Uhl, Tom Robb e Heather Manzutto por suas contribuições ao CC Army. Obrigado a Alvina Ling, Melanie Chang, Bethany Strout, Megan Tingley, Andrew Smith e a todos da Little, Brown.

Gostaria de fazer um agradecimento especial a todos os meus amigos e à minha família, que às vezes ficam esquecidos nos malabarismos que eu chamo de vida: meus pais, minha avó, Will Sherrod, Ashley Fink, Pam Jackson, Jamie Greenberg, Megan Doyle, Barbara Brown, Roberto Aguirre e minha extensa e sempre crescente família.

Sendo este meu terceiro romance publicado, gostaria de agradecer àqueles que me ensinaram a ler e escrever, já que não foi uma tarefa fácil: meus professores do primário, sra. Shehorn, sra. Keller, sra. Karl, sra. Lubisich, sr. Schultz, srta. Smith, sra. Denton e sra. Ulrich.

Gostaria de agradecer àquele que se sentou em meu colo enquanto eu escrevia a maior parte deste livro e que serviu de inspiração: meu gato Brian, que não poderia se importar menos com esse reconhecimento. E também gostaria de agradecer a Polly Bergen, por ser a verdadeira Mamãe Ganso.